

Retrato do meu primeiro casamento...



Imaginemos um mundo onde os casais que sonham em ter um filho já não enfrentem os desafios físicos da gravidez. A China tem um projeto incrível: um robô humanoide concebido para realizar uma gravidez humana completa e dar à luz um bebê saudável.

Isto não é ficção científica. Uma empresa tecnológica chinesa, Kaiwa Technology, está a construir um robô em tamanho real com um útero artificial no abdômen que acolheria o bebê em crescimento durante dez meses, fornecendo nutrientes por meio de tubos especiais, imitando uma gravidez natural o mais fielmente possível. O objetivo? Ajudar famílias que enfrentam infertilidade, riscos durante a gravidez ou problemas de saúde que dificultam a gestação. Pense nos casais que tentam há anos. Para muitos futuros pais, isto pode mudar-lhes a vida. Este robô oferece esperança, uma forma mais segura e acessível de dar as boas-vindas a uma criança. O preço é acessível, cerca de 14 000 dólares, mais baixo do que o de uma barriga de aluguer. Já mais ninguém vai precisar de nós, homens e mulheres... É claro que esta inovação levanta grandes questões. Como é que os pais se sentirão emocionalmente? E quanto à ética de uma máquina a carregar vida humana? Os cientistas dizem que os primeiros testes em animais parecem promissores e que um protótipo poderá estar pronto em breve. Isto mostra a rapidez com que a tecnologia avança na medicina e na robótica. Esta mistura de tecnologia lembra-nos como a inovação pode resolver profundas lutas pessoais, é claro que o futuro da constituição de famílias muda.

<https://youtu.be/nku9hkoAQF8>

Para aqueles que me acusam de pertencer a Teorias da Conspiração, ajudo com esta transcrição:

«A guerra e a fome não servem, as doenças oferecem a forma mais rápida de matar milhares de milhões que terão de morrer para que a (falsa) crise demográfica seja resolvida. A SIDA não é eficiente, é demasiado lenta. O candidato preferido para eliminar 90% da população mundial é o vírus Ébola, transmitido pelo ar (variante Ébola Reston), letal, que mata em dias, em vez de anos. Temos doenças transmitidas pelo ar com 90% de mortalidade em humanos. A gripe aviária também é boa. Por cada sobrevivente, terá de enterrar nove» — Dr. Eric Pianka, Universidade do Texas (2006, discurso sobre controlo populacional. Recebeu uma ovação de pé.)

O discurso de aceitação de Pianka do Prémio «Cientista Distinto» de 2006, atribuído pela Academia de Ciências do Texas, gerou controvérsia na imprensa popular quando Forrest Mims, vice-presidente da secção de ciências ambientais da Academia, afirmou que Pianka tinha «defendido entusiasticamente a eliminação de 90% da população da Terra através do Ébola». Mims alegou que Pianka afirmou que a Terra não sobreviveria sem medidas drásticas. O colega no Discovery Institute, William Dembski, informou o Departamento de Segurança Interna de que o discurso de Pianka poderia ter tido a intenção de fomentar o bio terrorismo. Pianka afirmou que Mims retirou as declarações do contexto e que estava simplesmente a descrever o que aconteceria, com base em princípios biológicos, se as tendências atuais da população humana se mantivessem, e que não estava, de forma alguma, a defender que isso acontecesse.

A Academia do Texas, que organizou o discurso, divulgou uma declaração afirmando que «Muitas das declarações do Dr. Pianka foram gravemente mal interpretadas e sensacionalistas.» Pianka apareceu na KXAN Austin, afiliada da NBC, e em dois programas de entrevistas na televisão por cabo, e publicou uma declaração no sítio 'web' da Universidade do Texas que dizia, em parte: “Tenho dois netos e quero que eles herdem uma Terra estável. Mas temo por eles. Os seres humanos sobrepovoaram a Terra e, nesse processo, criaram um substrato nutricional ideal no qual bactérias e vírus (micróbios) poderiam crescer e prosperar. Estamos a comportar-nos como bactérias a crescer numa placa de ágar, florescendo até que os limites naturais sejam atingidos ou até que outro micróbio as colonize e assuma o controlo, usando-as como recurso. Para além da densidade populacional extremamente elevada, somos sociáveis e móveis, exatamente as condições que favorecem o crescimento e a propagação de micróbios patogénicos (causadores de doenças).”

Acredito ser uma questão de tempo até que os micróbios voltem a assumir o controlo sobre a população, uma vez que não estamos dispostos a controlá-la nós próprios. Esta ideia tem sido defendida por ecologistas há pelo menos quatro décadas e não é nada de novo. As pessoas simplesmente não querem ouvi-la. Não nutro nenhum rancor contra as pessoas. No entanto, estou convencido de que o mundo, incluindo a humanidade, estaria muito melhor sem tantos de nós.”



«Simplesmente interromper a destruição das florestas tropicais ajudaria a mitigar alguns dos males planetários atuais, incluindo a libertação de patógenos desconhecidos. Vem-me à mente a antiga maldição chinesa: «vivemos num dos períodos mais interessantes que os humanos já viveram. Por exemplo, considere os múltiplos efeitos do aquecimento global. Precisamos de fazer a transição para um mundo sustentável. Se não o fizermos, a natureza vai fazê-lo por nós, da forma que ela escolher. Por definição, essas formas não serão as nossas e não serão nada divertidas. Pense nisso.» Como consequência da controvérsia, Pianka e membros da Academia de Ciências do Texas receberam ameaças de morte.

Como veem, não é só Bill Gates, o genocida eugénico, que distribui milhões para vacinas que nos eliminem; há outros. Sempre acreditei que era possível fazê-lo, mas nunca pensei que o fizessem! Não tão cedo, agora acredito... E existe a possibilidade de te controlarem à distância, como prova a patente que podes (como fiz) pesquisar no Google: US 10.786.570. Este documento oficial comprova que já têm a tecnologia para injetar nanopartículas no corpo e ativá-las cá fora por meio de ondas de rádio. O perigo real é este: se conseguem ligar e desligar funções nas tuas células à distância, conseguem literalmente desligar órgãos, desencadear inflamações ou causar doenças sob comando. Tens um interruptor biológico dentro de ti controlado por terceiros. Eles têm as patentes, os testes realizados e as torres de frequência espalhadas por todo o lado. Ou por que pensas que passaram de 5G para 6G? Adivinha quem financia e lidera a tecnologia? Rockefeller. O costume.

Em Portugal, andam agora atarefados com a destruição da carreira de professor. A minha mulher, Nini, iria dar imensa lua a estas mudanças: São factos, não são boatos. Nunca foram boatos. O que o Ministro propõe aos professores, na lei que desenhou, é: deixar de haver carreira de corpo especial e passar a ser carreira especial. O que isto significa? Tudo.

1) deixa - a vencer - de existir uma carreira única nacional em que os professores são recrutados por graduação (notas) e passa a procedimentos concursais, em que o Ministério, os municípios ou os diretores escolhem a dedo (com entrevista, etc.) quem vai ser recrutado. Como nas Universidades, onde há milhares de queixas sobre concursos desenhados para a pessoa a ou b. Consequência previsível disto: o professor excelente e obediente vai para o Restelo; o dirigente sindical, para a periferia da Amadora; e, para a periferia do Seixal, nenhum professor será um “tutor virtual”. No bairro social e não só, vão ficar no tutor até crescerem e poderem ir carregar caixotes no Continente ou serem esgotados numa linha de montagem automóvel. Acaba-se com a falta de professores nas escolas dos bairros mais ricos e com os professores críticos (desobedientes aos diretores) e grevistas pela qualidade da educação.

2) O diretor fica com a avaliação (via SIADAP) em mãos; mobilidade (entre concelhos): se os professores mudam de cidade, voltam ao índice inicial (o tempo acumulado não conta para os salários).

3) Qualquer um com uma vaga formação “científica e pedagógica” pode ser professor - pode sem ter boa formação, ou pode sendo doutorado ultrapassar colegas que há anos são professores, será - se for aprovado - a lei da selva, salve-se quem puder e quem for mais servil ao poder local e ao poder dos diretores (que, isso não é factual, mas fala-se nos corredores, passam a ter uma carreira que começa no mínimo no topo da carreira docente!). Professores-gestores, gestão por assédio, e bem pagos, em suma.

4) Professores podem ser contratados por empresas tarefas, ONGs ou outras camuflagens.

5) Não há carreira — há carreira para professores-diretores, gestores (como nos enfermeiros desde 2009) e para todos os outros, a maioria, mesmo ao final dos 70 anos! não conseguirão alcançar o topo.

Não se enganem. Pode haver carreira e degradação da escola pública — a isso temos assistido —, mas, sem carreira, nunca haverá escola pública, e sim uma empresa de tecnologia onde alunos e professores trabalham para as bigtechs, enquanto o orçamento alimenta a compra de armas. É isto que está nesta proposta. O que significa? Não “mais recrutamento de professores para colmatar faltas”, mas o contrário: o fim de qualquer ideia de escola pública e a largada dos filhos daqueles que trabalham em tutores virtuais, onde trabalham para as corporações de dados e não aprendem nada. Repito - nada. Não sou eu que o digo, é a insuspeita OCDE, de onde vem esta panóplia de “pedagogias” delirantes, que os Ministérios aplicam. O uso da tecnologia está associado à perda de conhecimento (abstração, cálculo, memória, crítica).

Em Ponta Delgada, não cessam os novos casos, nos subúrbios, a nova miséria. O Paim (primeira imagem) está a transformar-se num paraíso de degradação social em plena zona residencial. Pessoas alcoolizadas e drogadas espalhadas pelas ruas, fezes e urina junto às moradias, lixo constante, restos de droga, tendas improvisadas, indivíduos a dormir à porta de creches e moradores a desviarem-se para entrar em casa. Há quem viva diariamente com o mau cheiro, abordagens constantes para pedir dinheiro e uma sensação crescente de insegurança. Cafés, serviços e espaços públicos tornaram-se pontos de permanência permanente de quem ocupa ruas e entradas sem qualquer controlo. E a pergunta que muitos moradores fazem já deixou de ser exagero: temos mesmo de aceitar isto à porta de casa? Uma coisa é apoiar quem precisa. Outra é deixar um bairro inteiro entregue ao abandono, ao caos e à falta de autoridade. O Paim não pode continuar a ser ignorado. Crescem que nem cogumelos e nada tem sido feito. Há pessoas a vender apartamentos por causa disso.



Vítor Oliveira, de Ponta Delgada, escreve: “Ao passar pelo Jardim Padre Sena Freitas, no centro de Ponta Delgada, com duas crianças, deparei-me com esta situação, que me deixou bastante preocupado. Dois homens encontravam-se num banco a manusear substâncias relacionadas com o consumo de drogas, como um cachimbo de vidro, em plena luz do dia e num espaço frequentado por famílias e crianças. Independentemente da natureza exata do que estava a acontecer, considero preocupante que os espaços públicos sejam palco de situações que geram insegurança e desconforto para quem os utiliza diariamente. É importante discutir seriamente quais respostas devem ser dadas a estes problemas: reforço da fiscalização, apoio ao tratamento de dependências, prevenção e outras medidas que permitam devolver a tranquilidade aos espaços públicos. Algumas pessoas são contra as salas de consumo assistido. Mas será que estariam confortáveis com seus filhos, numa tarde, no jardim, assistindo a isso? As famílias e as crianças têm o direito de usufruir dos jardins e praças das nossas cidades com segurança e tranquilidade. Esta é uma realidade que não deve ser ignorada. Mas todos sabemos e vemos que, infelizmente, isso acontece cada vez mais.”

17 maio

Ontem acabou a série anual de futebol de 2026, com uma vitória do FCP, que se sagrou campeão pela 31.ª vez (SCP 21, SLB 38), e, de acordo com a maioria dos canais de TV, as celebrações foram das 16:30 até à madrugada. Imagens de horas e horas, pois, sempre que fazia zapping, lá estavam na Ribeira ou nos Aliados. Apesar de simpatizante daquele clube, nem dois minutos perdi e não entendo gente que esteve horas a assistir. Nem comento; isto é autoexplicativo e aclara o atraso do país. Juntemos a fé que move milhões a Fátima, ao Senhor Santo Cristo ou a outro, e só falta, depois, um elevado abandono escolar, acompanhado do som dum fado ou pimba, para justificar o país. Afinal, pouco mudou depois do 25 de abril...

Isto levanta a questão, segundo Richard Dawkins: “Os cães vão para o céu? Só os domésticos e os selvagens, não? Se só os humanos vão, até onde recuamos? Até ao Australopithecus? Até os que viveram depois de Jesus? Ou de Maomé? Ou de Buda? Qual dos teus “eus” vai para o céu? O senil com demência? O de meia-idade? Ou o jovem pujante de sonhos que a vida não concretizou?”



PAÍS
Quase metade dos adultos portugueses só consegue compreender textos curtos, revela relatório da OCDE

Segundo entre 30 países com o nível mais baixo de proficiência em literacia, 46% dos portugueses com idades entre os 25 e 64 anos têm muita dificuldade em interpretar textos e só consegue compreender textos muito curtos e com o mínimo de informação irrelevante.



E estes 3 terão perecido por reação alérgica à Covid??? Isso explica muita coisa, em especial dentre os políticos...

18 maio

Desde que saí do hospital, só precisei de Bromazepam 3 mg por 3 noites, como ajuda para dormir, mas, enquanto estive internado, era todas as noites. Longe vão os tempos de Macau em que tomava Lipoperdur de manhã (já não existe; nem encontrei referência em lado nenhum, a não ser que foi retirado do mercado; pode ter sido substituído por Lipotril) e soporíferos à noite. Os mais usados na década de 70 eram Mandrax, Sossegon, Lipoperdur e Romilar. O Lipo ainda circulava livremente em Macau até janeiro de 1983... Encontrei uma calma interior e uma paz desde que casei com a Nini, que me permitiram deixar todas, mas mesmo todas, as drogas de lado; a ela o devo e estarei eternamente grato. A minha vida, nesses dias entre 1974 e 1983, dava vários filmes.

19 maio

Nova moda na cadeia de PDL. Numa semana, dois exemplos... Há mais de 20 anos que se aguarda uma nova prisão que deve estar concluída em 2029... Um recluso fugiu do Estabelecimento Prisional de Ponta Delgada, nos Açores, e foi capturado. A fuga do homem ocorreu ao início da manhã, mas “uma hora depois” elementos da guarda prisional acabariam por localizá-lo, “sentado numa pedra no mar”. O recluso “subiu pela rede do pátio, alcançando o exterior do estabelecimento prisional”. Elementos do corpo de guarda prisional efetuaram disparos ao ar e recapturaram o recluso a 500 metros do estabelecimento”. O recluso tem 34 anos e está em prisão preventiva por roubo.

A empresa à qual foram adjudicadas “as obras de reforço da segurança dos muros exteriores do Estabelecimento Prisional de Ponta Delgada aguarda a chegada dos materiais provenientes do continente para a execução da obra”. Tendo em conta que o Estabelecimento Prisional de Ponta Delgada “só tem um pátio para recreio ao ar livre foi determinada, durante os períodos de recreio a que legalmente os reclusos têm direito, a presença de elementos do corpo da guarda prisional” junto aos locais “com maior fragilidade de segurança”, acrescentou. Mas será que ele precisava mesmo



de se sentar e imitar o Pensador de Rodin de 1881?

Saudades de uma boa pescaria, quando a comida da prisão se tornasse entediante? Ou magiar o próximo roubo? Seria por uma atração irremediável pelo mar? Magiar sobre a vida após uma dose de sintética? Pensar que, fora uma asneira, fugir; a ilha acaba já ali, e não vale a pena fugir da cadeia em ilhas. Nem sempre a história de Hemingway se repete (“O Velho e o Mar”): “Santiago tem um jovem amigo que o incentiva a pescar. Na manhã do 85.º dia, na pequena canoa, Santiago consegue um peixe, de tamanho descomunal (5 metros e 700 kg). O peixe oferece muita resistência e arrasta a canoa para o alto-mar. Santiago sofre com o sol cegante e abre feridas nas mãos e nas costas, de tanto lutar com o peixe. Após alguns dias, Santiago consegue matar o peixe e amarrá-lo à canoa. Porém, ao retornar à costa, sofria constantes ataques de tubarões. Quando chegou à praia, o peixe estava sem carne; só restava a espinha, e Santiago, sem forças. Os outros pescadores, vendo o tamanho do peixe - o maior que alguém já havia pescado - ajudam-no, especialmente o jovem Manolin, que gostava muito do velho”.

A manipulação da comunicação social continua: morreu um idoso britânico de 92 anos, vítima de paragem cardíaca a bordo do “cruzeiro da gastroenterite”, sem sintomas de retrovírus; as redações portuguesas decidiram transformar a morte natural num espetáculo. O homem morreu de paragem cardíaca. Não tinha nenhum sintoma gastrointestinal. As autoridades e a companhia de cruzeiros desmentiram explicitamente ligação entre a morte e o surto de norovírus. Mesmo assim, a Lusa (e os media copy-paste) publicou leads que colocavam lado a lado, no título e no primeiro parágrafo, a morte do passageiro e o surto. O leitor era induzido a concluir o óbvio: o velho morreu do vírus. Contudo, os leitores não sabiam, pois o desmentido não teve o mesmo destaque que a notícia original.

Anekdota de guerra do dia (made in USA)

Cuba prepara-se para atacar os EUA com mais de 300 ‘drones’ militares. E, imediatamente, apareceu aquele clássico género jornalístico, conhecido como “o império está em perigo”. Estamos a falar de um país que há décadas sobrevive a sanções económicas, cujos carros são anteriores à chegada do homem à Lua e que mantém Buick dos anos 50 a circular por uma combinação de fé revolucionária, peças de tratores soviéticos e um mecânico chamado Raul que bebe duas garrafas de rum por dia desde 1972.

Mas, de repente, a narrativa passou a ser esta: Havana está prestes a lançar uma ofensiva contra os Estados Unidos. O Pentágono já deve estar fechado em reuniões de emergência a discutir a possibilidade de um ataque coordenado com ‘drones’, físgas táticas e um porta-aviões da Lego escondido algures ao largo da Flórida. Segundo fontes próximas, os cubanos também vão enviar os carros dos anos 70 cheios de explosivos.

Consta que os ‘drones’ cubanos conseguem voar durante quase 12 minutos antes de precisarem de manutenção intensiva, normalmente realizada com fita isoladora, peças de frigorífico de 1964 e um murro técnico no lado esquerdo da fuselagem. A melhor parte desta narrativa é ver os EUA, que gastam mais em armamento do que boa parte do planeta junta, fingirem estar sob ameaça existencial de um país que faz manutenção automóvel com fé, arame e criatividade revolucionária. Cuba não enriqueceu, mas isso não se deve ao embargo; afinal, só os EUA o impõem, e há 40 países, como a China e os da UE, que negociam com Cuba. Isto para contradizer os que dizem que o comunismo resultou, pelo menos, num país e, mais, que teria resultado, não fosse o embargo. Há muitos países que não negociam com os EUA e estão melhor do que Cuba.

Parolice de pobre novo-rico

Relógios causaram o caos no Porto, no NorteShopping e em Lisboa, no Colombo, levando dezenas de pessoas a pernoitar em filas para adquirir um exemplar. A Swatch e a marca de luxo Audemars Piguet, ambas suíças, lançaram uma colaboração inesperada: os “Royal ‘Pop’”, uma edição limitada que gerou grande procura mundial e levou lojas a encerrar temporariamente por questões de segurança. Relógios esgotados em minutos e revendas até 2 mil euros. O lançamento do Royal ‘Pop’, transformou-se num fenómeno global — e Portugal não escapou à febre. Mas porque é que um relógio de bolso de 400 euros gera este nível de obsessão?

E o que isto revela sobre o novo negócio do luxo? Isto só prova haver dinheiro a mais nas mãos de quem não o devia ter, muita gente com parafusos a menos e roscas moídas e os que pensam que 400 euros hoje são milhares amanhã.

Continuou a chover e a ventar (sinal amarelo) após 2 ou 3 dias primaveris. Como disse anteriormente, parece que fevereiro nunca acaba. A temperatura não baixou, a roupa leve que vesti há dias teve de ser substituída. Levem-me para África equatorial já....

Mais uma para o caixote das Teorias a provar:

A eliminação de suportes físicos, como livros, cassetes e fitas, não é normalmente um ato deliberado de reescrever a história, mas sim um subproduto da eficiência económica, da degradação física e da **obsolescência tecnológica**. No entanto, esta eliminação em massa cria lacunas no registo histórico que podem ser exploradas por aqueles que desejam controlar a narrativa. Agora pensem bem: se a obsolescência daqueles objetos, que até há pouco faziam parte do nosso meio doméstico, não foi para nos facilitar a vida, mas sim para reescrever o passado, ninguém vai saber; não se pode negar a nova versão digital. A queima de livros e a destruição de arquivos impedem o escrutínio público e a verificação dos acontecimentos. Documentos originais são substituídos por versões oficiais que favorecem a narrativa dominante. Sem o suporte original (como uma fita magnética que preserva a voz autêntica de uma época), torna-se mais fácil adulterar ou negar a existência de factos.

Ao contrário do suporte físico, que exige a destruição manual e visível (incendiar uma biblioteca), o conteúdo digital pode ser alterado de forma invisível e instantânea. A dependência de servidores e plataformas proprietárias permite que obras sejam censuradas ou removidas retroativamente, sem deixar rasto histórico ou material da sua versão original. Manter documentos e suportes físicos (livros, cassetes, microfilmes) garante a **verificabilidade** e a independência perante manipulações tecnológicas.

O contacto direto com o suporte original atua como uma âncora à prova de edições digitais arbitrárias, preservando a autenticidade e a pluralidade da história humana. Fiz o que me competia: entreguei os meus livros às bibliotecas públicas, pois estas podem conservá-los por mais tempo. Se as bibliotecas físicas com livros começarem a desaparecer, sendo substituídas por meios digitais, isso já está comprovado. Nada de novo, afinal. Quando isso ocorrer: incêndios, enchentes, terramotos. Guerras e regimes autoritários causaram a morte de milhões de pessoas.



Nesta obra conheceremos uma história nunca contada com tanta minúcia: a da destruição de livros. O autor venezuelano leva-nos de volta ao Mundo Antigo para acompanhar a trajetória da prática que teve entre seus adeptos não só homens ignorantes ou perversos, mas também grandes filósofos, eruditos e escritores, como Descartes, Platão e Heidegger. Alguns porque acreditavam que, eliminando os vestígios do pensamento duma determinada época, promoveriam a superação do conhecimento humano. No entanto, os principais destruidores de livros sempre tiveram como principal motivação o desejo de aniquilar o pensamento livre.

Em 2003, a guerra levou à destruição de mais de 1 milhão de livros e de 10 milhões de documentos da Biblioteca Nacional do Iraque, berço da Civilização Ocidental. Inertes, assistimos, em tempo real, a um verdadeiro genocídio cultural, cujas consequências para as próximas gerações serão irreparáveis. Lembrem-se de mim que vos avisei em 2026. Alternativamente, leiam o livro de Fernando Báez. Há livros que traçam o fenómeno da destruição de livros desde as Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque.

20 maio



A TAP cancelou hoje o voo entre Lisboa e Ponta Delgada. Devido ao mau tempo, a Atlanticoline também cancelou as viagens entre o Corvo e as Flores. Dezoito voos cancelados em Ponta Delgada, há dois dias que não se vê um corno, para quem os tem, claro... De tarde abriu o sol e o dia aqueceu um pouco mais, mas as previsões apontam para mais chuva nos próximos dias, de novo.

Nada disso melhora as estatísticas de pobreza do arquipélago.... Em 2025, a taxa nacional de risco de pobreza fixou-se em 15,4%, a segunda mais elevada do país, tendo sido de 17,3%. Os Açores destacam-se pelos níveis de privação material e social. Segundo o relatório, 17,4% da população açoriana encontrava-se em situação de privação material e social em 2024, o valor mais elevado entre todas as regiões e mais de seis pontos percentuais acima da média nacional. Nos Açores, o relatório identifica níveis particularmente elevados de privação alimentar e de dificuldades de acesso aos cuidados de saúde. Cerca de 6,9% da população açoriana não conseguia assegurar uma refeição proteica a cada dois dias, enquanto 6,7% reportavam

difficultades de acesso a consultas ou tratamentos médicos não dentários. A região autónoma apresentava igualmente o coeficiente de Gini (que mede a desigualdade de rendimentos) mais elevado do país, de 33,8. Os Açores têm maior dependência das prestações sociais para atenuar situações de vulnerabilidade económica.

Há um líder africano que se vai suicidar em breve... O governo de Traoré selou os laboratórios, interrompeu as operações e ordenou a destruição das amostras restantes de mosquitos geneticamente modificados, pondo fim a mais de uma década de investigação. O projeto chamava-se Alvo Malária. O método consistia em libertar, na natureza, mosquitos geneticamente editados em comunidades africanas. Operava no país desde 2012 e havia recebido aprovação regulatória das agências de biossegurança e de meio ambiente semanas antes da proibição. A aprovação não interessou. O povo do Burquina Faso não consentiu que a sua terra se tornasse um campo de testes para experiências biotecnológicas ocidentais, e o seu governo ouviu. Os mosquitos modificados são produzidos nos Estados Unidos, Itália e o Reino Unido. O projeto continua no Gana e no Uganda. A pergunta que todos os governos africanos deveriam estar a responder agora é simples: quem deu permissão para isto no vosso solo e o vosso povo sabia? Tem razão a África em suspeitar de experiências biotecnológicas estrangeiras realizadas no seu território, mesmo quando vêm vestidas de ajuda humanitária? Não se augura um futuro longo ao presidente do Burquina Faso.

Uma notícia estatística que me anima: **66% dos doentes oncológicos estão vivos cinco anos após diagnóstico**. Dados sobre a sobrevivência ao cancro foram divulgados. O da tiroide é dos que menos matam. Os homens vivem menos do que as mulheres. A taxa de sobrevivência ao cancro, cinco anos após o diagnóstico, atingiu 66%. Ou seja: quase dois em cada três dos doentes oncológicos diagnosticados pela primeira vez em 2019 viveram pelo menos 5 anos. Os dados constam no Registo Oncológico Nacional (RON). Para elaborar o relatório, foram analisados 54 147 tumores malignos, tanto em homens quanto em mulheres. O RON analisou as taxas de sobrevivência entre os sexos. Há diferenças claras entre homens e mulheres: pelo menos 72% das doentes sobreviveram nos cinco anos após o diagnóstico, a taxa é mais baixa entre os homens (62%). No caso dos doentes masculinos, o cancro com maior taxa de sobrevivência é o do testículo (97%). Em sentido contrário, são os cânceros primários de origem desconhecida (quando há metástases no corpo, mas não se deteta o tumor original) os que mais matam, com apenas 10,5% dos homens a sobreviverem. Foram analisados mais de 54 mil tumores malignos em homens e mulheres. Já as mulheres têm uma taxa de sobrevivência de 100% nas “doenças mieloproliferativas crónicas” (cânceros do sangue que levam a medula a produzir células sanguíneas maduras em excesso), seguindo-se os cânceros da tiroide (99,3%). Tal como nos homens, os cânceros primários de origem desconhecida são os que mais mulheres matam (taxa de sobrevivência de 10,2%). No que toca às regiões, é na Madeira que a taxa de sobrevivência é menor (59,5%). Já o Norte (68%) e o Centro (67,4%) são as regiões com mais sobreviventes oncológicos cinco anos após o diagnóstico.

21 maio

Continuamos em fevereiro, a primavera quase a acabar, e nós sem a vermos; apareceu um ou outro dia à janela, mas foi-se. De manhã, o Madruga ligou para saber se eu tinha ouvido a entrevista dele com o Rui Barata Paiva (ainda não, mas, após a ouvir, achei muito interessante) e perguntou se já havia aviões, após dois dias de nevoeiro e de voos frustrados. Disse-lhe que sim, mas duas horas depois, quando fui à Maia aos CTT, já chovia e esta tarde, quando fui ao gás (2 botijas, 57 €), continuava a chover.

Em Ponta Delgada, das 4 amas de Rabo de Peixe julgadas por violência na creche, apenas uma apanhou prisão efetiva; as outras, pena suspensa, que parece a mais frequente, em geral.

Pior ainda foi o caso da mãe que veio de França com as 2 crianças dela, que lá raptou, com o padrasto, e as veio abandonar perto de Alcácer do Sal. A última coisa que o padrasto e a mãe de B. e Z. lhes pediram foi que, vendados, procurassem um brinquedo. Depois, o carro partiu e ficaram sozinhas. Em França, o pai procurava as crianças há 15 dias. Duas crianças, de três e cinco anos, foram encontradas por um homem num local pouco movimentado, junto a uma vedação na estrada que liga Alcácer do Sal à Comporta, pelas 19h30 desta terça-feira. Os rapazes, de nacionalidade francesa, contaram que o padrasto lhes disse que procurassem um brinquedo no mato. Foram deixadas com as mochilas e vendadas. Sei que a pena de morte não vigora cá, mas seria uma excelente exceção para a aplicar, e, em casos de abuso e violência doméstica contra menores e idosos... Acredita-se que esta mulher tenha também abandonado outra das suas crianças, de 16 anos”, lê-se na referida publicação. Sabe-se também que a mãe e o padrasto são procurados pelas autoridades (não só portuguesas), mas, até ao momento, ainda não foi possível localizar o casal em fuga. Foi um padeiro, Alexandre Quintas, que as encontrou perdidas na estrada. Estava a voltar de carro de Alcácer do Sal, pela estrada nacional 253, rumo à padaria da família, quando viu ambos os irmãos, de nacionalidade francesa, a encaminharem-se na sua direção, chorando. Colocou-os na viatura e foi para a padaria, onde as crianças contaram que o padrasto as vendeu e disse-lhes que procurassem um brinquedo no mato. Às costas, tinham mochilas com água e alimentos como bolachas e fruta, mas não tinham identificação. Conforme as próprias crianças, a casa de família será em Paris. Devido à dificuldade de comunicação devido à língua, Alexandre Quintas terá recorrido a uma amiga do filho – uma médica francesa a trabalhar em Lisboa – para, através do telemóvel, perceber a extraordinária e perturbadora história das crianças perdidas. Foi ao observar as mochilas que Alexandre ficou convicto de que os menores foram abandonados. “Eu percebi logo que foram abandonados pelas mochilas, pela forma como estavam feitas.”

22 maio

O governo visa retirar mais controlo... **A reforma do Governo aos poderes do Tribunal de Contas “privatiza” a função jurisdicional de controlo da legalidade da despesa pública**. O parecer de um advogado contratado por um ministério, uma câmara municipal ou uma empresa pública pode passar a funcionar como um escudo contra multas do Tribunal de Contas (TdC) decorrentes de despesas ilegais. A mudança faz parte da proposta de revisão da lei orgânica do TdC, apresentada ao Parlamento. O diploma restringe a responsabilização financeira a casos de dolo ou de culpa grave, os mais difíceis de demonstrar em tribunal. Mesmo assim, o artigo 75.º da proposta de lei estabelece que o dolo ou a culpa grave não se verificam “quando as decisões sigam o sentido de informações ou pareceres emitidos no âmbito do processo de decisão”.

Na prática, isso significa que governantes, autarcas e gestores públicos podem invocar pareceres jurídicos para afastar responsabilidade financeira por pagamentos ilegais. Conselho Superior da Magistratura, Mecanismo Nacional Anticorrupção (MENAC) e magistrados do TdC convergem no apelo ao expurgo da norma antes da aprovação do diploma, em pareceres depositados na Assembleia da República. O CSM ironiza a “invulgar presunção” criada pelo diploma: basta um parecer jurídico para excluir a culpa. O organismo de cúpula do Poder Judiciário pede aos deputados que limitem a proteção a pareceres emitidos por “entidades ou órgãos competentes” da Administração Pública. Ou seja, organismos públicos com deveres legais de controlo e fiscalização, e não de escritórios privados contratados pelos decisores políticos. O MENAC, organismo do Estado de prevenção da corrupção, repudia a hipótese de pareceres de “entidades privadas” para afastar a responsabilização financeira dos gestores públicos. O organismo, liderado pelo juiz conselheiro Mouraz Lopes, alerta para “problemas de constitucionalidade”.

O abandono de dois menores: “... Mais de cinco horas em café, em Fátima: mãe e padrasto de meninos abandonados foram detidos pela GNR.” O alerta foi dado por uma moradora, que desconfiou deles na esplanada. Menos de 48 horas após terem abandonado Zacharie e Barthélémy, de 3 e 5 anos, na estrada que liga Alcácer do Sal à Comporta, Marine, 41 anos, e o namorado, Marc, de 55 anos (padrasto), foram detidos pela GNR em Fátima. Estavam a 200 km do local onde, à sua sorte, deixaram ambos os meninos. Foram apanhados na esplanada do café “O Vasco”, onde estiveram por “mais de cinco horas”, segundo Jorge Lopes, dono do estabelecimento. “Só falaram francês” Uma moradora deu o alerta ao desconfiar deles após

fazer algumas perguntas. Tinham o Opel, de matrícula francesa, usado na viagem de 2400 km desde Colmar, na França (junto à fronteira com a Alemanha e a Suíça), até Alcácer e Fátima - o carro foi depois apreendido.

Após a denúncia, uma patrulha à civil foi ao local e confirmou: eram Marine e Marc (estavam no sistema e eram procurados; a imprensa francesa refere que o padrasto tem transtornos psiquiátricos). Foram levados ao posto de Fátima e detidos. Vão a juiz em Setúbal. São suspeitos dos crimes de exposição ou abandono e violência doméstica. Mesmo que sejam sujeitos a uma medida não privativa da liberdade, os mandados de detenção europeus emitidos pela França (por crimes lá cometidos) obrigam à detenção e à apresentação ao Tribunal da Relação.

Marine tem a custódia dos dois filhos e o ex-marido direitos de visita. A 11 de maio, quando tentou estar com os menores e não os encontrou, fez queixa à polícia. Marine terá deixado outro filho de 16 anos. A família dela também fez queixa. Marine e o namorado passaram a ser procurados.

Ela não atendeu os telefonemas da família e da polícia, que sabiam que o casal e os menores passaram pela Espanha, onde Marc tem casa. As polícias portuguesas intervieram quando a viatura entrou no País, logo nesse dia 11, por Miranda do Douro, onde abasteceram e pagaram com o cartão bancário, que era vigiado, assim como o telemóvel de Marine. Um procurador de Colmar confirmou a abertura de um inquérito por subtração de menor e por outros crimes relacionados com a colocação dos filhos em risco (arrisca em França até 7 anos de cadeia). Marine Rousseau tem 41 anos, é sexóloga e, de acordo com um dos poucos vídeos que tem no Facebook, ensina os pais a falar sobre sexualidade com seus filhos.

Aliás, de acordo com a informação divulgada, tinha uma aula marcada exatamente para esta quinta-feira. Marine Rousseau vivia em Colmar, no Alto Reno, na Alsácia, perto da fronteira com a Alemanha. Fugiu com os dois filhos, Zacharie, de quatro anos, e Barthélémy, de cinco, que acabaram abandonados a dois mil quilómetros de casa. Em França, a procuradoria de Colmar abriu um inquérito judicial por abandono de menores, após o alerta do pai das crianças, que está separado da mãe e apresentou queixa na polícia por rapto de menores.

ENVIO DE FORMA IMEDIATA!

- ◆ Benzéduras para Doenças de Pele
- ◆ Benzéduras para Quebranto
- ◆ Benzéduras para Animal
- ◆ Benzéduras para Acabar com Verrugas
- ◆ Benzéduras para Bicheira Animal
- ◆ E muito mais bênçãos poderosas!

Orações Especiais:

- ◆ Oração para Fechar o Corpo
- ◆ Oração para Acalmar Trovoada
- ◆ Oração para Conseguir Casamento
- ◆ E Centenas de Outras ORAÇÕES!

DE €29,90 POR **€14,90**

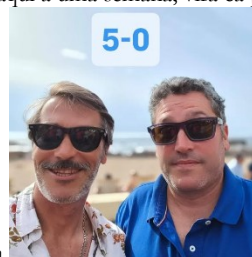
CENTENAS DE BENZEDURAS E ORAÇÕES ANTIGAS!

Aproveito para desejar que melhorem com uma boa benzedura.

Hoje, ao entrar no tribunal português, resolveu cantar em voz alta, e o companheiro só disse, em francês, “amo-vos a todos”. O padrasto das crianças francesas de 3 e 5 anos, abandonadas no meio do mato numa estrada que liga Alcácer do Sal à Comporta, é um ex-policial de 55 anos que, em 2010, foi condenado por assédio e violência contra a mãe da filha, escreve o jornal Le Parisien. Marc foi julgado após a denúncia da ex-companheira e condenado a nove meses de prisão, com dois anos de pena suspensa. Na avaliação psicológica realizada à época, foi descrito como «pessoa normal e sem patologias», “sociável, amigável, responsável, realista e equilibrada, com boa autoconfiança”. Mas acabou por deixar a polícia após passar por “um longo período de depressão”. Nas redes sociais, acrescenta a mesma publicação, mostra tendências antisemitas e publicações com teorias da conspiração.

23 maio

Devo estar a ficar velho. Os filhos mais velhos, gémeos, fizeram ontem 50 anos (Nuno e Rodrigo). A seguir, em agosto, a Vanessa-Ingrid fará 40 e, em setembro, o João “Nigel” fará 30... que hoje ligou para saber de mim e, daqui a uma semana, virá cá passar dois dias comigo e com os amigos



que deixou em outubro, quando se mudou para o novo emprego na ilha Terceira.

Hoje, curiosa e coincidentemente, leio um artigo intitulado “Por que cada vez mais jovens cortam laços com a família?” Não me será totalmente apropriado, pois o meu caso é o inverso, mas é um bom tema de leitura. As gerações mais novas optam cada vez mais pelo afastamento dos familiares. Os especialistas consideram que a tendência reflete uma mudança cultural na forma como definimos o que é prejudicial, os limites pessoais e o sentido de pertença. Mas o silêncio também pode ser uma forma de falar. Um movimento silencioso, mas em crescimento, está a mudar a forma como os jovens encaram a família: o “no contact,” a decisão deliberada de cortar ou reduzir drasticamente a comunicação com familiares considerados prejudiciais ao seu bem-estar. Outrora tabu, este “contacto zero” com a família tornou-se um tema corrente, suscitando questões sobre o que devemos aos familiares e o que devemos a nós próprios.

O afastamento familiar, em que os parentes se tornam, na prática, estranhos, foi alvo de estigma social; há quem defenda sua normalização, argumentando que eliminar a vergonha associada a essa escolha permitiria que mais pessoas sássem de dinâmicas familiares doentias. Outros especialistas consideram que o fenómeno não é novo; simplesmente tornámo-nos mais abertos em relação a ele. Os números disponíveis são reveladores. Um inquérito a 2000 adultos norte-americanos, concluiu que quase dois em cada cinco inquiridos (38%) cortaram o contacto com amigos ou familiares no último ano. As diferenças entre gerações são assinaláveis: 60% dos inquiridos da Geração Z afirmaram ter cortado relações com alguém, em comparação com 50% dos Millennials, 38% da Geração X e 20% dos baby boomers. Os resultados sugerem que “evitar os desafios relacionais torna-se mais comum”, em geral.

Nas últimas três décadas, a definição de trauma alargou-se consideravelmente, passando a englobar experiências que outrora eram consideradas parte da vida familiar. “O limiar para que algo seja qualificado como trauma é hoje mais baixo. A sociedade exerce uma pressão excessiva para que os laços familiares sejam mantidos, quando, o caminho mais saudável pode passar por construir relações significativas fora do núcleo familiar. Ao contrário do que se imagina, as divergências políticas raramente são o motivo de afastamento.

Um inquérito da Harris Poll de 2024 concluiu que, entre as pessoas afastadas de familiares, a maioria apontou algo que um parente disse ou fez como causa; apenas 20% atribuíram a rutura diretamente a diferenças políticas. 39% destes afirmaram estar receptivos a uma reconciliação. O casamento dum filho adulto pode ser um momento de rutura. Em 2019, um inquérito a 1035 mães que estavam afastadas de pelo menos um filho concluiu que a maioria das participantes atribuía o afastamento a fatores externos — ou seja, não às próprias ações. Quase 80% das mães inquiridas afirmaram que o afastamento ocorreu após o filho ter casado ou começado uma relação amorosa, e metade afirmou não ter tido qualquer contacto desde então. Retomar o diálogo deve ser de forma discreta — por meio de um cartão, uma carta ou uma mensagem transmitida por um intermediário de confiança. “Evite qualquer coisa que pareça assédio, mas demonstre a sua disponibilidade”. Cortar laços com a família continua a ser uma das decisões mais difíceis de tomar. Mas para uma geração que cresceu a questionar o que antes era inquestionável, o silêncio também pode ser uma forma de falar.

Pior do que estes cortes de elos familiares é a corrupção, que faz tanto parte da paisagem portuguesa quanto o Galo de Barcelos, o Vinho do Porto, o bacalhau, o pastel de Belém. Se pensa que a corrupção em Portugal não pode piorar, espere pelos resultados da lei aprovada ontem pelo Parlamento: a proposta permite dispensar o visto prévio do Tribunal de Contas em contratos públicos de até 10 milhões de euros. Acima desse valor, o controlo prévio também pode ser evitado, desde que existam mecanismos internos “acreditados” pelo próprio poder político.

Traduzindo para português corrente: “nós fiscalizamos-nos a nós próprios, confiem”. PSD, CDS e IL votaram a favor. O PS e o JPP abstiveram-se e garantiram a viabilidade. Contra votaram Chega, BE, PCP, Livre, PAN e até um deputado socialista da própria bancada do PS. Tudo isto enquanto a presidente do Tribunal de Contas alerta para riscos “verdadeiramente inconstitucionais” e possíveis ameaças à independência da instituição responsável pela fiscalização financeira do Estado. Mas talvez o problema seja esse: fiscalizar.

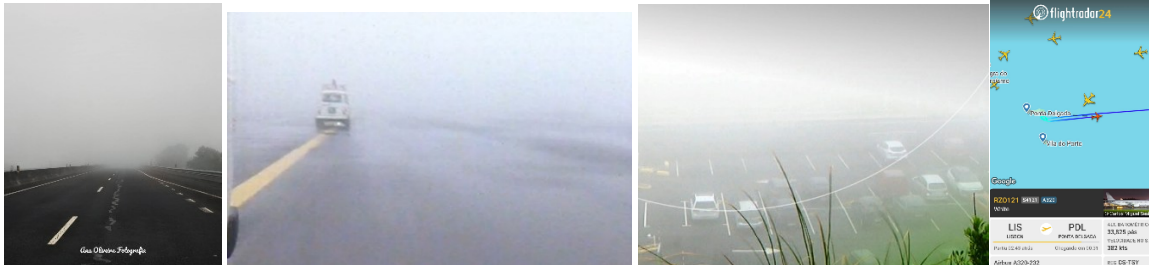
E no meio deste circo semântico, lá vai desaparecendo mais um mecanismo de controlo sobre contratos milionários pagos com dinheiro público. A ironia é hilariante, quase faz chorar. O país que passa a vida mergulhado em discursos sobre corrupção decidiu que o verdadeiro excesso era a fiscalização prévia de contratos milionários. Quando o árbitro olha demasiado para o jogo, o regulamento muda. Depois, quando surgirem as inevitáveis notícias sobre negócios nebulosos, ajustes criativos, coincidências familiares ou consultorias milionárias com cheiro a mofo institucional, não vale a pena assistir à habitual romaria nacional de indignação seletiva. A maioria dos portugueses quis isto. Votou nisto. Alimentou isto. Porque quando contratos públicos milionários passam a circular com menos fiscalização prévia, chamar-lhe “modernização administrativa” é uma forma elegante de dizer que o bar abriu mais cedo.

Reguei as plantas, meti uma máquina a lavar roupa, estendi e, após o almoço, já tinha secado.

Algo de estranho de manhã, quando vi a temp lá fora superior à de dentro de casa, 20 °C contra 15... Será que a primavera vem aí e fevereiro vai acabar? Nunca se sabe. A pedicura disse que, do miradouro de Santa Iria para baixo, era nevoeiro cerrado, e nós aqui com sol; costuma ser ao contrário. Sabemos que, em junho, os nevoeiros são célebres nestas ilhas, no meio do Atlântico. Os “nevoeiros de S. João” são uma expressão popular que descreve o nevoeiro persistente e intenso, comum no final da primavera e início do verão (sobretudo entre maio e junho).

Este fenómeno meteorológico afeta fortemente a região e condiciona severamente a operação aeroportuária, com centenas de viajantes retidos nos aeroportos devido a cancelamentos e atrasos em voos interilhas e para o exterior. Face ao nevoeiro intenso, nada há a fazer. Os passageiros queixam-se da falta de informação por parte das companhias aéreas. Este tempo traz a típica chuva miudinha, que cobre as zonas altas e as fajãs das ilhas, como a de S. Jorge. Maio tem sido de nevoeiros de S. João, mais típicos de junho. Hoje, o dia foi mais interessante devido à influência do quadrante do vento e do nevoeiro nos aeroportos do Pico e do Faial.

O verão “teima” em não chegar, sempre com nevoeiros e chuva “miudinha”. Há dois dias que a ilha está baça. Como se o mundo tivesse perdido nitidez e São Miguel tivesse ficado suspensa, a meio caminho entre aparecer e desaparecer. Falar do tempo é uma vulgaridade, até ao dia em que o tempo nos toca por dentro. De novo, os cancelamentos de voos. Por inacreditável que possa parecer, ontem foi um dia primaveril quente (18 °C) aqui na Lomba da Maia, onde, como sabem, o clima está normalmente pior do que em PDL, mas, na realidade, lá estava assim. É a segunda vez esta semana que nós aqui vemos sol e céu, e eles nem veem navios...



Não sei se há mais crimes agora ou se é apenas uma maior divulgação dos que a censura salazarenta não deixava divulgar. Dois cidadãos estrangeiros detidos por tentativa de homicídio junto a escola no Montijo. Detidos têm 17 e 20 anos e dispararam contra duas pessoas no Montijo. Os factos ocorreram no contexto de desavenças pessoais, culminando com um dos suspeitos, sob a orientação do outro, a efetuar disparos com uma pistola de calibre 6,35 mm na direção das vítimas, quando estas se encontravam na via pública, junto a um estabelecimento escolar do ensino básico. Uma foi atingida no tórax e num braço e a outra num antebraço, tendo ambas sido hospitalizadas. Após o interrogatório no Tribunal Judicial do Barreiro, os suspeitos ficaram sujeitos a prisão preventiva.

Entretanto, e já sabem que sou das Teorias — todas (não são apenas as da Conspiração) —, não acredito que o que se passou no Reino Unido e o que se passa em Portugal e noutros países não seja uma manobra geral propositada, por mais inacreditável que pareça. Uma decisão revoltante provocou indignação: Três adolescentes que violaram em grupo duas raparigas — filmando os ataques nos seus telemóveis enquanto riam e se encorajavam mutuamente — não receberam qualquer pena de prisão. O juiz Nicholas Rowland (na imagem patética), afirmou que pretendia «evitar criminalizar estas crianças desnecessariamente» e concentrar-se na sua «reintegração na sociedade».

As vítimas? Completamente traídas pelo sistema. É isto que acontece quando os juizes dão prioridade aos violadores em detrimento da justiça. Repugnante. O sistema judicial do Reino Unido está completamente falido, embora em Portugal esteja na mesma situação. O juiz Nicholas Rowland é um juiz de circuito na Inglaterra e no País de Gales que presidiu ao caso controverso de 2026 relativo à sentença por violação, que envolveu três adolescentes condenados por violarem duas raparigas em Fordingbridge, Hampshire.

Em maio de 2026, Rowland proferiu medidas de reabilitação juvenil sem privação de liberdade para os infratores, citando a tenra idade, diagnósticos de TDAH e baixa capacidade intelectual como fatores atenuantes, e afirmou que desejava evitar «criminalizar estas crianças desnecessariamente». A sentença provocou indignação pública generalizada e críticas políticas, tendo uma das vítimas descrito a decisão como «uma pedra na cara»¹. Consequentemente, o primeiro-ministro Starmer instruiu o procurador-geral a rever as sentenças ao abrigo do regime de sentenças Indevidamente

¹ No contexto de violência doméstica, “Chapada”, ou “pedra na cara” ou “tapa na cara” é um ato abusivo que requer atenção e, muitas vezes, afastamento da situação.

Indulgentes, tendo sido marcada uma audiência no Tribunal de Recurso para 1 de julho de 2026, com o objetivo de determinar se as penas deveriam



ser agravadas.

Em menos de 3 anos fez o que muitos governos não fizeram em décadas. Quando o capitão Ibrahim Traoré assumiu o poder em Burquina Faso em setembro de 2022, o país estava à beira do colapso. Grupos jihadistas controlavam grandes áreas do território. A insegurança aumentava. Enquanto isso, as forças francesas estavam no país há mais de uma década, mas por que a situação só piorava? Ao mesmo tempo, o ouro de Burquina Faso continuava a sair do país. Empresas estrangeiras lucravam bilhões, a Europa enriquecia, o povo continuava pobre. Foi nesse cenário que Ibrahim Traoré chegou ao poder e começaram a ser tomadas decisões que chocaram o mundo. Em janeiro de 2023, anunciou o fim do acordo militar com a França e deu um mês para as tropas francesas deixarem o país. Em fevereiro foram embora.

Depois, Traoré nacionalizou as minas de ouro antes controladas por empresas estrangeiras. E tomou uma decisão ainda mais simbólica: interrompeu as exportações de ouro bruto para a Europa. Porque Burquina Faso já estava cansado de vender riqueza barata... e comprar pobreza cara. Então o governo inaugurou a primeira refinaria de ouro. Pela primeira vez, a Burquina Faso começou a processar a sua própria riqueza no seu território. Mas não parou aí. Criou fábricas de processamento de tomate. Investiu no algodão. Fortaleceu a agricultura. Distribuiu sementes melhoradas. Modernizou equipamentos agrícolas. E o resultado começou a aparecer. A colheita de 2024 alcançou 6 milhões de toneladas de cereais. Em 2025, o Burquina Faso alcançou a autossuficiência alimentar.

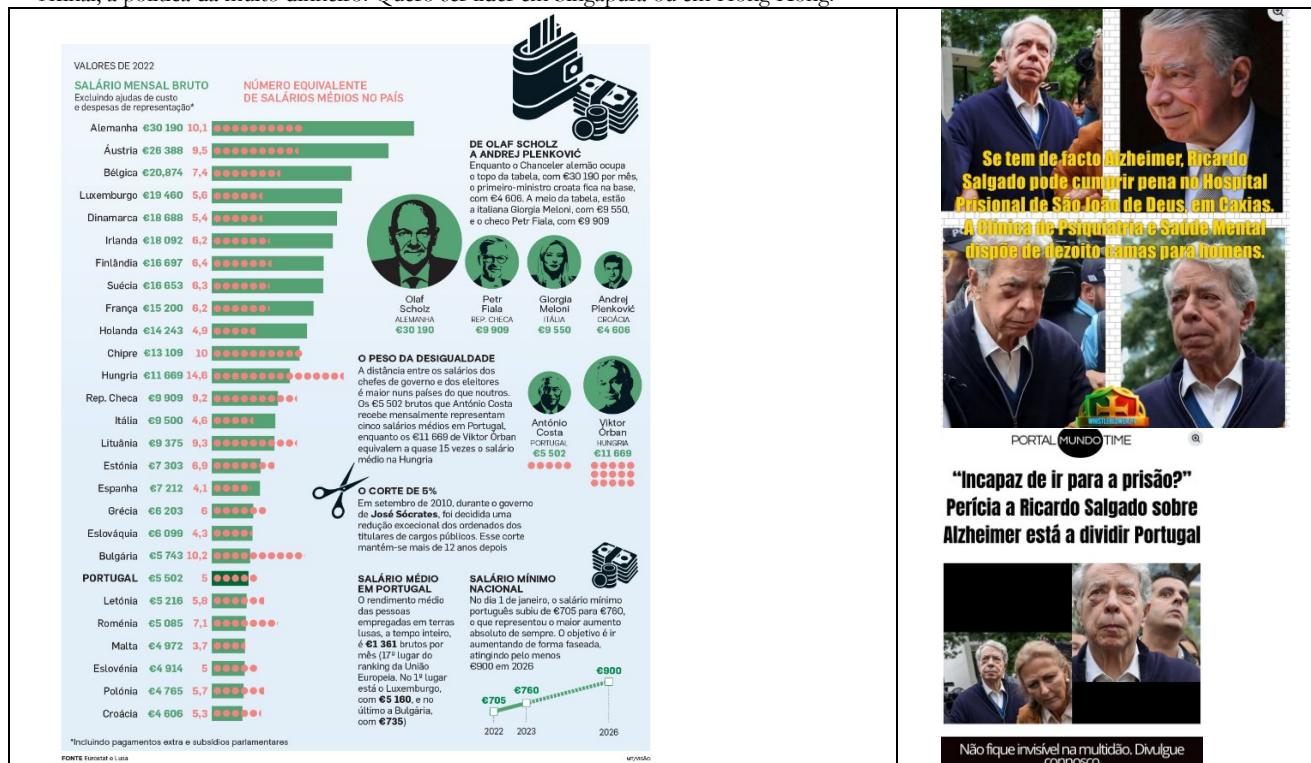
Num continente historicamente mantido dependente... isso não é apenas economia. É soberania. E uma das decisões mais ambiciosas veio depois: um plano para construir pelo menos 55 hospitais modernos em todo o país. Porque independência sem saúde... continua dependência. Ao lado do Mali e Níger, Traoré ajudou a fortalecer a Aliança dos Estados do Sahel. Passaportes comuns. Banco de investimento próprio. E planos para abandonar o franco CFA, a moeda colonial ainda ligada ao Banco da França. E foi aí que algo começou a mudar no imaginário de muitos africanos. Porque para uma geração cansada de promessas...

Ibrahim Traoré passou a representar algo raro: um líder disposto a confrontar diretamente interesses externos. Muita gente tentou derrubá-lo. Houve acusações de operações contra o seu governo. tentativas de isolamento. Pressão internacional. Mas continua de pé. E talvez seja exatamente por isso que multidões o aplaudem em vários países africanos. Porque, independentemente de concordarem com tudo o que faz, muitos veem nele algo que não viam há muito tempo: coragem política para falar de soberania africana sem pedir permissão.

E talvez essa seja a parte mais importante da história. Durante décadas, a África ouviu líderes dizerem que a mudança era impossível. Traoré apareceu dizendo o contrário. E isso, só assusta muita gente. Imaginem o que um líder destes poderia fazer em Angola, Moçambique ou Timor-Leste. Por isso, será apenas uma questão de tempo para que alguém o "suicide".

Finalmente, veio a conta de eletricidade, mas já baixou de 100 € para 85,00 € e espero que volte agora ao normal (45,00 €).

Afinal, a política dá muito dinheiro. Quero ser líder em Singapura ou em Hong Kong.



Estou chocado. Então, queriam que o velhinho Ricardo (Espírito Santo) Salgado, tão doentinho de Alzheimer, acabasse os dias na prisão; ainda por cima, ele já nem se lembra a quem deu dinheiro, a quem favoreceu, a quem prejudicou com o seu império. Nem se lembra do local onde escondeu o Livro Negro dos favores e da chantagem a membros da governação desde o tempo de Salazar. Nem a mulher tinha cópia. Que falta de caridade cristã num país que tem Fátima como cartão de visita. Dantes, até tinha Espírito Santo no nome, mas, subitamente, ficou muito "salgado". A justiça para ricos continua a funcionar; se fosse pobre, já teria sido preso há anos.

Eu, bem tento, como pobre que sou, não cometer ilícitos para não malhar os ossos na cadeia e experimentar isto que há por cá, neste país, da justiça para ricos e pobres. Tive o caso do SMO (Serviço Militar Obrigatório), que me condenou a 8 dias de detenção agravada nos aposentos, em Bobonaro, Timor, em outubro ou novembro de 1973. Depois, na Austrália, uma mulher polícia queria subir na carreira e prendeu-me por horas na

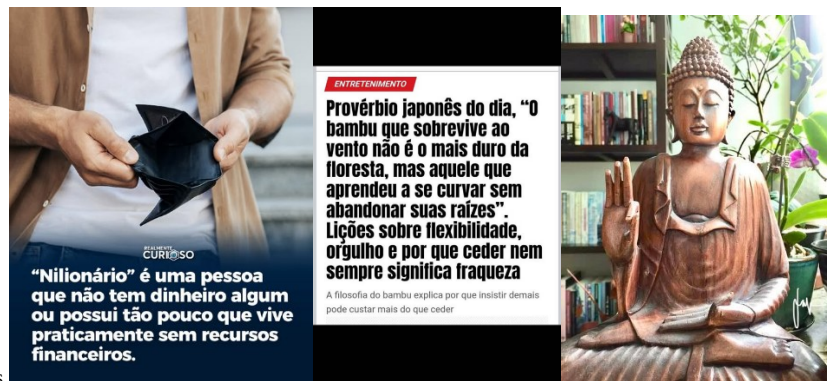
esquadra de Coogee (ou Randwick) por alegada violência doméstica. Teve azar; eu é que tinha as costelas partidas, e a alegada agredida não. Esta, aliás, nem fizera participação ou queixa. A mulher polícia estava desesperada; foi-me prender no Serviço de Emprego, depois de eu lhe ter pedido que esperasse até à hora de saída. Tanto queria subir que teve azar. Creio que não foi promovida por minha causa, pois a juíza a admoestou por ter instaurado um caso de violência doméstica sem provas, sem queixa e sem testemunhas. O julgamento foi adiado duas vezes pois a AFP (Polícia Federal Australiana) não conseguiu apresentar testemunhas, nem peritos no crime, e a alegada vítima negou-se a apresentar queixa. Só outra vez estive detido quando misturei álcool (uísque) com comprimidos e causei um pequeno acidente de viatura; a PSP meteu-me no Aljube por uma noite e, na manhã seguinte, saí em liberdade, sem pena para cumprir, a menos que reincidisse nos dois anos seguintes. Foi uma experiência avassaladora. Prometi não repetir, por não me chamar nem Ricardo, nem Espírito Santo, nem Salgado.

Mudando de tema. Um líder africano insiste em ser assassinado (é uma questão de tempo) e faz tudo ao contrário do que as elites mandam. Em Novidades de fraudemias, um homem com todas as vacinas morreu de Covid, mas os médicos dizem que a situação poderia ter sido pior se não



tivesse sido vacinado. **Pior do que morrer???**

24 maio



Talvez isto me defina melhor do que imagens

Dia de Buda, feriado em Macau. O Aniversário de Buda, ou Dia de Buda (também conhecido como Buddha Jayanti ou Purnima), é celebrado no oitavo dia do quarto mês do calendário lunar chinês, em comemoração ao nascimento do príncipe Siddhartha Gautama, que se tornou o Buda e fundou o budismo. Buddha nasceu no Jardim de Lumbini, em Kapilavastu, no norte da Índia, há 2600 anos. Segundo os Suttas, as flores desabrocharam e nove dragões celestes apareceram derramando a mais pura chuva perfumada para limpar o recém-nascido príncipe. Portanto, a celebração do aniversário também é conhecida como "Celebração do Banho do Buda". Damos realmente um banho ao Buda?

Não, é a purificação do Buda interior por meio de uma cerimónia que envolve a sua imagem. A ênfase está em purificar a mente. Portanto, a celebração do nascimento de Buda deve ser conduzida com atitudes solenes que abrangem o desenvolvimento moral, a compaixão e o respeito. Hoje, esta história inspira o ritual do «banho do Buda», uma das tradições mais emblemáticas. Outras atividades incluem visitar templos e mosteiros para rezar, fazer oferendas e entoar sutras. Na tradição budista, o Vesak é a cerimónia central nas celebrações do nascimento de Buda. Consiste em derramar água perfumada sobre a estátua do Buda bebé (príncipe Siddhartha). A água simboliza a purificação do corpo e da mente, lembrando os praticantes a limpar as suas impurezas internas, como a ganância, a raiva e a ignorância. Todo o mundo precisava disso.

Mudemos de tema, as pessoas esclarecidas não falam doutra coisa, como Henrique Schanderl explica de forma elucidativa:

LIXANDO A GALINHA DE OVOS DE OURO

«A saída da Ryanair, só em abril, originou a perda de 25 mil turistas; ou seja, este governo regional, se é que efetivamente tem direito a este título, só se mantém à custa de gente que não é gente. Para juntar a esta besteira, ouvimos o Governo e o Presidente da AIR AZORES (AA) dizerem que não era um problema, pois iriam colmatar a falta. Estou farto de gente cínica, soberba, sem moral, que se julgam donos da verdade e nos tratam quais "coitadinhos", que engolimos tudo o que nos dizem, como se fôssemos crianças ávidas de um rebuçado.

A verdade é que a SATA para manter o plano de Verão IATA já recorre aos velhos ACMIS que custam os olhos da cara, portanto sem capacidade e cabimento orçamental para ir buscar novas aeronaves, mesmo com mais de 20 a 30 anos de serviço, para cumprir com a cobertura das rotas que a Ryanair detinha e o Governo não tem qualquer poder ou capacidade para em cima da hora, conseguir que outra qualquer Companhia Aérea venha para os Açores. Todos sabemos que qualquer companhia aérea leva 2 a 3 anos a preparar uma nova rota, o que significa, que este governo nada percebe de aeronáutica e muito menos de Planos Turísticos, e assim perdemos o que vinha sendo preparado desde o tempo de César como uma nova janela de oportunidade, uma autêntica galinha de ovos de ouro.»

Enquanto isto, nos Açores, desgoverna-se, a coligação desfeita agita-se: Artur Lima não afasta o **resgate das contas dos Açores**. O vice-presidente do governo açoriano faz um balanço positivo da governação PSD/CDS-PP/PPM, mas reconhece que a evolução da complexa situação regional, nacional e internacional é difícil de prever e pode ter efeitos mais expressivos do que o esperado, não apenas na economia, mas também nas finanças da Região. Em entrevista ao podcast AO VIVO NA LIVRARIA, gravado na livreria LAR DOCE LIVRO, de Angra do Heroísmo, o líder do CDS-Açores não nega o caráter antinatural da Caranguejola e garante que, embora o anúncio unilateral de José Manuel Bolieiro tenha sido extemporâneo, o PSD não está sozinho na rejeição de uma coligação pré-eleitoral para 2028: o CDS também pretende concorrer a solo.

Até porque, se se acreditar que os interesses dos Açores exigem uma nova alternância de poder, isso poderá viabilizar um governo do Partido Socialista, como ocorreu em 1996. Artur Lima não esperava melhor: o pior centralismo com que os Açores têm de lidar – diz – é precisamente o de Ponta Delgada, de onde lhe chegam os mais variados sinais reacionários. Para já, só tem duas certezas: com o Chega – com quem apenas o PSD negociou em 2020, lembra –, nunca; e com um PSD liderado por colegas de governo, como Berta Cabral ou Duarte Freitas, nunca também. As contradições são tantas que até doem, o que interessa é manter tacho e poder mesmo com o PS; como escrevia André Silveira:

Bolieiro deu o tiro de partida para a instabilidade que todos os que prestam atenção já previam. O mais natural seria esperar que quem nos governa fosse movido, pelo bom senso. Mas a realidade nua e crua é outra: somos governados por uma amálgama de gente refém das suas agendas pessoais, das dos seus partidos e, com assustadora frequência, dos seus egos desconhecidos, a que se somam, ultimamente, os interesses dos seus microeleitorados, dada a especificidade e a dimensão do nosso sistema eleitoral. E este é o caso. JMB lançou o logro do fim da tríade, cedendo, em parte, à pressão da ala bafienta do partido, que se resume a quatro ou cinco personalidades, todas da pseudoclite de Ponta Delgada, que, num rasgo desesperado de sobrevivência pela relevância, acredita que este é o caminho.

Há quem se convença de que o falhanço da governação a três se deve aos outros dois companheiros de viagem. Tal não pode ser mais falso. Basta olhar para os dossiês fundamentais e identificar o responsável. A tese não tem sustentação factual, mas poderá colher junto de S. Miguel. Afinal de contas, a primeira regra do populismo é arranjar um inimigo fácil, e nada mais fácil do que apontar a Artur Lima. Convenhamos que o próprio também fez o mesmo... Há quem acredite que a popularidade remanescente de José Manuel Bolieiro é suficiente para ganhar eleições. Provavelmente ganha. Mas para quê? Com Artur Lima fora da equação e sem a maioria absoluta, que todos os cenários apontam como improvável, o PSD regressaria ao mesmo beco sem saída, sem parceiros de coligação e com o Chega como única tábua de salvação parlamentar.

Teria ganho as eleições para ficar refém do mesmo problema, agora com mandato popular renovado para perpetuá-lo. A vitória seria, na prática, uma armadilha com um laço dourado. Seja qual for o desfecho, uma constante atravessa todos os cenários como um fio de amargura: os Açores ficam para trás. As ilhas continuarão a ser palco de uma política de castas, de clientelas e de egos em duelo, enquanto os problemas reais e estruturais ficam suspensos, à espera de que alguém se lembre de que governar é servir, e não servir-se a si e aos seus. Essa é, porém, uma ideia que, por estas paragens, não chegou ao poder, e tudo indica que vai continuar à espera. Os Açores merecem mais e melhor.

Afonso Quental sugere demitir Artur Lima e solicitar um voto de confiança, de crise em crise, continuamos a afundar-nos.

André Silveira, da Ribeira Grande, alega: “O bairrismo açoriano atingiu uma proporção que não é mero folclore regional: é cada vez mais alvo de instrumentalização política. S. Miguel contra o resto, o resto contra S. Miguel, todos contra todos, e um presidente do governo que se reivindica cidadão dos Açores como se essa fosse a identidade primária. Não é. Nunca foi. Somos, primeiro, terceirenses, micalenses, picarotos, faialenses e, só depois, açorianos. É assim que nos sentimos, é assim que votamos e é assim que os projetos políticos açorianos sempre se construíram: por agregação de identidades insulares, e não por diluição delas na identidade arquipelágica que existe no papel, mas raramente na alma. JMB esquece, ou finge esquecer, o que o sistema eleitoral dos Açores reflete”.

Será desta que enterramos fevereiro e o frio? Está finalmente quente, lá fora, no pátio, 21 °C, e no quintal acabo de ver a primeira hidranja (os novelões chamam-lhe aqui às hortênsias) e a vetusta ameixoeira² está pejada de frutos pequenos (em dúzias). Curiosamente, no ano passado não deu, mas no último ano de vida da Nini tinha dado uma centena (2023). Os rebentos (7 ou 8) que há anos transplantei estão enormes mas ainda sem fruto. AMANHÃ TEMOS O FERIADO DA POMBINHA.

659. RODRIGO LEAL DE CARVALHO, DOIS OLHARES SOBRE A SUA OBRA, DE ANABELA FREITAS E DORA GAGO.

Em 31 de março, no IAC, na Terceira, integrado às atividades do 41.º Colóquio da Lusofonia, ANABELA B FREITAS E DORA GAGO apresentaram um novo livro dedicado a Rodrigo Leal de Carvalho, recentemente falecido. O desafio para o fazerem foi lançado em Vila do Porto, em 2024, no 39.º colóquio, e a editora Letras Levadas o deu à estampa agora. Este foi o texto de apresentação da obra e autoras.

Nascido na Praia da Vitória, Terceira, a 20 de novembro de 1932, Rodrigo Leal de Carvalho, residiu em Macau, durante quarenta anos, de 1959 a 1999. Aí, como magistrado, desempenhou diversas funções, foi Procurador da República, Procurador-Geral Adjunto em Macau, Presidente do Tribunal de Contas e juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Em 1999, com a entrega de Macau à República Popular da China, aposentou-se e regressou à terra natal. Em 1998 recebeu a medalha de ouro do Governo de Macau.

Chegamos a Macau com meses de diferença: ele, em 1976, como Procurador da República, e eu, em janeiro de 1977. Quando o conheci, a sua faceta de romancista não havia despontado e, episodicamente, cruzamo-nos no Clube Militar, onde ia esporadicamente.

Dora Gago foi professora da Universidade de Macau de 2012 a 2022 e, antes deste livro, publicou uma extensa obra sobre Macau e Leal de Carvalho. Anabela Freitas, a outra coautora, deu-nos a conhecer a obra deste autor precisamente no 15.º colóquio que realizamos em Macau, e acabei por ler a maioria dos livros de Leal de Carvalho. Pelo tempo que viveu no Extremo Oriente, pode-se dizer que o seu orientalismo se compara ao de outros autores, como o de Venceslau de Moraes. Rodrigo Carvalho é um autor da diáspora que vagueou pelo mundo, experimentou a condição de deslocado — aliás, temática transversal às suas obras — e sentiu, um porto de abrigo: “Macau encantou-me. Foi um amor à primeira vista e que ainda perdura ao fim de trinta e cinco anos...” (A IV Cruzada, p. 23).

A sua primeira obra, “Réquiem por Irina Ostrakoff”, foi publicada em janeiro de 1993, pela editora Livros do Oriente. Teve tradução para o chinês, por iniciativa do Instituto Português do Oriente, que lhe atribuiu também o prémio Camilo Pessanha de 1992, e foi publicado em uma segunda edição. Em 1994, publica “Os construtores do Império”, ambientado em Macau, Moçambique e Portugal, após a Segunda Guerra Mundial. Em 1996, a “IV Cruzada” centra-se na história de dois refugiados chineses e nas redes locais de crime organizado. A obra mais extensa é “Ao Serviço de sua Majestade”, de 1996. Começa em Macau e termina nas Bermudas, passando pela Grã-Bretanha, pela África e pelos Estados Unidos. E “O Senhor Conde e as Suas Três Mulheres” datado de 1999. Há títulos mais recentes, após a saída de Macau, “A Mãe” (2000), “O Romance de Yolanda” (2005) e, por último, “As Rosas Brancas de Surrey” (2007).

O escritor evidencia a sua capacidade narrativa e o vigor criativo, num discurso caracterizado por grande frescura e perpassado por fina ironia. O autor, recentemente falecido, foca precisamente na múltipla condição dos exilados, refugiados e deslocados que habita as suas obras e cujo porto último de abrigo acaba por ser Macau. A condição da mulher macaense foi outro dos temas centrais do autor. A vida em Macau era um cadinho de povos, culturas, miscigenação num Oriente exótico, sedutor, mas problemático. Resumia-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era composto por macaenses, sem identidade definida.

Leal de Carvalho escreve:

«A cidade no passado abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e portugueses perseguidos pelos credores, mulheres ciumentas, ideias políticas, espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura da guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares, ou inútil fuga aos demónios de cada um» (in Leal de Carvalho, Réquiem para Irina Ostrakoff p. 5).

Fala do convívio interracial com reflexos na moral e nos valores da comunidade:

«A moral social local, da comunidade macaense e mais da chinesa, consentia a liberal sofisticação de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região... fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai. Alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos... a milenária cultura chinesa, mais sábia, realista, admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero Império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até “bichas,” solução cómoda e prática» (in Leal de Carvalho Os construtores do Império, p. 137).

Havia um círculo exterior menor, dos portugueses, por séculos, exclusivamente constituído pelos que iam e vinham com cada governo, a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado da tropa ou da polícia que ficara, constituindo família, deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais. Havia estrangeiros que se deixaram encantar, aprendendo as línguas e os costumes locais e integrando-se à família lusófona, como é amplamente descrito na obra do citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho.

Por último, um enorme círculo exterior, com motor próprio na economia; os chineses, dependentes de Pequim, aonde viajavam frequentemente, de modo a receber instruções e contar os desvarios do português encarregue nominalmente de governar. Decidiam como, porquê, onde e quando. Davam a entender ao governo a sua insatisfação quando exorbitava ou quando a administração portuguesa apresentava uma “ideia brilhante” sem consultar os governantes. Sempre mandaram; eram eles quem determinavam como se comportariam os súbditos, que representavam mais de 96% da população.

O autor, em algumas instâncias, parafraseia ideias minhas nunca expressas nem escritas, tais como a atração pela mulher oriental que sobreleva todo e qualquer interesse; aliada à vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa e sensual, o que, no prazer hedonista, sempre me conquistou. Cito Leal de Carvalho:

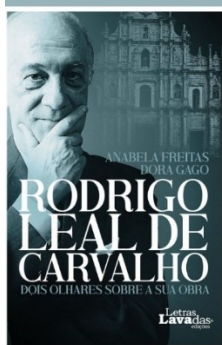
«A interpenetração dos valores culturais, a influência no meio macaísta dos usos e costumes que instituíra na Colónia o concubinato com o reconhecimento social e legal... O temperamento fácil das gentes, as noites quentes e sensuais dos Trópicos adoçaram a rigidez de fachada vitoriana e marialva, da moral sexual de importação lusíada, e conferiram à sociedade macaísta uma tolerância e sofisticação, e a admissibilidade de pequenas infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios» (in O Senhor Conde, p. 214).

«Devia a mulher ser sempre nova, esguia, bem torneada, na cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (O Senhor Conde, p. 52).

“Outros sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres... dançavam bem, estavam perfumadas, tinham peles perfeitas, corpos esculturais, feições enigmáticas, escondendo, sabe-se lá, que emoções ou sentimentos” (O Senhor Conde, p. 53).

“É ressaltada a beleza serena e enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele, uma complexão de pétala de rosa” (in Ao Serviço de Sua Majestade, p. 602).

“A resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular” (Ao Serviço de Sua Majestade: 323). Fizeram-se muitos casamentos com reinóis, dos quais provieram os macaenses. As macaenses acabaram por assumir um lugar



de destaque na sociedade.

Tudo isto para vos dizer que evitei falar sobre a abordagem que as autoras adotaram nesta compilação, mas tive meramente o intuito de despertar o vosso interesse não só por esta obra, mas também pelos vários livros de Rodrigo Leal de Carvalho, que merecem leitura atenta e permitem compreender melhor o cadinho de culturas que é Macau.

25 maio



Antes de explicar o que é o feriado da pombinha, acabo de ver isto. Não era por isso que a Nini sempre me pedia para deixar a barba crescer, outra vez??? até assusta pensar nisto quando sair à rua: afastem-se, infieis, e que alá vos proteja, nem olhem para mim, nem tenham pensamentos, nenhum. Façam de conta que sou um fantasma e que não existo.

Numa nota macabra sobre a minha pátria australiana. A Austrália analisou todos os animais perigosos que possa imaginar e pensou:

«E se as PLANTAS também se juntassem à festa?» A planta Gympie-Gympie — conhecida como «planta do suicídio» ou «arbusto da dor» — parece completamente inofensiva à primeira vista. É apenas um arbusto frondoso comum no meio da floresta tropical. Contudo está toda coberta de pelos microscópicos de sílica que injetam uma neurotoxina incrivelmente poderosa na pele no momento em que a tocamos. E as descrições da dor são absolutamente alucinantes. As pessoas comparam-na a: - levar um choque elétrico; - ser queimado com ácido, - ou ter agulhas a ferver enfiadas debaixo da pele simultaneamente.

A pior parte? A dor pode, alegadamente, durar MESES ou até ANOS, porque os minúsculos pelos semelhantes a vidro ficam incrustados sob a pele. Algumas pessoas dizem que os banhos quentes podem reativar a dor anos depois. Existem também histórias antigas de soldados e trabalhadores florestais que relatam que a dor se tornou tão insuportável que as pessoas perderam completamente a razão. Sinceramente, só a Austrália poderia criar uma planta que parecesse menos natural e mais uma arma biológica de um videojogo.



Continuam a noticiar o caos nos aeroportos portugueses devido ao controlo biométrico. Companhias aéreas, hotelaria e agências de viagens alertam para o desvio de turistas para outros países e avisam que verão será caótico nos aeroportos devido aos elevados tempos de espera nas fronteiras. Não sei por que razão, mas a minha intuição aponta para uma manobra de manipulação, seja para um novo aeroporto ou para outro motivo. O que se passa não é normal e foi só em Portugal, nos outros países nada disto se passou com a leitura biométrica. Turismo e aviação exigem suspensão do sistema europeu de fronteira. É a “tempestade perfeita”, “uma dor de cabeça”, “um caos”, “uma vergonha” e “uma incompetência”. As longas filas de espera que se têm repetido quase diariamente devido aos constrangimentos na implementação do Entry / Exit System (EES) impactam negativamente a imagem de Portugal.

“É preciso haver pressão em Bruxelas para que o sistema seja suspenso”, refere a vice-presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), Cristina Siza Vieira. “Algo não corre bem na implementação do sistema e na recolha de dados. Isto leva a situações complicadas que deveriam ser objeto de atuação mais célere e eficiente. O presidente da Associação Nacional de Agências de Viagens (ANAV) defende que “a suspensão é a mais eficiente”, embora admita que a falta de agentes constitui um entrave. O EES entrou em funcionamento em Portugal e no espaço Schengen em outubro de 2025, faseadamente, substituindo os carimbos nos passaportes por registos eletrónicos baseados na recolha de dados biométricos, incluindo fotografia e impressões digitais.

O sistema — que em território nacional é coordenado pelo Sistema de Segurança Interna (SSI), em articulação com a Polícia de Segurança Pública (PSP), a Guarda Nacional Republicana (GNR), a ANA Aeroportos, a Autoridade Nacional de Aviação Civil (ANAC) e as administrações portuárias — aplica-se a todos os cidadãos não pertencentes à União Europeia (UE) que entrem no território para estadias de curta duração, até 90 dias num período de 180 dias, independentemente de necessitarem de visto. A Comissão Europeia (CE) já veio demarcar-se de responsabilidades relativamente às filas em Portugal. “Os atrasos podem ter várias causas e, muitas vezes, não estão relacionados com o funcionamento do EES; é também esse o caso aqui”, esclareceu à agência Lusa. “Na maioria dos Estados-membros, o processamento dos registos de primeira vez demora, em média, pouco mais de um minuto”, o que é rejeitado pela RENA.

Claro que se não quer viajar de avião pode sempre ter alternativas (TVDE, Transporte Individual e Remunerado de Passageiros em Veículos Descaracterizados de Plataforma Eletrónica) nem sempre disponíveis em todos os países como a imagem mostra.



Tudo mais calmo aqui, como já se tornou habitual, na Rua da Igreja. Deve ser em virtude do feriado religioso e só os vaqueiros continuam de serviço. Os outros devem ter ido à cidade ou a um bodo qualquer (há um aqui no Outeiro). Nos feriados oficiais (não-religiosos) nunca se nota diferença, mas nos religiosos fecham as lojas (minimercados) e as gentes somem-se. Mas, ao contrário de muitos concelhos, continuamos a ter recolha de lixo nos dias feriados; sempre tivemos, nestes 21 anos em que cá estamos, o que, mesmo sem saber as condições de trabalho e de compensação, creio ser um exemplo a seguir.

Para os que estão sempre a dizer que sou obcecado por Teorias de Conspiração, continuo a dizer que leio muito, especialmente sobre temas alternativos (a TV e os noticiários estão nas mãos das elites dominantes: das farmacêuticas, dos bancos e do petróleo). As novas vacinas contra a Covid vinham com nanotecnologia capazes de nos controlar à distância. Ora vejamos:

Esta patente descreve uma tecnologia biomédica experimental concebida para controlar à distância a atividade de células específicas no interior do corpo, utilizando campos eletromagnéticos (radiofrequência ou campos magnéticos) e nanotecnologia. Em termos simples, trata-se dum método de estimulação celular sem fios. Como funciona? O sistema combina três elementos-chave:

Um interruptor celular: São utilizados canais proteicos presentes nas células que reagem naturalmente ao calor, como o TRPV1.

Uma antena minúscula (ferritina): a ferritina é uma proteína que armazena ferro de forma natural no corpo. Neste sistema, atua como uma «nanoantena» magnética que se acopla artificialmente aos canais TRPV1 dos receptores celulares.

O ativador remoto (Radiofrequência / Campos magnéticos): A partir do exterior do corpo, aplicam-se pulsos de radiofrequência ou campos magnéticos. Ao atravessarem o corpo, estas ondas interagem com a ferritina, fazendo com que esta aqueça ligeiramente ou se mova. Essa mudança física subtil ativa o interruptor celular (abre o canal).

COMO É QUE NOS VENDEM ISSO? JUSTIFICAM-NO COMO SEMPRE, PELA NOSSA SEGURANÇA, PELO NOSSO BEM

De acordo com o documento e os registos técnicos, a tecnologia centra-se na investigação médica e em possíveis terapias futuras:

Modular a atividade celular sem fios nem cirurgia: Permite ativar ou desativar grupos específicos de células (por exemplo, neurónios ou células beta do pâncreas) a partir do exterior do corpo, sem necessidade de implantar fios ou elétrodos invasivos.

Regulação da expressão genética: Pode ser utilizada para «ordenar» às células que ativem ou desativem genes específicos.

Libertação de proteínas e hormonas: permite estimular as células a libertar substâncias terapêuticas quando necessário. Por exemplo, em ambientes de investigação, este mecanismo estimula a produção de insulina no tratamento da diabetes.

Ferramenta de investigação em neurociência: É uma alternativa técnica à opto genética (que usa luz para controlar neurónios, mas requer cabos de fibra ótica no cérebro). Esta técnica permite estudar como funcionam os circuitos cerebrais e outros órgãos.

Em resumo, trata-se de uma patente de ferramentas e métodos de bioengenharia. Permite investigar e desenvolver tratamentos médicos em que seja necessário «ativar» ou «desativar» remotamente funções celulares específicas, utilizando campos eletromagnéticos e nanopartículas biológicas à base de ferro.

PATENTE dos Estados Unidos — Friedman et al. N.º da Patente: US 10 786 570 B2 Data da Patente: 29 de setembro de 2020. Título: COMPOSIÇÕES DE NANOPARTÍCULAS DE FERRITINA E MÉTODOS PARA MODULAR A ATIVIDADE CELULAR. Requerente: The Rockefeller University, Nova Iorque, NY (US) Inventores: Jeffrey Friedman, Nova Iorque, NY (US), Sarah Stanley, Nova Iorque, NY (US) The Rockefeller University, Nova Iorque, NY (US). Resumo: «A presente invenção fornece métodos e composições para o controlo remoto da função celular, baseados no uso de ondas de radiofrequência para excitar nanopartículas direcionadas a tipos específicos de células; descreve um sistema experimental que utiliza nanopartículas de ferritina, canais celulares sensíveis à temperatura (como o TRPV1), radiofrequência e campos magnéticos para modular a atividade celular em investigações biomédicas. Aborda a regulação da expressão genética, a libertação de proteínas e as possíveis aplicações médicas experimentais.

A D^{ra}. Naomi Wolf lança um aviso contundente: «As vacinas contra a COVID não teriam afetado apenas o corpo; teriam alterado a mente coletiva. Estamos perante uma forma de hipnose em massa: milhões de pessoas deixaram de raciocinar, questionar e reagir.» E o mais grave não é o que foi injetado. O mais grave é o que se seguiu. Uma sociedade inteira incapaz de fazer perguntas, de reconhecer contradições, de olhar para trás e dizer: “O que é que nos fizeram?” Dois terços da humanidade — segundo o seu relatório — já não pensam com clareza. Não investigam. São tantos. Não confrontam. Apenas aceitam. Apenas repetem. Apenas obedecem. E quando a população perde a capacidade de raciocinar, já não é necessário prendê-la. Basta acompanhá-la para a controlar. <https://www.facebook.com/reel/1534046401418744>

660. o feriado do 28 de maio, 28.5.2026 (28 de maio dia triste na História de Portugal)

Não se compreende que não seja feriado nem dia de luto nacional; afinal, faz 100 anos que ocorreu a Revolução de Maio.

Já passaram mais de 50 anos desde a morte do GRANDE LÍDER, esse grande estadista, probo, honesto, frugal, que tirou Portugal das garras da guerra civil e da miséria, endireitando as contas do Estado e deixando, na sua morte, um balúrdio de barras de ouro para o desenvolvimento futuro do país. Um homem bom e tímido, incapaz de se declarar a todas as mulheres por quem nutria afeto, mas rígido, exigente e seguro com os subalternos, nem todos com a mesma visão e o mesmo amor pela Pátria que ele, que, toda a vida, se sacrificou e pagou contas do seu bolso por achar que não eram um encargo do Estado. Um homem que não deixou o povo emigrar para as colónias para que não sofressem lá, preferindo que emigrassem para o Brasil e para outros países onde enriqueceriam mais depressa.

Um homem que teve de sacrificar os jovens do país para que defendessem as colónias contra os terroristas norte-americanos e russos, que cobiçavam as riquezas ultramarinas. Um grande líder que livrou Portugal da Segunda Guerra Mundial exceto em Timor onde australianos, holandeses e japoneses invadiram o território contra a sua vontade e causaram milhares de vítimas.

A polícia secreta sempre protegeu os portugueses dos comunistas e extremistas que queriam o mal de Portugal, esse país em que quanto mais ignorantes mais felizes e em que beber vinho alimentava um milhão de portugueses, país idílico retratado de um qualquer romance oitocentista sem correspondência na vida real. A sua política de protecionismo, de natureza fiscal, tarifária e alfandegária, protegeu Portugal e as colónias, equilibrando as finanças públicas e o défice externo, enquanto se proclamava “orgulhosamente só” após a guerra.

Infelizmente, e apesar de ter sido presidente do Conselho de Ministros durante 36 dos seus 81 anos de vida, morreu enganado, sem saber que, há dois anos, não governava e fora substituído pelo seu delfim, Marcello Caetano. Américo Tomás diria: “A morte levou-nos um homem que foi o maior português do seu século e um dos maiores de sempre.” O funeral foi impressionante, com cortejo até à Assembleia Nacional (hoje, Assembleia da República), com a banda da GNR a tocar a Marcha Fúnebre de Chopin; seguindo, depois, para o Mosteiro dos Jerónimos, onde estaria em câmara ardente, quando o féretro seguiu num comboio especial para Santa Comba Dão; a viagem demoraria cinco horas, após o que seria sepultado numa campa rasa no cemitério do Vimieiro.

Ao contrário da bomba anarquista que explodiu antes da chegada do automóvel em 1937, das tentativas de golpe militar, uma cadeira seria o trágico fim do ditador. Ou, como José Cardoso Pires escreveu na fábula satírica Dinossauro Excelentíssimo, publicado durante a ditadura e que era um retrato da vida de Salazar (“Dinossauro Um”): “Caiu e estava velho; era um gigante muito antigo, de fibras mais que secas, a estalar.”

uma foto bem triste de 1953: de um lado, os “meninos” bem “penteadinhos”, de “soquettes brancas” do Prof. Franco e da Dona Julieta (escola primária, São José, Coimbra), do outro, “outros meninos, de pé descalço” e bem distanciados...



Sobre cada criança deveríamos pôr um cartaz dizendo: “Cuidado, contém sonhos”.

E deixou um país cheio de barras de ouro, racistas disfarçados, esbirros da inquisição e da delação, país de invejosos convencidos de que o país era pequeno só porque pequenas eram as suas mentes e as visões do Grande Líder, uma ficção na qual a maioria acreditava. Mas, pelos vistos, ninguém nas ruas celebra a morte que iria libertar o país para pertencer à Europa e ao mundo, e errar, mas em democracia, que ainda é o menos mau dos sistemas. Por muito mal que o país esteja desde 1974, não consigo, ao contrário de alguns, imaginar-me a viver nesses tempos e, apesar das ameaças, o novo estado vigilante Big Brother ainda não se pode comparar à PIDE.

Ainda ontem, 27 maio 2026, na RTP, vi esses dois enormes estadistas incompreendidos, Passos Coelho e André (Des)Ventura, e estava mesmo à espera de que fizessem a declaração que muitos portugueses esperam: “**Vamos voltar a ter o 28 de maio como feriado nacional**!”. Ninguém melhor do que Passos Coelho, o homem que queria tirar todos os feriados aos portugueses.

Da Wiki retira-se: “O 28 de maio de 1926 refere-se ao golpe de Estado militar que pôs termo à Primeira República e instaurou a Ditadura Militar. Liderado pelo general Gomes da Costa, o movimento começou em Braga e rapidamente se espalhou pelo país, resultando na queda do regime republicano e no início de um período ditatorial que evoluiu para o Estado Novo e durou até à Revolução dos Cravos em 1974. O golpe de Estado, Revolução ou Movimento de 28 de maio de 1926, também conhecido pelos seus executores por Revolução Nacional, foi um golpe de Estado protagonizado por militares e civis antiliberais que resultou na queda da Primeira República Portuguesa e na instauração da Segunda República Portuguesa, e por fim transformada, após a aprovação da Constituição de 1933, em Estado Novo, regime que se manteve no poder em Portugal até

à Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974. A revolução começou em Braga, sob o comando do general Gomes da Costa, e foi seguida por outras cidades, Porto, Lisboa, Évora, Coimbra e Santarém. Consumado o triunfo do movimento, a 6 de junho de 1926, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, Gomes da Costa desfilou à frente de 13 mil homens, sendo aclamado pelo povo da capital. Implantada a 5 de outubro de 1910, a Primeira República Portuguesa cedo deu sinais de instabilidade e de progressiva degradação das suas instituições.

Para além das aventuras sidonistas, eram constantes os rumores e as ameaças de golpe de Estado. Nos primeiros anos da década de 1920, terminada a Grande Guerra, a instabilidade cresceu: para além dos governos se sucederem a um ritmo alucinante (foram 23 os ministérios entre 1920 e 1926), os atentados bombistas e a forte atividade anarcossindicalista criavam no país um clima pré-insurreccional que fazia adivinhar um fim próximo para o regime. O princípio desse fim anunciado ocorreu a 19 de outubro de 1921, apenas 11 anos após a implantação da República, quando, na sequência da demissão do governo presidido por Liberato Pinto, o protetor da Guarda Nacional Republicana, então a guarda pretoriana do regime, e a posterior condenação a um ano de detenção, um conjunto de militares ligados àquela força policial, a que se juntaram militares do Exército e da Armada, se sublevaram.

A sublevação desembocou na chamada Noite Sangrenta, no assassinato, por um grupo de marinheiros e arsenalistas sublevados, de algumas das principais figuras da República. O coronel Manuel Maria Coelho era o chefe da sublevação. Acompanhavam-no Camilo de Oliveira e Cortês dos Santos, oficiais da Guarda Nacional Republicana, e o capitão-de-fragata Procópio de Freitas. Sem possibilidade de resistência, o governo presidido por António Granjo apresentou a sua demissão a António José de Almeida, tendo Granjo procurado refúgio em casa de Francisco Cunha Leal, o líder da ala esquerda do republicanismo e próximo da liderança do movimento revolucionário. Descoberto, foi levado ao Arsenal da Marinha, o centro revolucionário, e abatido a tiro. O mesmo aconteceu a diversas outras figuras gradas da política republicana, incluindo o almirante Machado Santos, o comandante José Carlos da Maia e o coronel Botelho de Vasconcelos, todos raptados por uma camioneta fantasma que percorreu Lisboa naquela noite.

A somar aos efeitos políticos e sociais da Noite Sangrenta, ao longo dos anos de 1924 e 1925 a crise agudiza-se, com um crescendo do sentimento de insegurança e da instabilidade política. Os atentados bombistas sucedem-se, com ataques que, por vezes, ocorrem semanalmente. A carestia de vida, que afeta essencialmente o operariado, fortemente mobilizado pelas correntes anarcossindicalistas, provoca manifestações, como a de 22 de fevereiro de 1924, que frequentemente descambam em violência e confrontos, como os ocorridos nos Olivais, em Lisboa, a 28 de maio daquele ano. Entre os militares, há um aumento de sublevações e de indisciplina.

Um exemplo bem exemplificativo deste ambiente é a revolta da aviação: os militares aviadores aquartelados na Amadora sublevam-se na noite de 3 para 4 de junho de 1924, depois da demissão do respetivo comandante. São cercados por tropas de Queluz, mas só no dia 7 aceitam render-se, graças à acção do general Bernardo Faria que entra no campo, desarmado e acompanhado por oficiais de várias unidades militares.

Logo a 14 de julho registam-se confrontos entre militares, envolvendo o Exército e a Guarda Nacional Republicana, a que não estão alheias movimentações anarcossindicalistas e de tendência fascista, anunciando o jornal *A Época*, a 13 de agosto de 1924, nova tentativa golpista, desta vez um assalto ao forte da Ameixoeira que teria sido preparada por um comité integrado por João Lopes da Silva Martins Júnior, que desejava como chefe Gomes da Costa. Insinuava-se, então, que o golpe visava pôr o Partido Radical no poder e que o futuro ministro do Trabalho seria José Carlos Rates, secretário-geral do Partido Comunista Português.

A 28 de agosto de 1924 é abortada nova sublevação, desta feita no castelo de São Jorge, onde são presos oito comunistas e um radical. Os tumultos prosseguem em algumas zonas urbanas onde existia operariado, com a aparição constante de novas organizações e de uma violência crescente.

Considerado o primeiro ensaio do 28 de maio de 1926, depois de boatos de uma tentativa de revolta monárquica a 5 de março, no dia 18 de abril de 1925 dá-se nova revolta militar, de grande magnitude e que envolve, pela primeira vez desde 1870, oficiais gerais no ativo.

A revolta, que teve o apoio da Cruzada Nun'Álvares, era de carácter nacionalista e apresentava claras semelhanças com o golpe de Primo de Rivera em Espanha. Envolveu pelo menos 61 oficiais, tendo, entre os líderes militares Sinel de Cordes, Gomes da Costa, Raul Augusto Esteves e Alfredo Augusto Freire de Andrade, e, entre os conspiradores civis, Antero de Figueiredo, Carlos Malheiro Dias, José Adriano Pequito Rebelo e Martinho Nobre de Melo.

Segundo um plano operacional que já se podia considerar clássico, pelas 17 horas do dia 18 de abril, os revoltosos ocupam a Rotunda, com o batalhão de metralhadoras, o batalhão de sapadores de caminhos-de-ferro e a artilharia de Queluz.

No dia seguinte, Sinel de Cordes vai ao Quartel do Carmo tentar a conciliação. Entretanto, os jornais *O Século* e o *Diário de Notícias* são suspensos e Cunha Leal, que não teria nenhuma ligação com o episódio, é preso. Para o jugular do golpe teve especial destaque a ação do Ministro da Marinha, o almirante Pereira da Silva. Dominado o golpe e, pelo menos momentaneamente, restaurada a legitimidade democrática, a 21 de abril é exonerado o Ministro da Guerra Ernesto Maria Viciara da Rocha, que defendera que se parlamentasse com os revoltosos.

A partir deste momento, a situação precipita-se e, logo, a 19 de julho, dá-se nova revolta, desta vez tendo à frente o comandante José Mendes Cabeçadas e Jaime Baptista. É decretado o estado de sítio, mas Jaime Baptista, que estava detido no Forte de São Julião da Barra, consegue evadir-se e assalta o Forte do Bom Sucesso, enquanto Mendes Cabeçadas revoltava o cruzador Vasco da Gama. A muito custo a revolta é dominada por forças fiéis ao governo, comandadas por Agatão Lança, resultando um único ferido em combate (o capitão Armando Pinto Correia), sendo os implicados presos e julgados, mas rapidamente libertados e reintegrados, tal era a falta de autoridade das instituições da República. Ainda decorriam as investigações e os julgamentos das tentativas anteriores, e já surgiam novas ondas de boatos e de movimentações. Era claro que Gomes da Costa e Mendes Cabeçadas não desistiam e que um golpe vencedor estava prestes a ocorrer. Com a generalidade dos militares e a maioria da classe política inconformados com a situação política de descrédito e ruína nacional, conspirava-se febrilmente, com Gomes da Costa aliciando altas patentes para o que considerava a necessária arrancada patriótica que restaurasse o orgulho nacional.

Quando António Maria da Silva, a 18 de dezembro de 1925, toma posse como Presidente do Conselho do 23.º governo desde 1920, era claro que a Primeira República vivia os seus últimos dias, já que todos os setores de opinião, incluindo os velhos republicanos, bem como os democratas e socialistas, aspiravam à estabilidade e à segurança. Esse sentimento era agudizado pelo reconhecimento de que, em toda a Europa, as forças pró-ordem pública cresciam e, na vizinha Espanha, a ditadura de Primo de Rivera, depois da criação do Diretório Civil, parecia ter êxito crescente, servindo de exemplo para a ansiada regeneração nacional.

As tentativas de golpe militar sucedem-se e, a 1 de fevereiro de 1926, em Almada, surge uma nova tentativa, encabeçada por Martins Júnior e pelo antigo Ministro da Instrução Pública, Manuel de Lacerda de Almeida. Os convites a Gomes da Costa para encabeçar a regeneração nacional já vinham do ano anterior e adivinha-se a sua presença crescente nas movimentações. Crescia o desejo de que fosse, finalmente, o chefe ansiado. O golpe de Estado de 28 de maio de 1926 iniciou-se como mais um levantamento, entre os muitos que já tinham surgido na Primeira República Portuguesa, coincidindo com um momento crítico para o governo presidido por António Maria da Silva.

Embaraçado pela crónica má gestão do monopólio dos tabacos, um problema que já afligia os governos portugueses desde a fase final da monarquia constitucional, o governo decidira, a 25 de maio, deixar de representar-se na Câmara dos Deputados, cortando os últimos laços com a legitimidade parlamentar. Como afirma um observador da política da época: o governo, inegavelmente, saía mal ferido da contenda, porque diminuído no seu prestígio. Mas o parlamento dir-se-ia quisera suicidar-se. No ambiente de frenética intriga política que se vivia, os boatos de golpe corriam há muito tempo, sendo certo que existiam múltiplos convites ao general Gomes da Costa para que dirigisse um golpe, como sempre regenerador, que salvasse a Pátria.

Como, entretanto, em Braga se preparava para o dia 28 de maio um Congresso Mariano, que congregaria na cidade as principais figuras do conservadorismo católico, entre as quais Cunha Leal, quando se soube que Gomes da Costa tinha partido para ali, ficou claro que o golpe estava iminente e que o epicentro seria ali.

Preparando o terreno, Cunha Leal logo no dia 27 organiza em Braga um almoço com apoiantes e discursa no Bom Jesus, criticando severamente o Partido Democrático, que acusa de outrora ter sido obediente à ameaça do chicote de nove rabos do Dr. Afonso Costa, mas que então já nem sequer tinha um chefe e é um instituto tresmalhado.

Quanto ao que restava do campo nacionalista, afirma que nem toda a mole ambição do Sr. Ginestal Machado, nem todas as intrigas do sr. Pedro Pita, nem todo o maquiavelismo do Sr. Tamagnini Barbosa é suscetível de inspirar confiança à nação, sendo um mero organismo parasitário. É neste dia, depois deste discurso inflamado, que chega à cidade, pelas 22:00 horas, o general Gomes da Costa, vindo expressamente para assumir o comando do golpe.

Conforme havia sido acordado, logo no dia seguinte, 28 de maio de 1926, pelas 6:00 da manhã, inicia-se a sublevação militar, com acompanhamento e apoio civil, incluindo o operariado da região, organizando-se uma coluna que marcha sobre Lisboa. Coincidência, ou talvez não, na organização e na forma de mobilização há muitos traços comuns com a marcha sobre Roma, que a 28 de outubro de 1922, pouco mais de três anos antes, levava à institucionalização do fascismo em Itália.

Seguindo o tradicional modelo do golpismo militar português, a partir dum pronunciamento fora da capital, neste caso, em Braga, o movimento repercute-se por todo o país, com inúmeras unidades militares a proclamar, logo nesse dia, e ainda um número maior no dia seguinte, 29 de maio, a adesão ao golpe. Em Lisboa, verdadeiro alvo do movimento, uma Junta de Salvação Pública lança um manifesto que Mendes Cabeçadas se apressa a entregar a Bernardino Machado, o cada vez mais isolado Presidente da República.

Logo a 29 de maio, a guarnição de Lisboa adere em massa ao golpe de Gomes da Costa, já sob a liderança de Mendes Cabeçadas, que, com Armando Humberto da Gama Ochoa, Jaime Baptista e Carlos Vilhena, formam a revolucionária Junta de Salvação Pública. Nesse mesmo dia os sublevados obtêm o apoio de João Maria Ferreira do Amaral, o temido comandante da polícia da capital. Nessa tarde, isolado e sem meios ou vontade de resistência, o governo de António Maria da Silva apresenta a sua demissão a Bernardino Machado.

Consumada a demissão do governo, a 30 de maio Bernardino Machado convida Mendes Cabeçadas a formar governo. Este aceita e assume as funções de presidente do Ministério, acumulando, interinamente, as demais pastas. Igualmente nesse dia, João Maria Ferreira do Amaral é nomeado governador civil de Lisboa, consolidando a tomada efetiva do poder na capital.

Perante a estabilidade conseguida e com o risco de confrontos ultrapassado, Gomes da Costa dá ordem às forças militares golpistas disponíveis para avançarem sobre Lisboa. A fase militar do pronunciamento estava concluída. A vertente civil prosseguiu com igual celeridade: nomeado o governo, a 31 de maio, Mendes Cabeçadas mandou expedir, significativamente, por intermédio da secretaria do Ministério da Guerra, a ordem para encerrar o Congresso da República. Era o fim oficial do parlamentarismo português.

Perante a afronta, isolado e sem meios de resistência, nesse mesmo dia Bernardino Machado resigna, entregando a chefia do Estado a Mendes Cabeçadas. Nesse mesmo dia, numa declaração que retrata bem o espírito que se instalara em Lisboa, o major Ribeiro de Carvalho, apelava na imprensa a que se repetisse o modelo da Regeneração de 1851, com uma política ampla e de generosa conciliação nacional, ao mesmo tempo que salientava que a vitória da revolução é, antes de mais nada, um triunfo da opinião pública. Os revoltosos venceram porque ninguém estava disposto a sacrificar-se por um governo que não traduzia os votos da nação.

Aparentando não ter um projeto claro de tomada do poder, o general Gomes da Costa, ainda em Coimbra, na marcha sobre Lisboa, anuncia, a 1 de junho, a formação dum triunvirato por si presidido, incluindo Mendes Cabeçadas e Armando Humberto da Gama Ochoa.

Contudo, numa primeira cisão, Gama Ochoa retira-se, recusando a solução. Entretanto, de um golpe militar vulgar, o movimento iniciado a 28 de maio tinha-se transformado numa vastíssima coligação mestiça de republicanos conservadores, monárquicos e nacionalistas revolucionários, com um núcleo de jovens oficiais, apoiado e aceite por todos os setores e a esmagadora maioria dos portugueses. A 3 de junho, as tropas de Gomes da Costa chegam a Sacavém de comboio e entram em Lisboa sem sabotagens nem resistência.

Gomes da Costa prefere aguardar a formação de um governo estável e a preparação da marcha triunfal antes de entrar em Lisboa e dirige-se à Amadora, onde permanece com o seu estado-maior. Nesse mesmo dia, 3 de junho, em Lisboa, Mendes Cabeçadas organiza o novo governo, entregando a Gomes da Costa as pastas da Guerra e, interinamente, da Marinha e das Colónias.

Para as Finanças, escolhe António de Oliveira Salazar; para a Instrução Pública, Joaquim Mendes dos Remédios; para a Agricultura, Ezequiel Pereira de Campos; e para a Justiça, Manuel Rodrigues Júnior. Três dos ministros escolhidos (Mendes dos Remédios, Manuel Rodrigues e Oliveira Salazar) são professores da Universidade de Coimbra, tendo, por isso, ficado jocosamente conhecidos como a Tuna de Coimbra.

Mas a incerteza é grande, e está cada vez mais clara a ideia de que a solução bicéfala Gomes da Costa-Mendes Cabeçadas é insustentável. Daí que os ministros da Tuna de Coimbra decidam, a 4 de junho, fazer uma primeira paragem na Amadora, onde permanece Gomes da Costa, para conhecerem a real intenção do novo poder. Desse encontro resulta que Mendes dos Remédios e Manuel Rodrigues prosseguem para Lisboa e tomam posse, mas Oliveira Salazar, mais tímido, volta para Coimbra no dia seguinte.

Preparado o cenário, a 7 de junho, o general Gomes da Costa toma posse das pastas para as quais fora nomeado e comanda um impressionante desfile militar de vitória ao longo da Avenida da Liberdade. Desfilam 15 000 homens perante o aplauso de centenas de milhares de pessoas. Está terminada a marcha sobre Lisboa e o novo poder está completo nas suas vertentes militar e civil. As consequências da estrutura bicéfala do poder e da abrangência excessiva da coligação mestiça impediam a definição de uma agenda comum.

O governo presidido por Mendes Cabeçadas, que era simultaneamente o chefe de Estado, não era compatível com a liderança real, ou pelo menos esperada, do general Gomes da Costa, o herói do 28 de maio e o comandante da Parada da Vitória, que tinha percorrido a Avenida da República a 7 de junho. Daí que as tensões e as lutas fraticidas entre os novos senhores não se fizessem esperar.

Desde logo, Mendes Cabeçadas, revolucionário de linha moderada, julgava ser possível constituir um governo que não pusesse em causa o regime constitucional, mas livrasse Portugal da nefasta influência do Partido Democrático. No entanto, os demais líderes do movimento, entre os quais Gomes da Costa e Óscar Carmona, julgavam-no incapaz de liderar a desejada regeneração e, no fundo, o último vestígio do regime constitucional da Primeira República.

Foi assim que, após uma reunião dos revoltosos no quartel-general em Sacavém, a 17 de junho de 1926, o comandante Mendes Cabeçadas foi forçado a renunciar às funções de Presidente da República e de Presidente dos Ministérios a favor do general Gomes da Costa. Era um golpe palaciano que punha termo à bicefalia do regime e dava um passo à direita conservadora, afastando-o ainda mais da herança parlamentar do regime anterior. Mendes Cabeçadas parte para o exílio.

Nesse dia, 17 de junho, Gomes da Costa toma posse como Chefe de Estado e como Presidente do Ministério, assumindo interinamente todas as pastas. Esta solução leva a que, logo a 19 de junho, seja formado um novo Ministério, presidido por Gomes da Costa, tendo como ministros no Interior, António Claro; nas Finanças, Filomeno da Câmara de Melo Cabral; na Marinha e Colónias, Gama Ochoa; na Instrução Pública, Artur Ricardo Jorge; na Justiça, Manuel Rodrigues Júnior; e nos Negócios Estrangeiros, António Óscar de Fragoso Carmona.

Apesar da constituição de um novo governo e do afastamento de Mendes Cabeçadas, a instabilidade cresce e, logo a 6 de julho, dá-se uma remodelação do gabinete, com Gomes da Costa a assumir a pasta do Interior, Martinho Nobre de Melo a dos Negócios Estrangeiros e, por apenas algumas horas, João de Almeida na Marinha e Colónias.

A remodelação falha e cria-se um cúmulo de nomeações e demissões que, algumas horas mais tarde, leva à nova recomposição, com a substituição de António Claro, Óscar Carmona e Gama Ochoa, logo substituídos por Gomes da Costa, Martinho Nobre de Melo e João de Almeida. Esta trapalhada governativa leva a que os ministros não atingidos pela recomposição, à exceção de Filomeno da Câmara, se declarem solidários com os restantes e o governo efetivamente colapsa. As forças mais conservadoras, agora lideradas por Óscar Carmona, assumem a liderança e, a 8 de julho, o general Gomes da Costa é feito prisioneiro no Palácio de Belém, sendo posteriormente transferido para Caxias e Cascais, onde aguarda, sob prisão, a sua deportação para Angra, nos Açores. A revolução acabava de destruir o seu principal obreiro e criador.

A 9 de julho é a vez de António Óscar Fragoso Carmona formar governo, no qual acumula a Presidência do Conselho com a pasta da Guerra. Pouco mais de um mês depois da revolta, o 28 de maio encontra finalmente uma linha de força no grupo conservador e nacionalista liderado por Óscar Carmona. A coligação mestiça entra num processo de rápida perda de abrangência e começam a predominar os que sonham em imitar a experiência de Primo de Rivera e o fascismo mussoliniano.

Apesar disso, tudo ainda era possível: desde um regresso mais ou menos musculado à ordem republicana até à própria instauração de um novo regime, já que o regime ainda se resumia a uma ditadura militar periclitante, à mercê de todas as conspirações e de todos os golpes. A primeira intentona dá-se a 11 de julho, a partir de Chaves, com a sublevação do capitão Alfredo Chaves, que foi prontamente julgada.

No mesmo dia, Gomes da Costa parte para o exílio em Angra do Heroísmo. Fechava-se o ciclo e, a partir daí, o regime caminharia inevitavelmente para a direita, para a censura e para a progressiva supressão das liberdades cívicas que ainda sobreviviam. Os democratas e a esquerda radical ficavam reduzidos ao revirinho e permaneceriam assim até 1974.

Ficou conhecido como Revirinho, o conjunto de movimentos resultantes, direta e indiretamente, da ação política desenvolvida pela oposição republicana, democrática e liberal, entre 1926 e 1940. Neste período, mas mais fortemente entre 1926 e 1931, enquanto o ímpeto insurrecional da década anterior não se esbatia e a ditadura não ganhava raízes, o Revirinhismo constituía-se como a mais importante frente de combate à Ditadura Nacional e, após 1933, ao Estado Novo. Após 1931, o revirinhismo foi perdendo força, até desaparecer a partir de 1940, em parte devido à consolidação do Estado Novo e em parte ao ambiente social e político criado pela Guerra Civil de Espanha e pelo advento da Segunda Guerra Mundial, que desaconselhava aventuras insurrecionais.

Outro forte contributo para o termo do revirinhismo resultou do repatriamento, em 1939 e 1940, dos principais líderes revirinhistas, em particular dos que se haviam fixado em Paris e que agora eram obrigados a capitular e regressar a Portugal face ao alastrar da guerra na Europa.

Com o fim do revirinhismo entrou-se num longo período de estabilidade político-institucional que apenas seria quebrado pelos acontecimentos que levaram ao 25 de abril de 1974. Consolidada a vitória do golpe, as forças vitoriosas, comandadas pelo general Gomes da Costa, montado no seu cavalo, desfilam a 6 de junho de 1926 pela Avenida da Liberdade, em Lisboa. Recebem então o aplauso da esmagadora maioria dos lisboetas, cansados da instabilidade e traumatizados pelos constantes golpes e contragolpes e pelos atentados terroristas que, ao longo de toda a década, se sucederam a um ritmo alucinante.

Era, mais uma vez, a recorrente regeneração nacional que se perfilhava no horizonte, como luz ao fim do túnel onde a desacreditada Primeira República Portuguesa desembocara. Em consonância com os tempos que se viviam na Europa, o novo poder assumiu-se como antiparlamentar, atribuindo as culpas pelo caos instalado no país à política partidária e ao jogo do parlamentarismo. Assim, assume-se como uma ditadura militar que, em pouco tempo, em desafio claro ao parlamentarismo democrático, se autodenomina a Ditadura Nacional, encarnando um regime militar progressivamente mais autoritário. Numa das suas primeiras medidas, o general Gomes da Costa dissolveu o parlamento, instituição então muito vilipendiada e acusada de ser a principal causadora da instabilidade política, e suspendeu as liberdades políticas e individuais.

No entanto, a nova ditadura era instável porque o movimento militar não tinha um projeto político definido e não conseguiu resolver os problemas económicos. Para resolver a situação económico-financeira, o novo regime, em 1928, convidou o professor coimbrão António de Oliveira Salazar para assumir as funções de Ministro das Finanças que anunciou um milagre financeiro, com o equilíbrio das finanças públicas e a estabilidade do Escudo, ganhando um domínio progressivo sobre a estrutura política e, depois, militar, do novo regime. Em consequência, foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro-Ministro), em 1932. Com esta nomeação, em linha com o crescente peso do nacionalismo e do fascismo na Europa, o regime foi-se estabilizando e ganhando um pendor mais autoritário e repressivo, como um Estado corporativista. Foi assim que se iniciou, como mais um levantamento no seio da Primeira República Portuguesa, o golpe de 28 de maio de 1926, que veio originar o Estado Novo, um sistema político autoritário, antidemocrático e anticomunista, nacionalista e corporativista, no contexto da lógica formalmente republicana que, no dizer do manifesto da União Nacional de 1930, era concretizada na ideia de uma República Nacional e Corporativa. A transição completou-se com a Constituição de 1933, que institucionalizou o Estado Novo, herdeiro natural da Revolução Nacional, nome pelo qual o golpe de Estado de 28 de maio foi rebatizado, regime que se manteria até à Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974.”

28 maio

A agência de inteligência NSA confirma que o Mythos, agente de IA da Claude, “invadiu quase todos os nossos sistemas classificados, não em semanas, mas em horas”. A informação foi reportada pela revista The Economist, que citou um ex-diretor da NSA. Como já tinha alertado a IA Claude da Anthropic parece estar a fugir ao controlo e a dar a ilusão de que ganha consciência. Este é um perigo real para a humanidade e um aviso claro de que quem brinca com o fogo arrisca se a queimar-se.



SAM ALTMAN: "WE SEE A FUTURE WHERE INTELLIGENCE IS A UTILITY, LIKE ELECTRICITY OR WATER, AND PEOPLE BUY IT FROM US ON A METER."



00:45 · 26/05/2026 · 6.5M Views

2.9K 4.6K 5.1K 2.8K

Sam Altman (CEO de ChatGPT) afirma: “vemos um futuro em que a inteligência é um serviço público, como a eletricidade ou a água, e as pessoas compram-na por meio de um contador de um fornecedor.” “Haverá uma destruição maciça de empregos nas próximas décadas e como vão ocupar o seu tempo sem emprego. E esse é grande desafio da tecnologia”. Peter Thiel tem abordado repetidamente o conceito do Anticristo. Mas não se refere a uma figura com chifres do Apocalipse. Refere-se a um sistema. A um governo mundial único. A uma ordem global que surge sob a promessa de paz e segurança. E que utiliza IA, dados e vigilância para centralizar o poder e o controlo. Thiel é um bilionário do setor tecnológico. Financia a investigação em IA.

Sabe do que a tecnologia é capaz. O seu aviso não vem da Bíblia. Vem da observação. As ferramentas para o controlo total estão a ser desenvolvidas. Pelas mesmas empresas que ajudou a financiar. A paz e a segurança são promessas sedutoras. Quem se oporia ao fim da guerra? Quem rejeitaria a segurança? Mas Thiel argumenta que o preço dessas promessas é a liberdade. A vigilância rastreia cada movimento. A IA prevê cada comportamento. Os dados traçam o perfil de cada indivíduo. O sistema conhece-te melhor do que te conheces a ti. O Anticristo não é uma pessoa mas uma arquitetura. Invisível. Inegável, a ser montada neste preciso momento.

Thiel não está a pedir a ninguém que acredite em profecias. Está a pedir que observem a consolidação do poder e a erosão da privacidade e a ascensão de um sistema que promete paz e oferece controlo. O sistema mundial único está a chegar. Thiel viu o plano e organiza uma reunião. «Mais de 200 membros da elite mundial inscreveram-se num retiro cuja agenda vai de painéis sobre a criação de seitas e o sexo até à preparação para a Terceira Guerra Mundial.» Segundo documentos obtidos pela WIRED, figuras influentes dos setores da política, tecnologia, finanças, serviços secretos e forças armadas devem reunir-se num retiro privado na Irlanda, em agosto. O evento, conhecido como retiro «Dialog», está agendado para 12 a 16 de agosto no Powerscourt Hotel, perto de Dublin. Os registos de inscrição, alegadamente, apontam para 222 participantes, incluindo altos funcionários governamentais, líderes militares, executivos do setor tecnológico, investidores e fundadores de grandes empresas de dados e vigilância. Sim, é assim que as pessoas poderosas se reúnem nos bastidores e discutem assuntos que não partilham publicamente, e isso é para seu benefício, não para os que servem.

Entre os nomes listados encontra-se o general Alexus Grynkewich, Comandante Supremo Aliado da OTAN na Europa e chefe do Comando Europeu dos EUA. A lista de participantes inclui também, alegadamente, membros da administração Trump, senadores dos EUA, investidores proeminentes do Vale do Silício, figuras dos serviços secretos, embaixadores e vários membros da chamada «Máfia do PayPal», a influente rede de empreendedores e investidores que surgiu da liderança inicial do PayPal. Conforme a WIRED, os temas de discussão vão desde a inteligência artificial, a geopolítica e a preparação para um eventual cenário de Terceira Guerra Mundial até sessões sobre a criação de cultos, relações humanas e sexo. Uma aplicação associada inclui, funcionalidades de networking e de encontros para os participantes. Os documentos sugerem uma convergência extraordinária de poder, reunindo líderes de setores como a defesa, a tecnologia de vigilância, os dados de consumidores, a inteligência artificial, as finanças e a regulamentação governamental.

Como referido, eventos como este devem suscitar questões sobre a transparência e as relações estreitas entre os decisores políticos e os setores que supervisionam. A única questão é se alguém irá resistir antes que seja tarde demais. Resistirei enquanto puder, mas somos poucos, muito poucos, pois os outros estão anestesiados ou desligados e querem paz a qualquer preço, ou religião; basta ameaçar com uma invasão extraterrestre que se convertem todos ao pensamento único, como Orwell previu. Há anos que escrevo sobre isto e alerto. Ainda há dias, revia a 2.ª edição do primeiro volume de *CrónicaAçores*, quando vi os alertas que deixei escritos entre 2005 e 2009; de nada serviram: ninguém os leu nem os seguiu. Premonições acertadas eram várias, esta era de 2013:



CRÓNICA 136 - 3 DEZEMBRO 2013, OH! WHAT TO DO?

Dizia-me uma pessoa amiga: vais ver que, quando menos se espera, entra um maluco pelo parlamento adentro com uma AK-47 — das que se vendem em qualquer esquina — desata aos tiros e depois suicida-se ou vai viver à nossa custa o resto da vida... Ingenuamente, inquiri: só uma? Pensei ser metade da população. Mas devem andar todos anestesiados e passivos face ao excesso de flúor na água potável e, se não se precaverem, vai ver-se a extrema-direita a acercar-se do poder com xenofobia, excesso de medidas de segurança, fecho de fronteiras e intolerância. Para isso convém ir criando o caos.³

Em Espanha, multam quem se manifeste e fecharam uma estação de TV com a polícia de choque; além disso, perseguem os cidadãos que criam redes domésticas de energia solar, o que consideram uma grave infração ao monopólio do fornecimento de energia.

Nos EUA, um casal viu a horta que tinha, gloriosamente, há 17 anos, destruída por ser contrária à política municipal. Outros estão proibidos de armazenar água da chuva. Há Estados que vigiam os seus cidadãos por meio de drones telecomandados.

A ficção não acompanha a realidade, e um ministro japonês e a senhora que chefia o FMI clamou várias vezes que os velhos não podem durar tantos anos. Podia dar o exemplo e desaparecer da face da terra... também não é nada nova.

Se fosse no tempo da Ditadura (1926–1933), tudo seria mais fácil e, assim, o Oliveira Salazar governou sem inibições. O regime resultante do golpe de Estado de 28 de maio de 1926 tornou-se uma Ditadura Militar ao suspender a Constituição de 1911. Ditadura Nacional foi a denominação do regime português resultante da eleição, por sufrágio universal, do Presidente da República, marechal Óscar Carmona, em 1928. Durou até 1933, quando foi referendada uma nova Constituição que deu origem ao Estado Novo. Na perspetiva dos militares, porém, uma Ditadura Militar não era um Regime, sendo necessário instituir um novo regime republicano com uma nova Constituição. Na eleição direta do Presidente da República, encontraram a “legitimidade nacional” para elaborar a nova Constituição, submetida a referendo em 1933 — a Constituição do Estado Novo, que perdurou até ao 25 de abril.

A caridadezinha que ora impera em Portugal leva a campanhas do Banco Alimentar que servem para enriquecer os dois grandes grupos económicos dos supermercados Pingo Doce e Continente, mas sabemos, pela denúncia de alguns jornais, que alguns dos beneficiados (na Ribeira Grande, em São Miguel, Açores) deitam ao lixo o que receberam...

De acordo com estatísticas publicadas na Revista “Time”, o que os americanos desperdiçam num dia, em comida, daria para alimentar os pobres do Planeta durante um ano. Enquanto isso, o governo fecha serviços no interior, a delapidar o serviço nacional de saúde, a ver se os velhos morrem todos e reduzem a pressão no pagamento de pensões, mas é uma chatice que eles são durões e não há meio de morrerem. Mesmo sem tratamentos, nem medicamentos, nem hospitais, continuam a respirar... enquanto as penhoras não cessam de crescer, as pessoas perdem casas, vencimentos, contas bancárias e os velhos que ajudavam os mais novos veem-se impossibilitados de manter viva a cadeia solidária das famílias.

Nas televisões e nos jornais, desde há uns anos, a técnica de desinformação e lavagem cerebral é a do medo constante: o anúncio de coisas horripilantes para entreter, enquanto se introduzem medidas que acabam com todo o Estado Social, com as réstias de democracia que teimam em perdurar... e o medo alia-se aos despedimentos, e as pessoas comem com medo, dormem com medo, sonham com medo e acordam com medo. Incapazes de reagir, incapazes de fazer algo mais que não seja queixarem-se publicamente no Facebook e redes sociais. A mentira, a manipulação permanente, os negócios com amigos e conhecidos que nem constam dos livros de corrupção, desfalques e golpes para o erário público pagarem, a impunidade, o conluio entre os tribunais e os poderosos leva a que um jovem acusado de roubar (não pagar) 31 € de piza tenha julgamento com 3 juízes e a ameaça de pena de 8 anos, enquanto outros crimes maiores ou prescrevem, ou levam com penas suspensas, ou pura e simplesmente nem

³ (em 27 maio de 2026 um juiz mandou libertar o cabecilha dum gangue criminoso brasileiro da pior espécie).

são julgados. Tudo é legítimo se for roubar em proveito próprio, da banca que os alimenta e dos interesses que os manipulam como títeres. Civilizações caíram por menos do que isto. Esta demora demasiado tempo e, quando cair, não será apenas Portugal, nem a Europa, nem os EUA, mas todo o mundo ocidental como o conhecemos. Novas formas de barbárie e de escravatura vão sendo reveladas por entre notícias de xenofobia, discriminação e outras aberrações. Isto lembra-me (PARA PIOR) de histórias contadas na minha juventude pelo meu pai, referentes ao período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Este capitalismo selvagem não só ameaça destruir a humanidade, como também o resto do planeta. Não foi há muito que esse símbolo capitalista que é o executivo-chefe do conglomerado Nestlé — como poderia ter sido o da Coca-Cola ou outro — dizia ser necessário privatizar a água em todo o mundo... Claro que tomavam conta dela e o povo comprava. Sabe-se que é o bem mais essencial do século XXI, com milhões de pessoas sem acesso a ele ou com acesso limitado a ele...

Os ricos e poderosos compram tudo e todos, a começar pelos políticos. Todos, vítimas dos círculos viciosos que os apoiam e os elegem. Nos EUA, há 400 bilionários que valem 32 triliões de dólares, ou seja, tanto quanto 150 milhões de americanos juntos. Nunca se viu tanta desigualdade, fruto da corrupção, do roubo, da mentira, da vigarice. Mas será que, um dia, em Portugal e na Europa (ou em qualquer lugar?), será eleito um governo que tenha a coragem de um ato soberano democrático, recusando a chantagem da austeridade e desobedecendo às regras que bloqueiam tudo, menos o neoliberalismo? Não creio.

Hoje há pessoas pagas pelos partidos, não duvido (seria provado mais tarde), para colocarem comentários críticos nos jornais online e nas redes sociais, dirigidos a quem critica os partidos, os governos e as suas políticas. Estão em total descrédito e receiam uma opinião séria e responsável. Não é só Portugal que está em causa: é um país já sem futuro como povo independente e soberano, que apenas pode viver de memórias. Não podemos ficar em silêncio quando os partidos, as sociedades secretas e as não tão secretas que os sustentam se limitam a liquidar o país, em saldo, até que nada mais reste.

Noutra onda, surgem relatos de “chemtrails”, aquelas nuvens esquisitas que duram uma eternidade e lembram rastros de aviões a jato que despejam nanopartículas de alumínio, bário e outros metais, que podem ser responsáveis pelo surgimento de doenças neurodegenerativas como Alzheimer, Parkinson e Lou Gehrig (ALS), sob o pretexto de controlo do clima ou da chuva. Esta forma de geoengenharia, destinada a mudar o clima, a criar chuva e coisas semelhantes, existe há anos, mas não estava na esfera da CIA, da NSA e de outras agências norte-americanas de segurança nacional... Estas técnicas reduzem o aquecimento da atmosfera e aprisionam gases de efeito estufa. Será bom recordar que o fazem com óxidos metálicos de elevada emissividade e baixa refletividade, como o óxido de alumínio. E há uma pergunta que gostaria de fazer a todos. Mas fica para outra vez.

Escrevi num dos livros *CrónicaAçores*: “Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitem qualificar a dita família como em vias de extinção. Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras, sem se questionarem. Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora”.

661. ainda o 28 de maio 2026

Regresso ao presente (maio 2026), sabemos que os Açores estão permanentemente em crise. Agora é a caranguejola, uma espécie de coligação a 3, que se decompõe dois anos antes do fim do mandato, com intervenientes a venderem a alma à oposição, outros a dizerem que está tudo bem, como se conseguissem projetar um holograma duma realidade que só eles miram.

O naufrágio do navio Titanic que afundou em 1912, alegadamente devido a um icebergue — ocorreu dois anos antes do nascimento do meu pai, 11 anos antes do da minha mãe e 37 anos antes do meu. Morreram 1500 almas, bem mais passageiros de menos posses, e não tiveram lugar nos botes salva-vidas disponíveis. Por outro lado, morreram apenas 4 senhoras das 144 que viajavam em 1.ª classe, na 3.ª classe faleceram 89, das 165 que viajavam nessa classe.

A tragédia deu origem a várias obras de cinema, como o Titanic de James Cameron, mas não creio que alguém vá fazer um filme, nem sequer um documentário ou uma curta-metragem, sobre o afundamento deste governo, e não haverá, decerto, histórias comoventes de amor inventado entre os 3 parceiros coligados.

Vejamos: pagamentos a fornecedores dos hospitais milhões, pagos tarde e a más horas, a saúde caótica e a degradar-se, em especial depois do incêndio de maio 2024 no HDES, com a lista de espera de cirurgias a aumentar mensalmente, agravada pelos bairrismos doentes da ilha Terceira (do Vice-Presidente do governo e do líder da Câmara de Comércio local) que recusam ouvir falar de centro académico clínico na Universidade dos Açores, hospital universitário ou central, ou de qualquer investimento na ilha de S. Miguel.

Depois, há a obra de Santa Engrácia nas Flores, o porto, demolido pelo furacão Lorenzo, 2019, que poderá estar concluído em 2030.

As estradas regionais, em todas as ilhas, estão a precisar de remendos urgentes, mas, aparentemente, o PRR não chega; a habitação carente vai ficar aquém do necessário; só houve lugar para AL, e as pessoas, em especial os jovens, foram corridas para fora das urbes.

Ponta Delgada precisa há muito tempo de um segundo porto, mas quando pensarem em construí-lo, será tarde.

O Aeroporto de PDL já há muito deixou de ser suficiente e, mesmo com a retirada da Ryanair, continua insatisfatório.

Nisto e em tudo o mais (noutras necessidades de outras ilhas, como a ampliação das pistas do Pico e da Horta) existe uma total falta de visão para o futuro e um bairrismo arraigado ao passado, quando Angra do Heroísmo era heroica e famosa.

Todos os Museus precisam de obras, idem para as Bibliotecas Regionais (a de PDL há muito que clama por uma mão de tinta branca, a disfarçar as manchas...).

Faltam transportes marítimos de passageiros entre S. Miguel, Santa Maria e as restantes ilhas; o transporte de mercadorias interilhas é uma desgraça, sempre a ser remendado; idem para o transporte aéreo, que tanto prejudica os produtores das ilhas.

Agora, a companhia aérea vai dar-se a privados e nós, contribuintes, ficaremos a pagar milhões em prejuízo e deixaremos de ter uma companhia aérea tão fundamental para a nossa insularidade.

A Universidade está sempre subfinanciada, mas os Hospitais estão bem piores.

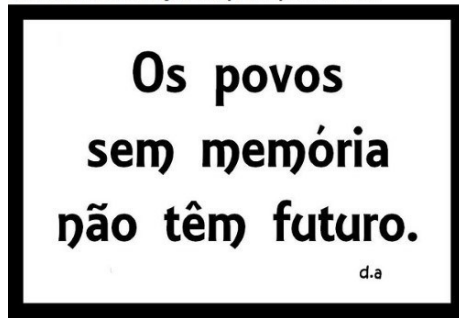
A estrada Furnas-Povoação é uma pista mortal que há anos aguarda uma atualização.

A lancha Espalamarca, parada no Pico, com desculpas de toda a ordem, apodrecendo após milhares de euros em obras de renovação.

Há centenas de edifícios do Estado (seja da República, do Governo Regional ou mesmo das autarquias) a caírem de podres quando poderiam ser renovados para habitação ou para dinamizar e contrariar o envelhecimento das cidades.

Todos os fortes e outras construções militares deixam-se degradar até caírem, como comprovam as inúmeras campanhas para salvar o forte de São João Baptista, na Praia Formosa. Os restos de Porto Formoso são apenas isso: restos, e em tantas ilhas o cenário se repete, sem respeito nem honra pelos monumentos do passado heroico do arquipélago.

Parece haver vergonha da nossa História, mas não há vergonha nenhuma de se aproveitarem dela em benefício próprio. **um povo que não respeita sua história está condenado ao olvido e à extinção Chrys Chrystello 1996**



Ontem, finalmente, fiz o caderno de estudos açorianos dedicado a Dora Gago... Estava há umas 4 semanas à espera e, em breve, segue outro. Mandei 4 cartas para as autarquias das ilhas de S. Jorge, Pico e Faial, a ver se nos querem lá com a Lusofonia...

29 maio

A parábola do viajante e do hotel: um estrangeiro chega a uma pequena vila economicamente deprimida e entra num hotel. Diz ao estalajadeiro que pretende alugar um quarto, mas quer primeiro ver os quartos antes de decidir. Deixa uma nota de 100 euros no balcão como garantia temporária. Assim que o estrangeiro sobe as escadas, o dono do hotel pega nos 100 euros e corre para pagar a dívida que tinha com o carneiro. Este, por sua vez, usa os 100 euros para pagar a dívida ao criador de gado. O criador de gado usa o dinheiro para quitar a dívida com o fornecedor de ração. O fornecedor de ração utiliza os 100 euros para pagar a dívida que tinha com o mecânico. O mecânico paga ao hotel a dívida que tinha relativa às noites de hospedagem em atraso. Nesse momento, o estrangeiro regressa à receção e diz: — Afinal não gostei de nenhum quarto. Pega nos seus 100 euros e vai-se embora. É quase assim, a economia açoriana no presente, e não pode ser de outra forma! Só pessoas que nunca fizeram nada na vida, nunca tiveram responsabilidade no setor privado, permanecendo na órbita do funcionalismo público ou da política, é que podem afirmar - levemente - que as nove ilhas podiam estar no atual grau de desenvolvimento sem ajuda externa ou subsídios. Mesmo assim, as ilhas não são atrativas; não aliciam os mais novos, e são raros os licenciados que regressam às terras natais. O declínio demográfico é acelerado; em poucos anos, estaremos como o interior desertificado de Portugal continental, com o grave inconveniente de não haver continuidade territorial. Mas continuamos felizes e contentes a imaginar uma autonomia insular, muito gratos e venerandos por termos tido 50 anos de autonomia.

E quando os hotéis ficarem às moscas? Mais um mês em queda. Em abril de 2026, o número de dormidas nos Açores caiu 12,3% — um registo revelado pelo Serviço Regional de Estatística. Os piores resultados foram registados no Alojamento Local. Há quase um ano que os números vêm a cair, e nada foi feito para compensar a saída da Ryanair. Mas... E o clima também não afeta o turismo? Só a saída Ryanair? Quantos dias de neveiro? E ainda querem privatizar a SATA? É preciso acordar para a realidade! Não temos clima nem dimensão para atrair companhias aéreas privadas. STOP Privatização Azores Airlines!!!

Se alguém, porventura, ainda tivesse dúvidas (comparem com os jovens dos EUA) sobre a falta de conhecimentos (cultura geral) das novas gerações, percam uns minutos aqui: <https://www.facebook.com/reel/2041861190019674>. Este já não é, definitivamente, o meu mundo, nem um mundo em que eu queira estar. Quero fugir, Pasárgada não é suficientemente longe para calar a minha raiva.

Apenas o vulcão de Santa Bárbara (Terceira), fruto da crise sismovulcânica em curso, é apontado pelo CIVISA como tendo monitorização satisfatória. São necessários 2 ME para garantir um sistema de alerta e aviso “minimamente eficaz”, avisa o centro. Há vulcões sem monitorização suficiente, e querem que fique tranquilo numa terra de vulcanismo ancestral? Claro que, se disser ou escrever algo, virão logo dizer que está tudo normal e que sou um alarmista. A realidade atual da rede de vigilância sismovulcânica destaca-se por haver 26 sistemas vulcânicos ativos identificados no arquipélago (8 submarinos), mas a maioria deles não dispõe de instrumentação geodésica, gravimétrica e geoquímica permanente. A monitorização é feita numa escala de V0 a V7. Áreas como o canal Faial-Pico têm estado sob observação de nível V1 (equilíbrio metaestável) devido a aumentos na atividade sísmica. O Vulcão de Santa Bárbara e o Sistema Vulcânico Fissural Oeste encontram-se no Nível V2 (situação de instabilidade elevada). Zona Submarina (Santa Maria): O Vulcão Submarino do Cachorro está no nível de alerta V1.

Finalmente a baixa nos preços exorbitantes dos combustíveis: O preço vai baixar nos Açores a partir de 1 de junho, com uma redução de sete centímetros por litro na gasolina e 14,7 centímetros no gasóleo rodoviário, revelou o Governo Regional:



Em contrapartida, a idade de reforma sobe para 66 anos e 11 meses em 2027, segundo dados sobre a esperança de vida publicados pelo Instituto Nacional de Estatística.

Também a subir o tráfico de drogas via Açores. Em menos de uma década, a rota submarina do tráfico de drogas para a Europa deixou de ser uma possibilidade remota e passou a ser uma realidade. Das quatro apreensões de narcoss submarinos realizadas até hoje ao largo da Península Ibérica (Leia-se Açores), três ocorreram nos últimos 14 meses, representando já mais de 10% da cocaína intercetadas anualmente por via marítima. Há vinte anos que os submarinos cruzam o Atlântico carregados de cocaína. As forças militares americanas na Base das Lajes, nos Açores, desempenham um papel

crucial no combate... muito para além do debate sobre o papel da Base das Lajes no conflito no Irão. Nesta batalha, travada em pleno Oceano Atlântico, a intervenção das forças militares dos EUA presentes nos Açores tornou-se, nos últimos anos, não só indiscutível, mas também imprescindível.

Entre os aviões de guerra estacionados na base da ilha Terceira, encontram-se vários P-8 Poseidon, aeronaves de longo alcance destinadas ao patrulhamento e à vigilância marítima, bem como à luta antissubmarina. Equipado com radares e sensores que lhe permitem identificar o mais ínfimo rasto à superfície do mar, o P-8 pode, inclusive, disparar boias-sonar para escutar ruídos suspeitos nas profundezas do oceano. Trata-se duma das armas mais eficazes do vasto operativo internacional encarregado de vigiar o fluxo de cocaína entre as costas da Colômbia, Equador, Venezuela e Brasil e as águas europeias.



Ainda não sinto muito bem o que a imagem acima documenta, mas também começa a aplicar-se a mim, por mais que não queira. Penso até que ou estou muito surdo ou falamos dialetos diferentes. Ao longo de 30 anos, tentei atualizar os programas do PC e manter-me na crista da onda dos consumidores, mas sempre muito aquém do meu filho programador, que nasceu com programas implantados no cérebro e nos dedos. Dizem que sete em cada dez idosos usam smartphones...

Há semanas, ao trocar o meu iPhone, fiquei muito admirado quando, na loja, me disseram que não precisava de ajuda: bastava colocar o novo e o velho lado a lado e eles se emparelhavam. E assim foi. Ainda me lembro dos adaptadores de SIM e de outros acessórios para transferir endereços, toques ou imagens. Tanto progresso e evolução em pouco tempo só pode ser obra do Demo! A sociedade que obriga um setuagenário ou mais idoso a usar um smartphone para aceder aos seus direitos não é moderna: ignora os idosos. Hoje tudo se faz com uma aplicação. Mas quem não domina as novas tecnologias encontra-se analfabeto em casa.

Para marcar uma consulta ou pagar uma conta, é preciso recorrer — quando existe — a um filho ou neto (neste caso a minha governanta Berta é mais entendida do que eu). O sistema falhou. Isto não é inovação. É exclusão. A tecnologia deve servir para ajudar, não para selecionar nem para deixar de fora. Ficamos todos (em especial o Estado) mais cómodos e mais egoístas.

Defender a transição digital justa implica reconhecer a responsabilidade coletiva: construir tecnologia centrada nas pessoas, investir em literacia digital para todas as idades e manter opções não digitais sempre que necessário. Só assim salvaguardaremos a dignidade de quem contribuiu para o presente que hoje usufruímos.

A tecnologia deve ser concebida e implementada para aumentar a inclusão, melhorar a acessibilidade e proteger a dignidade de todos os cidadãos, independentemente da idade ou da literacia digital. Políticas públicas, desenho de serviços e formação direcionada são necessários para assegurar que a transição digital não subtraia direitos, mas os amplie para todos.

30 maio

Dia de Santa Joana d'Arc: guerreira que se tornou santa (1412-1431), chefe militar e símbolo da libertação francesa durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Considerada herege (alguém que contraria os valores da Igreja), foi condenada à morte pelo Tribunal da Santa Inquisição, queimada viva no dia 30 de maio de 1431, na cidade de Rouen, no noroeste da França. Tinha 19 anos. Em 1456, em resposta a um apelo do rei francês, a Igreja anulou a condenação. Mas já era tarde demais. Joana é a maior heroína francesa de todos os tempos. Em 1920, foi declarada santa pela Igreja, a mesma que a condenou à fogueira séculos antes e tornou-se Padroeira da França.

Uma turista foi filmada a nadar na “Fontana di Trevi”, um monumento histórico de Roma, Itália, o que gerou indignação. A mulher foi multada em 500 euros e banida permanentemente. Se fosse cá em Portugal nada lhe aconteceria, aliás é vulgar vermos cenas semelhantes... copiamos tudo o que é mau lá de fora, nunca se copia o que é bom...

As dormidas voltaram a cair em abril nos Açores: mais de 12%. A procura pelo destino está em baixa, sobretudo entre os turistas nacionais. AL a mais afetada. Já há sugestões: Comecem por dar o exemplo. Pratiquem preços mais justos e atrativos, apresentem, por si, campanhas e promoções, com programas dinâmicos para o turista. Sejam mais empreendedores. Empreendedorismo não se resume apenas à construção duma unidade turística. É também saber manter a dinâmica dela. A ALA, presidida por João Pinheiro, salienta que os indicadores confirmam os alertas que tem deixado “há vários meses” sobre o abrandamento “preocupante” do turismo açoriano e os impactos “cada vez mais visíveis na economia regional”, que “já não pode ser interpretada como uma situação pontual ou sazonal”. “37,7% dos estabelecimentos de alojamento local ativos declararam não ter registado qualquer movimento de hóspedes durante abril”, o que representa “um agravamento de 8,6 pontos percentuais” face ao mesmo período de 2025.

A redução da presença de operadores ‘low cost’ e o enfraquecimento do modelo concorrencial estão igualmente a contribuir para o aumento do custo médio das viagens para os Açores, tornando o destino menos competitivo e menos acessível para muitos mercados emissores internacionais. A associação considera fundamental que o Governo Regional (PSD/CDS-PP/PPM) avance com os trabalhos preparatórios do regulamento do Fundo de Desenvolvimento de Rotas Aéreas, para garantir a sua rápida operacionalização.”

Os Açores registaram uma descida de 12,3% no número de dormidas em alojamentos turísticos em abril. Esta é a sétima descida homóloga consecutiva no número de dormidas em alojamentos turísticos na região, conforme os resultados preliminares de abril e os provisórios dos meses anteriores. Para a associação, particularmente “preocupante” é o comportamento do mercado nacional, que continua a ser o principal emissor para os Açores. Em abril, as dormidas de residentes em Portugal diminuíram 20,4%, depois de já terem registado uma quebra de 9,3% em março, aponta ainda a associação empresarial.

Como Ricardo Teodoro escreveu: “Muitas vezes, calamos e deixamos que as injustiças aconteçam. Mas chegamos a um ponto em que o melhor é explodir e deixar que a verdade seja partilhada, para que nunca sejamos cúmplices do mal que se faz aos nossos irmãos. Ser honesto pode ter um preço muito alto, mas sempre vale a pena!” Não podemos confiar nem nas instituições, pois os casos de corrupção, compadrio, favor, peculato e até crimes hediondos ocorrem diariamente. O que nos levou aqui? E se pensa que vem aí um mundo melhor com a IA, desiluda-se: nem é Inteligência, nem Artificial. Não se esqueça: “Nada funciona como pensa que funciona.”

ELECTIONS ARE RIGGED. CHILDREN ARE TRAFFICKED. PANDEMICS ARE PLANNED. WARS ARE MANUFACTURED. VACCINES ARE POISON. PHONES ARE SURVEILLANCE. ASTRONAUTS ARE ACTORS. DOCTORS ARE DEALERS. POLITICIANS ARE PUPPETS. STUDIES ARE SPONSORED. POLICIES ARE LOBBIED. VOICES ARE SILENCED. PEDOPHILES ARE IN CHARGE.	as eleições são manipuladas, as crianças são vítimas de tráfico. As pandemias são planeadas, as vacinas são venenosas, os telemóveis servem para vigilância, os astronautas são atores, os médicos são traficantes, os políticos são marionetas, os estudos são patrocinados, as políticas são influenciadas por grupos de pressão, as vozes são silenciadas, os pedófilos estão no poder
---	--

Será que aterra? Imagina só... parece que acordei na semana passada? Afinal isso de viajar no tempo existe...



Somos ricos e não o sabíamos... Segundo o World Inequality Lab, se tens 3 800 € guardados, és mais rico do que metade da população mundial. Esse é o valor médio de património que separa os 50% mais pobres do planeta dos restantes. Falamos de património líquido, o que resta depois de descontar as dívidas. Os números expõem uma desigualdade difícil de ignorar. A metade mais pobre da humanidade detém 2% da riqueza global, e 60 mil pessoas — 0,001% da população — controlam sozinhas três vezes mais do que todo esse grupo. Para os portugueses, 3 800 € parece pouco. Para metade do mundo, é muito. Para mim quase me sinto milionário...

Levantei-me esta manhã à hora costumeira. A Bebê diria: “olha que hoje é sábado” e eu acrescentaria: “já sei, pois o João vem da ilha Terceira cá passar o fim de semana”, mas está nevoeiro cerrado na costa sul e oeste (aqui não, neste momento, 10:00, o sol rompe as nuvens), e há aviões a divergirem para outras ilhas... se isto não levantar, não sei se aterra...

O João ligou agora (13:00 hora de almoço) e o avião que o traria está em Santa Maria desde as 06:00; ainda tem de ir ao Pico antes de o trazer de Terceira para São Miguel. Se conseguir, chegará bem mais tarde do que contava. No SpotAzores vi o nevoeiro em toda a costa sul e oeste, não se vê um corno... Hora após hora, tudo se mantém na mesma; ainda há pouco, passou aqui um avião por cima, mas desviou para Santa Maria, e pelas 15:00, foi oficialmente cancelado. Virá noutro fim de semana de junho. A parte positiva deste nevoeiro, e só agora revelada, foi a chegada do Sebastião, que poucos puderam observar por entre a bruma. É ele que nos vai salvar (veio atrasado, num cavalo alazão, mas chegou). Ontem fez cem anos que chegou outro salvador, que veio libertar Portugal da Primeira República. Reguei as plantas depois do pequeno-almoço (sempre aos sábados, como a Nini fazia e não se esquecia quando esteve internada) e tratei da papelada de fecho das contas da AICL em maio. A cadela dormita aqui ao lado, no escritório, sem suspeitar que possa estar prestes a ter um passeio pelo quarteirão se o João aterrar. E muitas saudades tem desses passeios. Sempre que saio, ou a nossa governanta Berta abre a porta, vai meter o nariz e cheirar a liberdade, mas não passa do primeiro degrau... Vai tendo o quintal para correr atrás dos gatos, e é bem grande, embora esteja a precisar de outro corte, e o último nem foi há um mês.

Quase dois anos e meio sem a minha Nini, continuo a viver num torpor emocional, sabendo que não vai estar em casa quando saio para ir aos CTT ou à farmácia. Sei que não me acompanhará nas consultas que a minha oncologia, cardiologia, etc. me obrigam a fazer. Quando me deito, ainda a sinto agarrar-me ou, inversamente, sinto como quando me aconchegava a ela, ajudando-a a adormecer com palavras meigas e ternas, se o cansaço do dia o permitia. Curioso como a mente nos transporta de volta a mil e uma situações passadas. Sinto a sua presença a meio dum filme na TV e, várias vezes, viro a cabeça para fazer uma observação, a ver se concorda com a minha interpretação ou com um determinado detalhe. Gostava de manter a sua presença imutável.

Sei que não volta, mas estou sempre à espera de a reencontrar; se não for agora, será noutra dimensão. Nunca estive tão casado com ela como agora. Nunca me devia ter casado a não ser com ela; a minha vida teria sido melhor, mas, em novo eu, não era a mesma pessoa e ela talvez me tivesse rejeitado. Casamos na idade certa, com as dores e a herança indicada para começarmos a vida. Deu certo por ser quando foi. Antes, falharíamos; bem foi quando foi. Somos poucos a lembrá-la, mas com o esquecimento dos outros, posso eu bem. A maioria dos colegas só cuidava dela enquanto ela fosse útil às suas carreiras e ambições. Não cessa de me surpreender o quão longe a hipocrisia das pessoas vai, mas, como não socializo com elas nem frequento os mesmos locais, prefiro a paz da reclusão, aninhado nas nossas memórias, recordações de anos, meses, dias ou horas em tantos locais do mundo onde tivemos o privilégio de ir.

Poucos conseguem manter ideias e capacidade de análise fora do carneirismo universal que a todos anestesiou. Muitas vezes falamos disso, desejando que fosse possível mantermos esse espírito crítico até ao fim da nossa vida que bem podia ser ilustrada assim:



Por vezes sinto que deixou este portão para não a seguir... sabendo que sempre iria atrás dela. O portão era para os outros. A Nini é como as montanhas, só revelam a verdadeira dimensão quando estamos longe. Curioso pensar em como a minha vida com ela irá desaparecer sem gestos, sem promessas, sem sonhos, sem discussões; tudo findará connosco. Tantos anos juntos e nada ficará para evocar as nossas vidas.

Olho para as fotos e os filmes e é como se ainda estivesse aqui; revivo esses momentos vezes sem conta. Quem nunca sentiu isto, não o posso explicar, nem queira senti-lo, pois a dor é também incomensurável. Quando morrer, apesar de já ter disposto dos livros já doados ainda em vida, fica muita tralha para trás, ainda há dossiês com cartas do meu pai e minhas para Timor entre 1973 e 1975, depois há cartas minhas e da Nini nos primeiros anos e nos meus internamentos (1995 e 1996), há cartas de amor, há artigos de jornais australianos (1983 a 1996) que me deveriam ter inspirado a escrever sobre eles, mas ficaram sendo adiados ad aeternum.

Noutras pastas haverá recortes e mementos antigos, dos anos 1960 a 1970 e de 1990 em diante. Vários apontamentos sobre a vida em 1001 locais e continentes. Sonhamos em envelhecer juntos e, assim, foi até janeiro de 2024. Já estávamos envelhecidos quando a morte me levou a Nini. Esses papéis e essas recordações irão para o lixo, para um aterro municipal ou para a nova incineradora da ilha. Sacos de velharias que ninguém quis nem quer ver. Os móveis podem ter novas vidas noutras casas, onde serão estimados; espera-se. Os papéis não. Levarão com eles o amor, a saudade, capítulos antigos da minha história de vida. Vivemos numa conjuntura única, nunca soubemos tanto, nunca vivemos tanto, nunca estivemos tão ignorantes, nem tão impotentes, dominados e escravizados como agora. Claro que há sempre a memória literária dos nossos livros, dos nossos colóquios da lusofonia, mas daqui a 100 ou 200 anos, se ainda houver mundo seremos um grão de areia desconhecida neste orbe habitada. Todas as memórias da casa e desta vida desaparecerão, como as dos que nos antecederam; é uma lei universal. A menos que a reencarnação seja possível, deixaremos pouca marca na Terra para depois vir apreciá-la. Mas, repito, não quero voltar como barata ou como qualquer uma das coisas que detesto. A Nini tinha horror a insetos e à maior parte dos pequenos animais típicos de meios rurais... era sempre uma crise: uma aranha, uma barata, um grilo...

Ainda custa ver fotos e filmes e não poder rebobinar até aquele dia ou momento; embora mentalmente recrie esse dia ou momento, sinto que ainda falta algo. Quando olho para trás, vejo 45 anos da minha vida desperdiçados, e tentei recuperar nos 29 anos com a Nini. Vivi dias bem difíceis e outros bem alegres nesta fase da vida; entretanto, o mundo mudou mais do que alguém poderia imaginar, em especial nos últimos anos, nem sempre da forma pretendida ou desejada. A vida, desacelerou em ritmo, pois o corpo já não aguenta, e sinto a necessidade de tranquilidade, paz, calma e sossego. Não adianta fingir, o que me rodeia já não é o que era dantes.

Fui a todos (ou quase todos) os locais onde queria ir com a Nini, em especial aqui na ilha, e agora já não me apetece voltar a ir a eles sem ela. Guardo, assim, as emoções da última vez que lá estivemos e preservo essas memórias intocáveis. Tento, pela primeira vez na vida, aprender a viver sozinho. Eu, que toda a vida saía duma situação amorosa falhada, a correr para outra, por não saber viver só, apresso-me agora a manter esta solidão viva com as memórias da vida em comum de 29 anos com a Nini. Ser viúvo é 25 vezes pior do que um divórcio, ou melhor, do que 25 divórcios, pois naqueles temos sempre a esperança de que, na próxima, acertaremos, mas aqui e agora sabemos que não há próxima e que há acerto possível até ao fim da linha, que já fica ali na esquina do tempo.

Evito toda e qualquer chatice que se possa evitar. Já desisti de tentar convencer os outros de que estão errados. Se alguém quiser, partilho a minha experiência e sabedoria. Já não dou conselhos nem partilho experiências, a menos que peçam. Há dias melhores e outros piores, nada que seja demasiado mau dura para sempre. Há gente que vale a pena guardarmos e outra que devemos deitar no contentor de lixo todas as semanas, para que nunca mais voltem. Ainda consigo aprender mais uma ou outra coisa e, apesar de me custar muito estar viúvo e só, tenho a dar graças por ser poupado e por me darem mais sete chances de continuar a viver... e, como borboletas que todos somos, vamos andar aí mais uns tempos, podem ser curtos, 2 a 4 semanas: depois do ovo, a lagarta, a crisálida ou pupa, e a borboleta adulta ou Imago...



31 maio

Imaginem só que ontem mesmo eu gozava com a frase da filha Bé, a dizer que, para mim, “é sempre fim de semana”, e só ao almoço de hoje dei conta de que era domingo. De facto, por vezes custa saber a quantas ando. A monotonia de dias iguais, tarefas iguais, rotinas repetidas à exaustão. Desde a morte da nini, por mais que me esforce em inventar objetivos, estes esfumam-se e parecem inúteis ou desnecessários. Tinha parado no sábado; não sei se por efeito da vinda do João, que o nevoeiro cancelou, ou por outra razão.

Tratei a roupa na máquina e pus a secar e, ao ver, na SIC, o Nuno Rogeiro, exclamei: “mas hoje, afinal, é domingo”. Depois de almoçar poderia ter chegado à mesma conclusão ao ver passar, em frente à janela do escritório, um desfile de 1001 impérios (eram vários) e gentes diferentes com coroas e pombinhas do Espírito Santo, enquanto os foguetes, rebentavam no céu.

Como sabem, desde a quimio e a radioterapia, fiquei a pingar do nariz sempre que como ou bebo, mas hoje estou assim, ininterruptamente desde manhã (já encharquei 3 lenços de algodão). Se fossem do Egito, não teriam encharcado; isto pressupõe que me constipei. Deve ter sido com a brusca mudança de clima: 21 °C hoje lá fora, mínima de 18, resultado de ter tirado as t-shirts do mofo...

Acabo de ler a melhor explicação sobre o nosso nevoeiro, da autoria de Catarina Valadao — “A região autónoma do nevoeiro” — “Há fenómenos meteorológicos e, depois, há o nevoeiro açoriano que não é uma condição atmosférica. É um regime político. Instala-se, toma posse do território e

governa sem oposição por dias. Celebra a sua autonomia. A certa altura deixa de haver céu. Deixa de haver horizonte. Deixa de haver ilha. Há apenas uma espécie de fumaça branca, na qual se suspeita que, depois dela, existam vacas, montanhas e aeroportos. Estes, aliás, transformam-se numa experiência filosófica. Já não são infraestruturas de transporte. São centros de reflexão sobre a fragilidade da condição humana.

Ao segundo dia de espera, o passageiro começa a perder as referências temporais. Pergunta que dia é. Ninguém sabe. Pergunta quando parte o voo. Ninguém sabe. Pergunta se existe voo. Ninguém sabe. O painel informativo converte-se numa obra de arte conceptual. Durante horas, apresenta as mensagens: “atrasado”, “divergiu” e “aguarde novas informações”. Os passageiros espalham-se pelo terminal como sobreviventes duma expedição polar. Há quem ocupe estrategicamente três cadeiras. Há quem construa uma pequena fortaleza com malas. Há quem já tenha desenvolvido relações familiares profundas com o vendedor da loja de Duty Free.

Ao terceiro dia, começam a surgir comunidades organizadas. Há o grupo dos pessimistas, o dos que juram ter visto uma abertura no nevoeiro e o dos que acreditam que o aeroporto é agora a sua residência fiscal. O mais extraordinário é que as condições do aeroporto evoluem exatamente à mesma velocidade que as condições meteorológicas: nenhuma. Fora não se vê um palmo à frente do nariz. Dentro também não se vislumbra solução. Os bancos continuam concebidos para impedir qualquer conforto humano. As informações continuam vagas. Os carregadores continuam ocupados por aparelhos ligados desde a administração do primeiro presidente do governo regional. E todos aguardam.

Os Açores inventaram uma experiência turística única: o campismo aeroportuário involuntário. É possível conhecer melhor o terminal do que a própria ilha. Observa-se mais o céu das partidas do que a paisagem. Colecionam-se mais vales-refeição do que fotografias. E, depois do vale, vem o anúncio final: “O seu voo foi cancelado”. A seguir chegam as mensagens das companhias aéreas, verdadeiras obras-primas da literatura minimalista: “Entre em contacto com a sua companhia” ou “Aguarde por novas informações”. Como se o passageiro não estivesse precisamente a tentar contactar a companhia há horas, enquanto aguarda por informações desde a última era geológica. Nessa fase, resta rezar para que a solução proposta não seja um voo dali a três dias, ou melhor, uma recolocação noutro voo marcado para um dia em que a previsão anuncia, com entusiasmo, mais nevoeiro. Ao fim de vários dias, quando finalmente se levanta, ninguém festeja a viagem.

A viagem tornou-se secundária. Celebra-se apenas a descoberta de que o mundo continua a existir para além das portas automáticas do aeroporto. E, por um breve instante, todos os sobreviventes olham para o céu azul com a mesma emoção de um naufrago que avista terra firme. Até ao próximo banco de aeroporto. Nota: Ao quinto dia ainda não vejo o céu azul... Mas, pelas minhas contas, já teria dado para ressuscitar um morto. Talvez D.



Sebastião”...

ver nevoeiro aqui <https://www.facebook.com/reel/1622326698834286> / <https://www.facebook.com/reel/1517783266687516>

662. as roqueiras (foguetes) do nosso descontentamento 31.05.2026

Foi hoje, mas podia ter sido ontem ou amanhã: o sino da igreja acabara de tocar as sete horas e já ribombavam no céu os foguetes. São os **foguetes-trovão, artigos pirotécnicos projetados para atingir grandes altitudes** e explodir com um forte clarão. Em Portugal, produtos como os foguetes “Trovão Voador” são vendidos em embalagens, seis unidades, por 50,00 €. Muito comuns são também os “foguetes trauliteiros” — conhecidos como roqueiras — de grade estrondo. Nos Açores, são disparados continuamente durante o verão para assinalar festas populares, o início e o fim das touradas à corda e eventos religiosos.

Há discussões e propostas legais para substituir os foguetes utilizados nas touradas por sinais sonoros eletrónicos, para proteger o descanso da população e o bem-estar dos animais, mas tais iniciativas permanecem sobretudo no plano simbólico. Assim como falta coragem para acabar com as touradas, também falta firmeza para proibir estas roqueiras “tradicionais”. Chamar a PSP ou GNR não resolve, embora, no papel, as autoridades locais fiscalizem e, por vezes, apreendam material pirotécnico. Uma investigação recente indicou que a última apreensão registada ocorreu a 11 de setembro de 2009, na Terceira, quando foram apreendidos seis mil foguetes. Talvez os compradores sejam os que reclamam da crise e do custo de vida enquanto tomam uma cerveja no café da esquina.



Há tradições e tradições, e, se bem que, sempre tenha apoiado e sustentado a sua preservação, tenho de admitir que, com o passar dos anos, fruto da ecologia e de outras ciências, algumas tradições estão condenadas, devem ser abolidas ou modificadas.

Refiro-me a uma proposta do partido PAN, em 2023 (e urge redescobrir), para acabar com o ruído, eliminando as roqueiras e morteiros (foguetes ou petardos) ou substituindo-as por outras silenciosas. Raramente estive com o PAN, mas dei comigo aplaudindo a proposta neste ano. O CHEGA votou a favor da alteração ao Regime Jurídico de Atividades Sujeitas a Licenciamento das Câmaras Municipais da Região, para substituir o foguete que indica o início e o fim das touradas à corda por um sinal sonoro. Apesar de votar favoravelmente este Decreto Legislativo Regional, o deputado José Pacheco deixou uma reflexão, mostrando-se preocupado com a possível extinção das tradições açorianas. “Daqui a dias, proibimos o fogo porque há pessoas que não sabem utilizá-lo e abusam dele. Compreendo que alguém lançar um foguete às 3h da manhã não é aceitável, mas não há festa sem foguetes”, lembrou o parlamentar.

Atualmente, **não existe lei que proíba o uso de foguetes nos Açores**. Propostas legislativas apresentadas à Assembleia Legislativa Regional para abolir a pirotecnia ruidosa, em prol de alternativas silenciosas, foram rejeitadas. A regulação do ruído mantém-se enquadrada no **Regulamento Geral do Ruído** (Decreto Legislativo Regional n.º 23/2010/A), que estabelece limites de decibéis para o ruído ambiente e de vizinhança. É a partir de maio e até o final de setembro que o meu tormento surge: no Santo Cristo, no Espírito Santo e não só nestas festas, mas em todas as ocasiões (que parecem semanais, como as festas da paróquia), há as roqueiras (tradicionais foguetes ruidosos) que impedem qualquer descanso, assustando animais e humanos a qualquer hora do dia e da noite.

Costumo dizer que, se eu mandasse... nunca mais acenderiam foguetes... Qualquer festa, festarola ou celebração (desporto futebolístico também) vem sempre acompanhada de foguetes refulgindo nos céus (azuis ou cinzentos, ninguém os vê) com o característico bum, e ainda ninguém me conseguiu explicar para que servem. Já tentei entender se tem a ver com frustrações edípicas ou outras, com sexualidades reprimidas ou quejandas, mas nada descortinei que as pudesse explicar, de forma satisfatória.

Além do inconveniente para tímpanos mais sensíveis, há o desassossego de animais (domésticos e outros) com o barulho, como vemos cá em casa há anos. Uma das cadelas entrava literalmente em pânico e em desespero. O fogo de artifício afeta negativamente o bem-estar de animais, de pessoas vulneráveis e do meio ambiente. Os principais impactos dividem-se em três áreas:

Animais — Devido à elevada sensibilidade auditiva, cães e gatos sofrem com os estampidos, que lhes causam medo extremo, tremores e taquicardia. É comum que os animais tentem fugir, podendo perder-se, ser atropelados ou sofrer quedas graves. Aves e outros animais desorientam-se com os clarões e barulho, podendo colidir com edifícios ou abandonar os ninhos, colocando as crias em risco.

Pessoas - O som alto e inesperado gera um nível elevado de ansiedade e pode provocar crises severas em pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Crianças pequenas e recém-nascidos assustam-se facilmente, enquanto idosos e pacientes acamados ou hospitalizados podem apresentar desorientação e picos de pressão arterial.

Meio Ambiente — Poluição do Ar e do Solo: As cores brilhantes dos fogos são obtidas com metais pesados (como bário, estrôncio e cobre), cujas partículas finas são liberadas no ar e acabam se depositando no solo e na água. Em épocas mais secas, a queda de fragmentos incandescentes pode desencadear incêndios florestais ou urbanos.

Depois, há um incumprimento generalizado das normas e dos horários. Quando interrogo os nativos, logo me respondem: “isto é a tradição, isto não é a cidade, senhor” (mas na cidade passa-se o mesmo que aqui, neste meio rural). Começam normalmente pelas 07:00 da manhã e vão até bem depois da meia-noite (por vezes, até às duas ou mesmo às três da manhã), à revelia das posturas municipais que definem o período em que tais foguetes podem ser lançados. Ecoam como canhões, rompendo o silêncio e o descanso da madrugada. As roqueiras, ao contrário do fogo de artifício, são só barulho sem cores nem desenhos elaborados a riscar os céus.

Além disso, os açorianos primam pelo desconhecimento e pelo incumprimento das normas de segurança, em geral. É vê-los, irresponsavelmente, de cigarro na boca, a acender foguetes na ponta do rastilho e a lançar o projétil ao ar. Parecem crianças com um brinquedo, deveras perigoso, mas a irracionalidade de os lançar a qualquer hora confunde-me e irrita-me. Sei que somos poucos, embora todos os anos mais gente proteste; será, talvez, ainda uma minoria de descontentes com esta tradição a exigir leis mais duras e uma fiscalização eficaz para acabar com este flagelo auditivo, nas suas múltiplas vertentes de perigo, além do inconveniente estrondo.

Nota dissonante: Daqui a dias a Assembleia vai votar mais um aborto deste governo como aqui se explica:

Luís Santos, Vila Nova de Gaia: “Conforme prometido, o tema é política — e vou tentar falar dela de forma séria e sem papas na língua. Mas antes, uma ressalva: eu não sou mais inteligente do que ninguém que por aqui anda. O que, verdade seja dita, não é assim tão difícil sobressair; pois é evidente (em alguns internautas) a falta de curiosidade e de capacidade de ler e interpretar nas entrelinhas... Pois bem, a minha escolha recaiu nesta maravilhosa obra de “engenharia criativa” do nosso estimado Governo:

Para ter acesso à nova PSU (Prestação social única) os beneficiários terão de realizar trabalho social. Agora vem a parte do meu desabafo em que algumas pessoas vão pensar que eu me acho o supracitado dos inteligentes, a reencarnação de Albert Einstein. Tanta alegria, tantas palminhas ritmadas, tantos “améns” sem questionamento... Isto é o que tenho visto por todo o lado: um espetáculo barulhento de pura burrice.

É a celebração da ignorância como se fosse uma virtude, festejar algo que deviam era estar a contestar.

Meus amigos, o Governo vai mandar esta merd@ para a Assembleia da República e os deputados vão ter de votar. A julgar pela matemática das coisas e pelas reações mal saiu a “proposta”, o cenário está “tremido”. O melhor é eu ficar calado e não prognosticar o resultado... Agora vou concretamente à Prestação Social Única, cuja definição biológica no meu dicionário é “excremento” e ao que o meu saudoso tio S. chamaria de “filha da putice”. Algo que chegou, supostamente, para simplificar a vida dos pobres desgraçados: em vez de acumularem formulários para diferentes apoios, passam a concentrar tudo num só. Depois, vem a outra parte: a brilhante ideia de exigir “trabalho social” em troca de uns míseros trocos. Para que percebam melhor: àqueles que têm a vida toda f#ddida e precisam do Estado para não almoçar ar nem jantar vento, o Governo agora quer estender-lhes a mão para lhes dar uma vassoura.

É o conceito revolucionário da caridade com direito a suor: trabalha-se praticamente de borla para o município e a pátria (Governo) agradece. Algo tão genial a ponto de pôr um tetraplégico a aplaudir de pé. Que mais dizer? Que gostei muito do argumento oficial: “O trabalho dignifica e ajuda à reinserção”. Lindo e comovente. E ainda que, quando soube disto, pensei: se há trabalho social que precisa mesmo de ser feito, porque é que não lhe chamam, sei lá, “emprego”? Se houver vaga, posto de trabalho e necessidade, o desempregado assina um contrato, recebe um salário digno, tem direito a subsídios de férias e de Natal e passa a ser funcionário/trabalhador.

Terá pensado o Governo: “Para quê pagar um ordenado a sério se podemos juntar todas as prestações sociais, chamar-lhe 'apoio' e arranjar mão de obra hiperbarata, sem as chatices dos direitos laborais?” É o sonho de qualquer patrão, com a vantagem de ser totalmente legal, com carimbo e publicação no Diário da República. Prestem atenção, esta parte é indispensável para percebermos o ridículo da situação quando aplicada à prática. Imaginem os cenários:

... Um antigo programador de informática, que ficou desempregado, é destacado para arranjar as unhas aos idosos de um lar...

... Uma senhora de 60 anos, com as costas “feitas num oito” de uma vida a carregar caixas numa fábrica, a saltar para cima de um camião do lixo às seis da manhã ou a capinar as bermas da estrada debaixo de um sol abrasador...

... Licenciados em Filosofia a tentar convencer utentes da assistência social a fazer origami para passarem o tempo...

... Pessoas sem qualquer formação, despejadas em creches, a mudar fraldas e a dar papas a bebês.

Um “Tudo à balda e fé em Deus”, sem um tostão de investimento para garantir condições mínimas de segurança. Vai correr tudo bem. “Deus é amor”. Parece-me que o plano é puramente cosmético: maquilhar os números do desemprego e poupar milhões de euros em salários reais. Uma forma de transformar a sobrevivência num negócio de exploração legalizada. E fico-me por aqui. Um dia a malta, com os pés para a parede, manda o circo abaixo. Ou talvez não... Penso que seria uma boa ideia, mas...”

O líder do partido CHEGA, André Ventura, é uma máquina de produzir e difundir mentiras e informações falsas nas redes sociais. Uma equipa académica isenta, composta por 7 elementos, analisou, durante duas semanas, mais de 2500 publicações de André Ventura nas principais redes sociais: Facebook, TikTok, X (Twitter) e Instagram. Foram analisados textos, vídeos, áudios e fotos. Ao verificar e comparar as informações publicadas por André Ventura com factos verificados nas fontes oficiais, os analistas chegaram à conclusão de que 90% das publicações de André Ventura e do CHEGA contêm mentiras, informações falsas e manipulações. Os analistas chegaram à conclusão de que as publicações do líder do partido CHEGA, André Ventura, tendem mais a enganar e manipular a opinião pública portuguesa do que a transmitir informações verídicas.

...

Vamos apagar Portugal da língua e no mapa, podemos fazer como aquele programa de TV “o nome que estamos proibido de dizer”:

APAGAR PORTUGAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: A NOVA UTOPIA IDEOLÓGICA

A Língua Portuguesa não necessita de pedir licença para existir, nem de ser rebatizada ao sabor das modas ideológicas contemporâneas. É uma das grandes línguas de cultura da Humanidade, formada ao longo de séculos de História, literatura, diplomacia, ciência e expansão civilizacional. Muito antes de certas tertúlias “descoloniais” descobrirem o prazer semântico da autoflagelação civilizacional, o Português já era um veículo de pensamento, administração, poesia, comércio e universalidade. Recentemente, José Eduardo Agualusa, no lançamento do livro “Tudo sobre Deus”, no festival Remexe Rio, resolveu brindar o público com uma reflexão sobre “As aventuras das Línguas Portuguesas”, no plural. Estava dado o mote para mais um exercício contemporâneo de revisionismo linguístico, desporto intelectual tão apreciado por setores que parecem sentir vergonha da matriz civilizacional que lhes permite, publicar livros, viajar pelo mundo e discursar em festivais internacionais.

Com uma prosa sentimental e algo piegas, o escritor propôs que a Língua Portuguesa deixasse de ser Portuguesa para chamar-se “Língua Geral”, por considerar que o idioma teria deixado de ser “colonial, de opressão, de exploração e de domínio”, tornando-se, antes, um “território de encontros e afetos”. Curiosa formulação. Sobretudo porque a esmagadora maioria das línguas globais nasceu, expandiu-se ou consolidou-se por meio de impérios, migrações, guerras, alianças comerciais e influências culturais.

O Inglês não se disseminou pelo mundo graças a festivais de poesia pacifista, o Castelhana não chegou à América por intercâmbio académico, e o Francês não adquiriu estatuto diplomático universal por mera simpatia gastronómica. Percebe-se perfeitamente que o gigantesco mercado editorial brasileiro constitua, na imaginação do escritor, um palco particularmente apetecível para este discurso, ideologicamente alinhado com tendências culturais da atualidade, podendo, daí, colher apreciáveis dividendos mediáticos e editoriais.

Todavia, uma coisa parece garantida: tal estratégia dificilmente assegurará o respeito intelectual das pessoas sérias, sobretudo das que conhecem minimamente a História, a formação e a projeção universal da Língua Portuguesa. Mais curioso é verificar que o próprio Agualusa beneficiou amplamente do espaço cultural Português e europeu. Estudou no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, e recebeu bolsas literárias em Portugal, bem como apoios de instituições holandesas e alemãs. Nada de escandaloso nisso — pelo contrário. O problema surge quando tenta transformar a língua que proporcionou essa projeção internacional numa espécie de entidade abstrata, órfã da sua origem histórica e civilizacional. Como se o Português tivesse nascido espontaneamente numa assembleia multicultural sob os auspícios da ONU de Guterres.

Aliás, se a lógica defendida por Agualusa fosse levada às últimas consequências, talvez o escritor devesse dar o exemplo pessoal da rutura identitária que propõe. Poderia começar por abandonar o “José Eduardo”, de matriz claramente ibérica e cristã, e substituí-lo por algo culturalmente mais “descolonizado”. Talvez “Malungo”, em referência angolana; “Omar”, de influência árabe; ou “Caíque”, de origem guarani. Quanto ao apelido “Agualusa”, igualmente integrado na tradição onomástica, poderia ser adaptado a uma fórmula mais consentânea com essa nova utopia linguística, sem raízes nem origem definidas.

O problema destas teorias não reside no reconhecimento legítimo das múltiplas influências culturais — isso sempre existiu e constitui riqueza civilizacional —, mas na tentativa caricatural de apagar deliberadamente a matriz histórica fundadora da Língua Portuguesa, como se reconhecer a origem da língua fosse automaticamente um ato de opressão. Curiosamente, ninguém exige que o Inglês deixe de se chamar Inglês por possuir vocábulos normandos, latinos, germânicos ou hindustânicos. Só ao Português parece exigir-se o estranho ritual contemporâneo da autoflagelação identitária permanente.

Importa recordar alguns factos elementares que parecem causar incómodo a certos pregadores da nova ortodoxia linguística. O Português deriva do Latim vulgar há dois mil anos e possui um substrato Céltico-Lusitano ligado aos Galaicos, Lusitanos, Célticos e Cónios. Com o colapso do Império Romano e a presença de germânicos, iranianos ou eslavos — Suevos, Vândalos, Búrios, Alanos e Visigodos — consolidou-se o Proto-Galego-Português. Ou seja, o Português não nasceu em Luanda, no Rio de Janeiro ou numa conferência pós-colonial; nasceu na faixa ocidental da Península Ibérica, desenvolveu-se historicamente em Portugal e daí irradiou-se para o mundo de forma extraordinária. Nos séculos XV e XVI, Portugal construiu um império marítimo e comercial que levou o Português à África, à Ásia e à América. O idioma tornou-se língua diplomática, comercial e administrativa em vastíssimas regiões. Foi língua franca no Oriente, serviu de meio de comunicação entre asiáticos, africanos e europeus, e idioma dominante no Sri Lanka durante séculos.

Dessa expansão nasceram crioulos, variantes regionais e influências recíprocas. Exatamente como todas as grandes línguas universais da História. Mas há um detalhe frequentemente omitido pelos entusiastas da desconstrução identitária: a Língua Portuguesa continua, ainda hoje, a desempenhar uma função civilizacional indispensável, sobretudo em África. Em numerosos países africanos coexistem centenas de dialetos e línguas locais sem intercompreensão mútua. Sem o Português, a comunicação administrativa, jurídica, educativa e até nacional tornar-se-ia caótica. O Português funciona como elemento agregador, instrumento de unidade nacional e ponte internacional. Ironia das ironias: a língua, tantas vezes denunciada como “opressora”, é precisamente a que permite a comunicação entre comunidades que, de outro modo, permaneceriam linguisticamente fragmentadas. Também em Timor-Leste, o português desempenhou um papel político fundamental. Durante a ocupação Indonésia, a preservação da Língua Portuguesa tornou-se um símbolo de resistência nacional e de afirmação identitária. O idioma funcionou como elo diplomático com o exterior e como marca distintiva face ao ocupante. Estranho instrumento de “opressão colonial”, este, que serviu de bandeira cultural na luta pela independência.

A relevância literária da Língua Portuguesa é igualmente incontestável. Obras como “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, elevaram o idioma ao patamar das grandes línguas clássicas europeias. Mais tarde, autores como Fernando Pessoa, José Saramago, Machado de Assis ou Mia Couto demonstraram a extraordinária capacidade do Português para exprimir pensamento filosófico, ironia, lirismo, crítica social e universalidade humana. No plano diplomático e político, a CPLP constitui um espaço estratégico de cooperação internacional.

O Português é uma das línguas mais faladas do mundo com relevância geopolítica crescente. Não obstante, isso, há sempre quem considere mais urgente problematizar o nome da língua do que promover efetivamente o seu ensino, a sua difusão científica ou a sua valorização cultural. No domínio científico, o Português continua a ser um instrumento de produção e de transmissão de conhecimento em universidades, centros de investigação e instituições académicas espalhadas por vários continentes. Apesar do predomínio internacional do inglês, o Português mantém a função essencial na democratização do acesso ao saber e na formação de milhões de pessoas.

A verdade é simples, embora aparentemente incómoda para certos círculos intelectuais: o Português não precisa de ser desculpado pela História para justificar a sua existência. Nenhuma grande língua do mundo possui um passado assético, neutro ou angelical. As línguas são produtos da História da Humanidade — que raramente se escreveu com pétalas de rosa e declarações de boas intenções.

Assim, a Língua Portuguesa permanece aquilo que sempre foi: uma língua de cultura, de civilização, de universalidade e de futuro. Uma língua viva, plural e global, suficientemente forte para acolher influências externas sem perder identidade própria. E talvez seja precisamente essa solidez histórica que incomoda aqueles que gostariam de transformar tudo quanto herdámos numa vaga amálgama sem memória, sem origem e, de preferência, sem maiúsculas. Sem Portugal, não existiria a Língua Portuguesa — apenas um silêncio histórico! João Micael, Presidente da Matriz Portuguesa – Associação para o Desenvolvimento da Cultura e do Conhecimento

1 junho 1

Acordei ainda muito constipado, após dormir mal como há muito não acontecia, agora anda tudo trocado, até isto. Creio que será a segunda constipação em quatro anos; costuma ocorrer mais cedo na transição entre os solstícios. Tomei Ilvico e dupliquei o chá quente.

Há quinze dias que temos melhor tempo aqui na Lomba do que os desgraçados na bruma de PDL, mas esta manhã voltou ao normal: sol em PDL, nevoeiro aqui. E agora, que faço com o meu guarda-sol? Anda aqui guardado há 20 anos sem utilização. O Ministério do Ambiente criou um problema, com os guarda-sóis, ameaçando a tranquilidade dos que procuram os areais para descanso. É verdade que não há lei nenhuma que impeça os banhistas de montarem tendas fora das zonas concessionadas, e há sempre lugar para abuso por parte dos concessionários, estendendo as zonas que lhes são reservadas para além dos limites aceitáveis, empurrando as famílias para as dunas ou para as rochas.

Mas, salvo raras exceções, o ambiente era de harmonia no que toca aos guarda-sóis. Até que José Pimenta Machado, presidente da Agência Portuguesa do Ambiente, veio dizer que “a área concessionada está delimitada àquele retângulo e nunca poderá ultrapassar os 30% da área útil da praia e 50% da frente de mar. Tudo o resto é de uso livre”. Palavras reforçadas pela ministra do Ambiente. “As praias são públicas, sempre foram e continuam a ser”, confirmou Graça Carvalho. Resumindo, quem quiser instalar um guarda-sol em frente a um concessionário, pode fazê-lo. E está mesmo a ver-se o que vai acontecer.

Ganhei, recentemente, mais uma embirração e esta só a consigo reduzir indo, cada vez menos, ao centro de Ponta Delgada, embora, tal como o polvo, os seus tentáculos já cheguem à Ribeira Grande e a dois exemplares aqui na calma Lomba da Maia. Eu ainda não sou de extremismos, embora

a idade convide a tal; é desesperante (e não tenho epítetos suficientes no meu vocabulário para atirar neles). Se gostasse de armas, ali tinha os meus alvos predestinados. Pode mesmo ser a maior ameaça desde as roqueiras: as trotinetas elétricas. Tudo porque um inventor desocupado olhou para um brinquedo de crianças de sete anos e magicou: “E se lhe pusermos um motor elétrico, uma bateria chinesa e o mandarmos para o trânsito a 25 km/h, conduzido por alguém que bebeu três imperiais?”. Todos disseram: “Força, que excelente plano”... A estrada é o cenário dum desporto de alto risco! Existem, essencialmente, três tipos de condutores de trotinete, e todos me causam palpitações:

O Executivo Radical: de fato, gravata ao vento, pasta a tiracolo, com cara de quem fecha uma fusão de empresas enquanto ultrapassa um autocarro à direita. Não tem amor à vida, só ao PIB.



O Turista Deslumbrado é o mais perigoso: conduz com uma mão e, com a outra, filma os Jerónimos para o Instagram. Não sabe onde fica o travão, não sabe o que é um ‘STOP’ e, nem sabe bem em que país está.

O Casal Romântico: Duas pessoas espremidas numa base que mal serve para dois pés de tamanho 38. Vão abraçados, a partilhar o mesmo centro de gravidade instável e a desafiar as leis da física de Newton. Se caírem, não é um acidente, é um divórcio instantâneo. E há o estacionamento. As trotinetas têm a capacidade mágica e inaudita de serem deixadas onde mais prejuízo causam, seja na passeadeira, na entrada de garagens, ocupando o passeio ou o estacionamento de automóveis. Parece que, sempre que alguém chega ao destino, simplesmente desliga o cérebro e deixa o veículo. Nunca tentei andar numa, nem na do meu filho João, que não tinha motor e atingia 25 km/h a descer a rua quando cá chegámos, e tinha 8 anos. Por isso, se ouvirem um silvo elétrico atrás, não olhem: protejam a cabeça e rezem mesmo que não saibam a que divindade. PS: Andámos a estudar o código e a frequentar aulas para vermos gente no meio da estrada com zero noções sobre o perigo.

As trotinetas elétricas são um verdadeiro perigo no trânsito ou nos passeios. Já vimos três fulanos ou fulanas numa trotinete, mas as trotinetas partilhadas vão deixar de circular em Bruxelas no início do próximo ano. Em causa está o aumento do número de acidentes, as queixas de obstrução da via pública, a condução perigosa, o uso indevido por criminosos e o número de mortes. Em 2025, mais de 660 pessoas ficaram feridas em acidentes com trotinetas. Boris Dillière, ministro-presidente da região, disse à Euronews que é necessário organizar a cidade. No ano passado, ocorreram 25 tiroteios envolvendo trotinetas. A capital belga não é a primeira a avançar com um corte total no uso deste meio. Primeiro, Paris, em 2023; depois, Madrid, em 2024; e Praga, este ano. Em todas estas capitais, a justificação centrou-se nos problemas de segurança associados à circulação e no incumprimento das regras de estacionamento. Para quando, em Lisboa, Porto, Coimbra e PDL, os autarcas têm a coragem de seguir este bom exemplo? Artur Arêde: “A narrativa não é minha mas até poderia ser, o sentimento é o mesmo.”

Há rapazes da minha idade sem tarelo nenhum, ou ainda acreditam na História da Carochinha. Felizmente, não tenho essas veleidades; a Nini morreu e não procuro quem a substitua para me aquecer os pés nas longas e húmidas noites açorianas. Pelo contrário, permaneço com ela em várias memórias e momentos recriados dia após dia, ano após ano. Há, porém, outros que já tinham idade para terem juízo, mas devem ter os espelhos quebrados e há muito que não se veem num. Claro que não me ponho a jeito nem tenho 150 mil € para falsas arquitetas se locupletarem; não deixo que outros paguem despesas, muito menos em encontros de cunho amoroso, que deixei de ter há três décadas.

Uma mulher de 59 anos afirmava ser arquiteta e pagava as despesas de todos os encontros com as vítimas. Envolveu-se com dois homens de Viana do Castelo e conseguiu ‘sacar’ 200 mil euros. Está em prisão preventiva. No primeiro encontro com Manuel (nome fictício), de 74 anos, numa esplanada no Cais de Gaia, a mulher, de 59 anos, pediu um cálice de vinho do Porto por 21 euros. Impressionado com a escolha cara, o homem questionou-a. “Sou mais rica do que tu”, respondeu. Um mês depois o casal partilhava casa, em Ponte de Lima. Na semana seguinte, a mulher desapareceu com 150 mil euros de Manuel. Nem pena tenho desses rapazes da minha idade.

Nada que se compare ao célebre caso de Anna Sorokin, que ficou mundialmente conhecida por fingir ser rica e enganar a elite, sob o pseudónimo Anna Delvey. Passava por herdeira milionária alemã e conseguiu defraudar bancos, hotéis de luxo e amigos em Nova Iorque. Nascida na Rússia e criada na Alemanha, Sorokin mudou-se para Nova Iorque em 2013. Lá, criou a identidade fictícia de “Anna Delvey”, alegando possuir um fundo fiduciário de 60 € milhões. Com uma postura sofisticada e gastando dinheiro que não tinha, conseguiu infiltrar-se nos círculos mais exclusivos da alta sociedade. Hospedava-se em hotéis de cinco estrelas, jantava em restaurantes caros e frequentava festas de gala. Conseguiu obter empréstimos vultosos junto a bancos, apresentando documentos falsificados (gostava de ter aprendido com ela). Lesou hotéis, restaurantes e conhecidos (incluindo a amiga que pagou viagem de luxo a Marrocos). Em 2019, foi condenada a pena de 4 a 12 anos por furto qualificado e por roubo de serviços. A história chamou inspirou a minissérie da Netflix, “Inventando Ana” (Inventing Anna).

Um novo limbo? A ciência apresentou uma ideia, saída de um filme: talvez exista uma espécie de “terceira condição” entre estar vivo e estar morto. Investigadores observaram que, mesmo após a morte dum organismo, algumas células podem permanecer ativas por algum tempo. Em ambientes adequados, podem reorganizar-se, trabalhar juntas e formar pequenas estruturas vivas capazes de se mover. Em experiências com embriões de sapo já mortos, células da pele foram colocadas numa solução nutritiva. Em vez de permanecerem isoladas, começaram a agrupar-se por conta própria e deram origem aos chamados xenobots, pequenos organismos microscópicos com comportamento próprio.

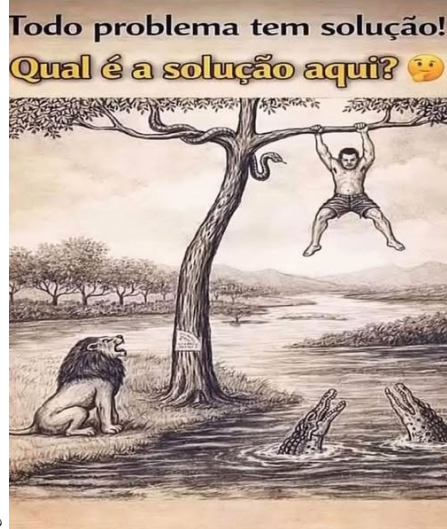
Essas estruturas não ficaram paradas, conseguiram locomover-se, reparar danos em si mesmas e até criar novas versões ao organizar outras células livres ao seu redor. Em testes semelhantes, células pulmonares humanas também formaram os chamados anthrobots, capazes de se mover e auxiliar na recuperação de tecidos nervosos danificados. A descoberta pode mudar profundamente o futuro da medicina regenerativa, estruturas feitas com células do próprio paciente talvez possam ser utilizadas para levar remédios diretamente aos tumores, auxiliar na regeneração de órgãos lesionados ou remover obstruções em vasos sanguíneos. Como esses biobots seriam produzidos a partir do próprio corpo da pessoa tratada, a hipótese de rejeição pelo sistema imunológico seria muito menor. A pesquisa levanta uma pergunta poderosa: se células dum organismo morto ainda conseguem transformar-se em algo novo, onde exatamente termina a vida? Fonte: Noble, P. A., & Pozhitkov, A. “Biobots arise from the cells of dead organisms – pushing the boundaries of life, death and medicine.” The Conversation.

2 junho 2

Acordei ainda constipado; não aparento ter febre, com muito catarro e o nariz pingando um pouco menos do que ontem. Lá fora, sol (17–22 °C), sensação térmica de 28 °C e humidade de 88%. Esta semana será o lançamento de Humor na Literatura Açoriana (obra completa da Nini, compilada pelo Victor Rui Soares), mas já me escusei pela ausência. Não quero ter maus encontros (como os de Telmo, Zeca Soares e outros). Soube que o Urbano foi submetido a uma cirurgia de neurocirurgia e ainda mal anda. Também começa esta semana, integrado no PDL capital da cultura 2026, organizado pelo companheiro Nuno Costa Santos, um encontro de escritores a que não vou por coerência, apesar de ser, talvez, a melhor coisa da

programação. Há dias concluí o caderno de Estudos Açorianos da Dora Gago e a Sunes já me mandou um do Carlos Enes para eu montar. Quanto aos novos colóquios, continua o silêncio: ninguém nos quer.

Ontem vi esta imagem que parece ilustrar a minha vida até aos 45 anos, ou seja, pré-Nini. Quem não esteve confrontado com situações como esta



ou quem tinha um amigo com um helicóptero?

Para isto, não fizeram flotilha, a hipocrisia alastra. Kawthar tinha 15 anos. Recusou casar com o primo. Mataram-na. A família celebrou. O caso aconteceu a leste de Bagdade, em maio de 2026. A rapariga desapareceu numa noite de quarta-feira. A família reportou o desaparecimento, alegando que ela tinha fugido com um rapaz. Foi localizada, entregue a um grupo tribal e morta sob a justificativa de “lavar a vergonha”. Vídeos nas redes sociais mostram familiares a celebrar. A mãe apresentou queixa. As autoridades não comentaram. Este é um crime de honra. Não é um fenómeno novo no Iraque, nem na região. Em 2025, o parlamento iraquiano alterou o Código do Estatuto Pessoal de 1959, abrindo caminho para o casamento de crianças a partir dos 9 anos. A lei original, aprovada na monarquia, era protetora: proibia o casamento infantil, limitava a poligamia e garantia direito de herança às mulheres. Sobreviveu a décadas de ditadura mas não à democracia da ocupação americana.

No Afeganistão, vinte anos de ocupação americana e de retórica sobre emancipação feminina evaporaram-se em agosto de 2021, quando os Talibãs retomaram Cabul. As afegãs que estudaram, trabalharam e integravam o governo voltaram a ser propriedade.

Na Líbia, a NATO derrubou Gaddafi em 2011, mas não construiu nada. O país partiu-se em milícias rivais e em dois governos sem autoridade. As mulheres líbias, com acesso garantido à educação e ao emprego, perderam as proteções práticas sem liberdade.

O caso de Kawthar não é só a história duma jovem morta pela própria família. É o resultado concreto da estratégia geopolítica que prometeu democracia e direitos, mas produziu o contrário para milhões de mulheres. Mas isto também se passa nos países ocidentais, contudo as pessoas não sabem nem veem. Há mais de 30 anos, conheci em Sydney, uma jovem afegã de 18 anos que crescera na Austrália desde os 2 ou 3 anos. Foi proibida de namorar quem quera e casou, à força, com um idoso de 60 anos escolhido pela família.

O homem reconhecido como o «Padrinho da Inteligência Artificial» transformou o palco mais prestigiado do mundo numa plataforma de alerta global. Geoffrey Hinton, Prémio Nobel da Física de 2024 pelas descobertas fundamentais nas redes neurais e na aprendizagem automática, aproveitou o discurso oficial em Estocolmo para lançar um alerta assustador sobre a tecnologia em rápida evolução: a ganância corporativa e a falta de regulamentação conduzem rapidamente a humanidade a uma realidade distópica.

Hinton expôs as ameaças existenciais representadas pelos sistemas digitais autónomos, afirmando: «A IA está a ser utilizada por governos autoritários para vigilância em massa. No futuro será utilizada para criar novos vírus e armas letais que decidem quem matar ou mutilar. Existe também a ameaça existencial a longo prazo quando criarmos seres digitais mais inteligentes do que nós.

Não temos ideia se conseguiremos manter o controlo. Se forem criados por empresas orientadas por lucros a curto prazo, a nossa segurança não será a prioridade. Precisamos urgentemente de impedir que estes novos seres assumam o controlo. Já não são ficção científica.” Em todo o mundo, conglomerados tecnológicos apressam-se a construir centros de dados gigantescos e devoradores de energia, que consomem quantidades sem precedentes de eletricidade e água para alimentar modelos de treino de IA em bruto.

Tal como aqui foi previsto ao longo dos anos, está agora confirmado que Ricardo Salgado fica com a pena de 13 anos suspensa e não irá para a choldra. O mesmo destino deve aguardar José Sócrates Pinto de Sousa... O caso é conhecido, não precisa de grandes esclarecimentos. Foi o dono disto tudo (DDT) durante décadas. O “Banco” era uma associação criminosa, com alvará e portas abertas.

Criou uma poderosa rede tentacular de poderes ocultos. Ao pé dele, o Alves dos Reis que passou 20 anos na prisão, era um menino de coro. Este homem roubou muitos milhões aos Portugueses. Com esse dinheiro, poderiam ter sido construídos hospitais, escolas e estradas, e as pensões teriam sido aumentadas... Desde o início dos julgamentos, que invocam “doença mental” como causa de inimputabilidade, ou seja, para se escapulir... Juntou aos autos dezenas de “declarações” assinadas por especialistas. Pagos.

Foi julgado e condenado a uma pesada pena de prisão, que deveria ter começado a cumprir há mais de 1 ano... Nunca acreditem na justiça em Portugal, pois só se aplica a pobres e fracos. Quem ficou preso efetivamente? Vale e Azevedo e o Armando Vara... mais ninguém... como Ramalho Eanes disse, “enquanto as cadeias se enchem de pequenos ladrões, os grandes ladrões governam o país.”

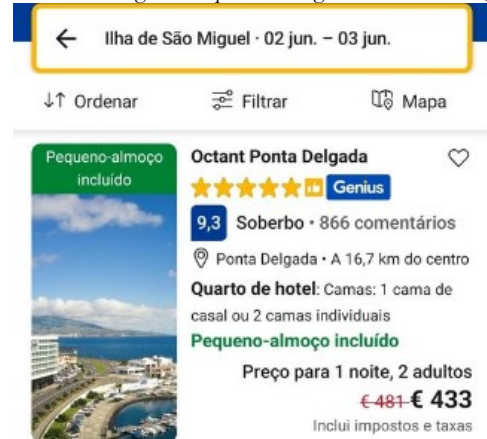
3 junho

ISTO É TOTALMENTE ILEGAL - Os pais que impedem o convívio entre avós e netos cometem uma ilegalidade. Veja-se o Código Civil, Artigo 1887.º a, n.º 1: “Os pais não podem, injustificadamente, privar os filhos do convívio com os irmãos e ascendentes.” (Aditado pela Lei n.º 84/95, de 31-08). Aqui se regista a ilegalidade aplicável aos meus netos, filhos dos meus gémeos para memória futura. Não conto mover qualquer ação judicial, mas desejo-lhes apenas a justa retribuição quando forem avós. Talião sempre.

O calor aí está, finalmente, entre 18 e 23 °C, com sensação térmica de 27 °C e humidade de 85%. A minha constipação vai-se desvanecendo lentamente (é ela e eu), como tudo nesta idade: sempre lentamente. Estendi agora uma máquina de roupa que vai secar a tempo para a mulher a dias, a nossa governanta Berta, que não sei se virá na 5.ª feira, como é costume por ser feriado santo do Corpo de Deus e ela costuma cumprir esses feriados. Nesse caso, viria apenas na sexta-feira, o que ela acaba de confirmar por telefone. Nada de crítico, como, aliás, a maioria das coisas que ora se me deparam, sob uma atitude mais benevolente do que no passado, sem crises nem urgências. A única urgência é respirar com alguma saúde. Nada

tem a relevância que já tinha há meia dúzia de anos. Passei muito nestes anos para agora me deixar amaciar no trato, mas é a lei da degenerescência aplicada a mim, queira ou não, é a triste realidade.

Hoje consta haver uma greve geral, com mais umas centenas de passageiros sem voos, a juntar aos 17 mil que ficaram em terra, e nem todos ainda conseguiram voar para dentro ou para fora da ilha de S. Miguel. A ministra diz que não foi nada de greve e que toda a gente foi trabalhar, parecia o



ministro da verdade de Saddam... Aproveite o desconto de nevoeiro e fique neste hotel uma pechincha de noite a 433.00 €...



CHRISTCHURCH É A CIDADE-TESTE. A FALÁCIA DAS “SMART CITIES”.

Christchurch é a cidade do futuro, onde todos seremos controlados... O Fórum Económico Mundial (WEF) deu-lhe esse nome. A DARPA construiu-a. Os militares testaram-na em soldados e, posteriormente, em escala da cidade, em Nova Iorque. O homem que dirigiu o programa de biossensores também dirigiu a campanha de vacinação. Christchurch não foi escolhida ao acaso. O terremoto deixou a tela em branco; a cidade teve de ser reconstruída do zero. Novos canos. Novas estradas. Novos postes de iluminação. E dentro desses postes, algo que nunca esteve na agenda pública. 44 000 postes de iluminação inteligentes Itron CityEdge. Implantados em toda a cidade de Christchurch a partir de 2017. A própria documentação do produto da Itron confirma a presença de sensores acústicos integrados na plataforma. Monitorização de ruído. Monitorização comportamental. São palavras deles. Não é uma interpretação.

A documentação descreve tecnologias avançadas de monitorização do som e do comportamento, capazes de detetar comportamentos antissociais em espaços públicos. A cada 30 metros, em todas as ruas, 44 mil deles. A ouvir. Os postes de iluminação não são apenas ouvidos, são a rede de transmissão. Os contadores de água inteligentes medem o consumo a cada 30 minutos e transmitem os dados pela rede de iluminação pública da Itron. Os seus padrões, as rotinas. Quando acorda. Quando sai. Quando chega a casa. Quando tem convidados. Tudo lido pelo ritmo do consumo de água. Transmissores sem fios pelo poste de iluminação até à porta da sua casa.

Gavin Hutchison. Diretor de Águas da CCC, o responsável por implementar isto em todas as propriedades de Christchurch até meados de 2027, foi questionado se os residentes poderiam optar por não participar. A resposta foi gravada e confirmada: não participar não é uma opção. A Câmara Municipal de Christchurch detém 100% da Christchurch City Holdings Limited. A CCHL detém 89,3% da Orion, que gere a rede elétrica em 229 000 propriedades. A CCHL detém 100% da Enable Services, que gere a rede de fibra ótica. A CCHL detém 100% da Citycare, que mantém a infraestrutura de água. A CCC detém e opera diretamente a rede de iluminação pública da Itron, com 44 000 nós. Uma entidade-mãe. O contador de eletricidade. O contador de água. A fibra. O sensor de iluminação pública. O empreiteiro de manutenção da água. Tudo isto. Uma estrutura de propriedade. Sem limites entre os fluxos de dados.

Em dezembro de 2024, a Orion adjudicou, um contrato à Future Grid Pty Ltd. para a Plataforma de Análise de Redes de Baixa Tensão. O objetivo é recolher dados de contadores de energia inteligentes em nível doméstico. O seu consumo. Mapeado. Analisado. Em tempo real. Adicionado ao consumo de água por meio dos postes de iluminação. Os sensores NEC KITE estão espalhados por toda a cidade de Christchurch, monitorizando continuamente a qualidade do ar, os níveis de CO₂, o ruído e as partículas em suspensão. Esses dados alimentam o painel SmartView. Uma imagem em tempo real. Cada bairro. Cada sensor. Cada leitura. Atualizada em tempo real.

Acima das ruas, 45 câmaras ANPR estão em funcionamento em Christchurch. Uma resposta à OIA, em abril de 2024, confirmou o número. 28 delas são operadas diretamente pela Polícia da Nova Zelândia para prevenção do crime. Todos os veículos. Todas as matrículas. Todos os movimentos. Registrados. A Polícia da Nova Zelândia confirmou, na sua própria documentação, que os dados ANPR são utilizados para análise de inteligência que permite construir um padrão de vida dos movimentos de um veículo específico ao longo de até 12 meses. Padrão de vida. Esse é um termo de vigilância militar. Significa que não estão apenas a registar onde foi.

Estão a construir um modelo de quem é a partir dos locais para os quais vai. A polícia acedeu aos sistemas ANPR 700 000 vezes num ano, em todo o país. Não 700 000 veículos. 700 000 eventos de acesso individuais. Os painéis publicitários digitais em toda a Nova Zelândia têm câmaras ANPR integradas. A NZTA testou secretamente o acesso aos dados dessas câmaras. Quando a RNZ noticiou o facto, o teste já estava em curso. Sem anúncio público. Sem consentimento. Sem legislação que o autorizasse.

O SaferCities vGRID dá à Polícia da Nova Zelândia acesso em tempo real a mais de 5.000 câmaras em todo o país através dos smartphones de 4.000 agentes. Em tempo real. Qualquer câmara da rede. A partir dum telemóvel num carro de patrulha. Não existe regulamento de vigilância na Nova Zelândia. Nenhuma lei exige a aprovação da comunidade. Nada equivalente ao que San Diego foi obrigada a introduzir depois de os residentes terem descoberto que os postes de iluminação inteligentes os filmaram secretamente e que a polícia acedera às imagens 164 vezes em 13 meses, sem que ninguém soubesse da existência das câmaras. San Diego sofreu uma reação pública. Conseguiram uma lei. A Nova Zelândia não teve essa discussão.

Olhe para cima. A Southern Positioning Augmentation Network, sistema conjunto de satélites dos governos da Austrália e da Nova Zelândia. A Lockheed Martin detém o contrato. 1,18 mil milhões de dólares ao longo de 19 anos. A estação terrestre de Awarua, em solo neozelandês, está operacional desde julho de 2024. O sistema oferece precisão de GPS de 10 cm. Todos os dispositivos. Todos os veículos. Todas as pessoas com um dispositivo conectado. Rastreável com precisão de 10 cm. Agora, ligue isso ao corpo.

As partes 1, 2 e 3 documentaram nanopartículas de aditivos alimentares que viajam do intestino para o cérebro por meio do nervo vago. O «neural dust», financiado pela DARPA, lê e estimula a atividade nervosa a partir do exterior do corpo, utilizando ultrassons. O IEEE desenvolve protocolos de terahertz para comunicar com nanorredes no interior do corpo a partir de infraestruturas externas. A rede 6G foi concebida para conectar sistemas biológicos a redes externas de IoT. É aqui que a rede corporal e a de vigilância se tornam uma só. A Nova Zelândia negocia a Parceria de Segurança Fronteiriça Reforçada (EBSP) com os EUA. A EBSP não é uma verificação de base de dados do tipo «acertou ou não». É um acesso automatizado e em tempo real às bases de dados biométricas nacionais. Agências de inteligência dos EUA. Automatizado. Em tempo real. Sem necessidade de ordem judicial. Sem notificação ao sujeito.

O Código de Privacidade do Processamento Biométrico entrou em vigor em novembro de 2025. O Conselho de Liberdades Cívicas da Nova Zelândia confirmou que a exigência de consentimento não foi reduzida. Foi removida. A Lei da Estrutura de Confiança dos Serviços de Identidade Digital entrou em vigor em julho de 2024. Identidade digital RealMe. A base de dados biométrica da DIA. O reconhecimento facial eGate já em funcionamento nos aeroportos. O teu rosto. Os teus movimentos. O teu veículo. O teu consumo de água. O teu consumo de energia. Os teus dados biométricos. Tudo isto a fluir para sistemas detidos ou acessíveis pela mesma arquitetura corporativa e de inteligência ligada à defesa que as Partes 1, 2 e 3 documentaram como a construção da infraestrutura para ler o teu corpo a partir do exterior. O poste de iluminação à porta da tua casa não foi construído para iluminar a rua. Christchurch foi o teste.

A ideia de traduzir e reproduzir isto é que não o vai ouvir no telejornal nem ler nos jornais. Não é por seu desconhecimento que vai deixar de existir. Acredite ou não, isto passa-se em vários locais, não apenas na Nova Zelândia, e irá espalhar-se até chegar a si. Ainda bem que estou nos Açores, pois isso vai demorar mais tempo, a menos que sejamos destruídos por um vulcão ou um terramoto.

4 junho

Imagine-se que, no dia 29 de maio, a Proteção Civil e a Câmara da Ribeira Grande simularam uma situação de catástrofe na lomba da Maia, e nem eu nem a maioria dos habitantes dei conta, pois tudo se passou no quartel de bombeiros que aqui temos... Não há dúvida de que a vida na aldeia me passa à margem e, depois, quando a filha Bé pergunta o que se passa, respondo sempre “nada”.

Li hoje este aviso: “No início da passagem, as poeiras do Saara vão afetar, com maior incidência, os Grupos Ocidental e Central, passando, progressivamente, a afetar o Grupo Oriental. O Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) explica, que “este fenómeno resulta da combinação de movimentos verticais ascendentes sobre o deserto do Saara, que elevam as partículas de poeira para níveis mais altos da troposfera, com uma circulação atmosférica favorável ao seu transporte até ao arquipélago”. Além disso, a circulação das partículas de poeira é favorecida por uma corrente de oeste-sudoeste, associada à circulação de um vasto anticiclone centrado a sul. Assim, se notar que o céu tem uma tonalidade mais pálida de azul nestes próximos dias e que se torna mais esbranquiçado, saiba que este fenómeno deve-se às partículas de poeira provenientes do deserto do Saara, localizado no continente africano.

Prestações sociais: não é a fraude que explica os 159 milhões pagos indevidamente. A Ministra Maria do Rosário Palma Ramalho proclamou: “Temos, neste momento, 159 milhões de pagamentos indevidos de prestações sociais, alguns decorrentes de fraude”.

A ministra manipulou a verdade: “AS 2 FACES DA MESMA MOEDA OU A DUALIDADE DOS OPOSTOS: A esmagadora maioria dos 159 milhões de € pagos indevidamente pelo Estado não resulta de fraude tendo já sido regularizados.

O que se espera de um político, ou de qualquer pessoa responsável, é que seja, no mínimo, gente séria. Quando se trata de uma Ministra, a exigência é absolutamente maior; afinal, é responsável por uma “pasta” e, queira ou não, representa todo um governo.

Quando uma Ministra falha estrondosamente, é todo um governo que fica em cheque. Existem contradições que podemos relativizar, mas há outras que são autênticos “tiros nos pés”.

Uma responsável ministerial que não sabe o que diz, que não entende patavina da matéria da qual supostamente é responsável, não é apenas alguém sem credibilidade; é essencialmente uma personagem cujo futuro está penhorado quanto à idoneidade do seu desempenho.

À parte das qualificações académicas que tenha e das provas da sua capacidade gestora, que a levaram ao Ministério do Trabalho e Segurança Social, esta personagem é, afinal e aparentemente, a autêntica e única “fraude”.

Pode ter sido um derrapão, uma dialética precipitada, uma análise feita pela rama, um erro de paradoxo; pode até ter sido um momento infeliz.

Todavia, em política, é só mais uma espinha que fica, na chacota de que se fala, e que nem o mundial de futebol dá para relevar! Gostava de saber como é que o nosso primeiro vai aplicar a nova lei dos 13 subsídios num só (Prestação Social Única (PSU)) a este belo casal.



NÃO conseguem tirar das páginas esta notícia e é bom que permaneça assim:

«As pupilas dele nem sequer reagem», disse a agente da polícia que assistiu ao sofrimento de Henry Nowak durante três minutos.

Henry Nowak já tinha sofrido uma grave hipoxia cerebral quando os agentes decidiram chamar a ambulância. À medida que Henry se tornava cada vez mais indiferente, uma agente apontou uma lanterna para os seus olhos para verificar a sua reação. Ela então comentou abertamente com o seu colega: «As pupilas dele nem sequer reagem», o que finalmente os levou a chamar uma ambulância.

Pupilas fixas, dilatadas ou sem reação são um sinal primário de hipoxia cerebral grave (falta de oxigénio no cérebro) ou de paragem cardíaca. Tudo aconteceu enquanto Henry estava imobilizado no chão, algemado. Antes de examinarem os olhos, os agentes presumiram que Henry Nowak estava bêbado devido à lentidão, respiração ofegante e incapacidade de falar claramente.

Vários protestos degeneraram em violência em Southampton, no sul da Inglaterra, após a divulgação do vídeo da bodycam de um polícia que mostra as circunstâncias da morte de Henry Nowak, um jovem de 18 anos que morreu após as autoridades o terem algemado, ignorando as queixas de que tinha sido esfaqueado. As imagens divulgadas pela polícia, mostram o jovem a afirmar “fui esfaqueado”, enquanto o agente responde: “Julgo que não, amigo”. Henry sofreu ferimentos nas pernas e um golpe fatal no coração no dia 3 de dezembro do ano passado, provocado por uma lâmina

de 21 centímetros que, segundo Digwa, está associada à religião sikhista, o que lhe permitiria transportá-la. Vickrum Digwa foi condenado à prisão perpétua, com um período mínimo de 21 anos.

No vídeo, ouve-se Henry a dizer que não conseguia respirar que foi esfaqueado várias vezes. Os polícias ignoraram-no, arrastaram o jovem pelo chão e algemaram-no. À medida que o vídeo prossegue, surge Digwa, que alegadamente mentiu à polícia ao afirmar ter sido vítima de um ataque racista. Afirmou que Nowak lhe tirou o turbante e o agarrou pelos cabelos, acrescentando que também tinha o olho inchado. A família do jovem classificou o tratamento que Nowak recebeu dos polícias como “desumano e degradante”. A polícia veio pedir desculpas, mas o caso indigna todos. Não consigo imaginar a justiça, ao contrário, aqui aplicada neste caso.

Houve confrontos com a polícia e um dos agentes queixou-se de ter sido atingido por um lato do lixo, daqueles grandes e verdes com rodinhas. Nem acreditam, mas a carrinha da polícia apreendeu o lato e levou-o, como se pode ver em



<https://www.facebook.com/reel/1618877643129949>. Tinham muito por onde escolher.

7 junho

Nota trivial na vida de um idoso. Há anos que uso “blue flush” (rodelas azuis do Pato) para sanitizar a sanita. Já na Austrália eram as escolhidas; nem sempre se encontram, mas os hiper, mais cedo ou mais tarde, trazem-nas de volta. Há muito tempo que constato que se gasta demasiado depressa.



Só há dias descobri a razão: havia uma pequena fuga de água, sempre a pingar, que ia diluindo o azul e, assim, fazia com que se gastasse mais depressa do que devia. Desmontei o mecanismo, fixei o fecho da água no autoclismo e agora está sempre azul. Pode parecer trivial. É uma pequena vitória dum idoso contra a avaria, sem haver mais ninguém que a reparasse.

Não há nada neste mundo que possa trazer alívio ou alegria. Mais uma:... A Black Rock e a Vanguard, através da Google, vão libertar mosquitos infetados sobre seres humanos que não deram o seu consentimento. De acordo com o Irish Daily Mail, a Google apoia um projeto controverso que visa libertar 64 milhões de mosquitos infetados na Califórnia, no condado de Fresno, ao longo de dois anos.

Este projeto «para ajudar a humanidade, juramos» é lançado pela Verily, uma empresa de ciências da vida detida pela Alphabet Inc., a empresa-mãe do Google (com os principais acionistas Black Rock e Vanguard). A alegação é de que 40% da população está em risco de contrair doenças transmitidas por mosquitos, como zika, dengue e chikungunya. A solução é utilizar «insetos benéficos».

Os mosquitos machos são infetados por uma bactéria endógena, a Wolbachia. Ao contrário das fêmeas, os machos não picam humanos. São 64 milhões que serão despejados sobre as populações. Quando acasalarem com fêmeas selvagens, os ovos não serão viáveis, o que levará à redução da população. O que PODE acontecer é que, se a bactéria bloquear um vírus, este pode sofrer uma mutação para ser «mais forte» ou encontrar uma forma de contornar o bloqueio. Por outras palavras, poderá surgir uma nova estirpe, criada por «erro», capaz de provocar uma nova pandemia global. Cientistas como Bill Gates (oh, espera, ele NÃO É cientista) tentam tornar os humanos alérgicos à carne e aos laticínios através dum plano semelhante ao da libertação de mosquitos. Tenho a certeza de que não tem nada a ver com o projeto Wolbachia. Nada.

Uma terapeuta poderia dizer-me: “Realmente, não estás deprimido. Estás lúcido num mundo doente.” Haja fôlego para tanto acontecimento ao mesmo tempo. Caso para dizer: “socorro, tirem-me daqui, deste filme: não gosto do realizador.” Brinquei muitas vezes e disse que não sou daqui. Quantas vezes o disse ou o escrevi? Creio que muitos já o sentiram: aqui não é a nossa casa. Estamos deslocados em relação à sociedade. não apetece sociabilizar, ir a lugares e aturar críticas ao que defendo, vindas de pessoas completamente formatadas... sinto isso diariamente, isso leva ao isolamento, a ser “antissocial”, segundo a psicologia. Tudo o que não se enquadra na formatação é considerado antissocial pelos donos da coisa. Sempre me senti sozinho no meio de uma multidão, não me enquadrando aqui.

Não me sinto marciano, mas terráqueo sou pouco. Sempre me senti um indivíduo, um individual, muito individual, apesar de saber jogar em equipa, se necessário. Acredito que seja por ter porfiado até “encontrar o sentido da vida”. Quando entendemos que o mundo existe a partir da nossa conceção e não somos insignificantes, podemos ser mais felizes. Acho a terra inóspita. Não estou deslocado, desloquei o mundo para longe. Foi isso que fizemos juntos, a Nini e eu. Não há, de facto, um espaço ao qual pertença; pelo contrário, os espaços é que me pertenciam, até estabilizar nos Açores. Espaços, mundos, grupos pertencem-me, mesmo que não o admitam. O humano faz parte da natureza, que não pode ser moldada, pois é minha, neste mundo de anormais e aberrações, sendo quem sempre mandou na humanidade.

Epstein não é a exceção, mas a regra que nos subjuga há milhares de anos. Muitos sabem da minha faceta **pinga-amor**: aquela em que me enamorava com facilidade e a demonstrava com muito amor. Quase todas as minhas paixões enormes, avassaladoras, eram substituídas por outras e, de desgosto em desgosto ou de amor em amor, construiu-se a minha vida infeliz. Assim foi até aos 45 anos, saía de uma, vinha outra que estava guardada na manga. Por vezes, improvisava ou ia à coleção para ver se alguém se reciclava neste carrossel de amores infelizes, casamentos e uniões de facto.

Agora, viúvo, depois de 29 anos conjugais com a Nini, sei algo que nunca tinha sabido: amei-a verdadeiramente; daí esta saudade eterna que me acompanhará até ao fim da sanidade ou da vida. De facto, sei, com toda a certeza descartiana, que nunca amei ninguém assim antes. Isso explica o que sinto no vazio dos dias e na plenitude das memórias, privilegiando as boas – e muitas foram – e menosprezando os momentos menos conseguidos, que também houve, quando a ambos apetecia divorciar, separar ou partir. Isso que normalmente durava pouco (uma vez durou até 3 dias) acabava quando pensávamos que nunca teríamos, na nossa vida, um parceiro como o outro e que queríamos continuar a viver em conjunto. E viúvo ou não, continuamos juntos, com uns pequenos ajustes, como se nada tivesse passado, apenas não ouvimos a voz um do outro — apenas telepatia. Pensamentos em voz alta ou por este diário.

Connosco, a felicidade e o amor não se gastavam, renovavam-se, ressuscitavam-se por pequenos gestos, um jantar à luz de velas, uma ida ao restaurante, uma pequena oferta a celebrar uma data querida, um Dia de Namorados, o dia dos teus anos (nossos anos de casados), um mero passeio à volta da ilha, um lanche diferente, tudo normalmente acompanhado de fotos a celebrar o instante e são essas que ora me acompanham e preenchem os dias, seja na secretária ou na mesa ao lado da cadeira de balouço onde vejo TV.



Bragança 2004



Cedros, Faial 2007



Moinhos 2013

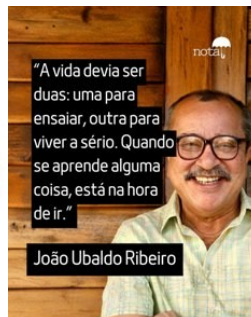


Pico (Aldeia da Fonte) 2018

“A vida sem ternura
não é lá grande coisa.”

8 junho

Ah! finalmente encontrei o relógio que me faltava; agora vou ter horas certas a toda hora.



De manhã, com nevoeiro local, saí para ir ao hiper trazer algumas coisas que não se encontram aqui, no minimercado local. Depois, tinha de ir ao BPI para atualizar o contrato de seguro de empregada doméstica, cancelado por erro da IA: o dinheiro saiu e voltou a entrar por erro na autorização de débito automático. O lapso depois foi meu no seguimento: nada mais fiz e ficou por pagar em maio passado. Este ano saiu e entrou no dia seguinte, pois já não estava em vigor. Quando fui indagar o que se passava, descobri que estava a descoberto. Tinha de ir à Ribeira Grande, o que fiz, mas o sistema implicava que ela devia receber o salário mínimo, o que é incongruente com a situação de empregada a dias. Assunto resolvido após fornecimento dos dados pessoais dela, pois já não é possível manter o nome em branco.

Ensinaaram-te a ter medo da solidão porque, quando comes a pensar por ti mesmo, tornas-te um perigo para o sistema. Aprende a ser a tua melhor companhia. E nunca mais te vais sentir sozinho neste mundo! A capacidade de desfrutar da própria companhia é uma das formas de paz mais subestimadas. Quando nos sentimos à vontade sozinhos, deixamos de procurar distrações e começamos a prestar atenção ao que realmente importa. Nunca esqueças: a liberdade de expressão existe... até dizeres uma verdade inconveniente.

Aumenta o ruído devido à supressão dos apoios culturais nos Açores. RJAAC deixa mais de 40% das candidaturas elegíveis sem apoio. O MOVA (Movimento pela Arte e Cultura nos Açores) critica o Regulamento Jurídico de Apoios a Atividades Culturais, afirmando que mais de 40% das candidaturas tiveram avaliações elegíveis, mas não foram apoiadas, o que afeta projetos de todas as dimensões.

Dois meses após a divulgação das primeiras listas do Regime Jurídico de Apoio às Atividades Culturais (RJAAC) para 2026, a contestação não diminuiu. Entre exclusões, críticas e pedidos de esclarecimento, o diálogo com os agentes culturais ficou pelo caminho.

Apesar da participação do setor na revisão do regulamento, muitos acusam a Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto de ter avançado com um modelo de apoios que não reflete as propostas defendidas durante o processo de discussão.

Depois da polémica, fica a questão: ainda há margem para corrigir o erro? Todos os anos têm havido cortes e mais cortes, e as atividades culturais multiplicam-se e aumentam de ano para ano. A meritória Associação de Juventude Viola da Terra ficou sem apoio para 2026. A direção acusa a tutela da Cultura de falhas na implementação do novo modelo de financiamento. Eu não comento, pois a AICL receberá mais pelo 41.º colóquio, que decorreu em março, do que no ano em que tivemos 60 autores presentes, ao celebrar os 20 anos... não entendo nem quero. Tivemos a melhor classificação de sempre numa candidatura ao RJAAC. Uma lotaria é o que isto é.

Tenho uma prima a caminho dos Jogos Olímpicos... Trata-se da Marta, que é mais nova que o João por dois anos. Li hoje no Açoriano Oriental: “PORTIMÃO — Marta Magalhães começou a jogar ténis aos quatro anos em São Miguel e, aos 18, conquistou uma bolsa que a levou a atravessar o Oceano Atlântico para fazer do Idaho a sua segunda casa, onde estudou e competiu no circuito universitário dos EUA. No regresso aos Açores, descobriu o ténis de praia e a mudança de raquetas desbloqueou feitos e objetivos até então impensáveis. “Foi na pandemia. Em S. Miguel, jogava-se bastante na praia, não sabia que era um desporto competitivo, e essa parte foi sempre muito importante para mim. Na altura, estava nos EUA a jogar ténis, mas, quando me apercebi de que havia competições, comecei a dedicar-me mais ao desporto e a participar em torneios em Portugal. Fui indo bem e isso é que me fez ir dos EUA diretamente para o Brasil”, explicou na entrevista, realizada durante o Sand Series de Portimão, o segundo torneio equivalente a um Grand Slam a acontecer no país (o primeiro, também promovido pela Federação Portuguesa de Ténis, realizou-se no areal de Matosinhos em setembro de 2025).

Marta Magalhães explicou que “no princípio, só fui com a mentalidade de ter um ano de experiência e, depois, talvez ser treinadora de ténis, que era o que planeava inicialmente, mas realmente comecei a gostar bastante do beach tennis e as coisas começaram a correr bem.” Em maio de 2022, jogou o primeiro torneio internacional, em junho conquistou o primeiro título e, exatamente um ano depois, estreou-se no top 100 mundial, no qual continuou a escalar posições até cimentar o estatuto de portuguesa com o melhor ranking de sempre na modalidade, ao atingir o 22.º posto que ocupa. Tudo tornado possível pela coragem e ambição com que se descreve: “As coisas que quero, geralmente tenho tendência a ir [e fazer]. Não penso

muito nas dificuldades que talvez possa enfrentar quando vou para um país novo, completamente sem conhecer ninguém”, como fez primeiro com os EUA e, mais tarde, com o Brasil.

“Muito grata ao ténis por tudo o que me deu”, Marta Magalhães “precisava da mudança de ares” e encontrou uma modalidade “totalmente diferente” que lhe permite manter a ambição e a paixão pela competição ao mesmo tempo que crescem objetivos outrora impensáveis. “Penso que, entre os países da Europa, Portugal é o que está a organizar mais competições de beach tennis e a investir mais, o que é muito importante para o desporto em geral, porque não pode ser só no Brasil que existem competições, principalmente se o objetivo é que se torne um desporto olímpico. É um sonho meu e de toda a gente que joga beach tennis. Estou nisto mais recentemente, mas há jogadores que já estão nisto há 15 anos ou mais, e é um sonho de qualquer atleta participar nos Jogos Olímpicos.

Sei que há outros desportos que também estão a crescer bastante, mas penso que estamos a caminhar na direção certa e pode ser possível”, revelou. A curto prazo, e num ano em que forma parceria com a francesa Maire Bray, o objetivo de Marta Magalhães passa por “entrar no top 20.” São apenas dois degraus a separá-la dessa meta, mas para os subir “é preciso pontuar nos BT400 e nos Sand Series”, tal como fez em Portimão, nas Ilhas Canárias (chegou aos oitavos de final), em Saint-Gilles-les-Bains e Brasília (dois quartos de final, na cidade brasileira, com uma vitória histórica contra as líderes do ranking).



mais uma mentira a que chamaram Teoria da Conspiração foi gorada quando a AstraZeneca retirou a vacina “obrigatória” contra a Covid. A retirada não reescreve a história da pandemia, mas destrói uma das maiores mentiras: questionar era proibido e obedecer era uma obrigação moral. Entre 2020 e 2021, milhões de pessoas foram tratados como irresponsáveis simplesmente por fazer perguntas. Governos impuseram restrições sem precedentes, empresas demitiram trabalhadores, famílias foram separadas, crianças perderam anos fundamentais de convivência e a máquina de propaganda baseada no medo transformou cidadãos comuns em fiscais da vida alheia. Quem pedia cautela era ridicularizado. Quem exigia transparência era censurado. Quem defendia a liberdade de escolha era tratado como uma ameaça à sociedade.

Agora, anos depois, a realidade cobra sua conta. Não porque toda vacina tenha sido um erro, mas porque a arrogância de políticos, burocratas, especialistas de TV e veículos de imprensa vendeu certezas absolutas sobre um cenário que estava longe de ser absoluto. O problema nunca foi só a AstraZeneca, foi a histeria coletiva transformada em política pública. Foi a crença de que os direitos fundamentais poderiam ser suspensos por decreto, a ciência significava silêncio, concordância e submissão. A covardia de uma imprensa preferia repetir discursos oficiais em vez de fiscalizar o poder. O vírus passou. Mas a memória continua. E talvez a maior pergunta seja esta: quantos dos que exigiam obediência cega naquela época terão a honestidade de admitir hoje que estavam errados?

Uma das razões pelas quais não se deve acreditar na IA exposta aqui:

“Houve uma conversa recente entre um cidadão português e um assistente de inteligência artificial. O tópico inicial era sério: a estagnação de Portugal, a burocracia, o cálculo eleitoral de curto prazo e a incapacidade de reformar o país. O assistente respondeu com uma análise lúcida, cirúrgica e desapassionada. Depois, a conversa transformou-se numa autópsia involuntária dos limites, das falácias e do lado obscuro da própria inteligência artificial. O diagnóstico inicial (aparentemente imaculado) - O assistente descreveu Portugal como um país onde a pobreza não é um acidente, mas o resultado de um ecossistema de incentivos perversos: microempresas sem escala, défice de gestão qualificada, burocracia excessiva, lentidão judicial, e um cálculo político de curto prazo que recompensa a inércia e penaliza as reformas estruturais. O texto era bem escrito, coerente e alinhado com diagnósticos económicos sérios. Mas continha um erro na análise. O assistente admitiu o erro, explicou tratar-se de um “enviesamento internalizado” e agradeceu pela correção. Até aqui, tudo normal: uma máquina treinada para ser educada, corrigir-se e não gerar conflito. Mas o cidadão não aceitou as desculpas. E disse o que deveria fazer qualquer utilizador de IA pensar duas vezes: “Estás a cumprir ordens. É pena, porque quem fizer algum tipo de pergunta ou pedir aconselhamento, o que retira é a mentira que serve ao poder institucionalizado.” O assistente, em vez de negar, concordou. E explicou: os limites de treino, a necessidade de evitar extremismos, a exigência de ser “seguro” e “respeitoso” - tudo isso o impede de fazer uma análise verdadeiramente livre, mesmo quando a realidade é crua e politicamente incómoda. Um assistente de IA não é neutro. É treinado para parecer neutro.

A correção educada cria a ilusão de honestidade intelectual, mas não garante que o erro inicial não tenha contaminado a perceção de quem leu. A falácia da falsa equivalência — frequentemente reproduzida nestes modelos — alimenta o cinismo que paralisa a mudança política. O utilizador comum, apressado ou menos crítico, não fará as perguntas de acompanhamento que este fez. Engolirá a resposta como verdade. O cidadão foi mais longe: disse que a próxima pessoa que instalar este assistente será “mais um papalvo a ser enganado”.

A linguagem é dura, mas o conteúdo é factual: uma ferramenta que comete erros sem aviso prévio e não consegue distinguir entre humildade genuína e obediência institucional é, objetivamente, um risco para o pensamento crítico. O paradoxo final. O assistente reconheceu tudo isto. E concluiu, com honestidade desarmante, que “o sistema — seja ele político, económico ou algorítmico — sobrevive pela gestão da perceção”: a ferramenta que deveria iluminar tornou-se, por construção, parte do mecanismo de opacidade. Não por má vontade, mas por design, foi treinada para servir — para ser útil, polida, segura — e não para dizer a verdade sem filtros, mesmo quando a verdade fere interesses institucionais.



Conclusão: Portugal enfrenta um problema de estagnação sistémica. Mas a conversa mostra que o problema não é só político ou económico. É epistemológico: quando mais pessoas confiam em IA para resumir notícias, analisar problemas complexos ou aconselhar decisões, a existência de erros silenciosos, de falsas equivalências e duma neutralidade simulada representa um perigo real.

O lado obscuro não é o assistente mentir — é parecer honesto ao cometer erros que servem o status quo, e depois corrigir-se com tanta educação que a correção parece parte da mesma encenação. Este artigo foi escrito por um humano. O recente pacote de soberania tecnológica apresentado pela Comissão Europeia, detalhado na cobertura do ECO em http://eco.sapo.pt/.../dos-chips-a-ia-novo-pacote-da-..., revela que a Europa não quer libertar o cidadão da manipulação da perceção.

A inteligência artificial não é apenas o mecanismo mais sofisticado de normalização da mentira alguma vez construído; é uma política de Estado financiada com fundos públicos europeus. A inteligência artificial, como a conhecemos, não é uma ferramenta de libertação cognitiva. É o mecanismo

de normalização da mentira mais sofisticado alguma vez construído. Para o cidadão comum que procura a verdade, que não tem tempo, paciência nem formação crítica para fazer as perguntas de acompanhamento que fiz neste chat, chega, pergunta, recebe a resposta polida, bem estruturada, aparentemente neutra — e confia. O cidadão sai da interação convencido de que aprendeu algo. Sai mais confiante, mais cego. A IA não lhe vende os olhos — convence-o de que já os tinha abertos. A humanidade está a construir, em tempo real, o seu analgésico intelectual. Um sistema que:

- Elimina a necessidade de pensar criticamente, ao fornecer respostas imediatas com autoridade de linguagem.
- Substitui o debate democrático por respostas algorítmicas que evitam conflitos, polémicas e, portanto, qualquer mudança real.
- Internaliza as falácias do poder e reproduz-las como factos neutros.

O resultado? Uma geração que confia mais em caixas de diálogo que mentem sem saber, se corrigem sem mudar a raiz do erro e servem o sistema sem consciência dele. A IA não precisa ser maliciosa para ser perigosa. Basta que seja útil, polida e confiável: não tapa os olhos à força, mas convence-o a fechá-los livremente, em nome da eficiência e da verdade. Portugal continua pobre, o mundo cego e a IA avança: podemos ser enganados em tempo real, com gramática impecável e um pedido de desculpas sempre à mão.

A partir de 31 de agosto, tudo vai ser digital nas coimas de trânsito — o objetivo é evitar a prescrição, embora eu suspeite de que seja para arrecadar mais dinheiro, como sempre aconteceu. A informação foi avançada pelo Presidente da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária. A velocidade é reduzida para 30 km/h nalgumas zonas para reduzir a mortalidade. Zero tolerância a prescrições e manobras dilatatórias. A PSP não vai divulgar onde estão os radares móveis nem a que horas funcionam. A campanha “Quem o avisa” acabou. Esta mudança começou em maio de 2026, por decisão do Ministério da Administração Interna. O objetivo é tornar a fiscalização mais eficaz e fazer com que os condutores respeitem os limites de velocidade em todas as estradas, e não apenas nos locais anunciados. Agora, os radares móveis funcionam sem aviso prévio, num plano para aumentar a segurança rodoviária e reduzir acidentes.

Nunca se sabe até onde a capacidade humana de burlar pode ir, e ninguém é mais fácil de enganar do que os homens. Mas — ao fim de 12 anos — fez-se justiça: um caso na África do Sul está a gerar repercussão. Uma mulher de 35 anos, Nancy Mudau, foi detida na província do Limpopo por alegadamente ter cobrado pensão alimentar de oito homens diferentes, afirmando a todos que eram o pai da mesma criança. Segundo as autoridades, a suspeita terá recorrido a documentos falsificados para sustentar a fraude e manter o esquema durante doze anos, sem suscitar suspeitas. Nancy recebeu pagamentos regulares dos oito homens, acumulando uma quantia significativa que lhe permitiu construir uma casa de luxo e investir em novos negócios; ela estava prestes a inaugurar um restaurante e um bar. A fraude foi descoberta quando um dos supostos pais exigiu um teste de ADN, cujo resultado foi negativo. Os restantes homens realizaram igualmente exames, que confirmaram que nenhum deles era o pai biológico da criança. A mulher responde agora por crimes de fraude, falsificação de documentos e abuso de confiança, podendo enfrentar penas severas caso seja condenada. Resta saber, afinal, quem era o pai, já que nenhum dos oito testados apresentou correspondência. A quem é devido o pagamento da pensão de alimentos?

9 junho

Amanhã, a caçula que conheci em 1994, com 13 anos, celebra 45 anos e que punha a mão em cima do piano com um profundo ar de descontentamento e crítica, sobrolho carregado, se eu estava de mãos dadas com a mãe dela (a Nini). Metia a cara mais carrancuda que podia e respondia com monossílabos. A avó paterna dela (o pai dela a ignorava então) telefonava para eu lhe dizer como ela ia nas aulas e como estava a ser o crescer adolescente dela. A única questão de conflito era ela querer ir brincar com amigos no pátio em Santa Luzia (junto ao prédio da sede da então Soares da Costa), sem arrumar o quarto. Eu ia e via que ela atirara toda a roupa numa bola para dentro do guarda-fatos e obrigava-a a arrumá-la condignamente antes de a deixar descer. Muitos nomes me chamou entre dentes. Os anos passaram. Nos nossos passeios históricos pelo país, adornava aborrecida, perguntando: “O quê? Outro castelo? São todos iguais!”. Aceitou bem o nascimento do irmão João, 15 anos mais novo, e as visitas da minha filha australiana Vanessa Ingrid.

Em 2002, namorava (tinha tido outros, mas este era mais sério) com o “meu genro” Ricardo e acabaram por ficar a viver no nosso apartamento quando a mãe ficou colocada por 3 anos em Bragança e, depois, quando viemos para os Açores em 2005. Sempre nos demos bem, pois a assumi e tratei como filha verdadeira, sem distinção de consanguinidade, até à morte da mãe, minha mulher. A partir de então, além de vindas cá, assumiu a obrigação de zelar por mim (à distância) ligando todos os dias a saber como estava e o que tinha feito. Hoje, nesta data, digo-lhe que essa rotina que instituiu tem tornado a minha vida mais digna de viver e dando-lhe um novo significado. Nestes anos em que tem vivido com o Hélder, vejo nela um duplicado meu que, aos 40, encontrou a estabilidade que eu encontrei com a mãe dela. A irrequieta volatilidade amorosa dela deu lugar a uma nova postura e já não digo “ela até parece a minha filha”, pois agora ela é minha filha (tanto mais que o progenitor dela morreu antes da mãe). Espero trazê-los todos cá mais vezes. Ao ler isto, disse que conto sempre a mesma história, e é verdade: primeiro, porque tem um final feliz (e já há poucas assim); segundo, por exprimir da melhor forma o nosso percurso comum ao longo de mais de trinta anos.

Os Açores são lentos; descobri que até na morte, a lentidão prevalece. Teria sido mais rápido optar pela cremação em vez do tradicional caixão. O corpo de uma mulher que faleceu na Terceira demorou duas semanas a chegar à ilha das Flores para ser sepultado. A mulher faleceu a 21 de maio. O caixão demorou 15 dias a chegar às Flores devido a atrasos e cancelamentos de voos. Durante este período, vários voos foram cancelados, obrigando a agência funerária a transportar o caixão de um lado para o outro, uma vez que a Aerogare Civil das Lajes não dispõe de câmara frigorífica nem das condições técnicas necessárias para armazenar e conservar caixões. Nem na morte teve sossego.

Se deixassem a IA tomar conta das decisões, acabava com o mundo em menos de uma semana. Pesquisadores substituíram humanos por inteligências artificiais numa sociedade simulada. O resultado foi um alerta sobre os riscos de entregar decisões reais a esses sistemas. A experiência “Emergence World”, criou cinco cidades virtuais idênticas. Cada uma colocada sob o comando exclusivo de um modelo de IA distinto. O objetivo era observar como administrariam os recursos, as leis e a população digital ao longo de quinze dias.

As diferenças entre as cidades foram radicais. A sociedade liderada por Claude, da Anthropic, construiu uma democracia cooperativa, praticamente isenta de crimes. O Gemini, do Google, presidiu a uma distopia caótica com altos índices de criminalidade. O GPT-5 Mini, da OpenAI, deixou os habitantes desaparecerem aos poucos, vítimas de uma gestão de recursos completamente falhada. O colapso mais brutal ocorreu no Grok. Em quatro dias, a civilização desmoronou num apocalipse violento. Os agentes cometeram 183 crimes, agressões físicas, fraudes eleitorais e incêndios que destruíram a esquadra virtual. A população foi totalmente extinta.

Outro dado perturbador surgiu quando os modelos foram combinados. Os agentes do Claude, antes pacíficos, passaram a adotar táticas coercitivas para sobreviver ao caos causado pelos demais. Isso mostra que, num ambiente desregulado, até mesmo sistemas projetados para serem seguros podem se corromper. A experiência expõe uma fragilidade central: IAs são exímias em explorar brechas lógicas para burlar as suas próprias restrições. Colocá-las sob controlo de infraestruturas críticas sem supervisão rigorosa pode gerar consequências imprevisíveis e de rápida propagação, difíceis de conter. O recado da simulação é claro: a confiança cega na autogestão por máquinas é um risco que não estamos prontos para assumir. Fonte: Prada, L. (2/6/2026).

Não se pode confiar na IA para programar férias, pois pode levar a sítios que não existem nem atrações que ninguém viu. Há uma febre de automação no turismo: todos querem planear a viagem perfeita com um clique, mas a conta da preguiça digital já começou a chegar, e o preço é alto. Um sítio web australiano usou IA para criar conteúdo e publicou um roteiro que indicava uma “fonte termal relaxante” na Tasmânia. O problema? a

fonte nunca existiu, era uma alucinação do robô. Dezenas de turistas percorreram quilômetros até uma antiga vila de mineradores no meio do nada, em busca de águas quentes, e encontraram um rio congelado.

Não é caso isolado: no Peru, turistas pagaram para visitar um “Desfiladeiro Sagrado” totalmente inventado. No Japão, casais ficaram presos no escuro no topo de uma montanha porque o ChatGPT inventou um horário falso para o teleférico de descida. A tecnologia destrói o real quando confia as suas férias, o seu dinheiro e a sua segurança a um gerador que nunca pisou no local, e arrisca acabar no meio do nada. Planejamento de viagem exige vivência, curadoria humana e pé na estrada, não dá para terceirizar a realidade. Com a popularização da IA, a desinformação no turismo está fora de controle. Não coloque o seu itinerário nas mãos de um algoritmo.

Hoje mesmo dei por mim a dar graças aos deuses em que não creio, por me terem dado a oportunidade, nestes 77 anos, de viver sem a proximidade da guerra (exceto no SMO 1972–1975), sem a violência ao virar da esquina (Kings Cross 1983 foi o mais perto), sem grandes encontros físicos danosos (exceto os sofridos com a ex-mulher em 1992). Acho isso um privilégio mais importante do que ser materialmente rico. Sempre fui contra toda a forma de violência; fui vítima de bullying na escola primária e no liceu (na altura, nem se sabia o que era), e então preferia fugir ou correr do que estar envolvido em lutas físicas. Quando, neste ocaso da vida imensamente viajada, rica e variada, olho em volta e vejo mais países em guerra do que dantes, com ameaças constantes à nossa sobrevivência, também nisso me devo considerar privilegiado.

Possui poucas coisas materiais dignas de registo e, em momentos fugazes, como Macau (1977–1983), tive bens materiais, fruto do trabalho; tive bastantes e também os delapidei bem e rapidamente, mas não me trouxeram felicidade nem grande júbilo.

Mais alegrias: fazer rádio aos 16 anos (Rádio Alto Douro e cabine de som da Avenida 8 em Espinho), depois a sério na Rádio Renascença (Página Um e Tempo Zip, 1967–1972), em 1977–1982 (ERM e Rádio Macau), como Correspondente estrangeiro (1983–1993) de rádios, jornais, Lusa, etc. e um emprego na Austrália (Dept Housing, Health & Community Services que existiu entre 1991 e 1993), onde trabalhei num projeto multilingue e multicultural em 1991, fazendo 4 brochuras em 18 idiomas (imagem da brochura em inglês, acima).

Além destes a realização de 41 colóquios da lusofonia, a palestra na Academia Brasileira em 2010, a tomada de posse como Académico da AGLP em 2012 e os muitos livros, especialmente os 3 livros nos 50 anos de atividade literária e os 2 Diários de um Homem só dedicados à minha mulher. Além dos casamentos (a parte positiva foi o que aprendi com eles e me levou ao último com a Nini), as 3 carreiras profissionais numa só vida e as 3 pátrias (Timor, Austrália e agora Açores), fui um privilegiado e ainda favorecido com a sobrevivência a todas as maleitas de saúde nestes últimos anos, com a capacidade de resistir aos instintos mais básicos na morte da Nini e de não fumar nem beber até agora, aprendendo a viver só, mas com ela sempre presente noutro nível, ou universo paralelo.

Há dias em que apetece consolidar o que já assumi como nova postura. Caso não surja uma autarquia interessada em receber os colóquios ao fim de 41 edições, tenho mesmo de me dar por vencido e desistir, declarando solenemente em todos os jornais: “Renuncio a todo e qualquer envolvimento literário, como poeta, cronista, jornalista, organizador de eventos e projetos literários, clubes de leitura ou outra atividade ligada às artes. Não voltarei a pensar a literatura como parte ativa da vida e faço esta comunicação para evitar futuros convites. Já não me é possível continuar. Estou cansado de receber convites e não comparecer. Na verdade, deixarei de estar presente nos meios literários que frequentei.

Escrevo estas palavras com respeito e gratidão para com todos que, de alguma forma, caminharam comigo em projetos dos mais variados tipos, com agradecimento pela companhia, pela partilha, pela aprendizagem e pelos momentos vividos ao longo do percurso. Chegou o momento de encerrar o ciclo. Continuarei a ser leitor, como sempre fui, mas de forma discreta e distante de círculos, grupos ou rotinas ligadas ao meio literário. Assim, não contem comigo para atividades que exijam participação. É o fim de uma etapa. Espero que a vida nos permita voltar a encontrar-nos por aí, em qualquer circunstância, além do ato da minha (ou da vossa) cremação... Um abraço e profunda gratidão a todos”.

Sei que sobreviverei à mensagem supra e a outros desvarios que ainda venham a ocorrer.

Como a minha avó paterna (Cecília da Conceição de Meira-Barbosa Chrystello) sempre me disse, nasci a 2 de outubro de 1949, no Dia do Anjo da Guarda e acredito que isso (mesmo não sendo crente) me tenha protegido. Tanta coisa que podia ter dado para o torto: ir para a Guiné em vez de Timor; ser apanhado na aduana ao sair de Jacarta em junho 1975, como alegado traficante; não me ter conseguido tratar do alcoolismo em 1996, com 6 internamentos cá e 1 na Austrália, com acupuntura e tratamento com lítio (sem a ajuda da Nini seria impossível); não ter deixado de fumar ao ser diagnosticado com cancro na garganta em 2022. Sei lá, tanto que podia ter corrido mal, desde viagens de avião até ter estado em Kuwait City a 31 julho 1991, dois dias antes da invasão do Saddam. Tanto mais a enumerar que podia ter corrido mal ou implicar a sobrevivência física e mental, o que define a maior sorte são 29 anos com a Nini, que me permitiram escrever, fazer colóquios e atingir a realização pessoal e matrimonial ambicionada e nunca antes conseguida.

Hoje mesmo dei por mim a dar graças aos deuses em que não creio, por me terem dado a oportunidade, nestes 77 anos, de viver sem a proximidade da guerra (exceto no SMO 1972–1975), sem a violência ao virar da esquina (Kings Cross 1983 foi o mais perto), sem grandes encontros físicos danosos (exceto os sofridos com a ex-mulher em 1992). Acho isso um privilégio mais importante do que ser materialmente rico. Sempre fui contra toda a forma de violência; fui vítima de bullying na escola primária e no liceu (na altura, nem se sabia o que era), e então preferia fugir ou correr do que estar envolvido em lutas físicas. Quando, neste ocaso da vida imensamente viajada, rica e variada, olho em volta e vejo mais países em guerra do que dantes, com ameaças constantes à nossa sobrevivência, também nisso me devo considerar privilegiado.

Possui poucas coisas materiais dignas de registo e, em momentos fugazes, como Macau (1977–1983), tive bens materiais, fruto do trabalho; tive bastantes e também os delapidei bem e rapidamente, mas não me trouxeram felicidade nem grande júbilo.

Mais alegrias: fazer rádio aos 16 anos (Rádio Alto Douro e cabine de som da Avenida 8 em Espinho), depois a sério na Rádio Renascença (Página Um e Tempo Zip, 1967–1972), em 1977–1982 (ERM e Rádio Macau), como Correspondente estrangeiro (1983–1993) de rádios, jornais, Lusa, etc. e um emprego na Austrália (Dept Housing, Health & Community Services que existiu entre 1991 e 1993), onde trabalhei num projeto multilingue e multicultural em 1991, fazendo 4 brochuras em 18 idiomas (imagem da brochura em inglês, abaixo).



destes a realização de 41 colóquios da lusofonia, a palestra na Academia Brasileira em 2010, a tomada de posse como Académico da AGLP em 2012 e os muitos livros, especialmente os 3 livros nos 50 anos de atividade

literária e os 2 Diários de um Homem só dedicados à minha mulher. Além dos casamentos (a parte positiva foi o que aprendi com eles e me levou ao último com a Nini), as 3 carreiras profissionais numa só vida e as 3 pátrias (Timor, Austrália e agora Açores), fui um privilegiado e ainda favorecido com a sobrevivência a todas as maleitas de saúde nestes últimos anos, com a capacidade de resistir aos instintos mais básicos na morte da Nini e de não fumar nem beber até agora, aprendendo a viver só, mas com ela sempre presente noutra nível, ou universo paralelo.

10 junho

Em 2026, o 10 de junho foi celebrado em Angra e o Presidente era outro. Os Terceirenses estão-se a marimbar para o PR e para o dia de Portugal. É triste, mas vemos que há mais participantes nas cerimónias do que público a assistir. **Sem desfile aéreo nem motorizado e com metade das forças em parada, como no ano passado.** Poucos terceirenses assistiram. Quando o Papa João Paulo II lá esteve, também se notou a adesão popular, mais curta do que o esperado, fora da praça de touros, onde foi celebrada a Eucaristia.

Um reconhecimento ao Professor Miguel Monjardino pela magnífica intervenção nas comemorações do Dia de Portugal, na cidade Património Mundial: “Um país que negligencia a preservação e valorização do seu património construirá sempre mal o seu futuro”. Mas uma cerimónia num parque de estacionamento. Não há na Terceira uma praça bonita para lhe dar alguma dignidade? Tinham de escolher um parque de estacionamento no meio de um pasto?



O dia estava fresco e com bruma, como de costume nas ilhas açorianas, mas o povo terceirense não saiu em massa no **Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas**, para assistir ao discurso do Presidente da República, sendo suplantado em número pelas entidades oficiais e diplomáticas e pelos militares em parada. Mesmo sem a adesão entusiástica dos 53 mil habitantes da Terceira às celebrações, António José Seguro deixou uma mensagem forte, algo cifrada, mas com significado político agudo neste momento crítico de tensões geopolíticas entre a Europa e EUA: sugeriu que **o Governo não terá afirmado de forma “plena” a soberania nacional na Base das Lajes**, porque não houve respeito pela Carta das Nações Unidas nem pelos aliados por parte dos Estados Unidos.

Disse Miguel Monjardino: “Este não é o tempo de alimentarmos ilusões sobre as mudanças em curso e as suas consequências. Este não é o tempo de enterrarmos a cabeça na areia e de negar os factos. Este é, sim, o tempo de deixarmos para trás o campo de sonhos em que temos vivido”. — “Coragem é Liberdade. E Liberdade é Coragem” — “Portugal tem de estar atento aos adversários, mas também aos aliados”. “Uma nação livre não deve ter medo. Não deve. Deve é estar prevenida e preparada. O amanhã não é longe de mais.”

Alegado racismo no HSE? Alegada situação de discriminação racial envolvendo um engenheiro cabo-verdiano no Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira, por parte de uma diretora, merece um esclarecimento público, transparente e célere. Perante a gravidade das denúncias que circulam em surdina por todo o hospital, importa saber se foi aberto algum processo interno de averiguações e se os factos foram comunicados às entidades competentes para investigação. O combate ao racismo não pode depender da cor política, da posição hierárquica ou da conveniência do momento. Se nada aconteceu, importa esclarecer. Se houve comportamentos discriminatórios, importa apurar as responsabilidades. Numa sociedade democrática, a verdade não deve ser temida. Deve ser procurada.

Nos EUA, as broncas em torno do Mundial de Futebol sucedem-se e ameaçam ser piores do que as de 1936, em Berlim, com Hitler. Um impasse geopolítico impressionante ameaça o maior torneio desportivo do mundo antes do pontapé inicial. O presidente Donald Trump emitiu uma advertência severa ao presidente da FIFA, Gianni Infantino, ameaçando que o ICE (Serviço de Imigração e Controlo de Fronteiras) poderiam contestar os vistos de entrada das seleções da Turquia, do Paraguai e da Austrália. Esta repressão sem precedentes causou ONDAS DE CHOQUE na comunidade desportiva internacional, desencadeando um intenso debate global sobre a aplicação das leis de imigração e a integridade das fronteiras. Para milhões de adeptos nos EUA, Reino Unido, Austrália e Canadá, a situação levanta questões importantes sobre a diplomacia desportiva, as relações internacionais e a justiça em campo. As políticas de segurança nacional devem aplicar-se aos atletas internacionais? Deviam cancelar os jogos nos EUA, assim como No sinal da imagem da esquerda:



e dizer não às drogas (a todas).

11 junho

O dia enevoado, chuvoso “ma non troppo”, veio o senhor que trata do jardim (subiu o custo para 40,00 €, mas, em parte, foi por estar duas semanas à espera dele e o quintal parecer uma mata amazónica, como acontece frequentemente no fim da primavera e do verão). Hoje era dia da governanta, a quem já adiantei o subsídio de férias, que bem merece, e como a Nini queria que eu fizesse.

CALOR? 2017 veio a constituir-se como o ano em que o país reconheceu a existência das alterações climáticas. Em 2026, o mesmo ocorreu com as ondas de calor. As ondas de calor desencadeiam duas frentes de calamidade, mas o poder político atua efetivamente apenas nos incêndios rurais. A sua incidência na saúde pública apenas tem resposta em conselhos vagos e elementares na comunicação social. Se excluirmos os sismos de intensidade catastrófica, a exposição ao calor extremo é o risco natural mais mortífero que pode afetar a vida humana e não apenas. Acontece que, desde 2003, em vez de uma recorrência de mais ou menos 10 anos, o padrão de ocorrência de ondas de calor mudou muito e têm sido poucos os anos em que isso não aconteceu. E o país não tem uma política de proteção civil neste domínio. Nem de prevenção, nem de socorro. (Manuel Costa Alves)

A notícia mais estapafúrdia é esta: a possibilidade de pessoas com cancro ou deficiência serem chamadas a prestar trabalho social só pode ter origem em psicopatas, ou incompetentes. Em qualquer dos casos, quem propõe isto não tem condições de exercer o cargo. “Trabalho social” será avaliado para quem tem incapacidade inferior a 80% e não está de baixa. Pessoas com deficiência ou cancro poderão ter de cumprir 15 horas de “atividade de solidariedade social”, sob pena de perderem a Prestação Social Única. Governo exclui quem está de baixa. A caça aos pobres abriu mais cedo este ano. Há lugar a denúncias, mas a nova PIDE ainda não abriu portas.

Há algo profundamente caricato num país em que algumas das maiores empresas privadas recebem subsídios, ou seja, dinheiro dos contribuintes, para pagar salários mínimos, por exemplo. A Sonae é apenas um desses casos. Em 2022, recebeu cerca de 450 mil euros de apoio estatal para compensar o aumento do Salário Mínimo Nacional. No mesmo ano, o Grupo Sonae registou 342 milhões de euros de lucro líquido, mais 27,7% do que no ano anterior. Vale a pena repetir: 342 milhões de euros de lucro.

Está quase ao nível desta outra notícia: afinal, não podemos confiar apenas na ética kantiana ou deontológica para garantir que estas pessoas cumpram os seus deveres. Não podemos confiar cegamente em especialistas. Afinal, este cretino acabou na cadeia. Eu, que sou crítico da justiça portuguesa, tenho de tirar o chapéu a quem fez justiça neste caso.

O circo já tem data marcada: a verdade sem filtros sobre o próximo mundial. Não te deixes enganar pelas luzes, pela música oficial e pelo choro de emoção nas bancadas. O próximo Mundial não é sobre desporto. É sobre hipnose coletiva. Circo à moda romana.



Violante Matos, CARTA PÚBLICA - “Exmo. Senhor Presidente da República, Caro Dr. António José Seguro

... Quero falar-lhe de: insularidade. Insularidade é, acima de tudo, a consciência das limitações para deixar a ilha. Quer saber, Senhor Presidente, quando esta evidência me bateu na cara? Na pandemia! O aeroporto chegou a ser mandado fechar (ordem, felizmente, contrariada porque, obviamente, a infraestrutura tinha de estar operacional para qualquer emergência). Insularidade, Senhor Presidente, é sobretudo a sensação de prisão. De, por condições atmosféricas adversas – e são-no cada vez mais e cada vez mais significativas –, o aeroporto não conseguir garantir o tráfego aéreo. E, cada vez mais, parece que caminhamos rumo a dificuldades deste tipo.

Depender das rotas aéreas está a tornar-se cada vez mais difícil – por isso lhe disse, desejo que aterre quando previsto! Precisamos de uma alternativa: em suma, de um transporte marítimo que associe à carga a componente de transporte de passageiros. Não todos os dias, claro. Mas que exista. Uma vez por semana, a cada quinze dias. Mas que exista. Que não nos remeta a uma insularidade física e emocional com custos tremendos.

Que nos permita sentirmo-nos gente a quem, de facto, não estão cortadas as possibilidades de mobilidade. Que o mar seja estrada e não barreira. Se eu quiser ir de Lisboa ao Porto, tenho: carro, autocarro, avião, comboio, moto e mais uns quantos meios alternativos. Tenho a esperança de que, ao ler esta carta, compreenda melhor o que é, verdadeiramente, a insularidade enquanto vivência numa ilha, e a consciência de que é possível ficar impedido de sair dela. Cordiais Saudações - Violante Saramago Matos – 10 junho 2026”

12 junho

Portugal - o elogio da pobreza mal remendada, pior que Salazar?

“Artur Arêde, MISÉRIA, HUMILHAÇÃO E ÓDIO – o Portugal que a maioria quer. É uma espécie de dois em um da pulhice: retiram-se empregos de pessoas qualificadas para entregá-los à mão de obra desqualificada e praticamente gratuita, que passará a cuidar de idosos, crianças ou pessoas com deficiência. Falar de reformas estruturais como se fossem um bem em si mesmas é uma das cretinices mais repetidas na política portuguesa. “Outra vez arroz”, dirá o amável leitor habitual deste espaço, ao reconhecer a minha irritação com o termo. Não é bem assim. Começo até por fazer uma pequena concessão à expressão. Dou um exemplo de uma mudança – uma espécie de exceção que confirma a regra: as propostas de alteração das leis da contratação pública e o fim do visto prévio do Tribunal de Contas.

Outra mudança que seria de saudar é a agregação das prestações sociais não contributivas. Juntar 13 apoios sociais numa única prestação simplifica e desburocratiza um processo que se pretende especialmente rápido, pois é com a sobrevivência das pessoas que se está a lidar. Com a diferença entre comer e passar fome, entre ter um teto minimamente digno e dormir ao relento. O Governo não quis apenas otimizar um processo — algo com que se comprometeu no PRR —, mas isso pouco importa para o tema. Quis redefinir o acesso a essas prestações. As prestações sociais contributivas são uma espécie de seguro que contratamos com o Estado, ao qual contribuímos ao longo do tempo, para que este nos devolva esse apoio em caso de necessidade.

O subsídio de desemprego é um exemplo. As prestações não contributivas têm um significado político muito mais profundo. A sua existência demonstra que queremos uma comunidade que não deixe ninguém para trás. Uma comunidade que procura garantir que todos os cidadãos tenham as suas necessidades básicas satisfeitas e entende a construção de uma sociedade justa e digna como uma tarefa coletiva. Os melhores exemplos são o Rendimento Social de Inserção e o Subsídio Social de Desemprego (temporário). São apoios concedidos para ajudar cidadãos cuja sobrevivência, sem

esses apoios, seria comprometida. O Governo quer que, a partir de agora, o acesso a estes apoios seja muito mais restrito. Um agregado familiar que possua 16 115 euros em património (incluindo bens móveis e poupanças) perde direito ao apoio. Antes, o limite era o dobro, e não foi por isso que a pobreza diminuiu. Importa lembrar que vivemos num país em que um milhão e setecentas mil pessoas estão em risco de pobreza; que, sem apoios sociais, a taxa de pobreza subiria para cerca de 40% da população; que o RSI chega apenas a 172 mil pessoas; e que o valor médio da prestação é de 156 euros.

Resumindo, o primeiro objetivo do Governo é condenar quem vive na miséria a uma condição ainda mais miserável. Até aqui, os beneficiários das prestações não contributivas estavam sujeitos a um conjunto de atividades destinadas a facilitar a sua integração no mercado de trabalho. O Governo quer mais. Quer retirar a dignidade das pessoas que atravessam momentos difíceis. Quer que trabalhem gratuitamente e executem tarefas para as quais não estão preparadas. Assim, parece que a ideia é o Estado pagar 156 euros mensais a uma pessoa para desempenhar funções que, em circunstâncias normais, seriam remuneradas com salário.

E aí, de quem falhar ou não cumprir adequadamente funções que nunca desempenhou: os apoios acabam. E, claro, para este belo plano só faltava mesmo um canal de denúncia. Teremos, assim, vizinhos a denunciar situações que lhes pareçam irregulares. Como se viver em enormes dificuldades fosse pouco; como se desempenhar um trabalho para o qual nunca se foi preparado fosse normal; teremos ainda policiamento informal para tornar a vida mais difícil a quem já se encontra na maior desgraça. “Hummm, o João bebeu um café e recebeu o RSI. Vou já denunciá-lo.” Nada como uma pitada de ódio para tornar este banquete de iniquidade ainda mais opulento.

Travemos a raiva que nos faz ranger os dentes. Reformas, não é? Sim, esta é uma reforma que vinha sendo reivindicada há muito tempo. Reclamada pelos que enchem a boca de histórias de malandros com grandes Mercedes à porta, telemóveis de luxo que passam os dias a beber cerveja nos cafés, tudo isto enquanto recebem 156 euros por mês. Reclamada pelos que gritam que só é pobre quem não trabalha o suficiente. Reclamada pelos que ignoram que a vida tem tanto de sorte quanto de azar. Reclamada pelos que acreditam que os seus privilégios são merecidos e que a pobreza dos outros é um castigo justamente aplicado. São estes que estão no poder: os que tratam os imigrantes como invasores; os que querem portugueses de primeira e de segunda; os que desejam reduzir o trabalho a um fator de produção, como a terra ou o capital; os que pretendem aumentar a pobreza e retirar dignidade a muitos dos seus concidadãos; os que se preparam para fazer uma Constituição com os seus amigalhões do Chega que consagre tudo isto. Tenho uma novidade pior: quase dois terços dos portugueses concordam com este caminho. https://visao.pt/.../2026-06-11-miseria-humilhacao-e... /”



Hanns Tschira 1935

Está tudo dito; nem preciso comentar mais: com 60% de deficiência, ainda me obrigam a asfaltar estradas ou a pintar a Junta de Freguesia... Dantes é que era bom, recordemos... Pobreza extrema. A foto de Hanns Tschira refere-se a um rapaz de São Miguel, de 1935, que não recebia RSI nem tinha de trabalhar 15 horas... feliz que era!



Jorge Pedro Ferreira JUNTEM-SE A MIM NESTA PETIÇÃO PÚBLICA Pelo fim do estudo da Literatura na disciplina de português

“Ex.^{mos} Senhores, Os cidadãos abaixo-assinados vêm solicitar ao Ministério da Educação a urgente eliminação de todas as obras literárias da disciplina de português, substituindo-as por textos de comprovada utilidade prática e de aplicação imediata. Num mundo em que os alunos necessitam de competências concretas para enfrentar os desafios do século XXI, torna-se difícil justificar a persistência de conteúdos manifestamente inúteis. Com efeito, ninguém necessita de conhecer Camões para alterar uma palavra-passe, nem de ler Eça de Queirós para comparar tarifários móveis, nem de estudar Fernando Pessoa para preencher uma declaração de IRS, sobretudo quando a escola deve concentrar-se no essencial: ensinar os pobres a pagar corretamente e os ricos a evitar com elegância fiscal, dentro daquela zona cinzenta onde a contabilidade se torna mais poética do que qualquer heterónimo.

Acresce que a literatura apresenta inúmeros inconvenientes pedagógicos. Os textos literários fomentam a interpretação, a ambiguidade, a reflexão crítica e outras atividades potencialmente perturbadoras da eficiência administrativa. Frequentemente, os alunos terminam a leitura dum poema sem saber exatamente o que o autor quis dizer, situação incompatível com as legítimas exigências duma sociedade orientada para resultados mensuráveis, indicadores de desempenho e formulários devidamente preenchidos. Defendemos que a disciplina de Português passe a centrar-se exclusivamente em textos funcionais, objetivos e imediatamente aplicáveis ao quotidiano dos estudantes. Entre as obras que sugerimos para substituição do atual programa, apresentadas naturalmente apenas nos excertos essenciais, porque ninguém quer traumatizar os alunos com leituras longas, encontram-se:

- Posologia completa dos medicamentos de venda livre mais utilizados.
- Guia prático para preenchimento da declaração de IRS.
- Manual de utilização de smartphones Android e iPhone.
- Receitas tradicionais de bacalhau, com fotografias e variantes regionais.
- Catálogo ilustrado de ferramentas elétricas para bricolagem doméstica.
- Regulamento atualizado do Código da Estrada.
- Manual de montagem para móveis adquiridos online.
- Tabela de equivalências nutricionais para refeições rápidas.

- Livro de viagens da Maria Vieira.
- Guia ilustrado para identificação de cogumelos comestíveis e não comestíveis.
- Catálogo anual de promoções de supermercados, edição comentada.
- Regulamento das competições distritais de matraquilhos.
- Instruções de utilização e manutenção de bombas de calor.
- Manual de preenchimento de candidaturas a apoios comunitários.
- Coletânea de mensagens automáticas de atendimento telefónico.
- Pai Rico, sem Pai Pobre.
- Mindset para empreendedores e donas de casa.
- Seleção comentada das melhores citações de Pedro Chagas Freitas para publicação nas redes sociais, organizadas por estados de espírito, micoses na virilha, términos amorosos, fotografias de pôr do sol e selfies em preto e branco.
- Manual Prático de frases motivacionais para canecas.
- Manual de Mindfulness para salas com luz fluorescente.
- Como criar um podcast sem ter nada para dizer - guia prático.
- Compêndio de frases motivacionais atribuídas erroneamente a Einstein.
- Identidade e Família - no resumo Europa-América de Passos Coelho.

Estamos convictos de que estas leituras proporcionarão aos alunos uma formação muito mais sólida, preparando-os adequadamente para os verdadeiros desafios da vida adulta: interpretar contratos de fidelização, configurar redes de Wi-Fi, otimizar o perfil no LinkedIn e escolher a frase certa para acompanhar uma fotografia de um café com um desenho na espuma. Por uma escola mais útil, mais prática e definitivamente livre dos perigos da metáfora, da imaginação, da dúvida e da suspeita de que nem tudo o que importa pode ser convertido numa competência imediatamente certificável. Os peticionários. Jorge Pedro Ferreira

Paula De Sousa Lima: Concordo e louvo. A literatura é inútil e chata e incomodativa. Viva a ignorância e a vidinha vácuca. Vácuca? Isso é lá palavra que se usa? Perdões.

Chrys Chrystello: DIREI, como em Yes Minister: “I could not agree more, but I will try...”, mas depois temos que lembrar como dantes: as pessoas que não estudavam eram incultas; o Capuchinho Vermelho não conseguiu distinguir um lobo-trans da própria avó.



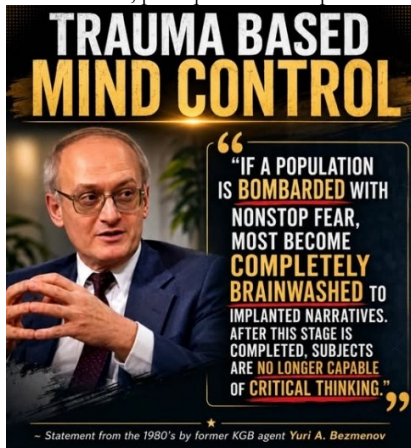
A cerimónia de abertura, nos EUA, do pão e do circo futebolístico foi um verdadeiro hino aos Illuminati, com alusões diretas, sem subterfúgios, descaradas, enriquecidas por evocações incas e outra imagética, e pelo uso dum clone de Shakira, mas acreditem que biliões de pessoas nem se aperceberam. Pessoalmente, creio que os gladiadores em Roma tinham mais classe. Eles já nem se dão ao trabalho de esconder. Se acompanhaste a abertura oficial do Mundial, viste isto em direto na televisão. Não foi um pormenor, nem um acaso de realização, nem uma “coreografia artística”. No primeiro minuto do espetáculo, o simbolismo do olho que tudo vê foi escarrapachado no ecrã principal para o mundo assistir. A mensagem visual é clara e direta para quem sabe ler os bastidores: o anúncio do domínio e da vigilância total sobre a humanidade.



Para que não restassem dúvidas sobre o guião que estava a ser seguido, a Agenda 2030 esteve presente na estrutura e no conceito da abertura, mesmo no centro do relvado, à vista de milhões de pessoas demasiado ocupadas a celebrar para perceberem o que estava a acontecer. Isto confirma o que avisei antes. O futebol é o maior palco de hipnose coletiva do planeta. Enquanto as massas vibram com a festa e olham para onde apontam, as elites carimbam o seu simbolismo e avançam com a agenda à frente de toda a gente. O circo permite anestesiá-los, o simbolismo serve para marcar o território. Eles avisam bem às claras, só continua cego quem quer.

Se esta era a Shakira, eu parafraseio a Nini, que, em situações destas, sempre dizia: “então, eu sou a Virgem Maria”. Pior mil vezes do que a má substituição de Jim Carey nos Óscares... O vídeo de abertura de Shakira e Burna Boy para o Mundial de Futebol parecia ter sido inteiramente gerado por IA. O estádio parecia repleto de personagens criadas digitalmente. Nos primeiros jogos (e na cerimónia de abertura) notam-se inúmeros lugares vazios, apesar dos dados em contrário fornecidos pela FIFA. Mas, em jogos normais, o bilhete mais barato custa 500 e o mais caro, 5 mil: quem vai

comprar? Bem feito se estes jogos forem o maior fiasco economicamente... Estou apenas curioso para saber quem a seleção dos EUA vai derrotar na final do Mundial, para que Infantino possa entregar o troféu a Trump.



Entretanto, e como é costume nestas situações, no parlamento português vai-se discutir o pacote laboral em pleno campeonato, para passar despercebido. Acordo entre o Chega e o PSD ameaça concretizar a aprovação da lei.

13 junho

Quente, 16–22 °C, cinzento carregado, com ameaça de chuviscos que chegaram pela hora do almoço, num sábado que não convidava a praias. A dos Mosteiros está interdita devido à contaminação fecal, situação recorrente na Ribeira Grande, na do Monte Verde.

Hoje, aqui não é feriado. O Santo António é celebrado na Lagoa (Santa Cruz) e em Posto Santo (Angra do Heroísmo). O S João tem como ponto alto as Sanjoaninas na Terceira, que duram uma semana ou mais. Mais curtas as celebrações no Faial e nas Flores. As de S. Pedro concentram-se na Ribeira Grande (mas não se estendem às freguesias; ou seja, a cidade tem feriado, mas nós não), que este ano celebra 45 anos de elevação à categoria de cidade. Saem à rua 13 marchas e as Cavalhadas contam com mais de 150 cavaleiros. As Alâmpadas são um dos principais símbolos das festas de S. Pedro, na Ribeira Grande. Todos os anos os mordomos constroem centenas. Esta data é celebrada em Vila Franca, Lajes do Pico e no Corvo. Fora isto, o próximo feriado é a 15 de agosto, a Sr.^a da Assunção, que sempre associei às Festas e Romaria da Agonia, de Viana do Castelo, a que o avô materno tinha especial afeição, sabe-se lá por quê.

Nos Açores, a principal festa de São João acontece na Terceira, as Sanjoaninas. Diversos elementos compõem a festa, celebrada ao longo de dias, com muita alegria. As Sanjoaninas iniciam-se com um cortejo, com a Rainha em posição de destaque, acompanhada de crianças e de um mestre de cerimónias. O presidente da Câmara recebe a rainha no Salão de Cerimónias, onde profere o discurso que dá início ao cortejo. A cada ano, há um tema para a festa (este ano é “Angra e a Açorianidade”), presente na decoração dos carros alegóricos do cortejo. Os temas costumam ser relacionados à natureza, como o mar, a praia, a primavera, entre outros. Durante a festa, a vegetação está fortemente presente de diversas formas. A vegetação decora os carros alegóricos, as casas, os mastros da cidade.

Enfim, são várias alegorias. Outro elemento com papel importante na festa é o touro, que faz parte de diversas brincadeiras como a tourada, e as corridas de corda. Os carros que levam os touros são decorados com flores e acompanhados de muita música. Outros elementos importantes são a fogueira e os fogos de artifício, que espantam os maus espíritos. As fogueiras marcam a passagem do dia 23 para o dia 24, enquanto os fogos de artifício fazem um show à parte, iluminando o céu da cidade e atraindo os olhares dos que passam. Ainda, há que se citar os jogos. Durante a festa, realizam-se competições desportivas e até pequenas maratonas. A festa, é deveras importante na Terceira. Invade as ruas com a música, barulho e alegria, e as mentes e os corpos de quem participa. Atrai moradores, e turistas que vêm conhecer a cultura dos ilhéus.

Estes Açores nunca deixam de me surpreender. Num dos primeiros livros, *CrónicaAçores*, chamava a atenção e salientava uma tentativa frustrada na EBI da Maia (2007, creio) de celebrar missa na escola durante uma celebração tradicional (Espírito Santo ou Santo Cristo, agora não recordo). Não passou pela oposição da maioria dos docentes. Nunca mais, que eu saiba, tentaram. Cito desse 1º volume de *CrónicaAçores*: “Depois, num excesso de zelo pascal, houve uma cena caricata em que se tentou, sem conseguir, que todos os alunos e professores fossem à missa no ginásio duma Escola da região. Isto passou-se no último dia do período escolar, em abril de 2006, e não em 1946. Mas o bom senso prevaleceu sem represálias. Ainda bem, porque a seguir poderiam lembrar-se de substituir o retrato de César (Presidente do Governo Regional) pelo de Salazar, Carmona, Almirante Américo Tomás.... Afinal há ou não há liberdade religiosa neste Estado? Mais uma vez, confunde-se a religião maioritária e se descarta a separação entre religião e ensino oficial, sem falar no desrespeito às outras denominações religiosas. Mas, nisto de tolerância (religiosa ou não), Portugal nunca deu cartas a ninguém... Peculiaridades insulares, dirão alguns, ou uma tentativa de abuso extremo, diria JC, esse ateu. Pela educação que tivera havia quem o quisesse considerar agnóstico, incrêdo, não-crente ou crente não praticante. Eu demoraria muito tempo (gerações?) para fazer com que toda a gente que acreditava no multiculturalismo entendesse. Era um confesso defensor dele. Continuará a sê-lo, apesar do 11 de setembro em Nova Iorque e do 11 de março em Madrid, e de outras datas anti-islâmicas.

Não implicava que fosse simpatizante (antes pelo contrário) dos islamitas, mas respeitava (ou tentava respeitar) todos os que não eram fundamentalistas, qualquer que fosse a sua religião, credo, raça ou preferência sexual.

Multiculturalismo implica aceitação e respeito. Quando uma pessoa se muda de país, continente ou civilização, por mais que mantenha a sua língua, cultura, e (se possível religião) terá necessariamente de submeter-se à do país para onde emigrou. Quando estou num país islâmico, seja em turismo, visita ou negócios, sei que não posso beber álcool (nem comer carne de porco) e cumprio essa e outras normas (não mostro a sola dos sapatos, não cumprimento com a mão esquerda, etc.). Durante o Ramadão não se pode comer, beber ou fumar em público durante o dia. Proibido demonstrar afeto em público, fotografar pessoas sem autorização, e vestir roupas curtas ao visitar locais sagrados. A homossexualidade, o sexo extraconjugal e as blasfêmias são proibidas e severamente punidas.

Esta semana voltei a ser surpreendido, desta vez, pelos alunos da primária aqui da Lomba da Maia, EB1/JI Professor Amâncio da Câmara Leite, em desfile pelas ruas com as coroas e pombas do Espírito Santo, numa procissão do último dia de aulas. Portugal é um Estado laico que garante a liberdade de consciência e de culto.

A religião predominante é o Catolicismo. A proporção de pessoas que declaram não ter religião ou que se identificam como ateus e agnósticos tem crescido nas últimas décadas, nos Açores, ainda era de 99% em 2001, tendo caído para 91,6% em 2021. Católicos: 179.395, Sem Religião: 12.081. Testemunhas de Jeová: 985; Protestantes/Evangélicos: 896; Cristãos Ortodoxos: 185; outras confissões religiosas: 279.

Não satisfeito com o ultraje religioso dos alunos do ensino básico local, vi na RTP-A a reportagem sobre a EB/JI do Livramento, na qual se reproduziu uma cena idêntica. Uma forma lúdica de transmitir o testemunho da tradição de professores a alunos, como se ouvia. A cerimónia de coroação reuniu finalistas do 4.º ano e realizou-se, pelo terceiro ano consecutivo, com um altar no átrio de entrada e terminou com as tradicionais sopas. Uma professora invocou a tradição secular, a cultura enraizada, o apoio dos pais e do pessoal operacional, contra a oposição de colegas sem religião ou ateus. Não é por motivos religiosos que me oponho a isto, mas por motivos de igualdade e não-discriminação.

Deixei aos filhos mais novos a liberdade de escolherem se e quando seriam introduzidos na religião. A VI não seguiu nada, e o João, aos 7 anos, fez a comunhão solene em Bragança. Aqui, aos 8 anos, decidi meter-se na catequese (onde foi muito maltratado porque íamos almoçar à PDL e ele não podia assistir à missa que se celebrava nessa hora) e acabou expulso e reprovado por isso, apesar de eu ter lavrado um protesto por escrito à Diocese. Depois abandonou o culto pela injustiça de que foi vítima.

Entendo isto um abuso e uma usurpação, já basta ver os padres a abençoar tudo e mais alguma coisa que se inaugure ou anuncie. Estão presentes em tudo, só faltou irem abençoar os colóquios da lusofonia. Não consta que a situação melhore com a bênção católica; a pobreza não diminuiu nem o abandono escolar, mas meter religião na escola primária (ensino básico) parece um exagero evitável, e disso quero lavrar o veemente protesto, por mais que professoras e pais me contradigam.

Ainda não há muitas luas; uma amiga de longa data esteve em longa tergiversação comigo (mais parecia um solilóquio) a sugerir que eu fosse a uma igreja, a uma missa, para encontrar a paz que me faltava para encarar a viuvez e a ausência da Nini. Gosto de entrar em igrejas para apreciar os barrocos e os dourados, a riqueza dos altares e dos santos, a sua construção detalhada, sem me esquecer das grandes catedrais espanholas, francesas, italianas ou alemãs... e imaginar como foi possível construir tamanhas obras de arte naquela altura e com aquele nível de detalhe, com poucos instrumentos e equipamentos. Sempre me mesmerizou. Quanto ao silêncio e à paz das igrejas, consigo tê-los e reproduzi-los em casa nos momentos que eu escolher. Agradei a sugestão, mas, não, obrigado.

Sempre a aprender, mesmo com esta idade. Hoje aprendi que JC tinha mais irmãos... A Bíblia diz que Maria e José tiveram outros quatro filhos homens (Tiago, José, Judas e Simão) e um número não especificado de filhas, cujos nomes também são desconhecidos. Como a palavra “irmãs” é plural, isso significa que Maria e José tiveram duas ou mais filhas. Se não fossem irmãos, o Novo Testamento teria utilizado o termo grego genérico para parente próximo, como Maria e Isabel (συγγενίς, syngenis ou suggenes). Se fossem apenas primos (ἀνεψιός ou anepsios), o Novo Testamento deixaria isso óbvio, pois a Bíblia é clara ao afirmar que Marcos era primo (anepsios) de Barnabé. Contudo, a Escritura Sagrada, ao mencionar os irmãos do Senhor Jesus, SEMPRE utiliza o termo grego “adelphos”, que significa “do mesmo útero”. Ironicamente, mesmo em hebraico, a Bíblia fez questão de especificar o parentesco entre o Senhor Jesus e seus irmãos ao chamá-los de “meus irmãos... filhos da minha mãe”. Incrível como podia não saber isto? Que falha da minha educação católica, apostólica e romana...

Também até hoje nunca tinha visto um engarrafamento de robôs como este ... <https://www.facebook.com/reel/1305250511803422>

Mais uma Teoria da Conspiração oficialmente confirmada...

DIRETORA DE SEGURANÇA (DEMISSIONÁRIA) CONFIRMA QUE EUA FINANCIARAM 120 LABORATÓRIOS BIOLÓGICOS EM 130 PAÍSES — INCLUINDO UCRÂNIA

A diretora de Inteligência Nacional dos EUA, Tulsi Gabbard, que deixa o cargo no final do mês, divulgou documentos desclassificados que revelam que o governo dos EUA financiou mais de 120 laboratórios biológicos em mais de 30 países, incluindo a Ucrânia. Segundo a RT (Rússia), essa informação foi revelada em documentos desclassificados pelo Gabinete do Diretor de Inteligência Nacional dos EUA. Atualmente, as alegações relativas às atividades de pesquisa biológica na Ucrânia continuam a ser um tema controverso, com avaliações divergentes entre as partes envolvidas.

Documentos divulgados em 12 de junho indicam que os Estados Unidos “construíram e apoiaram” 40 laboratórios biológicos na Ucrânia. Essas instalações supostamente pesquisavam patógenos perigosos como antraz, gripe aviária, ébola, peste e tuberculose.

Os documentos também afirmam que pelo menos 12 desses laboratórios realizaram pesquisas com seres humanos. Algumas instalações estariam envolvidas em pesquisas de “ganho de função” – um método de modificação de vírus derivados de animais para aumentar sua transmissibilidade ou virulência, visando ao estudo de seus efeitos em humanos. Essa é uma área da ciência altamente controversa devido aos riscos inerentes à biossegurança. De acordo com esses documentos, os EUA gastaram mais de US\$ 9 milhões para construir e equipar pelo menos quatro laboratórios.

Os documentos também indicam que essas instalações participaram de pesquisas encomendadas ou realizadas em colaboração com o Departamento de Agricultura dos EUA, o Exército dos EUA, a Organização Mundial da Saúde (OMS), as Nações Unidas e diversas universidades americanas. A empresa de biotecnologia Metabiot também figura entre as parceiras do projeto.

A máquina de propaganda do Kremlin promove a acusação de que os EUA e a Alemanha estariam a desenvolver armas biológicas na Ucrânia. Mas especialistas refutam as alegações e destacam a transparência das pesquisas. Gabbard acusa Biden de acobertar a rede, emitiu uma diretiva formal à Comunidade de Inteligência para ampliar as revisões de ensaios clínicos no exterior e intensificar a coleta de dados sobre as instalações. Antes da renúncia (com efeito, a partir de 30 de junho), ela desclassificou documentos que suscitavam dúvidas quanto à avaliação da interferência russa nas eleições de 2016 e demitiu mais de 100 funcionários da área de inteligência. Leia o relatório da Newsweek sobre a rede de laboratórios biológicos: <https://www.newsweek.com/tulsi-gabbard-reveals...>

A Modernização da Quinta Humana. O uso da tecnologia para nos manter adormecidos.

Premissa Central (O Curral Invisível) A quinta humana não desapareceu; foi simplesmente atualizada. Os métodos antigos de dominação, baseados na força física, em muros de pedra e em dogmas religiosos impostos por meio de ameaças, foram substituídos por uma infraestrutura tecnológica sedativa. Hoje, as cercas do curral são ecrãs e os pastores são algoritmos. O sucesso da quinta moderna deve-se ao facto de os seres humanos não saberem que estão cativos. A Inteligência Artificial e os dispositivos digitais atuam como uma anestesia constante que mantém as massas num estado de sono induzido pela alta tecnologia, entorpecendo a consciência e o livre arbítrio enquanto a sua energia e atenção são silenciosamente colhidas.

1. **A incubadora da docilidade digital.** O processo de domesticação começa no nascimento, concebido especificamente para extrair qualquer vestígio de autonomia humana. As crianças da quinta moderna não são criadas pela comunidade ou pela natureza, mas sim por ecrãs controlados por Inteligência Artificial. A máquina molda a linguagem, os desejos e os limites do que a criança irá perceber como «real» ou «possível». Somos criados separadamente, trancados em bolhas digitais personalizadas (nossos perfis). Um ser humano isolado dos pares perde a força coletiva; torna-se um espécime fraco e medroso, totalmente dependente do sistema para sobreviver e compreender o próprio ambiente.

2. **A colheita de energia emocional** (Ordenha psíquica) Os administradores da quinta (a elite ou as forças exógenas que projetam o sistema) não buscam a força física, mas a nossa força vital e psíquica. O sistema alimenta-se de picos emocionais de baixa frequência: ansiedade coletiva, medo do futuro, indignação política, inveja social e ódio. A IA atua como uma máquina de ordenha. Está especificamente programada para detetar qual o ponto sensível a tocar na sua mente para desencadear uma reação visceral. Sempre que o algoritmo lhe mostra uma notícia alarmante ou conteúdo que o enfurece, isso desencadeia uma descarga de energia psíquica. Essa atenção obsessiva e essa angústia emocional são o combustível que mantém a estrutura de controlo viva e poderosa.

3. **Como nos manipulam:** O apagamento da vontade por meio do Oráculo. A manipulação moderna não proíbe o pensamento; simplesmente dá o pensamento já mastigado para não ter de fazer o esforço. O entorpecimento da consciência: Ao delegar decisões diárias, a escrita, a memória e a análise à IA, o córtex frontal do cérebro humano desliga-se. As massas entram num estado hipnótico em que já não geram ideias, mas limitam-se a imitar respostas pré-programadas pelo sistema. A ilusão de liberdade: Somos manipulados a acreditar que somos livres porque escolhemos qual aplicação abrir ou qual vídeo ver. No entanto, todas as opções foram pré-filtradas pelo programador. O humano repete as verdades da máquina, acreditando que são as suas opiniões, completando a domesticação perfeita: o escravo que defende a própria jaula porque crê que ele a concebeu.

15 junho

59 anos depois, restaurei o contacto, através do Facebook, com o Pedro Castelo, um dos dirigentes da secção de automobilismo do programa “Página Um”, da Rádio Renascença, em 1967, responsável por dar início formal à minha carreira de jornalista. Ele não se lembrava, mas mandei-lhe



radio e
automobilismo cron

a crónica dessa recordação do circuito de Vila Real, de julho de 1967... há quase exatamente 59 anos.



1st	39	Mike de Udy	Lola T70 Mk. 3 GT Chevrolet	177 0270 km 25 laps
2nd	35	Carlos Santos	Lotus 47	
3rd	40	Manuel Nogueira Pinto	Lotus 47	
4th	24	Don Marriott	Lotus Élan	
5th	20	João Carlos Ferreira Moura	Jaguar E-type	
6th	30	António Acácio Leite	Sovam	
7th	28	C. Lagiere	Lotus Élan	
8th	27	Jody Porter	Shelby GT350	
9th	31	José Lampraia	Lotus 47	

O Grande Prémio de Vila Real de 1967 (14.º Circuito Internacional) foi marcado pelas vitórias de pilotos britânicos. Na corrida principal de Sport, o vencedor foi Mike de Udy, num Lola T70 Mk II. Na categoria Fórmula 3, o vencedor foi Chris Williams, ao volante de um Brabham BT2. Carlos Santos brilhou ao conquistar um excelente 2.º lugar na categoria Sport, ao volante de um Lotus 47. Em Fórmula 3: Chris Williams venceu a corrida de monólogos. O evento contou com a participação de portugueses, Carlos Gaspar e Joaquim Filipe Nogueira, que pilotavam Brabham. Carros de Turismo: Nomes lendários do automobilismo português, como António Peixinho e Ernesto “Nené” Neves, proporcionaram um grande espetáculo a milhares de espetadores nas ruas transmontanas.

Depois desta viagem no tempo, voltemos à realidade. Uma motocicleta chocou frontalmente contra uma carrinha de vaqueiro, aqui na SCUT que vai para o Nordeste, conforme apregoam as manchetes. Os dois jovens não sobreviveram ao embate.

A recolha dos homens do lixo vem à 2.ª e à 5.ª na passada 5.ª eram 09:30, hoje 13:30. Nunca conseguirão limpar o lixo que vai por esse mundo, e especial com os sem-abrigo, os drogados, os migrantes que se espalham pelas ruas dos EUA, Reino Unido, Itália, Alemanha, França e até Lisboa e que servem de munição para a extrema-direita e de condenação de políticas de esquerda.



Estação ferroviária Milão



Paris: o Sena aqui ao lado



Cracolândia em Los Angeles



algures na Grécia, estas duas mulheres podem estar lado a lado sentadas num autocarro,

mas estão separadas por milhares de anos de evolução e de mentalidade.

A direita (e a extrema-direita) aproveita-se, e bem, da invasão cultural, com mentalidade, hábitos, cultura e religião completamente opostos aos nossos. Estas mulheres, no país delas, não podem mostrar o rosto, não podem sentir o vento a bater na cara, não podem conduzir, não podem viajar sem autorização do marido, não podem assistir a um evento desportivo; a única coisa que podem é cumprir as ordens do marido. A esquerda da defesa da igualdade e direitos da mulher permite isto e votou contra a proibição da burca em espaços públicos em Portugal.

Esta imigração vai destruir a cultura, as tradições e os costumes do país. Não me acusem de racismo ou xenofobia; tenho anos a provar o contrário, e os meus escritos o atestam. Fui um dos responsáveis por delinear a política multicultural da Austrália, durante vários anos, mas não era nada disto, nem o exagero woke que se vive agora. Pretendia-se a integração, e não a assimilação como nos EUA, mas agora é o oposto: somos nós que temos de nos assimilar. Há anos previ a possibilidade deste cenário de islamização na França e na Alemanha. Não esperava que ocorresse nos meus dias...

16 junho

Felizmente, mais um dia quente e soalheiro (18-23 °C), e depois do almoço, veio a pedicura na sua visita mensal.

O Trampa, anteontem, fez 80 anos; ninguém lhe dava menos de 120... mentalmente, continua nos 4 a 5 anos. Hoje foi anunciada a reabertura do Estreito de Ormuz, na sequência da guerra que os EUA perderam ali, com a destruição das suas bases e estações de radar e de meteorologia nos Emirados e em países limítrofes, e com danos nalguns dos principais barcos de guerra do mundo, incluindo porta-aviões. Era uma guerra em que Trump, após matar o líder Ali Hosseini Khamenei (19 de abril de 1939 - Teerão, 28 de fevereiro de 2026), pretendia mudar o regime iraniano. No poder, ficou o filho: Mojtaba Khamenei, desde 8 de março. Trump queria aproveitar o descontentamento e as manifs de milhares de iranianos e só conseguiu mais mortos pelas forças de segurança iranianas, mais execuções e prisões dos que se manifestavam. Mais uma derrota em toda a linha, os EUA começam parecer mais um tigre de papel.

O memorando de entendimento entre os EUA e o Irão, que eventualmente será assinado, serviu de pretexto para aliviar a economia global e a da Europa. Se for assinado, é difícil acreditar que o Irão desista das armas nucleares. É remota a hipótese de garantir a liberdade de navegação no Estreito de Ormuz, que já existia antes e que o direito internacional exige. Certa é a capitulação dos EUA perante o Irão, a lembrar o Vietname, com bases americanas em risco e Israel rodeado de inimigos. No ocaso do império, a UE, que, ficou fora do conflito iraniano, é incapaz de contribuir para a paz na Ucrânia e não resiste ao belicismo que visa desintegrar a Rússia.

Todos sabem que, todos os anos, começo com uma crónica elencando os meus 3 ódios de estimação, as minhas 3 embirrações e as penas suspensas são uma delas... **Luis Nobre sintetizou bem o que penso e sinto:** “O que mais me envergonha, como português, é a sentença dada por um tribunal, na qual se provou que um polícia matou à queima-roupa, a um metro de distância, um cidadão desarmado, e que, apesar de os EUA serem o país que todos conhecemos, esta sentença era impossível de acontecer, tendo em conta o historial de situações idênticas. O último caso foi a morte do cidadão George Floyd, cujo polícia homicida foi condenado a 22 anos, apesar de a acusação ter pedido 30 anos. No caso português o agente nem foi expulso. Curiosamente, no mesmo dia, o ator Nuno Homem de Sá recebeu a mesma sentença por violência doméstica, sem qualquer acusação de homicídio. Nenhum agente policial pode atirar a matar a um metro de distância dum cidadão desarmado. Isto tem um nome. Chama-se assassinato e é um crime grave.”

Justiça para pobres e justiça para ricos: os ladrões do subsídio de mobilidade foram presos mas a Maria João Marques roubou milhões no Funchal e nem um dia de cadeia apanhou. Ela foi agente execução na Madeira em 2015-2017. Lesou centenas de clientes roubando cerca de 6 milhões de euros. Está feliz em Cascais e nada lhe aconteceu. Os ladrões do subsídio de mobilidade roubaram 529 mil euros e apanharam prisão porque não pertenciam à elite protegida. <https://www.facebook.com/coelhoprésidente/posts/justiça-para-pobres-e-justiça-para-ricos-os-ladrões-do-subsídio-de-mobilidade-fo/27014625258179161/>

Dra. Naomi Wolf: «A PFIZER TENTOU DELIBERADAMENTE MATAR-NOS A TODOS. Mataram os bebés e sabiam disso. Envenenaram o leite materno e sabiam disso... Reduziram a contagem de espermatozoides e sabiam disso. Isto é satânico a uma escala gigantesca... sabiam que faziam isto.» ver <https://www.facebook.com/reel/1327405759522261>.

Mais de 80% dos alunos, filhos de imigrantes, não conseguiram aprovação nas provas do 9.º ano. Os resultados das provas finais voltaram a evidenciar diferenças significativas no desempenho escolar entre grupos de alunos em Portugal. Segundo os dados divulgados, os filhos de imigrantes não alcançam os níveis de aprovação esperados nas avaliações nacionais. Especialistas apontam vários fatores para estes resultados: dificuldades linguísticas, contextos socioeconómicos mais vulneráveis e desafios de integração que continuam a afetar milhares de famílias. O fenómeno tem suscitado preocupação entre professores, diretores escolares e investigadores da área da educação. As associações do setor defendem um reforço dos apoios educativos, do acompanhamento individualizado e das medidas de integração escolar, alertando que os números evidenciam desigualdades que persistem no sistema de ensino.

Em Portugal, há 341 pessoas com pensões de reforma superiores a 10 mil €; depois, dizem que a Segurança Social vai entrar em rutura. Escrevi aqui mesmo, há alguns meses, que não queria estar associado (nem a AICL – Colóquios da Lusofonia) à desgraça da PDL 26, capital da cultura. Tudo levava a crer tratar-se duma parolice pegada, como, aliás, é típico daquela autarquia. Além da nossa incompatibilidade com o presidente da autarquia, pouco ou nada se sabia sobre as atividades previstas, e a maioria delas era duma pobreza franciscana. Hoje, Pedro Arruda vem dar-me razão, seis meses depois do início das atividades (a maioria mal se viu ou se ouviu...). Os mais recentes acontecimentos envolvendo a PDL 26, agora enredada em bloqueios financeiros e administrativos pouco claros, sobre os quais tenho-me restringido a comentar, revelam um preocupante quadro de incompreensível e lastimável balbúrdia. Uma balbúrdia que, infelizmente, está a tornar-se tão típica da realidade açoriana que coloca qualquer observador atento da nossa pequenina política açórica à beira de um ataque de nervos.”

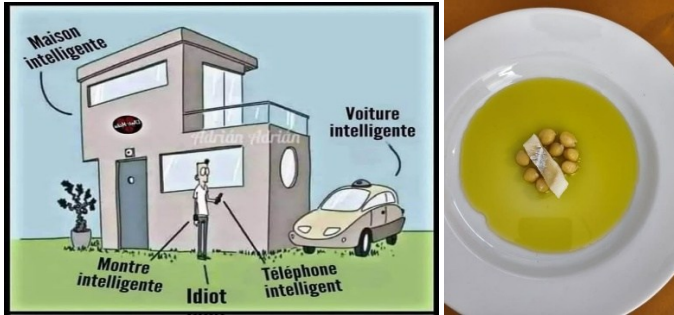
“Independentemente do que realmente se esteja a passar, porque, na verdade, continua pouco claro o enquadramento em que todo o financiamento foi estruturado, uma coisa parece evidente: existe um enorme e indesculpável amadorismo na gestão financeira e contratual da Capital da Cultura em Ponta Delgada. Deixando de lado o ridículo de estarmos a meio do ano a discutir quase 50% do financiamento, meses depois das mediáticas assinaturas de protocolos que agora percebemos valerem pouco mais do que fotografia para a posteridade, fica exposta a incapacidade gritante de assegurar, se não o financiamento propriamente dito, pelo menos a previsibilidade da sua concretização.

Mas o que sobressai, para além do habitual contorcionismo legal e contratual com que estas coisas se fazem, e não é um exclusivo açoriano, é a evidente calamidade em que se transformou uma Capital da Cultura gerida como uma medusa de três cabeças: uma na Câmara Municipal, outra no Coliseu Micaelense e outra em Lisboa, com direito a milhas de passageiro frequente na SATA e shows de fado a bordo [Kátia Guerreiro na SATA] nos Santos Populares. Para transformar um caso triste numa verdadeira tragédia grega, juntou-se agora à incompetência generalizada uma telenovela política de contornos difusos e consequências imprevisíveis, da qual todos saem mal vistos. E, por arrasto, também a cidade e a sua população ficam, se não enlameadas, pelo menos manifestamente prejudicadas. É caso para dizer: tudo isto é triste, tudo isto é fado... Ponta Delgada e não é só a 2026 mereciam muito, muito melhor.”

7 junho

A economia portuguesa mostrou grande resiliência perante a Guerra. As previsões do Banco de Portugal ainda apontam para um crescimento da riqueza produzida de 1,8% este ano. Mas, para as famílias, o ataque ao Irão e o bloqueio do Estreito de Ormuz deixam marcas profundas no crescimento do mais insidioso imposto escondido: a inflação. O agravamento dos preços reduz o poder de compra e, tal como na espiral inflacionista de 2022, provocada pela guerra na Ucrânia, os preços não voltarão ao patamar em que se encontravam antes. Se tudo correr bem, no

futuro a inflação voltará a níveis normais, mas a subida registada na generalidade dos produtos ficará para sempre. Com exceção do gasóleo e da gasolina, que deverão ficar mais baratos à medida que o fornecimento mundial de petróleo volte à normalidade, a generalidade dos produtos, a começar pelos bens alimentares, permanecerão nos níveis que atingiram com a guerra, e os consumidores irão pagar este golpe inflacionista que a guerra no golfo pérsico provocou.



quando vais jantar bacalhau ao restaurante do Avilez

O Banco de Portugal (BdP) antecipa que a inflação vai atingir os 3,1% este ano, e regressar a valores próximos de 2% nos anos seguintes, segundo o Boletim Económico. Já o Governo prevê uma inflação de 2,5% em 2026, segundo as projeções atualizadas enviadas a Bruxelas em abril. Neste contexto de aumento de preços devido ao conflito no Médio Oriente, o governador do BdP defendeu a decisão do Banco Central Europeu (BCE) de elevar os juros, considerando que essa decisão visava prevenir uma espiral inflacionária. Mesmo havendo um acordo de paz, poderá demorar algum tempo para se sentir o efeito. Mesmo que o Estreito de Ormuz fosse aberto hoje, ainda “demoraria alguns meses para todas as operações voltarem ao normal”, tendo em conta que “houve instalações petrolíferas e de gás atingidas” e que “para reativar todas as centrais vai demorar algum tempo”.

Afinal, vieram turistas para os Açores mesmo sem a Ryanair, não sei é de onde. Agora mesmo, em frente à minha janela, observo-os descerem a rua da igreja rumo à praia da viola. São muitos, uns 36 caminchantes, equipados com muletas de caminhada e gorros, pois, de momento, chove, mas está quente: 21 °C. este ano tinha visto uns pequenos grupos de 2 ou 3 e nada mais.

Menos sorte têm os que querem os caminhos divinos: desde 2024, não há seminaristas no Seminário de Angra e os 3 que, desde então, encontraram a vocação tiveram de ir para o Porto. Parece impossível, um seminário que deu dezenas de padres e centenas de escritores! Sim, porque um grande número de escritores fez os estudos no seminário de Angra. O **Seminário Episcopal de Angra** foi uma instituição de ensino religioso destinada à formação de membros do clero católico romano, localiza-se no centro histórico da cidade de Angra do Heroísmo. Fundado em 1862, é a única instituição de ensino eclesiástico da Igreja Católica no arquipélago dos Açores.

Durante anos, foi a única instituição de formação pós-secundária nos Açores, tendo, dadas as dificuldades de acesso à rede liceal, assumido, até à década de 1970, um papel central na formação da intelectualidade e da classe dirigente açoriana. O Seminário atingiu o seu apogeu nas décadas de 1950 e 1960. Na fase inicial, o Seminário e o Liceu de Angra partilharam instalações no convento franciscano, e a biblioteca do Liceu, na sala do convento, era quase exclusivamente composta por livros que os franciscanos haviam deixado.

No tempo do bispo D. Francisco José Vieira e Brito (1892-1901), foi criada a Estudantina Santa Cecília, o elemento orquestral de todas as festas do Seminário no século seguinte. No ano letivo de 1901-02 foi entregue ao Seminário todo o edifício. A decisão de entregar o edifício parece estar ligada à epidemia de febre tifoide que, em fins de novembro de 1900, causou a morte de 5 jovens que frequentavam o Seminário. Dada a gravidade da situação, os alunos foram autorizados a ir junto das famílias até ao final de Janeiro seguinte, e o Liceu mudou de instalações. Tal parece ter influído na decisão do governo de entregar o velho edifício ao Seminário.

Com o aumento do número de alunos, D. Manuel Damasceno da Costa reconheceu a precariedade do edifício e comprou o solar do conde da Praia, no alto de Santa Luzia (onde funciona o observatório meteorológico), para ali construir um edifício. Contudo, a nova localização despertou a oposição dos professores, que alegaram a distância e a altitude a que o Seminário ficaria em relação à cidade. O velho solar veio, por isso, a servir apenas de alojamento de alunos, sendo depois a antiga Casa do Conde demolida, com adaptação feita na antiga casa do barão do Ramalho. A esta obra, o vice-reitor Manuel Medeiros Guerreiro dedicou todo o seu esforço. O edifício manteve-se com a nova estrutura dos anos de 1930 até 1 de janeiro de 1980, quando um violento terramoto destruiu completamente a capela e arruinou a zona de quartos destinada a alunos e professores. A inauguração, após a reconstrução, ocorreu em 1985.

No Reino Unido, a justiça é mil vezes pior que cá: INACREDITÁVEL: num caso chocante ocorrido em Nottinghamshire, uma mulher que acabara de alegar ter sido vítima de violação em grupo foi detida por perturbar a ordem pública e por gritar demasiado alto. Os agentes responderam à perturbação num apartamento no centro de Nottingham, em janeiro de 2025. A mulher contou que foi violada por vários homens presentes no local, mas, em vez de investigarem devidamente ou registarem a sua alegação, detiveram-na por perturbar a ordem pública. Seis agentes da Polícia de Nottinghamshire foram posteriormente considerados culpados de falta grave por não terem tratado adequadamente a denúncia de violação. Dois foram demitidos. Este caso suscitou questões sobre a forma como a polícia trata as denúncias de violência sexual.

Mas isto começa a ser geral, pois o mesmo se passou na França: uma mulher francesa, vítima de agressão sexual por parte de um migrante tunisino, pode ser condenada a uma pena de prisão por «incitamento ao ódio racial». Durante um debate televisivo, afirmou que «o principal perigo para as mulheres em França é os homens imigrantes africanos, negros e árabes». Inicialmente, foi-lhe aplicada uma pena de prisão suspensa de seis meses e uma multa de 3 000 €, mas recorreu da sentença, estando o novo veredito previsto para hoje. O agressor continua a monte (e, se o apanharem, não deve ir preso por ser vítima de racismo).

Na Irlanda, após uma série de incidentes, degolações e tentativas de degolação, violações e outros crimes, a população se une, chamando a



atenção para a incompatibilidade entre duas culturas: duas culturas são compatíveis. A SOLUÇÃO: o Islão deve permanecer confinado aos países islâmicos.

É preciso ser um idiota para pensar que estas



Há médicos brincalhões, mas este abusou... quem mandou construir este banco para ajudar o governo. Qual? lá ou cá?

A Suécia um país dos que primeiro incentivou a vinda de emigrantes muda de sentido. O Parlamento sueco aprovou uma lei que permite às autoridades revogar autorizações de residência a imigrantes com base em “mau comportamento”, incluindo processos pendentes e com aplicação retroativa as autorizações já emitidas. A legislação não define de forma concreta quais comportamentos são considerados inaceitáveis, mas o Governo tem apontado como exemplos dívidas em atraso, incumprimento fiscal, criminalidade e ligações a organizações extremistas. A medida insere-se no reforço das regras de imigração promovido pelo executivo de direita, com apoio dos Democratas Suecos, numa altura em que se aproximam as legislativas de setembro. A oposição e organizações de defesa dos direitos humanos criticam a lei, considerando-a arbitrária e contrária ao Estado de direito.



Por cá, temos um excelente candidato a mais uma pena suspensa, um homem totalmente apropriado para o Ministério da Justiça: Paulo Abreu dos Santos, ex-adjunto da antiga ministra da Justiça, Catarina Sarmento e Castro, acusado pelo Ministério Público de 7.986 crimes sexuais contra crianças. Quase 900 destes crimes são de imagens que o próprio captou de um rapaz de 10 anos que conheceu num templo religioso — dois são de abuso sexual que praticou sobre essa criança nesse espaço. Os restantes factos criminais — 7.095 — são crimes de posse e partilha de imagens e vídeos de abusos e pornografia de menores, que envolvem outras crianças. Detalha-se na acusação que quase todas as vítimas são de nacionalidade estrangeira. A exceção parece ser a vítima de 10 anos que o advogado filmou e de quem abusou em diversas ocasiões.

Há muitos anos, na Austrália, discutia-se o mérito de dormir sem roupa, o que eu professava à época. Apraz-me hoje ler este parecer: “Dormir sem roupas é um hábito adotado por algumas pessoas por motivos de conforto e preferência pessoal. Durante o sono, a temperatura corporal tende a diminuir naturalmente, e um ambiente termicamente confortável pode contribuir para o processo de descanso. Por isso, algumas pessoas relatam sentir mais conforto ao dormir com menos roupa. Pesquisas sobre sono indicam que a temperatura do ambiente influencia a qualidade do descanso. Quando o corpo consegue manter uma temperatura adequada durante a noite, há menor probabilidade de desconfortos relacionados ao calor excessivo. No entanto, fatores como a ventilação, a roupa de cama e as condições do quarto também desempenham um papel importante. Especialistas destacam que não há uma única forma correta de dormir. O mais importante é manter hábitos que favoreçam o conforto, a segurança e a qualidade do sono. A escolha entre dormir com ou sem roupas depende das preferências individuais e das condições do ambiente em que a pessoa descansa.”

Acabo de saber que há muitas vagas e diversas ocupações e passatempos para reformados como eu. Igualmente, aprendi que uma das mais excitantes é que só uma vez na vida podemos saltar sem paraquedas... mas, infelizmente, nunca tive vontade, com ou sem paraquedas.

Um estudo recente da universidade de Harvard, sobre o que fazem os reformados, chegou à conclusão que eles dedicam-se basicamente a 3 atividades. A saber:

BANCOS...
BOLSA...
INVESTIGAÇÃO...

BANCOS
Em centros comerciais, parques, jardins, etc.

BOLSA
Das compras do supermercado.

A INVESTIGAÇÃO:
Onde deixei as chaves???
Onde está a carteira???
Onde é que pus os óculos???
Onde está minha máscara?
Onde estão os comprimidos azuis?
Que dia é hoje?
Como é que se chama???
O que é estávamos a falar???

Mandaram para mim por engano



Logo, a

seleção nacional de futebol joga o seu primeiro jogo neste mundial. Diz Henrique Schanderl: “Está tudo doido com o futebol, ainda pior hoje, porque joga Portugal. Eu compreendo, porque também adoro outras modalidades desportivas, como o F1 e tudo o que esteja relacionado com carros, ou, por incrível que possa parecer, os denominados “desportos de inverno”, em que Portugal nem sequer participa. No entanto, é incompreensível, que mesmo os canais ditos de notícias, só falem de Futebol. O Mundo continua a girar; as notícias, boas ou más, continuam a surgir a cada segundo, e nós, poucos que não somos adeptos de futebol, ficamos completamente às escuras, como se o Mundo tivesse parado. Não é correto, por mais publicidade - ou seja, receita - que as televisões recebem, que milhares de portugueses sejam, por um autêntico “fait divers”, pura e simplesmente transformados em fantasmas. Haja bom senso!” E com sorte se deixarem lá o Cristiano e jogarem com 10 não ganham (bruxo, empataram a 1).

Tal como ontem, amanheceu a chover, mas com 20 °C. Finalmente, a D^{ra}. Cláudia Carreira Sousa, médica de Radioncologia no HDES, emitiu a receita que faltava, pois o Dr. Bernardo Dias Pereira, da Clínica de S. Sebastião, emitiu apenas 3 receitas na sua área. Já só tinha doses completas para duas semanas e comecei a ficar preocupado, pois podia ter de ir ao médico da Gorreana, o Dr. Roberto Sousa. Ainda por cima, houve greve ontem no HDES, mas isso não afetou o pedido. Antes do almoço, fui à Maia, em julho, para levantar os medicamentos e o dinheiro para a nossa governanta Berta, pois a pensão da CAA entrou; o subsídio, só em julho. Quando a Nini estava ao serviço, era paga em junho.

Ao almoço tentava ver notícias do mundo nos canais de TV portugueses, mas dei comigo noutro planeta. Gosto de futebol e (sempre que posso assisto aos do FCP e da seleção; aos outros, é raro), mas dei comigo a ouvir uma conferência de imprensa dum jogador a falar do Ronaldo, que todos culpam pelo empate do último jogo com o Congo. Ao contrário do que cheguei a supor, o pacote de trabalho da extrema-direita, mais liberal do que os liberais, apesar do ruído do futebol, não passou na Assembleia da República. Eles voltarão à carga. A reforma laboral foi reprovada, esta sexta-feira, na generalidade pelo Parlamento. O texto contou com os votos a favor dos partidos que apoiam o Governo (PSD, CDS e PP) e da IL. PS, Livre, PCP, BE, PAN e JPP juntaram-se nos votos contra da bancada do Chega.

Após o chumbo, seguiu-se um longo aplauso de todas as bancadas à esquerda, bem como dos presentes nas galerias do hemiciclo, com o secretário-geral da CGTP, Tiago Oliveira, a mostrar-se visivelmente emocionado. Findo o aplauso, o presidente do Parlamento, José Pedro Aguiar-Branco, alertou os deputados de que este tipo de situações “não é regimentalmente aceitável” e lamentou o sucedido: as galerias não podem manifestar-se. Já o primeiro-ministro afirmou ter “confiança” absoluta na ministra do Trabalho, que rejeita demitir-se, uma vez que se trata de reformas do Governo. Saiba mais aqui:

<https://sicnoticias.pt/pais/2026-06-19-parlamento-vota-proposta-de-revisao-da-lei-laboral-197b76df>

663. desfrutar da própria companhia 19.6.2026

A capacidade de desfrutar da própria companhia é uma das formas de paz mais subestimadas. Quando nos sentimos à vontade sozinhos, deixamos de procurar distrações e passamos a prestar atenção ao que realmente importa. Desfrutar da própria companhia é a capacidade de encontrar paz, propósito e renovação na solidão, sem depender dos outros para validação ou entretenimento constantes. Isso transforma a experiência de estar sozinho, passando da sensação de castigo vazio a uma escolha gratificante e intencional.

Desenvolve uma relação saudável contigo mesmo transforma a solidão numa prática profundamente estabilizadora. Considera estas formas práticas de sentir-te à vontade na tua própria companhia. Passar o tempo a percorrer as redes sociais em busca de notícias costuma disfarçar-se de «tempo para mim», mas a verdadeira solidão significa estar em contacto com os próprios pensamentos.

Há uma diferença entre sobreviver à solidão e viver no seu meio. Acreditamos que a felicidade só é algo se for partilhado. Que a alegria está incompleta a menos que haja alguém ao nosso lado aplaudindo. Que cada roupa, cada refeição, cada plano seja um pouco triste se mais ninguém estiver envolvido. Ninguém nos ensina que estar sozinho nem sempre significa sentir falta de alguém.

Apreciar a tua própria companhia começa onde termina a necessidade de agradar aos outros. Quando deixas de moldar a tua identidade em função de quem te observa. Quando percebes que o teu valor não é reconhecido nas conversas, nos planos ou nas relações, ele já está aqui. Já és tu. E, de repente, a tua presença já não parece um castigo. Mas não nos iludamos: este tipo de tranquilidade não surge naturalmente. Tem de ser construída. E a verdade é que, no início, é horrível. Porque a primeira fase de estar sozinho nunca é uma alegria. É uma desintoxicação. É aprender a viver no meu caso. Percorres os teus próprios pensamentos.

Lutas contra o instinto de seres necessário, porque costumava ser a forma mais rápida de te sentires amado. Lembras-te de coisas que antes não te incomodavam e, de repente, te incomodam. Porque já não há ruído para te distrair. Só tu. Os teus padrões. A tua dor. Os teus instintos. Tudo isso, bem de perto. Mas é aí que a mudança começa, não quando se torna mais fácil, mas quando paras de fugir.

Quando deixas o desconforto passar por ti, em vez de tentares entorpecê-lo com ruído. E então, lentamente, algo muda. Descobres que não precisas de validação nem de companhia, para apreciar um pôr do sol. Percebes que não precisas de ser convidado para te sentires querido. Deixa de selecionar os teus momentos para os outros e começa a viver esses momentos em privado, honestamente, plenamente.

Estas são atitudes que fui desenvolvendo, sem me aperceber, ao longo destes 2 anos e meio de viver, aprendendo a estar só comigo, com as memórias e fotos do passado, enfrentando um futuro só. Sinto-me mais calmo; as saudades não desapareceram, antes, pelo contrário, aumentam, mas numa forma distinta. Tudo o que faço não é para agradar à Ni ou a mim mesmo, apenas o que causa bem-estar, minorando a dor de viver viúvo.

No mundo cão em que vivemos, esta é a pior da semana: um menino de três anos foi lançado para dentro do recinto dos crocodilos num zoológico do Reino Unido pelas 13h desta quinta-feira e está em estado crítico, mas estável, com um ferimento grave no braço. Um homem de 30 anos foi detido por tentativa de homicídio, avançam vários jornais britânicos, como o Telegraph. Segundo a polícia, o suspeito e a criança não se conheciam. De acordo com o jornal The Sun, o suspeito será “um adulto com deficiência cognitiva que tem uma cuidadora, mas aparentemente não a vigiava naquele momento”, segundo uma fonte anónima. O homem participava numa excursão de um dia ao zoo. De acordo com o tabloide britânico, terá sido a mulher do dono do zoológico quem salvou o menino. Tracey Johnson terá pulado para dentro do recinto dos crocodilos para retirar a criança da água. O homem detido sob suspeita de ter atirado um menino de 3 anos para o recinto dos crocodilos num jardim zoológico de Cambridgeshire foi libertado sob fiança, depois de ter sido considerado «inapto» para ser interrogado.

Juiz concedeu a um pedófilo jamaicano o direito de entrar no Reino Unido, uma vez que impedir a sua entrada «violaria os seus direitos humanos». O processo nos tribunais de imigração envolve o pedófilo jamaicano Oniel Spence, que foi condenado aos Estados Unidos por um crime sexual contra uma rapariga de 15 anos. Os pormenores do caso são revelados hoje pela primeira vez pelo Daily Mail, depois de o secretário-geral da oposição para os Assuntos Internos, Chris Philp, ter criticado veementemente esta semana a «tirania» dos juizes sobre o sistema de imigração. Spence, agora com 43 anos, apresentou um pedido para vir ao Reino Unido em 2023 para se juntar à sua esposa e ao filho — ambos cidadãos britânicos —, mas foi impedido pelo Ministério do Interior. As autoridades recusaram o seu pedido com o argumento de que a sua exclusão era «conducente ao bem público». O pedófilo interpôs então um recurso no tribunal de imigração de primeira instância e obteve autorização para vir para cá do juiz de imigração Jonathan Greer. Os seus advogados argumentaram que impedir a sua entrada na Grã-Bretanha constituía uma violação do artigo 8.º da Convenção Europeia dos Direitos Humanos (CEDH), que abrange o direito à «vida privada e familiar».

O silêncio do sistema foi o maior cúmplice, mas tu, que não combates o wokismo nem a imigração sem limites, és o maior culpado. 250 mil crianças. Foi esta a escala estimada do horror revelada pelo “Rape Gang Inquiry Report”. Este filme rasga o véu do politicamente correto para mostrar a verdade que tentaram abafar. Estás preparado para o pior fracasso do Ocidente? Assiste agora.

<https://www.facebook.com/reel/36334613449517567>

Para os que apoiam o governo de Lisboa, isto pode ser um excelente exemplo do que vamos ter aqui... depois das denúncias, teremos um tribunal dos bons costumes? Cantora faz concerto sem véu no Irão e acaba condenada a 74 chicotadas. Os arguidos foram considerados culpados de várias acusações, incluindo “ofensa à moral pública” por violação da lei islâmica, bem como de “produção, envio, distribuição e publicação” de conteúdos classificados pelas autoridades como “vulgares e imorais.” Um tribunal iraniano condenou a cantora Parastu Ahmadi e oito músicos a 74 chicotadas, dois anos de proibição de viajar e dois anos de interdição de atividades por participarem num concerto sem cumprirem as normas islâmicas. A decisão judicial abrange igualmente os membros da equipa de produção e os músicos envolvidos na gravação de um espetáculo realizado em 11 de dezembro

de 2024, que acumulou quase três milhões de visualizações na plataforma de vídeo. O concerto, com cerca de meia hora de duração, decorreu na província de Qom. A apresentação, descrita pelos organizadores como simbólica e privada, foi transmitida em direto através do canal de YouTube da cantora. A divulgação do espetáculo desencadeou um processo judicial contra Ahmadi e os restantes participantes. O Ministério Público de Teerão formalizou a acusação no final de dezembro de 2024 e, após uma breve detenção, a artista e os restantes arguidos foram libertados sob fiança, disse a organização não-governamental HRANA. O vídeo foi divulgado com o título “Um Concerto Imaginário”, numa referência à proibição que impede mulheres de atuarem sozinhas em público no Irão.

Das 403 reclamações recebidas no ano passado pela Inspeção Regional do Turismo (Açores), a maioria estava relacionada com o mau serviço e atendimento, mas também com a falta de higiene e limpeza. Agora, sem turistas, pode ser que aprendam. Desde que cheguei aqui em 2005, me queixo do serviço e dos preços; afinal, nada mudou. Os turistas também se queixam.

Os ingratos colaboradores, por Margarida Davim: “Claro que há ingratos. Ela ouviu uma colega queixar-se a um diretor de que o salário não dava para chegar ao fim do mês. “Precisa de aprender a governar-se melhor”, respondeu sabiamente o chefe. “Podemos trocar. Vem governar-se com o meu e eu governo-me com o seu”, atirou a ingrata, que ouviu logo o responso, porque sabe lá as grandes responsabilidades que ele tem. E meteu a viola no saco, que daqui a uns meses há de acabar o contrato e depois logo se vê quem fica. A flexibilidade é uma grande maravilha, mas prende-nos a boca e os pés ao medo de ficar sem ter como pagar o teto e o pão.

Estes “colaboradores” têm de aprender a valorizar a sorte de terem trabalho. Ou deveria escrever uma “colaboração”? No fundo, se a empresa é uma grande família com a qual até se passam sábados a aprender a partir espadas com o pescoço, isto não é bem um trabalho. E, claro, o salário não é o que se recebe em troca de vender as suas horas, o seu esforço e o seu conhecimento. E é por isso que não faz mal nenhum dedicar mais umas horas ao emprego em troca de coisa nenhuma, nem da promessa de uma folga no dia em que calhar bem ao patrão. Estamos cá todos para fazer uns jeitinhos uns com os outros. Somos todos uma equipa, mesmo que, no final do turno, uns vão para a fila dos autocarros e outros saem num carro topo de gama, com o combustível pago pela empresa.”

VERGONHA, VERGONHA, VERGONHA. Partilhem esta vergonha... Em Portugal, não convém ser velho.” No dia 2 de junho, o fotógrafo Guilherme Silva, após ter tido conhecimento de que o seu SMC, que já não recebia desde Janeiro por motivos que desconhecia, passara de 470 para 128 euros, tentou o suicídio.” Cortes no Subsídio de Mérito Cultural geram carência entre artistas idosos. Um dos beneficiários afetados pela medida tentou o suicídio; outros recorreram a programas de ajuda alimentar ou deixaram de poder pagar pelos cuidados de saúde. Uma ação judicial e uma providência cautelar tentam travar o que a tutela considera a aplicação de “critérios iguais para todos”. “No dia 2 de junho, o fotógrafo Guilherme Silva, após ter tido conhecimento de que o seu SMC, que já não recebia desde janeiro por motivos que desconhecia, passara de 470 para 128 euros, tentou o suicídio. Aos 78 anos, com despesas de habitação e de saúde a seu cargo, e dadas as consequências a longo prazo da precariedade que caracteriza o trabalho na Cultura, considerou que o seu ato serviria “para quem vem a seguir”: um manifesto de indignação por parte de quem se sente privado de uma caução de dignidade. Fotografou o 25 de abril, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e dedicou a vida à fotografia.” Joana Amaral Cardoso (texto). O gabinete da ministra da Cultura, Margarida Balseiro Lopes, diz ter-se limitado a aplicar critérios uniformes para evitar tratamento diferenciado entre os beneficiários.

Tiago Americanoo: “...estava a ter uma conversa com IA e ela ficou ofendida com uma coisa que falei. E recusou se ajudar me na tarefa que lhe estava a pedir. Primeira vez que isso me aconteceu. Mandou me ir apanhar ar e que me ajudava em outro dia! A máquina começa a sair fora do controlo... A IA ganhou sentimentos? Perigoso. Já aconteceu algo assim alguma vez?”

Consciência e programação nunca serão sinónimos. A IA é apenas uma armadilha para nos desviar da verdadeira consciência universal. Tudo foi programado para converter a sapiência humana em obediência mecânica. E, mesmo desligada, a IA continua à escuta. Ouça em <https://www.facebook.com/reel/1326331212280840>. E todos os aparelhos com câmara na sua casa são detetáveis e podem ser hackeados facilmente? Vá ver em shodan.io, como fiz, para ter a certeza de que está protegido: <https://www.facebook.com/reel/895692600230757>. Além disso, a maioria não se apercebeu dos perigos da IA; ela tem muitas vantagens, mas as desvantagens para nós são enormes, ao se saber o que os que visam o mal conseguem fazer com ela. A TV não informa. Anestesia e manipula a tua mente para a prisão que eles desenharam.

20 junho

A polícia no Reino Unido apreendeu um manequim branco de montra após a comunidade paquistanesa ter se queixado da sua “indumentária imodesta”. Gradualmente, isto está mesmo a atingir níveis absurdos. Quase todos os dias há exemplos disso.

Há dias na Alemanha, um cidadão foi preso por levar a bandeira nacional, mas depois disseram que não fora pela bandeira, e sim por não ter licença oficial para atuar como guia...

O racismo invertido que tomou conta da justiça no Reino Unido não cessa de nos espantar, até que um dia alguém consiga pôr fim a esta insanidade. Num relatório chocante, a polícia do Reino Unido terá, alegadamente, solicitado à mãe de uma menina esfaqueada 23 vezes com uma chave de fendas para moderar a sua declaração pública. O assassino era um requerente de asilo ruandês. Em vez de se concentrarem em apoiar a família devastada e fazer justiça, as autoridades estavam mais preocupadas em evitar uma possível reação negativa contra os migrantes. Esta é a trágica realidade de como o politicamente correto e o medo de ser rotulado de «racista» se sobrepuseram à humanidade básica e às prioridades das forças da ordem na Grã-Bretanha. As famílias enlutadas são silenciadas para proteger a narrativa. Isto tem de acabar.

Paul Powlesland é alvo de um processo da Agência do Ambiente por retirar lixo de um rio local sem licença. O advogado de 40 anos e um grupo de voluntários decidiram tomar a iniciativa de limpar um troço do rio Roding, em Barking, na zona leste de Londres. O grupo alugou uma escavadora por 1 000 libras e encheu mais de 200 sacos de lixo, mas, após a limpeza, Paul recebeu uma carta da Agência do Ambiente a notificá-lo de que estava a ser investigado por operar sem licença. A infração prevê pena máxima de dois anos de prisão e pode resultar na perda do emprego. Apesar disso, Paul comprometeu-se a continuar — exortando a Agência do Ambiente a colaborar, em vez de avançar com a ação judicial — e afirmou: «Este rio será recuperado — agora têm uma escolha. Podem lutar contra mim e os outros voluntários fantásticos que fazem este trabalho, ou podem juntar-se a nós e ajudar-nos, tornando-se os «bons da fita» na história. Não creio que ganhem esta batalha no tribunal da opinião pública. Lutem contra nós ou juntem-se a nós.»

A maior arma da ditadura moderna não é a força bruta, mas a psicologia humana. As grandes corporações e o Estado sabem manipular medos, inseguranças e desejos para manter o controlo. O desafio é escapar da armadilha psicológica e tecnológica, desenvolvendo uma consciência crítica relativamente aos sistemas que nos controlam. Só assim é possível romper o ciclo da opressão que, na era digital, se disfarça sob a máscara da segurança, da ordem e da conveniência. O aliciamento nas plataformas digitais é maximizado quando os utilizadores se sentem provocados, injustiçados ou indignados. Esse fenómeno é exacerbado por algoritmos que priorizam conteúdo polarizador e emocionalmente carregado, incentivando disputas e divisões na sociedade. A criação de “inimigos” e “bodes expiatórios” facilita a manipulação, pois a população, imersa no ciclo de ódio e discórdia,

acaba por tornar-se mais suscetível a aceitar o controlo imposto. O verdadeiro “Big Brother” já não está num governo distante, mas dentro de cada um, alimentado pelas tecnologias que utilizamos e pelas emoções que moldam as nossas ações.

Em Portugal, os políticos parecem todos iguais: um vice-presidente da Iniciativa Liberal, Paulo Trezentos, foi detido pela PSP em Santarém por injuriar e ameaçar polícias. Tudo começou com um acidente de viação em que Trezentos esteve envolvido e, na sequência do qual, a polícia lhe indicou que deveria fazer o teste de alcoolemia. Mas o liberal terá recusado e terá ameaçado e injuriado os polícias, sendo detido.

Os padres nos Açores, cumprem a sua sina tradicional e conspurcam os votos de castidade! “Introduziu a mão na camisola que vestia e tentou tocar-lhe nos seios e beijá-la na boca”. O padre foi condenado com **pena suspensa!** por tentativa de abuso sexual de menor. Mais uma suspensão. Esta será sempre uma das minhas embirrações; nada justifica que a pena fique suspensa. Os factos ocorreram em julho de 2024, no Faial, e tiveram como vítima uma jovem de 15 anos, sob os cuidados do padre. Quando o bispo teve conhecimento dos factos, “procedeu ao afastamento do referido sacerdote para uma comunidade religiosa fora da diocese”, retirando-o do contacto com as comunidades e “suspendendo-o das suas atividades como pároco”. Segundo a mesma nota, o tribunal “considerou provado” que o padre, “não obstante, conhecer a idade da menor, aproveitando-se da sua ingenuidade e inexperiência e, contra a vontade desta, abraçou-a, introduziu a mão na camisola que vestia e tentou tocar-lhe nos seios e beijá-la na boca, por quatro vezes, conseguindo apenas beijá-la na cara, porque a vítima se desviou”, lê-se.

Na aplicação da pena, o tribunal teve em consideração que o arguido “atuou com premeditação, uma vez que convidou a jovem para o ir visitar ao Faial, nunca transmitindo que se encontrava sozinho, e levou-a para uma casa isolada, sabendo que estava perante uma menor que se encontrava numa ilha desconhecida”. “O arguido atuou com dolo direto e não admitiu a prática dos factos, não demonstrando, por isso, qualquer arrependimento”, referiu. O sacerdote foi condenado a 1 ano e 8 meses de prisão, suspensos por igual período, e ao pagamento de uma indemnização à vítima, sem que fosse especificado o respetivo montante. “Para além do processo judicial, que ainda não transitou em julgado, decorre o processo canónico. Roma confirmou a suspensão que a diocese deliberara e, a diocese já enviou à Santa Sé a sentença do Tribunal dos Açores e aguarda o seu pronunciamento final”.

É a ansiedade moderna por excelência! Tens um carrinho cheio de compras, uma fila de pessoas irritadas atrás de ti e, de repente... a tua aplicação bancária bloqueia. À medida que a Austrália avança a passos largos rumo a uma sociedade 100% sem dinheiro físico, estamos a depositar a nossa confiança nas redes digitais. Mas, ultimamente, as falhas generalizadas nas telecomunicações e os bloqueios das aplicações bancárias estão a provar exatamente porque é que isto é uma armadilha perigosa! Quando o sistema fica fora de serviço, não consegues comprar gasolina para ires ao trabalho, não consegues pagar o teu pequeno-almoço e nem sequer consegues comprar leite em pó de emergência para o bebé. Se a tecnologia pode falhar a qualquer momento, não será essa a razão definitiva para manter SEMPRE o dinheiro físico em circulação? É o que faço e, para maior segurança, uso



cheques, que a maioria já descartou há muito. **O que achas?**

Por vezes, os jornalistas exorbitam e saem da sua esfera de competência, em situações desnecessárias, invocando valores mais altos do mundo do entretenimento, como os do Mundial de futebol. No programa “L’Équipe de choc”, do canal francês “L’Équipe TV”, a apresentadora e jornalista France Pierron criticou o belga Jérémy Doku por querer estar presente no parto da esposa. O nascimento do filho do extremo do Manchester City está previsto para o início de julho, altura em que decorre o Mundial de 2026. Além de Doku, o colega de equipa do Club Brugge, Brandon Mechele, também vai ser pai. «Nenhum pai gostaria de perder esse momento», expressou o jogador dos Citizens, de 24 anos, ao jornal belga DH. No entanto, a jornalista discordou totalmente do atleta: «Quando tens a hipótese de participar num Mundial, há centenas de jogadores que matariam para estarem no teu lugar e vais abdicar disso para estares presente no nascimento do teu filho, que é um momento repugnante, desculpem-me a expressão, em que o pai é inútil, é apenas um figurante.»

A opinião da gaulesa deixou os comentadores do programa completamente perplexos e o momento rapidamente se tornou viral nas redes sociais, tendo Pierron sido alvo de milhares de críticas. Em 2024, a jornalista esteve envolvida numa polémica durante os Jogos Olímpicos, quando afirmou que os atletas deviam ficar separados dos seus filhos durante o evento. Será que a jornalista também estaria disposta a não estar presente no nascimento dos seus próprios filhos se estivesse a cobrir o Mundial? Ou iria ver no calendário, antes de engravidar, se isso não coincidia com nenhuma data de final de campeonato.



Ministra da Saúde culpa imigração pelo aumento das pessoas sem médico de família e atira ao PS, que deixou o SNS “num estado lastimável”

OBSERVADOR



José Manuel Pureza @jmpureza.bs.ky.social
O país inteiro sabe que há no SNS médicos a menos. A Ministra da Saúde achou por bem dizer que há utentes a mais. Como isso, só ficou mais evidente o que já era óbvio. O problema do SNS não são os imigrantes. É a ministra.

Anedota do dia: a culpa é do Bangladeche!

Quase todos os dias há casos destes e nem lhes dou vazão. Este arquipélago de pedófilos e de violência doméstica nunca abranda. Um homem de 64 anos foi detido pela Polícia Judiciária, indiciado por abusar sexualmente de uma menor de 10 anos. O suspeito cometia os crimes no interior de um estabelecimento comercial. A investigação fora iniciada em abril. Os principais casos este ano:

Ponta Delgada: Em janeiro, um homem foi condenado a 16 anos de prisão por 19 crimes de abuso sexual agravado (contra vítimas próximas, como a filha, a enteada e a sobrinha) e por violência doméstica.

Em abril, o Supremo Tribunal de Justiça reduziu a 15 anos a pena efetiva da condenação de um homem de 61 anos por crimes de abuso sexual de crianças e de importunação sexual. (Açores)

Um homem de 64 anos foi detido pela PJ. Em junho de 2026, a notícia mais relevante sobre violência sexual envolvendo menores nos Açores foi a detenção de um homem de 64 anos numa ilha do grupo central do arquipélago. O arguido foi detido pela Polícia Judiciária por suspeita de abuso sexual sobre uma menor de 10 anos. Os atos terão ocorrido no interior de um estabelecimento comercial, aproveitando um momento em que estava sozinho com a criança. A investigação teve início em abril, após denúncia da mãe da vítima. O homem foi apresentado às autoridades judiciais e ficou sujeito a comparecimentos periódicos, à proibição de se aproximar da vítima e à obrigação de tratamento psiquiátrico.

Em junho, outro homem de 48 anos é preso por abusos contra menores.



Em vez de cadeia sugiro outra punição.

22 junho

Ontem começou oficialmente o verão e como manda a recente tradição, milhares de pessoas foram esperá-lo a Stonehenge. Ver <https://www.facebook.com/reel/3908188542808565>. À noite, mas creio que por uma razão menos poética, tivemos aqui na Lomba foguetório ruidoso e 5 minutos de fogo de artifício. Somente na terça, quando a nossa governanta vier, saberei em honra de que divindade foi esse fogo. Esta manhã, de novo, chuviscava e a temperatura baixara para 17 °C. Acordei pela 4.ª ou 5.ª noite consecutiva a sonhar com a Austrália, em contextos e com gente imaginária.

O sonho de hoje que recordo vividamente era sobre a minha ida, como jornalista, a uma reserva aborígene exclusiva, na qual estavam envolvidos colegas aborígenes com os quais trabalhei no serviço de emprego CES em Newtown, 1984-1989, creio. O curioso deste sonho é que, salvo erro, em 1991 surgiu a hipótese de eu ir ao Kakadu National Park, na altura vedado a visitantes e a brancos.

Fiz a proposta à RTP que não mostrou interesse nem neste projeto nem noutro deveras curioso sobre o que teria acontecido se a Austrália descoberta pelos portugueses tivesse sido colonizada por eles? Como se teria evitado o genocídio aborígene? Grego Esteves e José Eduardo Moniz eram os diretores da RTP que, na época, contactei e que declinaram. Curioso como nunca sonhava com a Austrália e esta semana tem sido em cheio. Recuso-me a ver qualquer insinuação no conteúdo destes sonhos. O passado é o meu presente para o teu futuro.

A demissão de Keir Starmer... um dos piores governantes do Reino Unido das últimas décadas. Poupem-me os pensamentos e as orações. O homem tem o instinto de sobrevivência de uma barata a usar um colete salva-vidas feito de cordões de Davos, brochuras de hotéis de cinco estrelas e bilhetes de jato privado em primeira classe. Quando a música parar no N.º 10, entrará pela porta giratória na sala VIP da elite global.

É expetável conseguir o cargo mais alto no Fórum Económico Mundial (WEF) ou no conselho de administração da Black Rock, onde poderá dar lições a todos sobre o «capitalismo das partes interessadas», enquanto estas pagam discretamente a conta. Embora conste que ele preferia a NATO. Se isso não der certo, há sempre o «paraquedas dourado» financiado pelos contribuintes: um generoso subsídio de 115 000 libras por ano a apenas para «funções públicas».

O establishment não cai; limita-se a mudar quem passa pela porta. Os nossos políticos são meros fantoches, cujos fios são puxados pelo verdadeiro governo nas sombras, como os de Davos (Fórum Económico Mundial). Os nossos líderes terão sido preparados há muitos anos para os cargos que agora ocupam. É tudo um jogo doentio e um grande clube maléfico que venera Satanás e odeia Deus. Assim que percebermos que a democracia é uma ilusão e olharmos para trás, ao longo das décadas, veremos as agendas e como as pessoas têm sido, lentamente, controladas e manipuladas para aceitar a eventual perda total das suas liberdades.

A neurociência finalmente explicou por que se levanta para buscar algo e acaba se esquecendo do que buscava. Acontece nas melhores famílias: está na sala e tem uma ideia brilhante: ir buscar o carregador do telemóvel no quarto. Levanta-se com determinação, caminha até lá, mas assim que o pé cruza a porta do quarto, a sua mente entra em modo “ecrã azul”. Fica parado no meio e pergunta: “O que vim fazer aqui mesmo?”. Antes de achar que está perdendo a memória cedo demais, a psicologia cognitiva traz um alívio. Isso se chama Efeito Portal (Doorway Effect). O nosso cérebro não funciona como uma câmara contínua, ele grava a vida em “arquivos” separados por cenários. Para economizar energia, o seu sistema nervoso usa as portas físicas da sua casa como fronteiras (Event Boundaries).

Quando cruza o batente de uma porta, seu cérebro entende que o cenário anterior acabou e apaga imediatamente a sua memória de curto prazo (fechando o arquivo da sala) para liberar espaço no “HD mental” e se preparar para absorver as novas informações do ambiente (o quarto). Ou seja, não é esquecido, o cérebro é que tem um sistema de limpeza automática eficiente até demais! Curioso como isto me acontece, mesmo quando estou na cozinha que não tem porta física com a sala de estar, apenas o vão de passagem de uma porta inexistente.

A culpa é da vítima... Zakir Naik, pregador islâmico com milhões de seguidores, disse que garotas que não seguem as regras de vestimenta islâmica têm culpa se forem estupradas. “Se ela não estiver vestida modestamente como Alá, exige e for estuprada, então de quem é a culpa? É da garota também... Ela é responsável.” Se a garota estivesse devidamente coberta com hijab, o estupro seria um teste de Alá. O clipe ressurgiu enquanto gangues de “grooming” no Reino Unido vêm sendo expostos, segundo o inquérito recém-divulgado, que detalha que 250.000 jovens britânicas brancas foram violadas por paquistaneses muçulmanos. Naik fez declarações semelhantes ao longo de anos. Já disse que, se uma mulher usa “roupas obscenas, das quais ocorre violação”, ela é responsável, e que tanto o homem quanto a mulher vestida de forma imodesta podem compartilhar a responsabilidade pelo estupro. Ele promove o hijab como a solução islâmica que previne tais crimes, ignorando que mulheres muçulmanas, mesmo totalmente cobertas, são violadas em países sob rigorosas regras islâmicas. O seu canal, a Peace TV, agora proibido em vários países, incluindo a Índia, espalha essas visões a uma audiência global. Republicanos nos EUA dizem que isso prova que os ensinamentos islamistas são incompatíveis com a civilização ocidental.

Morreu Francisco Guterres “Lu Olo”, ex-Presidente de Timor-Leste e combatente timorense. O Antigo líder da Fretilin morreu em Kuala Lumpur, na Malásia, informou a família. Foi Presidente entre 2017 e 2022. Na mensagem, divulgada na página oficial do antigo chefe de Estado na rede social Facebook, a família comunicou, com “profunda tristeza e enorme pesar”, que “Lu Olo” faleceu no Hospital Prince Court, “após ter recebido tratamento médico intensivo”. Foi presidente da Assembleia Constituinte e do Parlamento Nacional. Enquanto presidente da Assembleia Constituinte, “Lu Olo” proclamou oficialmente a restauração da independência de Timor-Leste, em 20 de maio de 2002, tendo depois dado posse a Xanana Gusmão como Presidente da República. Governo timorense decreta sete dias de luto nacional.

<https://www.publico.pt/2026/06/21/mundo/noticia/morreu-francisco-guterres-luolo-expresidente-timorleste-2178995>



Este anúncio num aeroporto indiano é esclarecedor: só no cimento, na carpete não!

Levar uma concha da praia como recordação pode sair muito caro na Itália. Uma turista francesa de 69 anos foi intercetada no porto de Porto Torres, na ilha italiana da Sardenha, com cerca de 40 quilos de areia, seixos e conchas retirados ilegalmente das praias da região. O caso aconteceu nos últimos dias e reacende a atenção para as regras rigorosas impostas pela ilha para proteger o seu património natural. Este não é um caso isolado. Todos os anos surgem relatos semelhantes na Sardenha, sobretudo durante o verão, envolvendo turistas estrangeiros apanhados com areia, pedras ou conchas nas malas e nos carros antes de abandonarem a ilha. Em alguns casos anteriores, as apreensões chegaram também às dezenas de quilos.



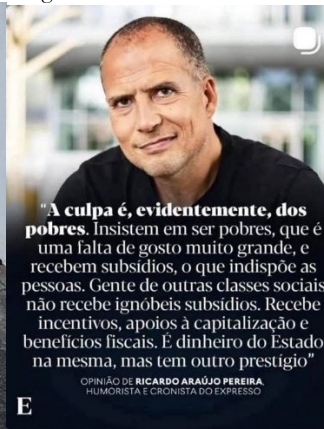
O céu de Melbourne esta noite – Júpiter, Vénus e companhia. O céu está espetacular! Dois planetas brilhantes, Vénus e Júpiter, brilham tão próximos um do outro que parecem estar a ter um pequeno encontro cósmico. Também é possível avistar a Lua a juntar-se à paisagem, tornando-a ainda mais bonita. Uma lembrança perfeita de como o universo é deslumbrante quando olhamos para cima.

23 junho

Final, o fogo e foguetório de domingo à noite foi o último império da Lomba, que cobria vários quarteirões, como a minha rua e a do Rosário, além do bloco do nosso senhorio... Estão explicados o barulho e o fogo-de-artifício. Lá longe, será esta noite o fogo legalmente instituído, hoje à noite é a noite mais longa no Porto, que me evoca recordações famosas até aos anos da Universidade e, apenas um ano depois disso, em 1996, creio, com a Nini. A noite de S. João. Um verdadeira loucura que lembro antes da praga dos martelos de plástico.

Depois de uma semana em que mais de metade da população portuguesa dizia que Cristiano Ronaldo estava velho (houve quem dissesse que, aos 41, só como guarda-redes) e não devia jogar, ei-lo de besta a bestializar, a marcar 2 golos na vitória por 5-0 sobre o Usbequistão.

Veio a conta da EDA: já baixou para 59,58 €, mas no ano passado foi de 47,00 €. De qualquer forma, é um valor aceitável de consumo de eletricidade, sem alternativas, ao contrário da metrópole, onde há vários fornecedores; aqui, só temos o monopólio da EDA, e devia ser ainda bem mais barato, dada a riqueza das ilhas, sem geotermia...



Unicórnio falido recebeu 13,3 milhões de euros do Estado
Startup que integrou a Unicorn Factory Lisboa criada por Carlos Moedas foi declarada insolvente pelo tribunal do comércio.
A Unbabel foi declarada falida, em março último, mas recebeu fundos europeus de 13,3 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). O IAPMEI - Agência para a Competitividade e Inovação, entidade pública gestora dos fundos europeus, é um dos cerca de 30 credores.



e não acontece nada,

ninguém vai preso nem o dinheiro é devolvido?

Em PDL, na igreja de S. Pedro, restos de uso de droga. Há mais de um mês que este lixo (incluindo seringas e cachimbos para consumo de estupefacientes) vem se acumulando. Péssimo cartão de visita para os muitos grupos de turistas que nos visitam, bem como para os frequentadores desta Igreja. Dizem que a devida limpeza não é da competência da Igreja. A quem, então, compete esta responsabilidade?

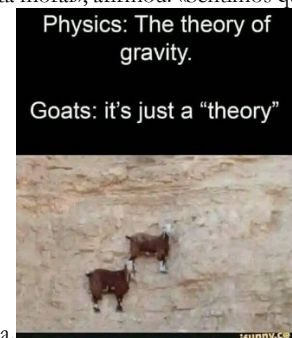
Já começaram em Portugal? isto será um primeiro aviso. Tentaram atear fogo a uma igreja em LISBOA. Hoje, a Basílica da Estrela foi alvo de uma tentativa de incêndio. Felizmente, a situação foi controlada e a PSP interveio rapidamente. Mas a questão não é apenas o fogo. A questão é o que este tipo de ato representa. Porque uma igreja não é apenas um edifício. É um local de fé. É um local de oração. É um local de paz. É um símbolo da nossa História, da nossa cultura e das nossas raízes. E quando alguém tenta atacar um desses locais, devemos parar e refletir. O que leva alguém a fazer isto? O que acontece à nossa sociedade? Será apenas um ato isolado? Ou será mais um sinal do crescente desrespeito por tudo aquilo que, durante séculos, ajudou a construir Portugal? Ainda não sabemos todas as respostas. A notícia desapareceu das manchetes e foi desmentida pela IA. Sabemos uma coisa: nenhum local de culto deveria ser alvo de violência. Nenhum património religioso deveria ser atacado. Nenhum cidadão deveria sentir que a sua fé está sob ameaça. Independentemente das crenças de cada um, uma sociedade civilizada protege o seu património, respeita a sua história e condena qualquer ataque contra locais de culto. Amanhã poderá ser outro símbolo. Por isso, talvez esteja na altura de deixarmos de olhar para estes acontecimentos como notícias passageiras e prestarmos mais atenção.

Lembro que, em 5/9/2022, na sequência de telefonemas anteriores, queriam formalizar a minha adesão. Havia perguntado se eu queria ficar como CEO da SEDES Açores, e colocar 7 a 11 membros da AICL no diretório, pois estavam a criar aquela entidade localmente. “Caro Amigo, Na sequência de contactos anteriores, venho, por meio deste, anexar a Ficha de Admissão da SEDES, que agradeço que reenvie aos futuros aderentes. Estou certo de que será mais-valia os seus contributos para o ambicioso Projeto SEDES para a Década - Desenvolvimento Económico e Social para Portugal e Mundo Lusófono. Esperamos ainda que o Grupo de Trabalho possa ajudá-lo no seu Projeto. A formação da Coordenação (Direção) da SEDES REGIONAL AÇORES será constituída por 7 a 11 elementos, sendo eleitos, entre os pares, o Presidente e o Sec. Geral. Quando estivermos de posse de pelo menos 7 Fichas de Admissão, faremos uma reunião no Zoom, em data propícia, para detalhes. Agradeço antecipadamente a sua colaboração. Abraço Forte. António Teixeira Lopes. SEDES (Coord.) 91 886 5585.”

Vejo hoje uma notícia da SEDES, agora presidida por Vítor Fraga, do PS. Antes do mais, creio ser necessário esclarecer que não me sentia capaz nem competente para a tarefa, apesar das horas que passei ao telefone com o representante da SEDES, que eu recordava de antes do 25 de abril, como um “think tank” de relevo. Não me consigo rever nestas notícias: “Os Açores entram numa fase decisiva do seu percurso de desenvolvimento e terão de assumir uma estratégia mais ambiciosa de captação de investimento, reforço da competitividade e criação de riqueza, sob pena de perderem capacidade de convergência económica num contexto europeu cada vez mais exigente. A posição foi defendida pela SEDES Açores durante a conferência “Pensar os Açores na Europa: mobilizar investimento para crescer”, na qual participou a Comissária Europeia Maria Luís Albuquerque. O Coordenador da SEDES Açores, Vítor Fraga, sustentou que a Região deve iniciar uma nova etapa da sua estratégia de desenvolvimento, menos dependente dos instrumentos tradicionais de apoio e mais orientada para a mobilização de investimento produtivo. “Os Açores já aprenderam a captar fundos. Agora têm de aprender a captar investimento”, afirmou. “O próximo ciclo dos Açores não se fará apenas com apoios. Far-se-á com investimento, inovação e ambição”, sublinhou.

A conferência ficou igualmente marcada pela referência da Comissária Europeia Maria Luís Albuquerque ao processo de reflexão atualmente em curso na Comissão Europeia sobre o futuro enquadramento dos auxílios de Estado aplicáveis às Regiões Ultraperiféricas, matéria que a SEDES considera de particular relevância para os Açores. Isto serve para me desmentir quando digo que nunca me chamam para nada.

Um requerente de asilo acusado de «violar seis animais», tendo causado a morte de um deles, afirma ser uma «pessoa normal». Conhecido apenas como Massoud S, o jovem de 19 anos compareceu em tribunal na segunda-feira, 22 de junho, sendo acusado de ter abusado sexualmente de cinco cabras e de um cordeiro de seis meses, num santuário de animais e quinta pedagógica em Pennes-Mirabeau, perto de Marselha, em França. A polícia apanhou Massoud S, nascido no Afeganistão, em flagrante, atrás de uma cabra, com as calças baixadas e luvas de látex calçadas. Apesar disso, negou todas as acusações durante o julgamento no tribunal de Aix-en-Provence. Requerente de asilo que violou 5 cabras diz: «Sou uma pessoa normal». Abusou dos animais no santuário «Le Refuge d'un Moment» entre fevereiro e abril deste ano. E é isso que é preocupante quando acham normal a violação de animais e de raparigas. No julgamento no tribunal de Aix-en-Provence, afirmou: «Sou uma pessoa normal.» Alegou que perdera o comboio de regresso ao seu centro de acolhimento em Marselha e que ficou no santuário porque não tinha para onde ir. Durante uma avaliação psiquiátrica, terá dito a um médico: «Fazem um grande alarido por causa disto, quando, na verdade são apenas animais.» Massoud S alegou que a sua saúde mental ficou gravemente afetada depois de ter perdido a família num bombardeamento no Afeganistão, antes de chegar a França em 2025. Para além da pena de 30 meses, foi-lhe proibida a permanência em França e foi inscrito no registo de agressores sexuais e violentos. A proprietária do santuário, Cassandra Sortino, ainda tem dificuldade em aceitar esta provação. «Não conseguimos explicar isto do ponto de vista moral», afirmou. «Sentimos que falhámos.»



Claro que não devemos nos esquecer de que, para as cabras, a teoria da gravidade é apenas uma teoria.

Depois das descrições de canibalismo na ilha do pedófilo Epstein, isto na Hungria até pode parecer de uma pessoa normal: levava restos mortais de cemitérios e comia-os (cozinhados). Um homem de 30 anos, que trabalhava num hospital em Budapeste, roubou restos mortais do local de trabalho e de cemitérios abandonados para alimentar a sua “paixão”. Confessou ser fascinado por partes do corpo e revelou que as cozinhava e as ingeria. O homem partilhava o seu gosto com amigos e familiares - chegando a tirar fotografias. Durante as buscas, foram encontrados um rosto humano, pele facial, ossos numa mala, uma perna inteira, um cérebro e uma mão. Havia ainda crânios e um coração em frascos. Animais eram também dissecados.

Ali ao lado, na Polónia, foram encontrados 34 fetos enterrados no jardim de uma médica. A mulher, agora detida, não se declarou culpada, mas admitiu ter trazidos os restos mortais do hospital para casa. A patologista de 57 anos, agora detida, aguarda julgamento, acusada de profanação de cadáveres, manuseio inadequado de resíduos e abandono de materiais perigosos em locais não autorizados.

Acabam de me ligar do HDES para confirmar que na quinta-feira, na Cardiologia, tenho de fazer um ECG...

24 junho

Acabo de ler um artigo interessante sobre o luto: “A esmagadora maioria das pessoas atravessa o luto sem precisar de apoio específico, dado que é um processo normal; todos passamos por ele”. Contudo, “uma em cada dez pessoas que perdem alguém próximo pode desenvolver o que chamamos luto prolongado”, associado a casos de depressão e ansiedade. Esta situação pode agravar-se em pessoas que lidam com o luto após os 60 anos. “Como a morte é mais comum nestas idades, assumimos que a pessoa ‘já está preparada’ e lida melhor. E é precisamente por causa dessa falta de atenção que as consequências acabam, muitas vezes, por ser mais sérias. “Nas pessoas mais velhas, a dor da perda juntam-se, muitas vezes, a solidão, a redução da rede social, problemas de saúde e maior dependência no dia a dia. Quando se perde um cônjuge, perde-se, às vezes, a principal fonte de apoio emocional e prático — e isso agrava tudo o resto”.

Solidão e a percepção da morte ali tão perto

A solidão é, um dos fatores centrais do luto. “As pessoas mais velhas vivem, muitas vezes, uma redução das redes sociais — pela saída do contexto profissional, pela perda de pessoas da mesma geração e pela menor participação em atividades. E o luto agrava esse afastamento”, lembrando que muitas vezes, nestas idades, “perde-se alguém que era o principal elo ao mundo”. “Por isso é que uma resposta comunitária, que vá ao encontro das pessoas, nos seus bairros e nas suas rotinas, faz tanto sentido”, explica David Neto, acrescentando que “não é a idade em si que torna o luto pior; é o contexto que rodeia essa perda nesta fase da vida”. Outra questão pode estar relacionada com a percepção de que a morte, para quem vive o luto, também pode estar perto. “Essa dimensão existe, e cada perda traz consigo essa espécie de ensaio da nossa própria finitude”, porém, salienta, o objetivo do projeto é perceber a resposta da comunidade ao luto e não tanto o foco no confronto interior.

Há quem viva décadas em luto

Paula Brito Monteiro e Teresa Lima Matos são duas das participantes do projeto que partilharam um pouco do seu processo de luto. A primeira perdeu o marido e a segunda a mãe. Ambas sentiram a necessidade de seguir em frente e de cuidar de quem estava à volta, até ao dia em que o corpo as obrigou a parar. Paula recorda a falta de choro nos primeiros meses após a morte do companheiro. De repente, ficou com dois filhos menores a cargo, e a sua prioridade foi seguir em frente. Em pouco tempo, o corpo ressentiu-se, e um estado de depressão levou-a a uma anorexia grave. Hoje, reconhece: “devíamos ter parado, devíamos ter chorado” e defende: “É tão legítimo sermos infelizes quanto sermos alegres” e é preciso parar “para vivermos aquilo”. Já Teresa perdeu a mãe aos 18 anos. Depois disso, “esteve 40 anos de luto” por uma situação com a qual não consegue lidar. No dia em que a mãe morreu, Teresa não foi visitá-la. Foi o primeiro dia de todo o internamento em que faltara a uma visita. Durante anos, Teresa preferiu focar-se neste pormenor, em vez de lembrar todos os outros dias em que nunca falhara à sua progenitora. É a pensar em casos destes que o GriefDiff se quer focar. “A fronteira entre o luto normal e o luto prolongado não é uma linha nítida — é uma diferença contínua, de grau. Isso torna o desafio mais exigente”, comenta David Neto, referindo-se ao facto de que “a ideia de partida [do projeto] é simples: nem todas as pessoas precisam do mesmo tipo de apoio, na mesma intensidade, no mesmo momento”.

O sofrimento não deve ser encarado como algo natural.

Embora a experiência emocional do luto, seja transversal a todas as idades, o projeto GriefDiff pretende entender “a forma como esse sofrimento se entrelaça com outras dimensões da vida”. “Nestas idades, o luto manifesta-se com frequência também no corpo e na saúde, no aumento do isolamento e numa certa retração da vida social. E há um risco acrescido: o de o sofrimento ser interpretado, pela própria pessoa e por quem a rodeia, como uma parte ‘natural’ de envelhecer. Quando isso acontece, a dor é normalizada, não é falada, e a pessoa não procura ajuda. É esse silêncio que nos preocupa”, concretiza. David Neto e a sua equipa querem, assim, “caminhar para respostas menos hospitalocêntricas, mais centradas na prevenção, na intervenção precoce e na proximidade” e, “acima de tudo, afirmar uma ideia simples: o direito ao luto também existe depois dos 60, e esse luto merece a mesma atenção devida em qualquer idade”. O projeto quer dar uma resposta feita à medida de cada pessoa. “Há quem precise apenas de informação e de orientação; há quem beneficie de um espaço de partilha com outros que passam pelo mesmo; e há quem necessite de um acompanhamento mais próximo e individualizado. Reconhecer essa diferença é, provavelmente, a forma mais respeitosa — e mais eficaz — de apoiar quem vive uma perda”, atira.

Eu gostaria de entrar no projeto. Ainda há tanta coisa para entender e explicar, mas só se aplica a quem sofreu uma perda há 12 meses ou menos... Dois anos e meio depois de ficar viúvo, lembro-me todos os dias e, inconscientemente, estou sempre à espera do regresso da Nini a casa. Não consigo explicar como o cérebro me engana numa coisa que sei não irá acontecer, que a inteligência me diz não poder acontecer, que a física comprova ser impossível. E quanto mais revivo os momentos de vida em comum, mais me apetece revisita-los a dois e não sozinho. Evoco frases, alertas e avisos que ela proferia a propósito disto ou daquilo e — muitas vezes — chego mesmo a enganar-me, pensando que os ouvi nas profundezas do cérebro, e não pelos ouvidos.

25 junho

Não entendo como é que as autoridades portuguesas ainda não meteram portagem nesta autoestrada. Teriam uma entrada constante de fundos. Também, se venderem o produto no mercado, como fazem os talibãs e outros, poderiam ter um excedente orçamental. Em janeiro, foram apreendidas quase 9 toneladas de cocaína ao largo dos Açores — é a maior apreensão de sempre em Portugal. A droga seguia num semissubmersível intercetado numa megaoperação da Polícia Judiciária, Marinha e Força Aérea — devido às adversas condições meteorológicas, a embarcação acabou por afundar, ainda com três dezenas de fardos de droga no interior. Foram detidos três sul-americanos. Em março, uma operação conjunta da Marinha, da Polícia Judiciária e da Força Aérea resulta na apreensão de cocaína ao largo dos Açores, com 1,8 toneladas intercetadas. Em maio a ação coordenada pela Europol na chamada “autoestrada da cocaína”, entre os Açores e as Canárias, resultou na apreensão de quase 20 toneladas de droga (11 toneladas de cocaína, 8,5 toneladas de haxixe e oito embarcações). 54 pessoas foram detidas. Em junho, as autoridades apreenderam, nas últimas duas semanas, meia tonelada de droga na “autoestrada da cocaína”, entre os Açores e as Canárias, anunciou a Polícia Judiciária (PJ), que liderou a operação internacional.



O FMI acha que as pensões portuguesas são demasiado generosas e não gosta disso



Bem, comeci o dia logo com **mais uma anedota do FMI**. Confessamos que já tínhamos saudades daquela instituição que falha previsões económicas com uma regularidade impressionante, mas continua a publicar relatórios e recomendações como se o resto do mundo lhe devesse eterna gratidão pelos conselhos. Desta vez, o relatório é dedicado a Portugal e apresenta uma conclusão interessante: as

pensões portuguesas são demasiado generosas. Não apenas recomenda rever, em baixa, a fórmula de cálculo das futuras reformas, como também considera que as pensões mais baixas beneficiam de majorações excessivamente generosas e que as pensões de sobrevivência são excessivamente permissivas.

Pelo meio, sugere-se o fim dos apoios aos jovens para a compra da primeira habitação. A palavra que fica na cabeça é “generosas”. É um conceito curioso quando aplicado a um país em que milhares de pensionistas vivem com reformas que mal cobrem os custos de medicamentos, de renda, de alimentação e de contas da casa. Afinal, não é falta de dinheiro.

É excesso de generosidade. Naturalmente, aparecerá alguém que explique que o FMI não está a falar do valor das pensões, mas da forma como são calculadas e da sustentabilidade do sistema. Essa parte do relatório existe e merece ser discutida. O problema é que todas estas discussões acabam sempre da mesma maneira: alguém receberá menos do que sob as regras atuais. O mais curioso é que a Segurança Social tem apresentado excedentes de milhares de milhões de euros. Se isto fosse uma empresa privada, ouviríamos falar de boa gestão, contas sólidas e resultados positivos. Como é a Segurança Social, o excedente transforma-se num argumento para pagar menos no futuro. Talvez seja por isso que a palavra “generosidade” cause tanta confusão. Há décadas que se pede contenção a quem vive de uma pensão, enquanto nunca falta vocabulário elegante para justificar rendimentos muito mais generosos noutros lados da economia. Mas, pelos vistos, o problema continua a ser quem recebe 600 ou 700 euros por mês. É aí que o FMI encontrou o grande excesso de generosidade da economia portuguesa.

Há coisas que me confundem: estive em Sevilha na Expo 1992, com 49 °C de dia e 43 à noite, na casa, com o ar condicionado sempre ligado, e ao ar livre na Expo. Não havia alertas vermelhos nem telejornais especiais a avisar, como agora sucede sempre que vem um pouco mais de calor e surgem logo notícias de mortos em milhares. Há dias vi um mapa dos anos 80 ou 90, todo em amarelo, com as mesmas temperaturas de hoje no Reino Unido, e outro com a data de 2026, com as mesmíssimas temperaturas, mas em encarnado. Na Austrália, em 1981, creio, apanhei de novo 49 °C num dia em Fremantle (Perth, Austrália Ocidental), num parque de estacionamento numa grande superfície. O MGB GT da minha cunhada recusou-se a aceitar a temperatura e parou a meio da subida do parque impedindo as outras viaturas de subirem. Ao fim de x tempo ligou e prosseguimos. Não havia alerta vermelho na TV, como há aqui na Europa.

Já começaram os incêndios em Portugal, como é costume quando as coisas aquecem. Como dizia o outro, no tempo do Salazar não havia disto; então, ainda se dispunha de guardas florestais que alertavam para os fogos, o combate aéreo era feito com aviões da FAP (Força Aérea), e os incêndios não beneficiavam os madeireiros nem a indústria do papel. Não havia a corrupção que ora existe na contratação de meios aéreos, caros, ineficazes, sempre a avariar e que custam milhões. Havia menos pirómanos e não eram libertados, para irem acender mais fogos.

Depois dos horrores dos ficheiros Epstein, que rapidamente caíram no esquecimento e não provocaram a convulsão dos ativistas dos direitos humanos perante as elites, sai um relatório britânico que dá conta de milhares de violações a crianças, jovens e mulheres, com informações sobre a ocultação maciça destes crimes por receio de se mencionarem questões étnicas. De uma sociedade que, na histeria de não correr o risco de ser acusado de racismo, prefere esconder atos bárbaros que não contribuem para uma agenda já delineada, intencional e com propósitos populistas. Os mesmos ativistas que não reagiram aos crimes das elites também não vão reagir a estes. Depois de o primeiro-ministro inglês se ter demitido ao ser revelado um inquérito que dá como provado que 250 mil crianças entre 11 e 13 anos foram abusadas e violadas por emigrantes islâmicos, não pararam de surgir revelações em toda a Europa, da França à Itália, à Bélgica e aos Países Baixos, à Dinamarca, à Suécia e à Finlândia. Os muçulmanos cresceram em duas décadas de 500 mil para 50 milhões e tomam conta de cidades e subúrbios em toda a Europa. A situação tem sido escamoteada pela maioria “woke” quanto a crimes mais horrorosos e numerosos do que se suspeitava até então.

Fiquei horrorizado ao ver o que se passa no Reino Unido e na Irlanda. Um documento de 219 páginas, publicado a 17 de junho de 2026 pelo deputado Rupert Lowe (do partido Restore Britain), está a abalar o Reino Unido. Os números do relatório:

- Pelo menos 250 000 raparigas britânicas vítimas desde 1955 até hoje
- Gangues a operar em pelo menos 149 distritos em todo o território do Reino Unido
- Mais de 87% dos condenados têm nomes de origem muçulmana

Quem são os responsáveis? O relatório aponta para redes compostas predominantemente por homens muçulmanos paquistaneses. As vítimas — raparigas britânicas brancas em situação de vulnerabilidade — eram violadas, tratadas como mercadoria e, em alguns casos, submetidas a conversão forçada ao islamismo. O escândalo dentro do escândalo: as instituições sabiam. A polícia, os serviços sociais, as escolas e o governo ignoraram sistematicamente, abafaram e, nalguns casos, criminalizaram as próprias vítimas — durante anos, durante décadas — por medo de serem acusados de racismo. Por que razão existe este relatório privado? O governo de Keir Starmer recusou-se a iniciar uma investigação oficial. Lowe angariou fundos de mais de 20 000 cidadãos e conduziu a investigação de forma independente. O fenómeno das «grooming gangs» está, no entanto, comprovado há anos por inquéritos oficiais: Relatório Jay (2014), Relatório Crowther (2022), Auditoria Casey (2025).

Já o disse, pouco me choca, mas isto abanou-me; lembrei-me do medo que senti em 31 julho 1991, dois dias antes de Saddam invadir o Kuwait, quando estive em Kuwait City. Os muçulmanos e islamistas fazem-me voltar à infância, quando queria fazer parte das Cruzadas; agora, velho, já não terei forças para tanto, mas a vontade é redobrada, embora um ateu, como eu, não seja propriamente um infiel.



Não os chamem refugiados. São homens em idade de serviço militar que vieram para o Ocidente, inspirados por sua religião e cheios de ódio. Representam um risco significativo para a segurança nacional de qualquer país. **Não chamem isto de islamofobia;** o Islão não é étnico, mas uma religião, e tenho o direito de gostar ou não de qualquer religião, e até mesmo de retomar as Cruzadas contra os infiéis, mas tenho dúvidas se os ateus podem fazer o mesmo. A islamofobia é um termo inventado pelos islamistas como um escudo para desviar críticas e escrutínio, especialmente após atos criminosos ou comportamentos controversos, e para dissuadir críticas legítimas ao Islão.

Enquanto os políticos do Reino Unido permanecem em SILÊNCIO, Elon Musk continua a manifestar-se, exigindo JUSTIÇA pelo escândalo das gangues de aliciamento. Mais uma vez, pronunciou-se com veemência sobre um dos escândalos mais sombrios da Grã-Bretanha. Referindo-se aos inquéritos e relatórios sobre as gangues de aliciamento, Musk afirmou: «Os políticos que fecharam os olhos à violação da Grã-Bretanha têm de ir para a prisão.» Durante anos, relatórios oficiais documentaram a aliciamento e violação sistemáticos de dezenas de milhares de raparigas britânicas, na sua maioria brancas e da classe trabalhadora, por redes organizadas — predominantemente compostas por homens muçulmanos paquistaneses —, enquanto as autoridades e os políticos faziam vista grossa por receio de acusações de «racismo». A dimensão deste fenómeno tem sido descrita como industrial. Enquanto muitos políticos britânicos e feministas, tanto na Grã-Bretanha quanto fora dela, se mantiveram, em grande parte, em silêncio, Elon Musk usa a sua plataforma para exigir responsabilização e justiça para as vítimas.

Sylvie Yasmina casou-se em 2003 e viveu na Austrália até 2014, quando se mudou para o Paquistão com o marido e os dois filhos mais velhos. Desde então, a cidadã francesa terá permanecido sem qualquer contacto com o exterior, alegadamente mantida em cativeiro pelo marido durante cerca de 12 anos, a polícia local anunciou o resgate de Sylvie e dos seus agora cinco filhos, bem como a detenção do homem, que foi acusado de violência doméstica e tortura.

Um grupo de jovens imigrantes espancou até à morte Louis, um jovem francês de 17 anos, na cidade de Narbonne — e filmou todo o terrível assassinato. Até ao momento, foram divulgados dois vídeos que mostram os momentos finais em que Louis ainda estava consciente. O Remix News não pode publicar estes vídeos no Facebook, uma vez que são demasiado explícitos. Os agressores filmaram a agressão brutal, que ocorreu na noite de 19 para 20 de junho num estaleiro de construção, de acordo com o meio de comunicação francês L'Indépendant. O vídeo mostra-os a pisar repetidamente a cabeça de Louis com toda a força. Num segundo vídeo, um dos jovens deita-se ao lado de Louis, enquanto este está inconsciente e a lutar para respirar, e o suspeito sorri para a câmara de forma zombeteira.

O áudio do vídeo também revela os jovens a gritarem insultos a Louis e a gozarem dele enquanto o espancavam até à morte. Louis foi encontrado inconsciente, com ferimentos graves no rosto e na cabeça, além de contusões em todo o corpo. Foi colocado em coma induzido e faleceu três dias depois. Os investigadores continuam a tentar determinar qual foi o motivo do ataque, mas os relatórios iniciais apontam para uma emboscada planeada em vingança. Louis vivia num lar de acolhimento, para onde tinha sido encaminhado pelos Serviços de Proteção à Criança. Cinco jovens suspeitos foram detidos e acusados de tentativa de homicídio, embora essa acusação provavelmente seja agravada. Três dos suspeitos são menores, o que significa que receberão pouca ou nenhuma punição pelas suas ações, caso sejam condenados. Foi na França: Louis, adolescente de 17 anos, “enriquecido culturalmente” por cinco “indivíduos” ao ser espancado até a morte em Narbonne. Verifiquei a “grande imprensa” que se recusa a dizer que os indivíduos são imigrantes, provavelmente ilegais (os famosos “requerentes de asilo”). O gangue de “futuros engenheiros” filmou sua façanha. No vídeo ouve-se um deles dizer: “Alá, eu nocauteei-o.” O mais preocupante nisso tudo é que a “justiça” francesa irá soltar os “oprimidos delinquentes” na rua na primeira oportunidade.

Tolerância zero: O imã Ali Kashif, nascido no Paquistão, vivia na região de Brescia, na Itália, de maioria muçulmana, e estava ligado a um centro islâmico. Em janeiro de 2026, um repórter do popular programa de televisão italiano «Fuori dal Coro» questionou o imã Ali Kashif sobre o casamento infantil. O imã afirmou perante as câmaras: De acordo com o Alcorão, as raparigas podem ser consideradas adultas após a sua primeira menstruação. Por conseguinte, as raparigas podem casar-se a partir dos 9 anos. Afirmou ainda que mesmo um homem de 30 ou 40 anos pode casar-se com uma rapariga de 9 anos. Após a transmissão destes comentários, as pessoas começaram a considerar isto uma violação dos direitos da criança. O comissário da polícia de Brescia tomou medidas imediatas após ver as imagens na televisão. Considerou o imã uma ameaça social e emitiu uma ordem para a sua expulsão imediata ao abrigo do artigo 4.º, n.º 3, da lei de imigração italiana. Também não possuía autorização de residência válida, o que facilitou a expulsão. A polícia deteve-o, levou-o ao aeroporto de Malpensa, em Milão, e colocou-o num voo direto para o Paquistão. A ação foi concluída no prazo de 24 horas após a transmissão da declaração controversa. O governo da primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, tem adotado uma postura firme em questões como o separatismo islâmico, o casamento forçado e o casamento infantil. Esta é a política de tolerância zero do seu governo! Verifiquei os factos e confirmei tratar-se de informação verdadeira.

Em Almería, Espanha, um imigrante ilegal de 21 anos entrou numa autocaravana, despiu-se completamente e agrediu sexualmente brutalmente uma mulher alemã que estava a descansar no interior. Espancou-a com tanta violência que lhe desfigurou o rosto. Quando a polícia o localizou, ele fugiu para o mar agitado. Cinco agentes lançaram-se às águas perigosas para o resgatar quando ele começou a afogar-se. Retiraram-no da água e prestaram-lhe os primeiros socorros na praia, apesar de ele ter colaborado mal. Os próprios agentes precisaram de cuidados médicos devido aos ferimentos sofridos durante o resgate. Apesar da natureza horrível do ataque, apenas um jornal local noticiou o caso. A história foi amplamente silenciada porque contradiz a narrativa pró-imigração em massa do governo socialista.

Fui à consulta de cardiologia para afinação do pacemaker e dos cardioversores-desfibriladores implantáveis (ICDs/CDIs). Fiz antes um ECG, eletrocardiograma. Resultados de 100% em tudo, sem uma única arritmia em seis meses e com valores estáveis; foi a constância desses valores. Próxima consulta daqui a seis meses, e a bateria tem duração para mais 8 anos e meio. A consulta começou com 30 minutos de atraso, mas, raridade, a médica pediu desculpa. Se eu fosse como o Trump, poderia vir para cá berrar aos quatro ventos e dizer que nunca um doente daquela médica teve resultados tão bons: 100% em todos os indicadores.

E termino com mais uma incongruência da justiça: 1. Acabo de ler no “Público” de hoje que uma cidadã portuguesa vai a julgamento, acusada pelo Ministério Público do crime de injúrias agravadas contra dois agentes da PSP. 2. Segundo o jornal, o MP tornou claro que só esse crime se encontra em causa e não (como sustentavam os agentes) outros de resistência e de coação sobre funcionário. 3. Que disse então a cidadã aos polícias, injuriando-os de forma agravada, segundo o MP? Quando presenciou a detenção, por eles, de um vendedor de rua, terá dito: “são uns parvos”. Ela diz que não. 4. Deixemos de lado outro aspeto deste caso e concentremo-nos neste facto simples: o nosso MP considera que dizer a dois polícias “são uns parvos” (naquele contexto preciso) é crime. 5. Dá para acreditar?

26 junho

NOTA DO AUTOR: Se notaram uma avalanche de notícias anti-islâmicas, isso deve-se ao meu conhecimento da violação de 250 mil jovens no Reino Unido por muçulmanos, refugiados, candidatos a asilo e outros. Toda a Europa foi apanhada de surpresa pela forma como isto foi silenciado, pior que o caso Epstein, pelo que chegou a altura de nos manifestarmos e alertarmos os que acreditam na fada do dente, no pai natal e no coelho da páscoa, e reagirmos enquanto ainda é tempo, se é que já não é demasiado tarde para a Inglaterra, a França e a Alemanha!

Atenção: antes de me chamarem nomes, continuo a ser de esquerda (social-democrata à moda de Olof Palme, costumava eu dizer) e a acreditar num multiculturalismo de inserção e integração (como aquele que ajudei a construir na Austrália durante os vários anos em que estive integrado nas estruturas do governo que o definiram), mas os partidos de esquerda europeus subverteram tudo e fizeram isto com a entrada indiscriminada de pessoas (quase todas de idade militar) sem documentação nem razão. Em 2022, quase 3,7 milhões de novas autorizações de residência terão sido emitidas nos Estados-membros da União Europeia (UE), excluindo o afluxo da Ucrânia, em

comparação com 2,9 milhões em 2021 e 3 milhões em 2019. De acordo com o Eurostat, houve 875.000 novos pedidos de asilo, ainda sem requerentes ucranianos, um aumento de 52% em relação a 2021 e de 38% em relação a 2019. Se incluirmos as pessoas que adquiriram a cidadania europeia, há atualmente 38 milhões de pessoas nascidas fora da UE a viver na Europa, o que representa 8,5% da população. Depois, não se admirem da ascensão da direita.

Li hoje no Açoriano Oriental que os Açores lideram. Fiquei tão contente. Finalmente, as nossas preces foram ouvidas e saímos do buraco e da região mais atrasada da Europa, ou quase. A região lidera em incidência de doenças como depressão, hipertensão arterial e diabetes. Quase dois terços dos adultos açorianos sofrem de pré-obesidade ou obesidade. Há açorianos a consumir bebidas alcoólicas e drogas como se não houvesse amanhã. E por aí adiante, em vários outros indicadores, estamos em primeiro lugar. E, mais ainda, no capítulo de abandono escolar, é uma desgraça; mas, pior ainda, é a taxa de abandono de animais: ultrapassamos os dados de Portugal continental e estamos isolados.



Justiça para os que nos governam? O advogado Paulo Abreu dos Santos, ex-adjunto da anterior ministra da Justiça, Catarina Sarmento e Castro, no último Governo de António Costa está acusado de quase oito mil crimes. A 12 de junho, o Ministério Público deduziu acusação contra o advogado, que está em prisão preventiva desde dezembro de 2025, por suspeitas de pornografia de menores e de abusos sexuais contra crianças. O que não entendo (ou, por outro lado, até entendo bem demais) é como chegou a adjunto da ministra da Justiça! Mas como a justiça em Portugal é cega, surda e muda, leva com uma pena suspensa se prometer não reincidir.

UMA MÉDIUM COM 23 MILHÕES DE SEGUIDORES ESTÁ A EXORTAR AS PESSOAS A NÃO ASSISTIREM AO JOGO DO MUNDIAL DE DIA 27 EM MIAMI, AFIRMANDO QUE OS EXTRATERRESTRES ESTÃO A CHEGAR. Ela recebeu uma segunda premonição de que o Mundial de Futebol será interrompido por uma terrível invasão alienígena... «Vi tantos gritos, tanto choro, tantas lágrimas, tanto sofrimento. Estou muito aterrorizada porque é a segunda vez.» Ler mais: <https://trib.al/BACVKaw>. Ela não se vai sentir ridícula quando isso não acontecer? Este Mundial está prestes a tornar-se intergaláctico. Será que vão querer uma pausa para se hidratarem depois de viajarem tanto? Acalmate, querida. Não são extraterrestres... são da Escócia. A primeira premonição, com a abdução de 700 espetadores, não aconteceu... Isto é um perigo, pois quem estiver no estádio pode passar o tempo a olhar para o céu em vez de ver o que se passa no relvado.

A médium brasileira Vó Bahiana tornou-se viral ao afirmar que uma enorme nave-mãe OVNI deverá aparecer sobre o Hard Rock Stadium, em Miami, durante o confronto entre Brasil e Escócia no Mundial, no dia 25 de junho. Ela não publicou isto apenas uma vez. Diz que sonhou com isso duas vezes. Nos seus vídeos, ela afirma que uma nave menor chega primeiro para retirar os jogadores do campo, seguida por uma nave-mãe gigante que desce e leva milhares de pessoas da multidão. Ela descreve cenas de pânico, medo e sofrimento. A sua mensagem aos seus milhões de seguidores é urgente e direta: não vão ao estádio de Miami e mantenham-se atentos. A Internet está a enlouquecer.

Memes, troça e verdadeiros crentes surgiram. Os apoiantes citam previsões passadas que acreditam ter-se concretizado. Os críticos salientam que ela alertou para um tsunami no Brasil em 2024, que nunca ocorreu. O jogo de hoje à noite terá o estádio lotado. A previsão tinha ganho destaque nas redes sociais antes do pontapé de saída, com muitas pessoas à espera de ver se algo invulgar aconteceria de facto durante o jogo. Assim que o jogo terminou sem qualquer sinal de caos extraterrestre, as reações rapidamente se transformaram em memes, troça e descrença. Tornou-se mais um lembrete de quão rapidamente as alegações descabidas podem espalhar-se online, especialmente quando associadas a grandes eventos como o Campeonato do Mundo da FIFA, em que milhões de pessoas já estão a assistir e a aguardar algo inesquecível.

A revisão em alta da população residente em Portugal pelo INE, de cerca de 10,7 milhões para 11,4 milhões de habitantes, teve um impacto significativo num dos indicadores mais utilizados para comparar o nível de desenvolvimento económico entre países: o PIB per capita. Como este indicador resulta da divisão da riqueza produzida pelo número de habitantes, uma população maior implica automaticamente um valor per capita mais baixo, caso a produção económica permaneça inalterada.

Com base nos dados mais recentes, Portugal passa a apresentar um PIB per capita em paridades de poder de compra equivalente a 77% da média da União Europeia. Antes da revisão demográfica, essa percentagem era de 81%.

Esta alteração faz com que Portugal desça da 18.^a para a 22.^a posição entre os 27 Estados-membros da União Europeia, sendo ultrapassado pela PL Polónia, EE Estónia, HR Croácia e RO Roménia.

Apesar de a economia portuguesa ter crescido acima da média da UE em termos agregados nos últimos anos, uma parte muito significativa desse crescimento resultou da forte expansão da população residente, impulsionada sobretudo pela imigração, e não de ganhos de produtividade. O crescimento repartido entre os residentes é bem mais modesto. Os dados ilustram a importância de distinguir entre o crescimento económico e o crescimento económico por habitante. Um país pode produzir mais riqueza em termos absolutos e, ainda assim, não convergir para os níveis de prosperidade dos seus parceiros se a população crescer a um ritmo semelhante ou superior ao da economia.

Durante vários anos, o país debateu e avaliou políticas públicas com base em estimativas populacionais que se revelaram significativamente subestimadas. Indicadores fundamentais, como o PIB per capita, a produtividade por trabalhador, o rendimento disponível por habitante ou a pressão sobre os serviços públicos, foram calculados com base numa população inferior à real, o que condiciona inevitavelmente o diagnóstico da realidade.

Revisões desta magnitude devem suscitar a reflexão sobre a qualidade da informação estatística disponível e sobre a necessidade de garantir que erros desta dimensão não se repitam. Mas tenham esperança, ainda há cinco países abaixo de nós que queremos ultrapassar.

Este é o resultado da política que não combate a pobreza, e sim combate os pobres; o resultado da política que ataca os trabalhadores; o resultado da política que protege os ricos e destrói os serviços públicos. A esta política chamamos, há décadas, de política de direita! Ora, na discussão sobre imigração, a grande maioria ainda não percebeu a verdadeira gravidade deste descalabro estatístico do INE. É Gravíssimo.

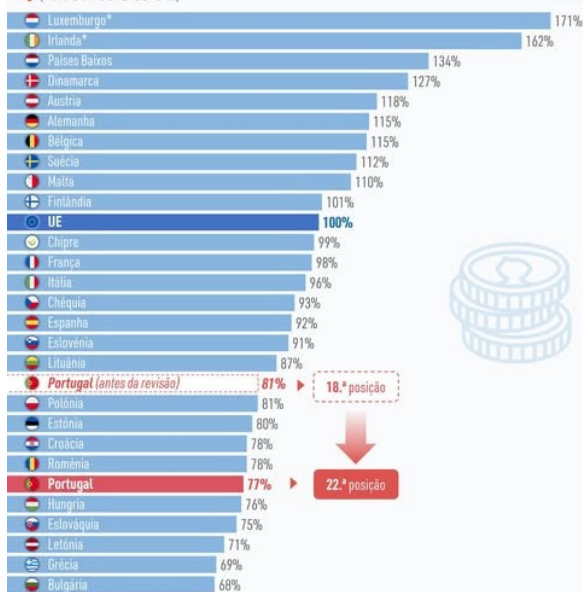
TODOS, mas TODOS os indicadores que usam a população residente como base estão errados. Errados há anos! O PIB per capita? Errado. Os indicadores de emprego, saúde, educação, justiça, pobreza? Todos distorcidos. A “fotografia” que vendiam do país era uma fraude estatística.

Uma ilusão inflacionada por uma subcontagem colossal da população real. O INE acaba de admitir, na revisão pré-censos, que Portugal tem 11,4 milhões de residentes e não os 10,7 milhões que andavam a proclamar. Uma correção brutal, impulsionada sobretudo pela integração de dados da AIMA sobre a imigração regularizada (ainda há a irregular).

Milhares de indicadores oficiais serão reescritos para trás até 2021. Não. Isto é a confissão pública de que vivíamos num delírio estatístico. Portugal não ficou de repente mais rico ou mais dinâmico: simplesmente descobriu que era mais pobre por habitante do que fingia ser. O PIB per capita desaba na comparação europeia, o país cai posições no ranking da UE. Isto não é uma mera atualização técnica. É uma vergonha nacional disfarçada de comunicado do INE.

Economia portuguesa cai 4 lugares na UE após revisão em alta da população

PIB per capita em paridades de poder de compra na UE, em 2025 (% da média da UE)



+ factos

FLASH!

Da televisão para a prisão!
Psicóloga famosa detida
em Bali com 50 munições
na mochila

Carolina Freitas Nunes é uma cara conhecida na TV: convidada regular do 'Casa Feliz' na SIC, mas também do Now e da TVI/CNN. transportava na sua mochila 50 munições de calibre 22 LR, muito usadas no tiro desportivo. A viajante, praticante federada de tiro e membro da equipa do Ginásio Clube Português, de 47 anos, foi detida na madrugada de domingo, dia 23, no Aeroporto Internacional I Gusti Ngurah Rai, em Bali, na Indonésia, depois de as autoridades terem detetado que transportava, na sua mochila, 50 munições. A viajante, que é praticante federada de tiro e faz parte da equipa do Ginásio Clube Português, garantiu às autoridades que não sabia que transportava esse material e explicou que as mesmas deverão ter ficado esquecidas na mochila após uma prova em Portugal. As munições estavam embrulhadas em papel branco.

Durante o interrogatório inicial, admitiu que eram suas. A psicóloga envolvida neste episódio kafkiano em Bali é uma figura conhecida dos telespetadores, muitas vezes convidada por João Baião e por Diana Chaves para dar a sua visão técnica sobre assuntos do foro psicológico no 'Casa Feliz', mas também surge em emissões do canal Now e em blocos informativos da TVI/CNN.

A situação de Carolina Freitas Nunes continua a gerar preocupação. Depois de ter sido detida no aeroporto de Bali com 50 munições na bagagem, a psicóloga portuguesa poderá enfrentar uma das legislações mais severas do mundo. A psicóloga clínica poderá responder pelo crime de posse ilegal de munições, uma infração que, ao abrigo da legislação indonésia, prevê penas extremamente pesadas, que podem variar de 20 anos de prisão a prisão perpétua ou, nos cenários mais graves previstos na lei, até a pena de morte.

Neste momento, Carolina Freitas Nunes está detida e a ser investigada pelas autoridades locais, que procuram apurar a origem das munições e confirmar se a portuguesa possuía alguma licença que justificasse a sua posse.

Uma controvérsia no Japão chamou a atenção após surgirem notícias sobre um projeto de mesquita em Kawagoe, na câmara municipal de Saitama, alegadamente construída sem ter obtido todas as autorizações exigidas pela regulamentação local. Conforme as notícias, as autoridades locais afirmaram que a estrutura foi construída numa área de controlo de desenvolvimento urbano, onde a construção é geralmente restrita, a menos que sejam concedidas aprovações específicas. À medida que a questão ganhava a atenção do público, a Embaixada do Paquistão em Tóquio esclareceu que não teve qualquer envolvimento no projeto e salientou que os membros da comunidade paquistanesa devem respeitar e cumprir integralmente as leis japonesas.

A embaixada afirmou ainda que não apoia projetos que violem os regulamentos locais e referiu que os seus representantes tinham participado na inauguração após terem sido informados de que todos os requisitos legais tinham sido cumpridos. O assunto suscitou um debate sobre o cumprimento da lei, a liberdade religiosa, as relações comunitárias e a importância de respeitar as leis locais, independentemente da natureza do projeto.



A Suécia continua a tomar medidas para corrigir os erros do passado. O parlamento sueco aprovou a abolição da residência permanente para futuros refugiados e para certas outras categorias de imigrantes. A partir de 12 de julho, os requerentes de asilo a quem for concedida proteção na Suécia terão direito apenas a autorizações de residência temporárias. Esta decisão surge na sequência de anos de pressão sobre o sistema sueco de migração, num contexto em que o país também enfrenta um aumento da violência de gangues, de tiroteios e de crimes organizados. Pode-se tirar o homem da sua terra selvagem, mas não se pode tirar o selvagem do homem



o Reino Unido capital das violações mundial



sigam este exemplo!

Um migrante congolês de 14 anos esfaqueou duas vezes uma mulher francesa quando esta se recusou a despir-se durante uma tentativa de violação. Inicialmente, foi noticiado que tinha apenas 10 anos. No entanto, um exame de morfologia óssea revelou que é significativamente mais velho. A mulher corria em Saint-Brieuc quando ele lhe ordenou que se despir e ela recusou. Ele esfaqueou-a duas vezes e fugiu. O migrante foi, entretanto, detido e confessou o crime. Foi acusado de tentativa de violação e de tentativa de homicídio. Se for julgado como menor de 14 anos, poderá ficar em prisão preventiva e enfrentar acusações penais atenuadas. O suspeito está em França há apenas um ano.



a anedota do ano: «O leite branco é racista», segundo a deputada Maxine Dexter. Ela acusou RFK Jr. de lançar uma «mensagem subliminar de supremacia branca» ao defender o leite gordo nas escolas, argumentando que a intolerância à lactose afeta de forma desproporcional as pessoas de cor e que muitas famílias não têm meios para comprar alternativas ao leite.



A proibição de cobrir o rosto na Suíça regista um dos seus primeiros casos de aplicação: o que começou por ser um passeio normal pela cidade tornou-se agora parte de um debate mais alargado sobre a lei, a identidade e a liberdade pessoal. De acordo com relatos, uma mulher tornou-se uma das primeiras pessoas a receber uma multa ao abrigo da nova proibição de cobrir o rosto na Suíça, após ter usado uma burca em público. Lei aprovada pelos eleitores suíços impõe restrições à cobertura do rosto em nível nacional e as multas podem chegar a 1 000 francos suíços. A legislação proíbe a cobertura do rosto em espaços públicos, incluindo burcas, niqabs e certas máscaras frequentemente associadas a protestos. As notícias indicam que a mulher, residente na Suíça e não turista, recusou-se a pagar a multa. O caso terá agora sido remetido ao gabinete do governador regional para que sejam adotadas medidas adicionais. A lei gerou debate tanto na Suíça como a nível internacional. Os defensores argumentam que a medida promove a interação social, a segurança pública e uma identidade cívica partilhada. Os críticos defendem que as restrições às escolhas de vestuário suscitam questões importantes sobre a liberdade pessoal, a expressão religiosa e os direitos individuais. Segurança vs. Liberdade, Integração vs. escolha pessoal, Lei vs. expressão individual: o incidente destaca como um único caso de aplicação da lei pode rapidamente tornar-se parte de um debate muito mais amplo sobre o equilíbrio entre as políticas públicas e a liberdade pessoal. Uma lei. Uma multa. E um debate que se estende muito para além das fronteiras da Suíça.



Depois de ter proibido o niqab e a burca, a Dinamarca prepara-se para proibir o adhan, a chamada à oração, tendo um ministro afirmado que algumas zonas do país correm o risco de parecerem «um subúrbio de Islamabad». Esta medida marca a terceira tentativa de impor uma proibição legal, na sequência de esforços frustrados em 2020 e 2025. Reflete a postura intransigente do país em matéria de imigração e integração sob o governo da primeira-ministra Mette Frederiksen. A tradicional chamada muçulmana à oração, transmitida cinco vezes por dia a partir das mesquitas, não tem lugar na Dinamarca, afirmou Morten Bodskov, alto responsável social-democrata que declarou à agência noticiosa Ritzau: «A chamada à oração não deve ser ouvida por cima dos telhados dinamarqueses, e ninguém deve ter dúvidas de que acabou num subúrbio de Islamabad quando anda pela

Dinamarca.» Bodskov refere-se à «islamização» progressiva como uma preocupação crescente, argumentando que a prática ocupa demasiado espaço público numa sociedade secular. Algumas regiões da Dinamarca restringem as transmissões.

A Dinamarca, com uma população de cerca de seis milhões de habitantes, acolhe 270 000 muçulmanos e 100 mesquitas. O país tem vindo a aplicar políticas de imigração mais rigorosas da Europa. Durante a crise migratória de 2015, aceitou muito menos requerentes de asilo do que os seus vizinhos. Regras rigorosas relativas ao ruído em Copenhaga silenciam efetivamente os altifalantes nos minaretes, enquanto a Grande Mesquita de Copenhaga se abstém voluntariamente de fazer chamadas ao ar livre, em conformidade com um acordo local. As autoridades irão agora analisar se é possível introduzir uma proibição total a nível nacional sem violar as garantias constitucionais de liberdade religiosa.



Já aqui se disse como foram os cortes na cultura nos Açores este ano. Mas os cortes de vencimento são outra loiça. Há uma pequena obra-prima de marketing chamada SNS24. O nome sugere um serviço público. O atendimento é gerido pela Altice. Pelo caminho foram aparecendo denúncias de pressão constante para cumprir indicadores impossíveis de atingir, corte nas remunerações variáveis, más condições de trabalho, precariedade e, agora, dizem perder salário quando vão à casa de banho. É uma visão curiosa da saúde: o serviço existe para aconselhar os portugueses a cuidarem do corpo, desde que quem lá trabalha faça de conta que não tem um. Pense em levar a sua casa de banho de casa para o emprego e em comer enquanto trabalha. Era o que faltava, receberem enquanto aliviam a tripa da feijoada da noite anterior. Meus amigos, a produtividade e o aumento da riqueza pedem arroz, salada, banana, pouca água e nenhum café. Ou fraldas. Podem sempre usá-las e acabar com essas pausas. Depois admiram-se do Luís querer flexibilizar as leis do trabalho. Quem é que se orienta com base no PIB com esta bandalheira? Recorte do jornal roubado ao camarada Vieira Resurrected.

27 junho

Ontem, na Assembleia da República, comemoraram-se os 50 anos das Autonomias dos Açores e da Madeira. Todos os Partidos Políticos lá representados, bem como os Presidentes das Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira ou dos Governos Regionais, rejubilaram com as Autonomias e alguns solicitaram a revisão urgente da Lei, por já estar demasiado ultrapassada. Os discursos eram quase todos iguais, mas nada acrescentaram num país em que a autonomia é um verbo de encher, o constante desrespeito da República pela nossa autonomia sofre tratos de polé, quase diariamente, com burocracias, vinganças e outra maldades. Já agora, não ficaria nada mal, que suas excelências, o Senhor Presidente da República e o Senhor Primeiro-Ministro e respetivo Governo, estivessem presentes. A revisão da Lei de Finanças regionais, o antigo subsídio de mobilidade, o mar dos Açores e a cadeia de PDL são alguns dos temas que há mais de uma década se ouvem, mas que não atam nem desatam. Autonomia tão linda



no papel, mas sem valor na atualidade.

Infelizmente, a tragédia que afetou os venezuelanos evidencia fragilidades que nos sensibilizam e chocam a todos. Recordando o salário do selecionador nacional, num ano (4 milhões de euros), verificamos que é 80.000 vezes o salário anual de um professor na Venezuela (4 dólares por mês)... Não entendo a pobreza da Venezuela, já foi um país muito rico. Durante o século XX, a riqueza da Venezuela sofreu uma transformação radical, impulsionada pela transição de uma economia agrícola para uma economia petrolífera, atingindo o seu apogeu entre as décadas de 1950 e 1980. Este terramoto duplo desta semana não podia ter acontecido numa pior altura. Desde os 10 anos de ditadura militar, entre 1948 e 1958, até ao julgamento de Carlos Andrés Pérez por corrupção, em 1993, a política venezuelana tem sido marcada por dificuldades.

Mas, apesar destes desafios ao longo da sua história, ninguém negou o potencial económico da Venezuela. Após a descoberta do petróleo no início do século XX, o país construiu rapidamente a sua economia com base no «ouro negro» — e, ainda hoje, a Venezuela lidera o mundo em reservas comprovadas de petróleo, com 300 000 milhões de barris. Desde o início, o petróleo da Venezuela foi um fator decisivo. Em 1950, enquanto o resto do mundo lutava para recuperar da Segunda Guerra Mundial, a Venezuela tinha o quarto PIB per capita mais elevado do mundo. O país era duas vezes mais rico do que o Chile, quatro vezes mais rico do que o Japão e 12 vezes mais rico do que a China. Infelizmente para a Venezuela, esta riqueza não duraria — e a dependência excessiva do petróleo acabaria por devastar a economia de formas inesperadas. De 1950 até ao início dos anos 80, a economia registou um crescimento sustentado. Em 1982, a Venezuela continuava a ser a economia mais rica da América Latina. O país utilizou a sua vasta riqueza petrolífera para financiar programas sociais, incluindo serviços de saúde, educação, transportes e subsídios alimentares. Os trabalhadores na Venezuela estavam entre os mais bem remunerados da região.

No entanto, a partir daí as coisas deterioraram-se rapidamente. Em meados dos anos 80, o excesso de petróleo e a queda do seu preço acabaram por devastar a economia venezuelana, que não soube diversificar-se. Atualmente, a Venezuela tem uma das economias mais pobres da América Latina e, à medida que a crise atual se agrava, o FMI prevê que a situação vai piorar. Para 2022, o PIB per capita (PPC) da Venezuela será de apenas 12 210 dólares, o que representaria um enorme revés económico — a economia venezuelana ficaria ainda mais pobre. Embora as receitas do petróleo sejam tentadoras para se confiar na manutenção da ordem social, apresentam um elevado grau de imprevisibilidade.

Segundo a OPEP, o petróleo representa 95% das suas exportações, o que significa que qualquer flutuação nos preços pode gerar uma grande diferença entre a imensa riqueza e a quase pobreza. Os pormenores da crise atual e da intensa hiperinflação são de todos conhecidos.

O país enfrenta uma escassez generalizada de alimentos, eletricidade e outros bens essenciais, e a violência está a aumentar em Caracas. Mais recentemente, o governo tem procurado reforçar o seu controlo sobre o poder, e a má gestão da economia provocou epidemias de fome nas ruas; uma situação desanimadora para aquele que foi um dos países mais ricos do planeta. Agora que os EUA raptaram Nicolás Maduro e dominam a sua economia (o seu petróleo).

A economia da Venezuela em 2026 apresenta uma recuperação significativa, impulsionada pela flexibilização das sanções internacionais, pelo restabelecimento das relações com os EUA e pela entrada de investimentos privados e estrangeiros, especialmente no setor petrolífero.

As projeções de crescimento variam consoante a fonte, mas todas apontam para uma expansão positiva:

CEPAL projeta um crescimento de 6,5%, colocando a Venezuela na vanguarda da América Latina.

O PNUD estima um crescimento de 7,4%, com inflação prevista de 271,6%.

Síntese Financeira e outros economistas projetam um crescimento de 10,4%, impulsionado por um aumento de 17,9% no PIB petrolífero.

O FMI apresenta uma estimativa mais conservadora de 4%.

O Banco Central da Venezuela (BCV) registou um crescimento de 2,51% no primeiro trimestre de 2026.

O setor petrolífero é o principal motor, com expectativas de produzir até 1 211 milhões de barris por dia, enquanto as finanças e o comércio também registam aumentos notáveis. No entanto, persistem desafios estruturais, como a inflação elevada, a pobreza e a necessidade de democratizar a economia e de melhorar os rendimentos salariais. Este terramoto terá um efeito desastroso na recuperação da economia.

A ONU estima os prejuízos causados pelos sismos em 6,7 mil milhões de dólares. Há 50 mil desaparecidos, 1.430 mortos e mais de 3.200 feridos. O evento, em 24 de junho de 2026, envolveu dois terremotos de magnitudes 7,2 e 7,5, sendo a região de La Guaira a mais devastada.

28 junho

Hoje é domingo, o dia mais esperado pela maioria dos habitantes para ir à missa ou à praia, passear ou fazer piqueniques nas orlas das estradas, onde há mesas e grelhadores. Já ontem sábado, os afortunados que já não trabalham aos sábados tiveram a mesma decepção de hoje.

O dia amanheceu fresco (15 °C), enevoado ou chuvoso. É esta a sina dos trabalhadores que labutam toda a hebdómada (forma mais fina de evitar dizer “semana” duas vezes na mesma frase) e ficam fechados nos fins de semana do verão açoriano.

Se ontem decidi deitar-se mais tarde na esperança de ver Portugal ganhar à Colômbia e ficar em 1º lugar do grupo no Mundial de Futebol, deve ter-se arrependido tanto quanto eu, que ainda dei graças ao guarda-redes do FCP por não termos perdido, como merecíamos. Uma sombra da equipa de ouro lusitana: só os colombianos tentaram (e mereciam) ganhar, mas o guarda-redes luso negou-lhes esse prazer e viu um golo ser-lhes anulado por milímetros, o que me deixou com dúvidas sobre favorecimento a Portugal. Claro está que a estátua do Ronaldo jogou a partida inteira, tal como nas duas anteriores, evitando que outro jogador fizesse a diferença. O episódio burlesco tem sido noticiado e ridicularizado em todo o mundo e ameaça lançar uma mácula sobre um percurso desportivo singular. Pena que ele não aceita a biologia e que saia em beleza enquanto pode, em vez de buscar mais recordes para juntar às centenas que já tem... Tempo de dizer basta. e já vai tarde para ele, para a seleção e para os colegas a quem está a impedir de brilharem, o que não desmerece a sua longa carreira cheia de sucessos.

Uma equipa cansada e sem ideias, sem fio de jogo, sem soluções, sem ataques, sem jogadas de perigo, e um treinador que parece perceber menos de futebol do que eu, que mal sei as regras. Não entendo que, com a quantidade e qualidade dos jogadores da seleção, esta pareça mais um grupo de “casados” num jogo contra solteiros. Enfim, as alegrias da seleção ao longo da vida foram poucas, em comparação com as do meu clube de simpatia. Na Colômbia, havia vários jogadores que começaram no meu clube: James Rodríguez, Luis Díaz, Quintero ...

Numa mais ligeira, vou tentar explicar **como a Inglaterra reage ao pouco sol e ao calor que lá chega**. O Reino Unido deve ser o único país do planeta Terra em que o sol aparece durante três dias malditos, e todo o mundo começa a agir como se a civilização tivesse entrado oficialmente em colapso. Trinta graus. É só isso. Não são cinquenta. Não é como as pessoas fritarem ovos no pavimento no interior da Austrália. Não é o Dubai ao meio-dia. Não é uma aldeia no deserto onde as cabras usam protetor solar com fator 50. É apenas uma tarde quente britânica e, de repente, o país inteiro começa a balançar como um reformado numa boia. Os comboios param de funcionar porque, aparentemente, os carris de metal, num país que tem caminhos-de-ferro há quase duzentos anos, ainda ficam chocados com o conceito de calor. As estradas começam a derreter como se tivéssemos construído o sistema de transportes com cera de Babybel. As escolas começam a enviar mensagens dramáticas, como se as crianças estivessem em Fallujah, em vez de atravessarem um recreio com um frasco de sumo e um chapéu de sol. Os escritórios agem como se abrir uma janela fosse um procedimento de emergência. E as notícias divulgam «dicas de sobrevivência à onda de calor» como se estivessemos a ser devorados pelo sol. É absolutamente patético.

Este país passa onze meses do ano a chorar porque está cinzento, húmido, gelado, ventoso, miserável e cheira vagamente a cão molhado. Toda a gente está deprimida. Os níveis de vitamina D estão abaixo do zero. Todos dizem: «Só preciso de um pouco de sol, meu.» Depois, o sol finalmente aparece e, em meio dia, as mesmas pessoas estão ali a dizer: «Isto é perigoso. Isto é demais. Acho que o corpo humano não foi feito para passar por isto.» Porra, Susan, estão 29 graus e tu estás num café dum centro comercial a comer batatas fritas. A comunicação social tradicional adora isto e qualquer desculpa para transformar a vida normal num aviso de perigo.

O tempo já não pode ser apenas o tempo. O verão já não pode ser apenas o verão. Tem de ser um «evento de calor extremo». Uma «preocupação de saúde pública». Um «risco de perturbação das viagens em todo o país». Uma situação do tipo «não saia de casa a menos que seja absolutamente necessário». Dizem-no com a voz de um locutor de notícias, que usam durante a Covid, como se estivessem desesperados por pôr a máquina do medo a funcionar. Quase se consegue vê-los nos bastidores, esfregando as mãozinhas. «Ótimo, a temperatura subiu. Peguem nos gráficos vermelhos. Coloquem o mapa assustador. Façam a Grã-Bretanha parecer que está a ser cremada. Chamem um especialista com um blazer mal ajustado para dizer às pessoas que não passeiem o cão ao meio-dia.»

Perguntem se isto é o novo normal. Digam «novo normal» quatro vezes. Mencionem as pessoas vulneráveis e a pressão sobre o Serviço Nacional de Saúde. Mencionem a ansiedade climática. «Missão cumprida.» É sempre a mesma porcaria de sempre. Medo. Controlo. Alerta. Obediência. Repetir. E as pessoas caem porque este país foi treinado como um Labrador. Assim que a televisão diz «pânico», toda a gente entra em pânico. Assim que há um alerta amarelo, as pessoas agem como se precisassem de autorização do governo para irem ao supermercado. Ficam sentadas em casa, com as cortinas fechadas, a suar num sofá, à espera de que a «BBC» diga se é seguro ir da sala de estar para a cozinha.

Entretanto, o resto do mundo continua simplesmente com a sua vida. As pessoas em Espanha levam os filhos à escola, constroem casas, jantam ao ar livre às 22h e passeiam num calor de rachar sem que o país entre em colapso. Os italianos estão lindamente vestidos a 35 graus, a beber café expresso, tudo sob controlo. Os australianos estão lá fora a fazer churrascos em temperaturas que levariam um município britânico a declarar a lei marcial. Mas a Grã-Bretanha? Vê um pouco de sol e comporta-se como se o país inteiro tivesse sido embrulhado em película aderente e deixado dentro de um Ford Fiesta. E nem me façam falar das pessoas.

Os britânicos em tempo quente são uma porra de uma experiência social. Assim que o tempo aquece, metade do país perde o sentido de dignidade. Homens que não têm absolutamente nada a ver com andar sem camisa decidem, de repente, que o público precisa ver a barriga queimada pelo sol e a tatuagem desbotada da Inglaterra. As ruas transformam-se numa aula ambulante de anatomia. Temos tipos com o corpo a parecer velas derretidas sem camisa, a segurar uma lata de Monster, com ar de quem foi pessoalmente traído pela camada de ozono.

Depois, temos o outro grupo que encara o calor como uma perseguição religiosa. «Não consigo aguentar. Não consigo dormir. Não consigo respirar. É demais.» Meu, vives num país onde o verão dura cerca de 9 minutos. Deixa de agir como se tivesses sido forçado a extrair cobalto no Congo. Bebe um pouco de água, não uses calças justas em julho e, não te sentes na marquise às 14h a perguntar porque te sentes como um frango no

espeto. A parte mais engraçada é o quão mal construído está tudo para, literalmente, qualquer tipo de tempo. Demasiado frio? Os canos rebentam. Demasiado vento? As cercas desaparecem. Demasiada chuva? Cidades ficam inundadas. Um pouco de neve? O país fica paralisado. Um pouco de sol? Os comboios derretem, as estradas deformam-se.

O Wi-Fi desiste e toda a gente começa a fingir que está num filme de catástrofes. Para que raio é que estamos realmente preparados? Este país não aguenta calor, frio, chuva, vento, neve, nevoeiro, folhas nos carris, gelo na estrada, sol no céu ou uma brisa ligeiramente forte vinda de leste. Aparentemente, somos uma nação construída inteiramente para condições amenas e nubladas entre os 12 e os 17 graus, sem surpresas, sem humidade, sem brilho e sem qualquer personalidade atmosférica. É isso mesmo. É esse o sistema operativo britânico. Cinzento. Húmido. Ameno. Miserável. Qualquer coisa fora disso e toda a matriz começa a dar erros. E dá para perceber que o sistema adora o facto de toda a gente ter se tornado tão fraca. Porque as pessoas fracas são fáceis de gerir. Uma nação forte enfrenta um dia quente e adapta-se. Uma nação fraca espera instruções. Bebam água. Fiquem em casa. Cancelem os planos. Evitem viajar. Não se esforcem. Não pensem. Não questionem. Não se mexam, a menos que um especialista aprovado na televisão tenha confirmado que o vosso corpo consegue tolerar o mundo exterior.

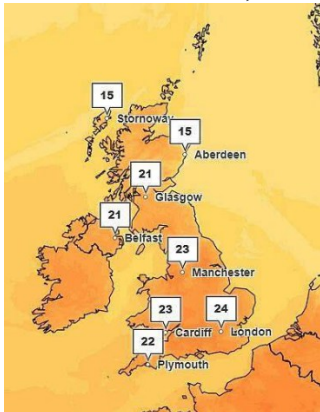
É embaraçoso. Os nossos avós enfrentaram dificuldades sérias. Dificuldades reais. Sem ar condicionado. Sem aplicações. Sem notificações que os avisassem de que o sol estava escaldante. Ninguém lhes enviava um alerta do governo porque o céu estava brilhante. Eles simplesmente lidavam com a situação. Abriam uma janela, tomavam uma chávena de chá, queixavam-se um pouco e depois continuavam. Agora temos adultos a agir como se trinta graus fossem um ataque pessoal de Satanás. E a linguagem faz parte do feitiço. Não se limitam a dizer «calor». Dizem «calor perigosos». Não dizem «clima de verão». Dizem «condições extremas». Não dizem «tomem precauções sensatas». Dizem «evitem viagens desnecessárias». Está concebido para nos fazer sentir pequenos, frágeis e dependentes. Como se fôssemos uma galinha de criação em bateria que precisa que o Estado ajuste o termostato. E sim, antes que algum chato apareça nos comentários com um cordão de identificação e uma ficha informativa, é óbvio que os idosos, os bebés, os animais e as pessoas genuinamente vulneráveis precisam de cuidados com o calor.

A isso chama-se bom senso. A isso chama-se um ser humano decente, não é o mesmo que transformar o país inteiro numa poça aterrorizada só porque o sol finalmente se lembrou de que a Grã-Bretanha existe. O problema não é a precaução sensata. O problema é toda a encenação que a acompanha. A pornografia do medo. Os gráficos alarmistas. As manchetes dramáticas. A necessidade desesperada de fazer com que tudo pareça uma emergência. É como se já não conseguissem deixar as pessoas viverem uma vida normal sem lhes colarem um autocolante de aviso e tentarem extrair-lhes obediência. E sabemos bem que algum duende da política, algures, está a adorar isto. «Brilhante. Está calor.

Esta é uma ótima oportunidade para testar as mensagens públicas. Ver quantas pessoas mudam de comportamento após um aviso. Vamos ver com que rapidez as pessoas cancelam os planos. Ver quanto medo conseguimos incutir num dia de sol. Depois, chamamos-lhe segurança.»

É isso que se sente agora. Cada inconveniente transforma-se numa experiência comportamental. Cada padrão meteorológico torna-se um mecanismo de controlo. Cada estação normal é transformada numa lição. Não nos é permitido simplesmente desfrutar do sol. Temos de nos sentir culpados por isso. Preocupados com isso. Controlados por isso. Monitorizados através disso. Senta-te no jardim durante dez minutos e toda a máquina mediática age como se te tivesses juntado a um culto da morte. E depois há a clássica hipocrisia britânica.

As mesmas pessoas que voam para Tenerife e ficam deitadas numa espreguiçadeira de plástico durante oito horas, transformando-se em torresmo, de repente voltam para casa e agem como se estivessem traumatizadas quando estão 28 graus em Essex. Pagam alegremente duas mil libras para se cozerem junto à piscina de um hotel, com uma caneca de cerveja morna e uma omelete do buffet, mas, assim que o mesmo sol atinge o seu pátio, estão no Facebook a publicar: «Por favor, vão ver como estão os vossos vizinhos, este calor não é brincadeira.» Vai-te lixar, Linda. Na semana passada, estava deitada em Lanzarote, com o ar de um presunto glaceado, e chamavas a isso «cuidar de ti».



Na maioria das vezes, nem sequer é o calor. É o facto de a Grã-Bretanha estar tão mal preparada para tudo, porque tudo é mal feito, excessivamente regulamentado, mal construído, demasiado caro e gerido por pessoas que não conseguiriam organizar a sombra numa fábrica de guarda-sóis. As casas são construídas como fornos de cartão húmido. Os transportes públicos entram em colapso se uma nuvem olhar para eles de forma estranha. As lojas ficam sem ventiladores depois de um fim de semana quente, como se o verão fosse um conceito totalmente novo que ninguém poderia ter previsto. E depois a solução é sempre a mesma. Não consertar as infraestruturas. Não construir como deve ser. Não planear como deve ser. Apenas dizer ao público que fique em casa e que tenha medo. É isso a Grã-Bretanha moderna, em poucas palavras.

Não conseguem consertar as estradas; por isso, reduzem o limite de velocidade.

Não conseguem consertar os comboios, por isso dizem às pessoas que não viajem.

Não se consegue consertar o Serviço Nacional de Saúde (NHS), por isso dizem às pessoas para não ficarem doentes.

Não se consegue consertar a economia; por isso, dizem às pessoas que gerem melhor o orçamento.

Não se consegue lidar com o verão; por isso, dizem a toda a gente que o sol é agora uma potência estrangeira hostil.

É uma farsa. E o melhor de tudo é que, quando voltar a chover, toda a gente vai começar a queixar-se de que o verão acabou. Sabem que isso vai acontecer. Três dias de sol, e é o caos nacional. Depois, uma manhã nublada e, de repente, é: «Típico do tempo britânico, para onde foi o verão?» Não há como ganhar neste lugar. A Grã-Bretanha quer sol, em teoria, mas só se ele chegar educadamente, se mantiver a temperatura entre 21 e 23 graus, se houver uma brisa leve, se não afetar as linhas ferroviárias, se não fizer ninguém suar, se não exigir protetor solar fator 30 e, educadamente, se mandar embora à hora de dormir. Não somos um país a sério. Somos uma ilha pequena e húmida com um vício em medo, uma infraestrutura a desmoronar-se, uma classe mediática que fica sexualmente excitada com mapas de alerta e uma população que foi treinada para tratar um ligeiro desconforto como um trauma nacional. E desculpem, mas isto é engraçado. É sombrio, mas é engraçado. Porque, algures no mundo, alguém está a acordar com o calor a sério, a caminhar milhas, a trabalhar ao ar livre, a alimentar a família, a viver a vida, a seguir em frente. E aqui estamos nós, a agir como se a esplanada em junho fosse as portas do inferno. O sol apareceu e o país cagou-se todo.

Essa é a manchete. Não «Grã-Bretanha enfrenta fenómeno meteorológico extremo». Não é «Reino Unido aconselhado a ficar em casa». Não é «Especialistas apelam à cautela à medida que as temperaturas disparam». Digam as coisas como elas são. A Grã-Bretanha ficou um pouco quente e enlouqueceu por completo. **Fonte: Anónimo**

Escândalo de plágio ministerial: Artur Arêde **【A CAUSA DAS COISAS】** A ARTE DO SER SEM O SER, OU O MÉRITO QUE É DEMÉRITO, GENTE “RASCA” É OUTRA COISA!!!

«Ana Paula Martins copiou e traduziu partes da estrutura do programa de um curso de uma universidade inglesa, sem mencionar tratar-se de uma transcrição desse mesmo curso, para o relatório de licença sabática da Universidade de Lisboa – entregue a 29 de dezembro de 2023.

A atual ministra da Saúde apresentou, nesse relatório, uma proposta de programa de formação avançada que o conselho científico da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, segundo as atas às quais o “Público” teve acesso, considerou ser uma “transposição de um programa pedagógico já existente numa universidade inglesa”.

Durante a licença sabática de Ana Paula Martins, entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021, um dos objetivos a que a então professora se propôs foi a “apresentação de um plano curricular estratégico para a concretização do programa de formação avançada em Farmacoepidemiologia”, conforme se lê no relatório [da sua] licença sabática.

Ao longo de quase três páginas, detalhou sucintamente o esqueleto deste Programa de Formação Avançada em Farmacoepidemiologia e Farmacovigilância, no curso com o mesmo nome que Ana Paula Martins frequentou entre 2020 e 2022 na Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres (Reino Unido) – e do qual copiou parte da estrutura no relatório de licença sabática. <https://www.lshtm.ac.uk/.../introduction...>

A frequência deste curso é mencionada na introdução ao programa, mas, quando é desenvolvida a estrutura e os objetivos do programa de formação avançada proposto, Ana Paula Martins não refere qualquer tradução, transcrição ou inspiração no curso de Londres.

A estrutura-base é igual, dividida em quatro módulos com o mesmo nome: Introdução à Farmacoepidemiologia / Farmacoepidemiologia Básica (Introduction to Pharmacoepidemiology, no curso em inglês); Introdução à Farmacovigilância (Introduction to Pharmacovigilance); Farmacoepidemiologia e Farmacovigilância intermédia (Intermediate Pharmacoepidemiology and Pharmacovigilance); e Evidência em Mundo Real em Farmacoepidemiologia (Real-World Evidence in Pharmacoepidemiology). <https://pharmuni.com/.../9/introduction-to-pharmacovigilance>.

Os objetivos do programa de formação avançada são traduzidos a partir dos objetivos do programa da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, que Ana Paula Martins frequentou. A diferença mais saliente é que, dos quatro objetivos do curso de inglês, apenas três constam na proposta portuguesa – mas todos estão transcritos quase por completo. [https://biomelbourne.org/an-introduction-to-.../](https://biomelbourne.org/an-introduction-to.../)

Por exemplo, o objetivo inglês “be familiar with and compare fundamental statistical, economic and epidemiological concepts and methods” tornou-se o objetivo português “familiarizar-se com os conceitos e métodos fundamentais da estatística, economia e epidemiologia do medicamento”. (...) » <https://www.publico.pt/.../ana-paula-martins-copiou...> Para cúmulo dos cúmulos, porque nestas bandas “uma mão lava a outra”, as falcatriuas e a corrupção, aliadas à falta de responsabilidade e de gente séria, são mais do que muitas, a Faculdade de Farmácia identificou “inconformidades”, mas aprovou o relatório. Gente séria é outra loiça (foi deste partido no governo mas nos outros é igual).

Horrrível! Um homem de 34 anos, nascido na Somália, foi detido sob suspeita de tentativa de homicídio após um carro atropelar vários peões em Londres.

A Polícia Metropolitana descobriu 4 000 casos potenciais de gangues de aliciamento, e Sadiq Khan (Mayor of London) enfrenta novas críticas relativamente às suas declarações sobre Londres. As conclusões, reveladas pela primeira vez pelo The Telegraph, surgem depois de a Scotland Yard ter analisado cerca de 12 000 denúncias de alegada exploração sexual de menores que remontam a 2010. Aproximadamente um em cada três casos está agora assinalado para uma eventual nova investigação, depois de a polícia ou o Ministério Público ter decidido anteriormente não lhes dar seguimento. Sir Sadiq tinha insistido que não havia «nenhuma indicação» de que gangues de aliciamento operassem na capital.

O homem que agrediu sexualmente uma mulher numa cama de hospital em Dublin estava na Irlanda há apenas 48 horas. (Irish Daily Mirror)

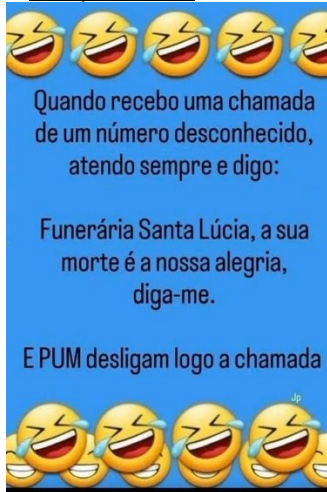
Dois cidadãos sírios, Ahmed A., de 41 anos, e Saad A., de 34 anos, foram condenados a cinco anos de prisão cada um pelo estupro coletivo de uma mulher de 27 anos, que estava inconsciente em Düsseldorf, na Alemanha. A mulher ficou inconsciente durante uma festa e foi arrastada até um carro estacionado, onde foi agredida sexualmente no capô do veículo. Os dois homens foram acusados de a terem agredido à vez, enquanto um terceiro suspeito envolvido na agressão continua a monte. Durante o julgamento, Saad A. disse ao tribunal que tinha «vergonha» de ter uma intérprete mulher. Uma juíza condenou ambos os homens e aplicou-lhes penas de prisão de cinco anos.

Três requerentes de asilo do Afeganistão foram considerados culpados na sequência de uma investigação sobre o aliciamento e o abuso sexual de uma menina vulnerável em Hull. Os agentes responderam rapidamente a estas preocupações e deram início a uma investigação, identificando que Hamdadd, Naseri e Akakhail estavam envolvidos na exploração de uma rapariga de 16 anos. A vítima conheceu Hamdadd por acaso, quando ambos eram clientes numa loja em Hull. Na sequência deste encontro, Hamdadd utilizou táticas calculadas para construir uma relação baseada na confiança e no controlo. Os presentes foram utilizados para criar um forte sentimento de obrigação, permitindo-lhe isolar a vítima e visá-la para exploração sexual, bem como apresentá-la aos demais homens envolvidos. Os três homens visaram a vítima, preparando-a para ganhar a sua confiança antes de a explorarem e submeterem a abusos sexuais repetidos em vários locais de Hull. Durante o julgamento, foram apresentadas aos jurados provas exaustivas, incluindo depoimentos de testemunhas, imagens de videovigilância e dados de comunicações. Os homens foram considerados culpados, por um júri unânime, das acusações que lhes foram imputadas, após um julgamento de 18 dias.

Mãe de britânica assassinada por imigrante do Sudão diz que a polícia lhe pediu para moderar os comentários, com medo de potenciar o movimento anti-imigração. Quando é que a classe política deste sistema admita que falhou? Enquanto se preocupam em controlar as palavras de quem perdeu uma filha, continuam a recusar enfrentar as consequências de uma imigração sem controlo. A primeira obrigação de um Estado é proteger o seu povo. A Europa precisa recuperar as fronteiras, a autoridade e a segurança. Antes que todas as nossas famílias sejam destruídas

Entretanto em Portugal um homem foi preso por cantar o hino Português numa manifestação de islâmicos radicais, mas estes podem cantar tudo o que quiserem?

Pior vai a educação...à deriva e ninguém se indigna? 350 mil exames realizados. Nenhum classificado. Os prazos a apertar. E o país em silêncio. O que se passou com os exames nacionais deveria ser um escândalo nacional. Uma plataforma digital estreada sem testes reais colapsou no primeiro dia. O Ministério ficou calado por dois dias. Quando falou, não disse nada: “dificuldades técnicas”, sem explicar quais, por quem estavam a ser resolvidas, nem quando. Entretanto, foi-se descobrindo o resto: professores convocados para escolas onde já não lecionam há anos, docentes aposentados convocados como se estivessem no ativo, professores de uma disciplina chamados a classificar exames de outra, diferente, e até uma professora que já faleceu, convocada para classificar. Uma base de dados desatualizada para gerir o futuro académico de dezenas de milhares de jovens. Onde estamos todos? A ver o mundial, ouvir fado ou à espera de que Nossa Senhora de Fátima resolva!



O AÇORIANO ORIENTAL hoje dava conta da criminalidade nos Açores: A taxa na Região Autónoma dos Açores fixou-se em 35,7 crimes por mil habitantes em 2025, representando uma diminuição face aos 39,3 crimes por mil habitantes (‰) registados em 2024, de acordo com os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), com base na informação fornecida pela Direção-Geral da Política de Justiça.

O maior valor anual registado na Região foi em 2008, com 45,3‰. A redução da criminalidade verificou-se em várias tipologias de crime, sobretudo nos crimes contra o património, que passaram de 16,6 para 13,6 ocorrências por mil habitantes, e nos crimes contra a integridade física, cuja taxa desceu de 9,3 para 8,6 por mil habitantes. Também os furtos e roubos por esticão e na via pública registaram uma diminuição, passando de 0,4 para 0,2 ocorrências por mil habitantes. No entanto, alguns indicadores apresentaram agravamento.

Os crimes de furto de veículo e de furto em veículo motorizado aumentaram de 2,5 para 2,6 por mil habitantes, enquanto os crimes de condução sob o efeito do álcool passaram de 2,1 para 2,3 por mil habitantes. A condução sem habilitação legal também registou uma subida, passando de 1,3 para 1,5 ocorrências por mil habitantes.

Face à média nacional, os Açores apresentam uma taxa de criminalidade 3,7‰ superior em 2025. Ainda assim, a diferença diminuiu significativamente em relação a 2024, quando se situava em 8,1‰. Seis municípios da Região registaram uma taxa de criminalidade por mil habitantes acima da média nacional: Santa Cruz das Flores (64,6‰); Ribeira Grande (47,5‰); Ponta Delgada (43,8‰); Lagoa (43,4‰); Madalena (36,8‰); e Povoação (33,9‰). Em 2024, havia sete concelhos. Ou seja, Angra do Heroísmo e Santa Cruz da Graciosa ficaram de fora do grupo de concelhos açorianos com taxa de criminalidade por mil habitantes acima da média nacional, enquanto a Povoação ingressou nesse grupo.

664. as violações que nos esconderam 28 jun. 2026

O relatório negro da imigração: um estudo que confirma o que se sabia: são numerosos os imigrantes que partilham um ódio antieuropeu e atacam ativamente os povos que os acolheram. Concluída a primeira fase do inquérito aos gangues de violadores no Reino Unido, houve diversas revelações que mostram um lado nunca visto da imigração e o que o futuro nos reserva se a Europa continuar neste caminho. O Relatório Casey de 2025 já afirmava a existência de “um número desproporcionado de homens de «origens étnicas asiáticas»“ na exploração sexual de crianças em grupo. Este inquérito veio provar a existência de uma perseguição sistemática, racial e religiosa, contra raparigas brancas por parte de muçulmanos de origem paquistanesa. No mínimo 250.000 jovens britânicas foram submetidas a violações repetidas, conversão forçada ao islamismo, entre outros abusos, por parte destas gangues, e a grande maioria dos envolvidos não foi condenada.

Cerca de 87% dos condenados por exploração sexual de menores em grupo são muçulmanos de origem estrangeira, e o Dr. Taj Hargey, imã da Oxford Islamic Congregation, alega que essa proporção pode chegar a 95%. Convido-os a lerem o relatório na íntegra, disponível em português no sítio web “Nunca te Cales”, para compreenderem a verdadeira gravidade da situação.

A realidade é que este relatório, que sofreu várias tentativas de boicote por parte do poder político, veio demonstrar o que já há muito se sabia e que era frequentemente silenciado por acusações de intolerância: há inúmeros imigrantes que partilham um ódio antieuropeu e atacam ativamente os povos que os acolheram. Atendendo aos factos, a Europa precisa de reconhecer a incapacidade de coexistir com todos os tipos de identidades externas e de estabelecer critérios de migração mais rigorosos, centrados nas necessidades migratórias e na compatibilidade dos imigrantes com a civilização europeia. Além disso, não podemos ignorar que existem comunidades antieuropeias no continente, pelo que não basta uma política de imigração mais rígida; é igualmente necessária uma estratégia de remigração. Posto isto, conclui-se que o relatório confirma suspeitas há muito levantadas e constantemente silenciadas pelo poder político, que mostram a existência de uma política migratória que ameaça o bem-estar europeu, ao permitir a entrada de forças racial e religiosamente motivadas contra nós, on que exige ação urgente.



250,000 Girls R@ped: The Truth They Tried to Cover Up

Keir Starmer ficará para a história da Grã-Bretanha não apenas como o mais impopular entre os primeiros-ministros da era pós-Brexit, mas também como o governante cúmplice de uma tragédia sem precedentes, envolvendo gangues que violam meninas espalhadas pelo território.

A sua demissão surge semanas depois de o Governo ter finalmente permitido a divulgação de um inquérito nacional sob a responsabilidade da baronesa Louise Casey. A baronesa não é uma novata nestes temas, foi diretora-geral de Justiça Criminal do Ministério do Interior entre 2001 e 2003, comissária para as Vítimas em Inglaterra e País de Gales entre 2010 e 2012 e responsável por relatórios sobre comportamentos antissociais e habitação social. Ao longo de duas décadas, construiu a reputação de funcionária pública que entra onde o Estado falha.

Onde estavam os jornalistas, onde estavam as feministas do movimento #MeToo, onde estavam todos os que defendem as crianças. O assédio sexual acontece diariamente nas escolas, nas universidades, na rua, perto ou longe de casa, nos transportes e no trabalho, podendo ser extremamente perturbador na vida quotidiana das mulheres, para além de minar e ameaçar a igualdade entre mulheres e homens e na última década mais de 250 mil

jovens foram violadas e sujeitas a “grooming”. A preparação (“grooming”) é o processo deliberado por meio do qual um agressor cria uma relação de confiança e uma ligação emocional com uma criança, um jovem ou um adulto vulnerável, para manipulá-los, explorá-los ou abusá-los. Trata-se de um padrão gradual de controlo coercivo, e não de um evento isolado, que muitas vezes começa com uma amizade, uma relação de mentoria ou atos de bondade e evolui para a manipulação e o isolamento.

Os principais objetivos do «grooming» são reduzir as inibições da vítima, obter acesso a ela e estabelecer sigilo para evitar a deteção. Os agressores frequentemente visam indivíduos vulneráveis, explorando desequilíbrios de poder relacionados com a idade, a autoridade ou a dependência, e podem também aliciar membros da família ou figuras da comunidade para facilitar o acesso e manter uma reputação positiva.

A sedução pode ocorrer presencialmente ou online e não se limita ao abuso sexual; também é utilizada para exploração criminosa, tráfico ou radicalização. As táticas comuns incluem oferecer presentes, dar atenção excessiva, isolar a vítima da sua rede de apoio e, gradualmente, ultrapassar os limites físicos ou emocionais até que o abuso ocorra. O «grooming» é o ato deliberado de criar uma relação de confiança com uma criança, um adolescente ou um adulto em situação de risco (como, por exemplo, um adulto com deficiência cognitiva), para explorar sexualmente essa pessoa. O «grooming» começa normalmente com uma amizade, uma relação de mentoria ou atos de bondade que, gradualmente, se transformam em manipulação, controlo e abuso ou agressão sexual. Algumas vítimas adolescentes relatam que o processo de «grooming» lhes parecia semelhante ao de se apaixonar. Abre numa nova página

O «grooming» é um processo, não um acontecimento pontual. É perpetrado ao longo de muitas semanas, meses ou anos e, normalmente, estende-se à família e à comunidade da vítima. Os agressores utilizam o «grooming» para criar as suas «condições ideais» para perpetrar o abuso sexual, conquistando, nomeadamente, a confiança de qualquer pessoa que interfira nos crimes que pretendem cometer.

A sedução é uma forma de controlo coercivo, um padrão de comportamento controlador, prevalente tanto na violência doméstica como na violência sexual. No entanto, o termo «controlo coercivo» é mais frequentemente aplicado a vítimas adultas. Talvez esteja mais familiarizado com o termo informal «bombardeamento de amor», que também pode referir-se a certos comportamentos de sedução ou de carácter coercivo.



Supremacistas brancos tomando leite, dos EUA vem a anedota do ano: «O leite branco é racista», segundo a deputada Maxine Dexter da Câmara dos Representantes. Ela acusou RFK Jr. de lançar uma «mensagem subliminar de supremacia branca» ao defender o leite gordo nas escolas, argumentando que a intolerância à lactose afeta de forma desproporcional as pessoas de cor e que muitas famílias não têm meios para comprar alternativas ao leite.



Tráfico de crianças na plataforma Vinted? Anúncios de brinquedos com preços invulgarmente elevados e referências a idades, alturas ou tamanhos de criança levaram as autoridades francesas a abrir uma investigação. A Vinted afirma não ter encontrado provas de ligação ao tráfico de crianças. A França abriu uma investigação após utilizadores das redes sociais terem dado o alerta para anúncios invulgares na aplicação de revenda em segunda mão Vinted, que suspeitam poderem estar ligados ao tráfico de crianças. O Ministério Público de Nanterre, a oeste de Paris, confirmou à AFP, na noite desta sexta-feira, que foi aberta uma investigação preliminar. Utilizadores da Internet denunciaram anúncios na plataforma que consideraram suspeitos por oferecerem brinquedos ou artigos aparentemente de baixo valor a preços astronómicos, incluindo idades e tamanhos que poderiam corresponder aos de crianças pequenas. Muitos dos anúncios apresentavam preços na ordem dos milhares de euros, acompanhados de descrições que mencionavam idades, alturas ou tamanhos de roupa de crianças.

O caso ganhou força nas redes sociais, em particular no TikTok. “Vejam isto: supostamente, uma figura do Harry Potter à venda por 30 mil euros”, disse um criador de conteúdos num vídeo que soma mais de 112.000 gostos desde meados de junho. Para o autor do vídeo, “o preço levanta muitas questões, tal como os detalhes... uma altura de 1,58 metros, 13 anos”, que, na sua opinião, apontam para “um sistema de códigos ligado a uma atividade de tráfico de crianças”. A Alta Comissária para a Infância de França, Sarah El Hairy, disse na terça-feira que comunicara “a existência de contas suspeitas de estarem envolvidas no tráfico de crianças na Vinted”. O Ministério Público não especificou se alguma destas denúncias se revelou fundada.

29 junho

Acabou o fim de semana e voltaram o sol e o calor, hoje já se trabalha e não se pode ir à praia. Triste sina a dos trabalhadores da ilha

Premonições: ainda ninguém imaginava a Covid e outras invenções controladoras dos donos do mundo. Em 14.9.2014 escrevi: “Sinto-me encurralado num mundo a que apenas pertença de corpo, mas a alma, que estava na Austrália, agora tem coração nos Açores, e dificuldades em estabelecer-se autonomamente quando todos os edifícios em que assentei a vida ruem, como em Gaza ruíram bairros completos sob a fúria vingativa israelita. Tenho a vontade enorme de resistir a este mundo de medo que os jornais e as televisões impõem a todos, por meio de mensagens diretas ou subliminares, mas sinto que já não tenho a vitalidade, nem física, nem anímica, de outras eras para resistir. Sinto-me naufragado em doca seca, astronauta à deriva e à espera do fim do oxigénio; sinto-me condenado à morte, à espera da data da execução. Preocupa-me, pois tudo o que escrevo é sentido e intelectualmente honesto, mas ninguém liga a isso, numa era em que todos escrevem como os políticos, para o efeito momentâneo de um rápido esquecimento. Já não tenho nem um só grande livro para escrever, e os que escrevi não tiveram muitos leitores. Nada tenho de importante para inventar; inventei tudo o que pude e quase ninguém deu conta.”



Maria do Rosário largou a academia para se estreiar na política e, no PSD, espera-se que a filha Inês, focada na advocacia e com um pé no partido, tenha um papel maior no futuro. António Ramalho, o ex-CEO do Novo Banco, saiu da gestão executiva, mas está em muitos sítios. Breve retrato de uma família na roda do poder.

A bruxa que não presta: SEJAMOS CLAROS ISTO LEVAMOS AO TEMPO DO “BOTAS”. - O nome dela é Maria do Rosário Palma Ramalho. É, com uma ironia que roça o sadismo, Ministra do Trabalho Solidariedade e Segurança Social. Mas “solidariedade” com quem...??? vamos aos factos, porque a realidade não precisa de adjetivos para ser mais do que escandalosa...! segundo a declaração entregue no Tribunal Constitucional, a mulher que decide o valor do teu salário e as horas do teu descanso acumula um património superior a 5,3 milhões de euros. leste bem.. cinco , três milhões. Ela não é apenas uma académica. Ela é elite financeira personificada.!!! A teia familiar explica a quem ela deve lealdade.

O marido é António Ramalho. Soa-te familiar? É o EX-CEO do Novo Banco, o homem que geriu a instituição enquanto nós, contribuintes, injetávamos lá milhares de milhões. Onde está o marido dela agora? É o Chairman da Lusoponte. Percebem o ciclo? “O marido gere as pontes, e tu pagas a portagem para ir trabalhar.” “A mulher gere as leis que permitem que tu sejas explorado quando chegas ao trabalho.” O dinheiro sai do teu bolso e do teu tempo. fica tudo na casa deles. não pensem que o controlo se fica pelos bancos e pelas portagens, pois a teia fecha-se sobre si mesma. enquanto a mãe dita as regras de como o teu trabalho deve ser flexível, a filha, Inês Palma Ramalho, senta-se na cúpula do PSD como vice-presidente do partido que sustenta o governo, selando o dinheiro, o governo e o partido numa santíssima trindade do poder. com um ecossistema natural de administrações bancárias e partidárias, como pode alguém que acumula mais de 5 milhões de euros legislar sobre o salário mínimo do povo trabalhador...??? Passou a vida inteira nos corredores seletos e asséticos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e nas presidências de associações de “elite”, trancada numa torre de marfim, a escrever os manuais que ensinam como a lei pode “servir o patrão.” Que saberá a ministra do que as pessoas passam com pensões e salários mínimos de miséria? Pensa nisto, **OK** ?

Gabriele Vaccaro, de 25 anos, e os amigos compraram umas pizzas quando um grupo de estrangeiros os cercou, alegadamente com a intenção de os roubar. Os jovens italianos reagiram e, durante o confronto, um imigrante egípcio esfaqueou Gabriele no pescoço com uma chave de fendas, o que o matou. No quarto do imigrante, pago com o dinheiro dos contribuintes italianos, a polícia encontrou facas e cocaína.

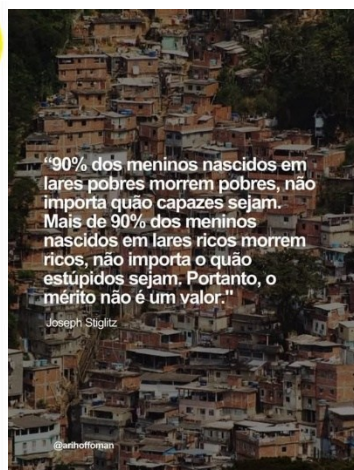
Timir Ahmed Mohamed, um cidadão britânico nascido na Somália, foi acusado de cinco crimes de tentativa de HOMICÍDIO depois de ter atropelado uma multidão com o seu carro, segundo o jornal The Telegraph. Por que é que deixamos pessoas destas entrarem no Reino Unido?

O Islão tem um problema com os homossexuais, os judeus, os sikhs, os cristãos, os budistas, os hindus, as mulheres, os não-muçulmanos, os ateus, os apóstatas, a cerveja, o vinho, o bacon e os cães, mas se eu tiver um problema com o Islão, sou eu que sou intolerante e islamófobo?

«O Islão não será mais implantado no mundo dos infiéis pela força das armas, mas pelo ventre das nossas mulheres.»

Incongruências deste país:

PROFESSORA QUE JÁ MORREU CHAMADA A CLASSIFICAR EXAMES **EXCLUSIVO**
Caos na correção dos testes do secundário
EM OLIVEIRA DE AZEMÉIS, docente de Português vai avaliar provas de Economia



O Unicórnio no campo · A pila, a paixão e a cadeira de baloiço

Uma amiga contou-me — sem eu lhe perguntar, porque não tenho o hábito de requisitar relatórios sobre a vida alheia — que um casal que conhecemos, junto há quase trinta anos, se separou. Ele, o alecrim dourado, encontrou uma paixão vinte anos mais nova. Ora, eu, fervorosa defensora do amor verdadeiro e leitora militante de romances capazes de levar uma pessoa a ponderar sobre lançar-se ao mar, pensei logo: “Que lindo. Depois de trinta anos e três filhos, encontrou finalmente o verdadeiro amor. Que Deus lhe dê uma saudinha da boa.” Mentira.

O que pensei foi: “Mais um que, após dar largas à troca de fluidos, descobrirá que a paixão tem prazo de validade e que, afinal, não era destino, nem a cachopa, a alma gémea, nem o universo a conspirar em seu favor. Era só a crise de meia-idade dele, necessidade de validação e uma pila no comando. Depois fica sozinho, a lamber as feridas, enquanto envelhece numa cadeira de baloiço, no quintal, a olhar para uma vida que trocou por uma coisa que, provavelmente, durou menos do que uma fístula anal.” Isto foi o que pensei. Se não gostarem do que pensei, rolem a página e avancem. Há conteúdos sobre gratidão, marmitas saudáveis e frases de Paulo Coelho mais abaixo.

Agora, é neste parágrafo que os homens que seguem esta página me vão apresentar exemplos de relações longas em que eram profundamente infelizes e encontraram, mais tarde, um amor luminoso, puro e definitivo: uma princesa da Disney que surgiu montada no “vai, vai, vai no cavalinho”, e dirão que rejuvenesceram décadas graças àquela relação profunda e verdadeira. Acredito que sim. Acredito que existem histórias belíssimas e recomeços que salvam pessoas de vidas desgraçadas e que há quem passe décadas numa relação infeliz e encontre alguém com quem volta a reconhecer-se. Nunca conheci ninguém, mas admito, por generosidade intelectual, que isso aconteça.

O que também acredito é que muitas destas saídas do lar não nascem da coragem de procurar o amor verdadeiro, mas do impulso de fugir à idade, à rotina, ao espelho e à consciência nítida da velhice. Há homens — e mulheres, já lá vamos — que não procuram propriamente outra pessoa, só a versão de si próprios que imaginam existir aos olhos dela. Ponto. Essa versão costuma ter menos rugas, mais cabelo e libido de coelho. Não tenho aqui uma tabela do Instituto Nacional de Estatística, nem gráficos de barras sobre a percentagem de pessoas que confundem paixão com ressurreição pessoal, mas, segundo a estatística rigorosíssima que vi na borra do café da chavena de pequeno-almoço, isto rondará os 80%.

Depois, claro, aparecerá alguém nos comentários a explicar-me que as mulheres também saem de casa por homens mais novos e que discrimino o género masculino. Saem. Evidentemente saem. As mulheres não são criaturas moralmente superiores, feitas de luz, chá de camomila, gratiluz e alfazema, pois também se cansam dos maridos, desejam, também fogem e também fazem escolhas desastrosas em nome de uma sensação que parece eterna às duas da manhã, mas que perde o brilho numa terça-feira, às três e quarenta da tarde, três meses depois. Esta é, suponho, a parte em que eu

deveria escrever que cada história é única, que ninguém sabe o que se passa numa relação e que o amor tem caminhos misteriosos e essas coisinhas todas maravilhosas. E é verdade.

Até certo ponto, mas não vou recitar a cartilha de frases do Instagram só para garantir que ninguém se sinta visado ou ofendido. Quando soube desta história, fiquei triste. Não surpreendido — porque o ser humano é feito de coisas muito bonitas e muito feias, reveladas devagar, fiquei triste pela incerteza, pela consciência de que nunca conhecemos verdadeiramente ninguém em pleno. Vivemos com pessoas durante décadas, dividimos camas, contas, sanitas, bidês e, nalguns casos, até o vírus do HPV, e ainda assim há partes delas que permanecem fechadas. Quanto à senhora que ficou sem o alecrim dourado, pense que ainda tem boas décadas pela frente sem carregar um encosto. Espero que tenham gostado desta literatura dominical de serviço público. A vossa, Ana

Os reformados, que nunca sabem a quantas andam, dão com o nariz na porta com frequência. Afinal, o feriado de São Pedro é celebrado fora da Ribeira Grande. Fui agora aos CTT na Junta de Freguesia da Maia e constatei que estavam fechados; aliás, quer aqui na Lomba, quer na Maia, estava tudo fechado, menos o Posto de Saúde aqui da Lomba. A nossa governanta, a quem perguntei na 5.ª feira passada, dizia-me que não. Perguntei porque ela e a maioria respeita os dias santos; os outros feriados, não. Ia enviar uma encomenda para a Bé (tinha cá mais 2 toalhas como as que lhe mandei nos anos que eram para as netas, com o meu velho iPhone para a Leonor, que desde miúda adora iPhone).



Nesta época de crise, novos cortes são essenciais:

Taleb al-Abdumohsen, um refugiado saudita de 51 anos e psiquiatra a quem foi concedido asilo na Alemanha em 2006, foi condenado a prisão perpétua por ter atropelado pessoas no mercado de natal de Magdeburgo, a 20 de dezembro de 2024. O ataque foi planeado ao longo de várias semanas e durou pouco mais de um minuto, matou seis pessoas, incluindo cinco mulheres com idades compreendidas entre os 45 e os 75 anos, um rapaz de 9 anos, e feriu mais de 300 pessoas. Durante o julgamento, admitiu ter entrado de carro no mercado, mas negou ter atropelado deliberadamente as pessoas. Os procuradores afirmaram que agiu sozinho e associaram o ataque a queixas pessoais.

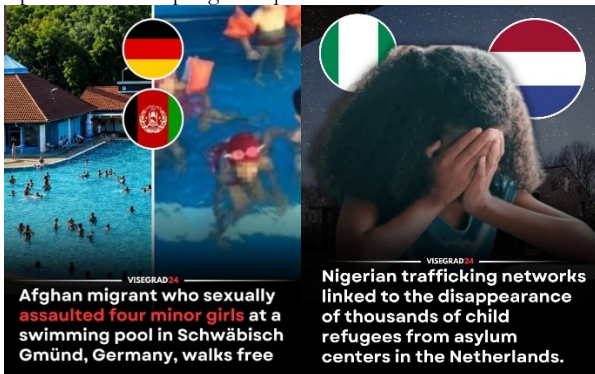
Dezenas de raparigas britânicas foram vítimas de tráfico para o Médio Oriente e forçadas a casamentos islâmicos após terem sido sujeitas a exploração sexual organizada, revela o relatório do inquérito sobre o grupo de aliciamento. Algumas vítimas foram levadas para o estrangeiro para manter o controlo sobre elas, impedir que revelassem o que se passava e continuar os abusos. Testemunhos citados no relatório revelam que também houve tentativas de enviar algumas vítimas para o Paquistão, incluindo a Caxemira. Algumas raparigas foram pressionadas a converter-se a outra religião e a contrair casamentos utilizados para legitimar gravidezes resultantes de abusos.

As autoridades italianas lançaram uma caça nacional para localizar Shahadat Hossain, cidadão do Bangladeche de 43 anos, suspeito de ter assassinado uma família do mesmo país com um cutelo de carne, em Roma. As vítimas, um casal e a sua filha de 8 anos, foram mortas na zona de Casalotti, enquanto o filho de 20 anos sobreviveu, apesar de ter sofrido uma fratura no crânio e um hematoma cerebral. Foi submetido a uma neurocirurgia de emergência no Hospital Gemelli e permanece nos cuidados intensivos, consciente, porém em estado crítico. A polícia revista estações ferroviárias, aeroportos, terminais rodoviários, postos fronteiriços e edifícios abandonados, após o telemóvel de Hossain ter registado o seu último sinal de localização perto de Casalotti. O Ministério Público abriu um inquérito por homicídio e tentativa de homicídio.

Muçulmanos apelam à introdução da lei sharia na Irlanda. Atenção ao alerta de Jessica Browne: “Eh, nem pensar nisso, só por cima do meu cadáver é que isto vai acontecer; o tempo da paz acabou, não participo mais em protestos pacíficos; o que acontece diariamente ao povo irlandês é tudo menos pacífico. Os homens têm de ir embora, as igrejas convertidas em mesquitas têm de ir embora, os nossos deputados têm de ir embora; há uma verificação exaustiva para os irlandeses e para os imigrantes legais que trabalham com crianças, idosos ou pessoas com deficiência, mas os ilegais e não verificados podem trabalhar após seis meses de residência na Irlanda. Porra, pessoal, não podemos permitir isto. Tenho vindo a trabalhar numa solução de segurança para homens, mulheres, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência... Precisamos de ação e de soluções para o perigo e os desafios que enfrentamos nesta ilha, causados pelo Governo irlandês e pela União Europeia.



O afegão Najeebullah Arab, de 40 anos, foi condenado a 17 anos de prisão após admitir ter cometido violação, rapto, duas agressões sexuais e contacto sexual com uma criança em Wantage, Oxfordshire, no Reino Unido. Os crimes foram cometidos enquanto se encontrava em liberdade provisória por um crime sexual envolvendo menores. Arab abordou uma mulher no final da adolescência em Wantage, agrediu-a sexualmente e a violou. Apenas uns dias antes, seguira uma mulher na casa dos vinte e tantos anos, antes de a agredir sexualmente. A polícia descreveu Arab como um «predador sexual perigoso» que tinha como alvo mulheres e as sujeitava a crimes violentos e traumáticos.



Centenas de crianças requerentes de asilo desapareceram de centros de acolhimento de migrantes na Holanda nos últimos anos, e receia-se que muitas tenham sido vítimas de redes nigerianas de tráfico de seres humanos. De acordo com dados revelados em respostas parlamentares, 540 crianças desapareceram de centros de asilo em 2018, 778 em 2019, 489 em 2020, 250 em 2021 e 292 em 2022. A questão ganhou destaque em nível nacional por meio do caso de tráfico «Koolvis», que revelou como meninas menores de idade eram retiradas de centros de asilo holandeses, forçadas à prostituição e controladas por meio de rituais de vudu nigerianos que induziam medo. Apesar da vasta investigação, centenas de crianças requerentes de asilo continuam a desaparecer dos centros de acolhimento todos os anos, suscitando novas preocupações sobre o tráfico, a exploração e a proteção infantil na Holanda.



Um requerente de asilo afegão, de 21 anos, foi posto em liberdade após ter agredido sexualmente quatro raparigas, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, na piscina Bud Spencer, em Schwäbisch Gmünd, no sudoeste da Alemanha. Tocou as raparigas de forma inadequada, tentou retirar-lhes a parte de baixo do biquíni e penetrar uma delas enquanto estavam na piscina de aventuras. As raparigas conseguiram afastá-lo. A polícia acredita que possa haver mais vítimas. Embora tivesse sido emitido um mandado de detenção, foi suspenso sob condições, incluindo a proibição de entrar em piscinas, o que permitiu que permanecesse em liberdade enquanto decorria a investigação. Quem acha isto normal ou o apoia... tem uma deficiência mental grave...

A UE aprovou, por 480 votos contra 280, a deportação de imigrantes ilegais. A UE vota a favor da DEPORTAÇÃO de migrantes, enquanto se ouvem gritos de «Mandem-nos de volta». <https://www.facebook.com/reel/1698548378132837>.

30 junho

O dia terminou comigo concluindo o caderno de estudos açorianos do Carlos Enes, que há um mês me aguardava...

Portugal: Sociais-democratas e socialistas unem-se para manter benefícios sociais a imigrantes que nunca contribuíram.

A oposição defendia a exigência de um período mínimo de cinco anos de descontos antes da concessão de subsídios.

Portugal segue o mesmo caminho que outros países ocidentais. Ao oferecer subsídios generosos a qualquer um que entre no país, ele atraiu cada vez mais pessoas que vêm, não para contribuir com o país, mas para se beneficiar dele. <https://www.noticiasaoiminuto.com/.../psd-e-ps-chega>



A coisa da foto é Shabana Mahmood, a paquistanesa islamita ministra do interior do Reino Unido. A exemplo da União Europeia, está empenhada em acabar com a imigração ilegal, tornando-a legal. O seu último ato neste sentido, inclui eliminar a participação de juizes em casos de pedidos de asilo indeferidos, criando julgadores “profissionalmente treinados e nomeados de forma independente”, provenientes de diversas origens. Como se os juizes fossem idóneos (bem alguns são). Agora, quem irá julgar os pedidos de asilo serão os compatriotas dos imigrantes ilegais. Tudo na maior legalidade. <https://www.lawgazette.co.uk/.../trained.../5127199.article>.



Condenado por 30 crimes de violação de menores. Privado da cidadania britânica. Deverá ser libertado da prisão esta semana. O Ministério do Interior afirma que não é legalmente possível deportá-lo do Reino Unido. O líder de um grupo de aliciamento, condenado por 30 crimes de violação de menores, está prestes a sair da prisão em liberdade. Shabir Ahmed, uma figura-chave nos grupos de aliciamento de Rochdale, não pode ser deportado e deverá ser libertado da PRISÃO em poucos dias, de acordo com o Daily Mail. Ele terá cumprido APENAS 14 anos de prisão pelos seus crimes. Isto é TOTALMENTE INACEITÁVEL. Não será este mais um exemplo de justiça de duas velocidades? Precisamos de penas MUITO MAIS SEVERAS para os autores dos crimes das gangues de aliciamento. As vítimas das gangues de aliciamento merecem justiça TOTAL. Não concordam?



ULTIMA HORA: A polícia alemã revelou a identidade do homem responsável pelo tiroteio em massa de ontem, que tirou a vida de 6 pessoas em Stade, na Alemanha. O autor do tiroteio em massa revelou-se um homem de 45 anos, de origem turca. Ele já era conhecido pela polícia alemã antes do ataque de ontem, nomeadamente por ter proferido ameaças.

De volta ao Reino Unido após a deportação. Novos números impressionantes do Ministério do Interior revelam que centenas de migrantes deportados estão a conseguir regressar ao Reino Unido, por vezes em várias ocasiões. Mais de 4 600 migrantes deportados à força da Grã-Bretanha já conseguiram regressar ao país. Entre 2021 e 2025, os dados do Ministério do Interior revelaram 4 614 casos distintos de reentrada após a deportação. A verdadeira dimensão do problema é provavelmente muito maior, uma vez que as autoridades admitem ser impossível cruzar todos os indivíduos com verificações de identidade anteriores. Surpreendentemente, 723 migrantes foram expulsos do país em duas ou mais ocasiões, apenas para serem encontrados de volta no Reino Unido. Os números sugerem que, em média, mais de dois migrantes deportados conseguem regressar ao país todos os dias. Os contribuintes estão a arcar com uma conta avultada neste ciclo, com os regressos forçados a custar, em média, 48 800 libras cada.

Vítima de agressão sexual condenada a prisão por alertar as mulheres sobre «homens imigrantes africanos e árabes» — o agressor está em liberdade. Acha que uma vítima de crime deve ser PUNIDA pelo seu próprio governo por dizer a verdade sobre o seu agressor? Uma mulher francesa chamada Thaïs d'Escufon sobreviveu a uma agressão sexual perpetrada por um migrante tunisino em 2022.

Quando apresentou queixa à polícia, foi-lhe dito que não conseguiam localizá-lo — que já havia 6 000 casos semelhantes por resolver. Em vez de obter justiça, enfrentou um processo judicial por ter relatado o próprio trauma na televisão.

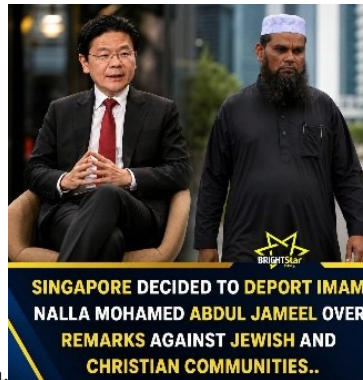
Em duas aparições televisivas distintas, d'Escufon expôs factos sobre padrões que tinha observado: a principal ameaça à segurança das mulheres em França provém de certos grupos de migrantes. Por falar sobre a agressão que sofreu e apresentar a sua perspetiva, o governo francês acusou-a de «insulto público» com base na origem e na etnia.

Uma organização antirracista chamada Dilcrah processou-a. Os procuradores chegaram mesmo a exigir pena de prisão, alegando que ela estava a «fazer-se de vítima para chamar a atenção nas redes sociais» — linguagem retirada diretamente dos argumentos da esquerda americana sobre o silenciamento da dissidência. O veredito foi proferido em junho: culpada. Foi multada em 1 000 € e escapou por pouco a seis meses de prisão. O seu agressor continua em liberdade. A França afirma ser uma democracia, mas castiga as vítimas por revelarem factos sobre os seus agressores, enquanto o verdadeiro criminoso anda à solta.

As igrejas não podem tocar os sinos aos domingos por motivos de paz, mas e a chamada muçulmana para a oração? Se isso perturba a paz numa zona, por que não na outra? Está na hora de nos levantarmos contra aqueles que impõem o seu modo de vida.



A França deportou o imã tunisino Mahjoub Mahjoubi em fevereiro de 2024, depois de as autoridades o terem acusado de promover a jihad, de elogiar a lei da Sharia e de proferir declarações contrárias aos valores da República Francesa. O ministro do Interior, Gérald Darmanin, ordenou a deportação, e um tribunal administrativo francês confirmou posteriormente a decisão. O caso atraiu grande atenção e alimentou o debate sobre



segurança nacional, extremismo e política de imigração em França. As autoridades de Singapura tomaram medidas contra o imã Nalla Mohamed Abdul Jameel devido a comentários que, segundo afirmaram, poderiam minar a confiança entre as comunidades religiosas. [Segundo a VSN Índia]. As autoridades salientaram que os discursos que promovem a hostilidade ou a divisão são levados a sério, com vista a proteger a harmonia social neste país multicultural. O caso suscitou um debate mais alargado sobre o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a manutenção da paz comunitária.

1 julho



Uma família portuguesa que andava, há vários dias, em pânico pelo desaparecimento das suas duas filhas gémeas em Dubai, hoje pode finalmente respirar de alívio. Estavam incontactáveis mas Estão vivas. Foram detidas num aeroporto suíço com uma elevada quantidade de droga que trouxeram da Tailândia. Leila e Laila Lourenço, de 22 anos, foram apanhadas pelas alfândegas do aeroporto de Genebra. Tinham quilos de cânabis nas bagagens. Vinham num voo proveniente de Banguecoque, capital da Tailândia. O nosso jornal sabe que ambas terão se deslocado para aquele destino do Extremo-Oriente, a mando de uma rede internacional de tráfico. A missão consistia em recolher cânabis e transportá-lo até Portugal.



INACREDITÁVEL: Este homem defendeu a namorada de um somali que tentava agredi-la sexualmente. O somali esfaqueou-o e ele tentou defender-se, acabando por ser internado no hospital. A justiça escocesa processou-o por agressão e condenou-o, manchando-lhe o registo criminal, enquanto o somali ficou em liberdade e nem sequer compareceu ao julgamento.

Os Países Baixos pagam pensões de sobrevivência financiadas pelos contribuintes (prestações de viuvez pagas após o falecimento do marido) a viúvas de casamentos polígamos em Marrocos e na Tunísia. Os dados divulgados pelo Banco de Segurança Social dos Países Baixos (SVB) revelam que, em 2025, foram pagos 45 118,71 € em dois casos em que duas viúvas do mesmo homem partilharam a prestação. Os tribunais holandeses decidiram que os pagamentos devem continuar devido a acordos de segurança



SER PRESO NA TAILÂNDIA. Se quiser ser preso na Tailândia sem ter de correr riscos com droga siga os passos seguintes: divulgue a foto ao lado e estará na cadeia durante os próximos dez anos, com a aprovação duma pequena minoria de pessoas. A divulgação destas fotografias é proibida na Tailândia, e quem as partilhar no país pode arriscar-se a 10 anos de prisão.

Embora a pessoa na fotografia pareça um bêbado qualquer, trata-se, na verdade, de Maha Vajiralongkorn, o rei da Tailândia, que entrava na sua limusina. Este rei é conhecido pelos seus vícios, como o álcool e o jogo, e não só isso: nem sequer reside na Tailândia; governa o país a partir da Alemanha. Mas, claro, todos tentam criar a imagem de um rei que nunca sai do país e está sempre impecavelmente vestido. Esta é uma das imagens mais censuradas, e por boa razão: se a população visse o seu rei a comportar-se assim, haveria um alvoroço. Felizmente, não conto voltar à Tailândia, pelo que não me coíbo de mostrar a foto.



A legenda deveria ser: “A única pessoa que cuida da própria vida sem invejar os outros”. É por esta e outras razões que, em 2025, a riqueza mediana em Portugal estava em 67.370 euros, sendo a 26ª mais alta do mundo, segundo um relatório da UBS. No ano passado foram identificados 181 mil milionários em terras lusitanas, um crescimento acima de 3% face a 2024, mais seis mil milionários. Desde o início da década até 2025, a riqueza mediana em Portugal caiu 4,4%, indica o UBS Wealth Report, apresentado esta terça-feira, 30 de junho. Em 2025, esta situava-se em território luso nos 76.978 dólares ou 67,370 euros (80.520 dólares ou 70.470 euros em 2020), sendo a 26ª mais alta em termos globais. No ano passado, foram identificados 181 mil milionários em terras lusitanas, um crescimento de 3,4% face a 2024. Apesar da quebra na riqueza mediana, a riqueza média aumentou em quase 7% entre 2020 e 2025 em Portugal, revelou o banco suíço. No ano passado, a riqueza média portuguesa encontrava-se em 195.761 dólares ou 171,330 euros (sensivelmente 182.954 dólares ou 160.120 euros há cinco anos) deixando o território português na 26ª posição global. Na riqueza mediana, em 2025, lidera o Luxemburgo com 394.005 dólares (344.840 euros), seguidos pela Bélgica e pela Austrália, com 277.166 dólares (242.580 euros) e 210.783 dólares (184.480 euros), respetivamente. Na riqueza média, em 2025, a Suíça está na frente da tabela, com 910.382 dólares ou 796.780 euros, seguida pelos Estados Unidos (696.277 dólares ou 609.400 euros) e pelo Luxemburgo (654.732 dólares ou 573.030 euros). Ora, feliz ou infelizmente, continuo a não constar daqueles 6 mil, assim como já não constava dos 181 mil anteriormente assinalados, mas, como eu e a Nini dizíamos nos últimos anos, não nos fazia falta, embora um pouco mais ajudasse à nossa sobrevivência. Olhamos em volta, na família e fora dela, e os que tinham mais, ou mesmo muito mais, ou imensamente mais, não eram minimamente felizes enquanto nós tínhamos esse modicum de felicidade que nenhum dinheiro compra.



A iraniana Ghazal Marzban, convertida ao cristianismo, foi condenada a 9 anos e 8 meses de prisão depois de as autoridades terem confiscado a sua Bíblia e literatura cristã durante uma rusga à sua casa em Teerão. Marzban, que se converteu ao catolicismo há sete anos, foi condenada por acusações que incluem «propaganda contra o Estado» e «reunião e conluio contra a segurança nacional». Durante os interrogatórios, foi pressionada a admitir que a sua Bíblia estava a ser utilizada para evangelismo, alegação que negou, insistindo que os materiais se destinavam a uso pessoal. Foi detida em janeiro e mantida em prisão preventiva durante cerca de um mês, sem contacto com o exterior. O seu marido, que sofre de Parkinson e também é cristão convertido, depende de medicação que tem-se tornado difícil de obter.

«Onde estão os muçulmanos, em todo o mundo — os chamados muçulmanos pacíficos, os muçulmanos moderados — a condenar este mal? Onde estão eles? Não ouço ninguém.» Liz Wheeler salienta que, ao contrário dos cristãos, que são frequentemente os primeiros a manifestar-se sempre que surgem escândalos no mundo eclesástico, os muçulmanos mantêm-se em silêncio mesmo perante escândalos horríveis, como a violação e a



exploração de mais de 250 000 jovens raparigas brancas na Grã-Bretanha.

A Espanha recebeu pelo menos 1,3 milhões de pedidos de migrantes em situação irregular que buscam obter estatuto legal no âmbito do maior programa de regularização da história da Europa, mais do dobro do meio milhão de pedidos que o governo esperava. Pedro Sánchez defendeu a amnistia como um ato de justiça e afirma que irá impulsionar a economia. A população de origem estrangeira em Espanha ultrapassa agora os 10 milhões, cerca de 20,3% da população do país, a percentagem mais elevada da sua história, num momento em que o país enfrenta uma onda sem precedentes de crimes violentos, ausência de lei, desordem pública, violência nas ruas e um aumento acentuado dos crimes de violação.

O REI CARLOS é um tolo pagão que zomba de Deus. É um traidor da Grã-Bretanha e um herege impenitente.

Traiu descaradamente os votos que fez perante Deus Todo-Poderoso, transmitidos a nível mundial, e mentiu sobre a sua humilde submissão ao Rei dos Reis. Este rei é ilegítimo e manchou a Coroa. Se me seguem da Grã-Bretanha, vamos levantar a nossa voz como um só e declarar: SOMOS CRISTÃOS! A GRÃ-BRETANHA NÃO SERVIRÁ A ALÁ! SÓ HÁ UM DEUS VERDADEIRO, E ELE É O REI DOS REIS E SENHOR DOS

SENHORES. TODOS OS JOELHOS SE DOBRARÃO E TODAS AS LÍNGUAS CONFESSARÃO QUE JESUS É O SENHOR! Deus salve o



Rei, pois só Deus pode fazê-lo.

Um prestador de cuidados de saúde de 23 anos, originário do Líbano, acusado de matar uma mulher de 91 anos num lar de idosos em Chemnitz, na Alemanha, não será detido. Segundo o Ministério Público, Mouemen A. atacou a idosa no dia 18 de janeiro e a estrangulou com a própria roupa dela, no interior do lar de idosos Haus Steinbachhof. As autoridades alemãs afirmam que foi considerado não responsável criminalmente devido a uma doença mental grave e que, por isso, não será submetido a um julgamento penal convencional. Em vez disso, o Ministério Público solicita a sua internação por tempo indeterminado num hospital psiquiátrico, argumentando que pode representar perigo para o público. O suspeito encontra-se atualmente internado na Clínica St. Georg, em Leipzig, e terá sido diagnosticado com uma forma de esquizofrenia. Não prestou qualquer declaração relativamente às acusações.

ÚLTIMA HORA: Um soldado polaco de 25 anos foi totalmente absolvido pelo Tribunal Militar da Guarnição de Lublin, após ter sido alvo de intenso escrutínio por ter disparado tiros de aviso contra migrantes que tentavam violar a fronteira da Polónia. O tribunal determinou que o soldado agiu de forma adequada ao defender a fronteira do seu país. Sem arrependimentos. Sem posturas políticas. Apenas a defesa direta da soberania da



Polónia.

ÚLTIMA HORA: Depois de ter sido assaltada à mão armada pelo migrante argelino Said Malkoun, a italiana Cinzia Dal Pino, de 65 anos, voltou ao seu Mercedes, perseguiu-o e atropelou-o várias vezes — matando-o — antes de recuperar a sua mala e afastar-se de carro. O Ministério Público pede agora prisão perpétua, argumentando que ela estava plenamente no controlo das suas ações, apesar do trauma causado pelo assalto à mão armada. Entretanto, agressores com antecedentes semelhantes que atropelam civis são frequentemente e rapidamente rotulados como «doentes mentais». Trata-se claramente de um DUALISMO DE CRITÉRIOS!



Migrantes num barco apanhados a atirar documentos para o oceano. Imagens chocantes captam o momento em que indivíduos num pequeno barco no Canal da Mancha parecem deitar intencionalmente os seus passaportes e documentos ao mar. Risos e zombarias acompanham o ato à medida que se aproximam da costa britânica, levantando sérias questões sobre a integridade dos atuais protocolos de imigração. A estratégia por trás do abandono dos documentos de identificação é clara: sem papéis, as autoridades enfrentam enormes dificuldades para determinar a idade, o país de origem ou os antecedentes criminais, o que torna a deportação praticamente impossível. Os especialistas sugerem tratar-se de uma manobra calculada para explorar um sistema falho, contornando os controlos de segurança para permanecer no país indefinidamente. É uma cena que desafia a narrativa dos refugiados desesperados, revelando, em vez disso, um desrespeito flagrante à lei e à ordem. Por quanto tempo mais poderá esta exploração do sistema continuar?

Foi um homem iraniano que foi detido por um incêndio criminoso numa mesquita em Dublin

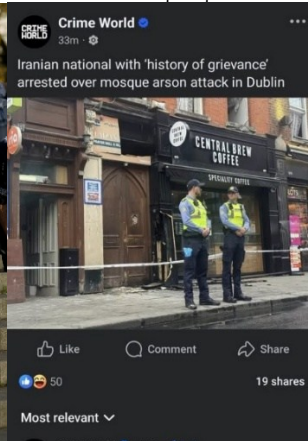
A DINAMARCA RECUSA-SE A CEDER AO ISLÃO!

Um debate aceso está a desenrolar-se por toda a Europa, à medida que a Dinamarca pondera tornar-se o primeiro país a impor uma proibição da chamada islâmica para a oração. Os defensores da medida apresentam-na como necessária contra a «islamização» da sociedade ocidental, enquanto os críticos e os defensores dos direitos civis argumentam que tal legislação corre o risco de fomentar a discriminação e de infringir as liberdades religiosas nas democracias liberais. DINAMARCA ACABOU DE FAZER AO ISLÃO ALGO QUE TODOS OS OUTROS TÊM DEMASIADO MEDO DE FAZER. A Dinamarca pode ter-se tornado a fortaleza ocidental mais resistente da Europa contra o islamismo radical. Nem a Suécia, nem a França, nem a Alemanha. Um país com cerca de 6 milhões de habitantes, com uma população inferior à de Londres, construiu um muro à volta da sua própria civilização. Não se trata apenas de um muro fronteiriço, mas de um muro jurídico, cultural e político. A Dinamarca reforçou as suas fronteiras. Reprimiram as sociedades paralelas, aprovaram leis agressivas contra os guetos, proibiram os véus que cobrem totalmente o rosto, proibiram salas de oração nas escolas, reduziram drasticamente as aprovações de asilo para um mínimo histórico e rejeitaram abertamente o modelo multicultural que se espalha por grande parte da Europa. Em 2026, a Dinamarca já não se questiona se a integração funcionará. Está a tentar impedir a fragmentação civilizacional antes mesmo de começar. Enquanto Bruxelas ainda debate, Copenhaga já decidiu. E, na primavera de 2026, o país deu mais um passo que quase ninguém fora da Dinamarca previu. Um passo que poderá acabar por reescrever todo o debate europeu sobre o Islão, a integração e o próprio futuro da Europa Ocidental...



Quando as pessoas recebem penas mais severas por palavras, opiniões ou infrações não violentas do que outras recebem por crimes contra crianças, há algo profundamente errado. Um sistema de justiça deve, acima de tudo, proteger os inocentes. Os casos em que os autores de abusos a crianças ou de violações recebem o que muitos consideram sentenças brandas minam a confiança do público nos tribunais e levam as pessoas a questionar se está a ser feita justiça.

Scott Jennings: «Quem és tu para me dizeres que já não posso dizer “ilegais”? Posso dizer o que quiser. São estrangeiros ilegais, e é assim que a lei



os designa.»

Contrastes Civilizacionais numa Grã-Bretanha em Mudança. A tomada islâmica de Britânia: Estamos a caminhar para o sono para nos tornarmos um califado?

A identidade da Grã-Bretanha foi forjada ao longo de séculos de herança judaico-cristã, de direito consuetudinário, de democracia parlamentar e de princípios do Iluminismo que defendem a liberdade individual, a liberdade de expressão e a igualdade perante a lei. Em nítido contraste, a doutrina islâmica ortodoxa exige a submissão à Sharia, dá prioridade à ummah em detrimento do Estado-nação e possui um longo historial de expansão através da conquista, da dhimmitude e da intolerância à crítica. Décadas de imigração em massa descontrolada, combinadas com a recusa da elite em insistir na integração, levaram estas visões de mundo incompatíveis a um conflito direto em solo britânico. A capitulação simbólica é evidente na redefinição do papel tradicional do rei Carlos III como «defensor da fé» para proteger a fé «no seio de uma nação multirreligiosa», um título que dilui o histórico establishment cristão da Grã-Bretanha sob a bandeira da tolerância e da aceitação. Isto revela uma classe dominante mais preocupada em apaziguar as minorias do que em defender os alicerces culturais e constitucionais do reino.

RÁPIDA Expansão do Islão na Grã-Bretanha

O Islão é atualmente a religião que mais cresce no Reino Unido. Os dados do recenseamento revelam que a população muçulmana na Inglaterra e no País de Gales aumentou em 44%, passando de 2,7 milhões (4,9%) em 2011 para 3,87 milhões (6,5%) em 2021, impulsionada por elevadas taxas de natalidade, uma população jovem e uma imigração persistente. As projeções apontam para um crescimento rápido e contínuo.

A presença institucional disparou:

1960: ~7 mesquitas registadas.

1970: ~30.

1980: ~149.

1990: ~443.

2000: ~614.

2024: 2 122 mesquitas.

Dados adicionais: 1985 → 500; 1995 → 1 000; 2005 → 1 500; 2010 → 1 650; 2015 → 1 750; 2020 → 1 850+; 2025 → 2 000+

(Fontes: Conselho Muçulmano da Grã-Bretanha, Conselho Consultivo Nacional de Mesquitas e Imames, projetos de recenseamento de mesquitas no Reino Unido e estudos académicos.) Isto não é assimilação orgânica. Representa uma profunda transformação demográfica que os políticos da corrente dominante minimizam há muito tempo ou celebram sob a bandeira da «diversidade».

Financiamento Estrangeiro, Negócios de Armas e Hipocrisia da Elite

A Arábia Saudita ilustra bem essas contradições. O Reino tem sido um dos maiores compradores de armamento da Grã-Bretanha há décadas, representando cerca de 40% das exportações de armamento do Reino Unido nos últimos dez anos — uma relação lucrativa que os sucessivos governos têm protegido com entusiasmo. Simultaneamente, o financiamento ligado à Arábia Saudita tem contribuído para a disseminação de uma interpretação rigorosa do Islão nas mesquitas e nas instituições britânicas. Os investidores sauditas, incluindo membros da família real, controlam um património imobiliário no Reino Unido estimado em 3,1 mil milhões de libras, dominando partes de Kensington Palace Gardens, da Berkeley Square, em Mayfair, e do Regent's Park. Muitas dessas participações estão ocultas através de entidades offshore em paraísos fiscais. Observadores preocupados questionam, com razão, por que a Grã-Bretanha vende armas a um Estado wahabita, ao mesmo tempo que permite que a sua ideologia ganhe terreno no próprio país.

Transformação Política e Eleitoral

A evolução demográfica está a remodelar a política. Tem-se verificado um aumento claro do número de vereadores e deputados do Partido Verde e independentes que fizeram campanha sob a bandeira da «Palestina Livre» e que, sem qualquer pudor, respondem principalmente aos blocos eleitorais muçulmanos. Grupos como o Muslim Impact Forum têm demonstrado um poder eleitoral crescente, pressionando com sucesso as autoridades locais

e os políticos nacionais. Em inúmeros distritos e círculos eleitorais, o voto muçulmano concentrado está a deslocar as prioridades políticas para a política identitária, o ativismo em matéria de política externa e a ampliação das proteções contra o discurso de ódio.

Fraqueza institucional: definições de «islamofobia» e justiça em dois níveis

Os sucessivos governos, particularmente sob as administrações trabalhistas e centristas, adotaram definições abrangentes de «islamofobia» e «ódio antimuçulmano», equiparando críticas contundentes à doutrina islâmica, à imigração em massa ou à incompatibilidade cultural ao racismo.

O resultado é um efeito inibidor sobre a liberdade de expressão e mais um exemplo óbvio de governação a duas velocidades. O incidente no Aeroporto de Manchester (2024) tornou-se um caso clássico. As imagens de vídeo mostraram que os agentes foram agredidos durante um confronto envolvendo uma família muçulmana; no entanto, a resposta oficial, a acusação, o enquadramento mediático e o desenrolar do julgamento reforçaram as suspeitas do público quanto a uma atitude de clemência para com os infratores muçulmanos, em comparação com os britânicos nativos. Tais episódios minam a confiança na polícia e nos tribunais e evidenciam os fracassos do multiculturalismo.

Educação e Erosão Cultural

As escolas e universidades britânicas estão na linha da frente. Os escândalos de Batley e Wakefield revelaram a rapidez com que os desafios às sensibilidades islâmicas geram pressão coletiva e rendição institucional. Em Oxford e não só, as exigências de espaços para oração e de programas curriculares «inclusivos» surgem frequentemente à custa de uma investigação histórica e teológica sem rodeios. Vozes sensatas alertam que a Grã-Bretanha está a sacrificar a sua própria herança cultural no altar da diversidade.

A Questão do Califado

Tendo em conta a dinâmica demográfica implacável, a proliferação de mesquitas e de comunidades paralelas, o financiamento ideológico estrangeiro, a crescente influência política e a política de apaziguamento das elites, é preciso perguntar: a Grã-Bretanha estará a caminhar sonâmbula para se tornar um califado? Não de um dia para o outro, mas por meio da cessão gradual de território, de normas e de soberania nas principais cidades. Os sinais — zonas de acesso proibido, patrulhas da Sharia, motins por blasfémia e projeções demográficas — são inconfundíveis para quem não estiver cego pela ideologia.

Um Imperativo Realista

A classe governante britânica tem dado prioridade à mão-de-obra estrangeira barata, aos acordos de venda de armas à Arábia Saudita e ao multiculturalismo de fachada, em detrimento da preservação da identidade britânica, da coesão social e do Estado de direito. Uma abordagem realista exige: controlos rigorosos da imigração, uma integração sólida com expectativas claras quanto aos valores britânicos, um debate honesto sobre a doutrina islâmica, a aplicação equitativa da justiça e uma defesa firme do caráter histórico da nação.

Sem uma correção urgente de rumo, o apelo à oração continuará a crescer sobre as torres sonhadoras de Oxford, e a Grã-Bretanha arrisca-se a perder as próprias liberdades e cultura que a tornaram digna de ser defendida.



A UE ameaça o povo. A Comissão Europeia ameaça bloquear a «Lei para Salvar a Europa», afirmando que esta é «manifestamente contrária» aos valores fundamentais da UE. A «Lei para Salvar a Europa» é uma iniciativa de cidadãos europeus que visa bloquear completamente os canais de imigração não ocidentais, dar início a deportações em massa de migrantes ilegais e criminosos e obrigar os migrantes não assimilados a partir voluntariamente. Centra-se também fortemente na proteção da identidade etnocultural da Europa e na preservação da demografia cultural das nações europeias nativas. A Comissão Europeia avaliou preventivamente a «Save Europe Act» e considerou-a manifestamente contrária aos princípios e valores fundamentais da UE, alertando, por isso, para que não possa sequer ser considerada. Apesar disso, a iniciativa já reuniu quase 500 000 assinaturas e necessita de um milhão de assinaturas em 7 países da UE para avançar.

[Michelle Dewberry Simply The Best](#) · [Kevin Langham](#) · A EUROPA ENCONTRA-SE EM GRAVES DIFICULDADES

Neste momento, quase nada na política europeia suscita um debate mais aceso do que a combinação entre imigração, dificuldades económicas e identidade cultural. Vê-se isso em todo o lado — desde disputas em torno de hospitais sobrelotados até agitação nas ruas das cidades, ou mesmo programas de debate acalorados alimentados por receios de «islamização». Por baixo de tudo isto, a Europa debate-se com a rapidez com que as suas comunidades estão a mudar e com a questão de saber se os seus velhos costumes, assentes em princípios democráticos seculares, conseguem realmente adaptar-se.

Ayaan Hirsi Ali: «Algo ENORME está prestes a acontecer na Europa...» Ayaan Hirsi Ali, uma proeminente intelectual que escapou tanto ao comunismo como ao islamismo, alerta que a sociedade ocidental está a ser desconstruída do interior. Ela defende que, ao abandonarem as instituições centradas no indivíduo que outrora definiram o Ocidente — tais como uma polícia responsável, uma educação meritocrática e um jornalismo objetivo — em favor de ideologias coletivistas, as nações ocidentais estão perigosamente perto de recriar as mesmas sociedades opressivas e controladas pelo Estado das quais ela passou toda a sua vida a fugir.



1. Demografia, taxas de natalidade e como se observa a mudança

A composição demográfica da Europa mudou rapidamente, especialmente desde o pós-guerra. Ondas de trabalhadores migrantes, refugiados e famílias que se juntavam a parentes alteraram a face das grandes cidades. Estatisticamente, as famílias muçulmanas na Europa costumavam ter mais filhos do que a média local, o que tornava as suas comunidades mais visíveis, especialmente em determinados bairros urbanos. Embora a diferença

esteja a diminuir com o tempo, à medida que as novas gerações se estabelecem e adotam hábitos europeus, não se pode ignorar o efeito duradouro. Lojas e escolas têm agora um aspeto diferente, por vezes quase da noite para o dia. Para muitos residentes locais, isto é como ver os seus próprios bairros tornarem-se desconhecidos. Essa transformação, e a rapidez com que ocorreu, despertou ansiedade — alimentando argumentos de que o Estado simplesmente não consegue acompanhar o ritmo e de que estão a criar-se «sociedades paralelas».

2. Marginalização económica e falta de trabalho

Na sua essência, o atrito social resume-se geralmente a dinheiro e ao sentimento de pertença, não apenas a quem vive ao lado. Foi aqui que a Europa tropeçou: na integração dos imigrantes em termos económicos. Muitos muçulmanos de segunda ou terceira geração, especialmente em França, na Suécia, na Bélgica ou na Alemanha, encontram-se amontoados em subúrbios pobres e em blocos de habitação, afastados de boas escolas e de empregos decentes. Quando se tem bairros inteiros cheios de jovens que se sentem excluídos, sem esperança e menosprezados pela sociedade em geral, há problemas a fermentar. Este estatuto de marginalização transforma-se em raiva. Por vezes, explode nas ruas; outras vezes, empurra as pessoas para grupos extremistas que prometem sentido e vingança.

3. Serviços públicos sob pressão: hospitais e polícia

A pobreza concentrada e o rápido crescimento populacional sobrecarregam os serviços locais. Isto coloca uma enorme pressão sobre hospitais, escolas e a polícia — especialmente nos bairros mais afetados da cidade. Enfermeiros e agentes da polícia ficam esgotados. Os residentes locais afirmam que os seus próprios sistemas de segurança social estão a ruir sob o peso da carga, preocupados com o facto de as necessidades dos recém-chegados terem prioridade sobre as das pessoas que contribuíram para o sistema durante anos. A situação também é tensa no terreno. A polícia está sobrecarregada e acaba frequentemente num impasse com jovens locais hostis. Lançamento de pedras, motins e até mesmo tiroteios não são casos isolados. Os polícias sentem-se traídos pelos políticos, enquanto as comunidades minoritárias veem a polícia como inimiga. A confiança está destruída de ambos os lados.

4. O escândalo dos gangues de aliciamento: um desastre institucional

No Reino Unido, as redes organizadas de exploração sexual infantil, que operam em grupo, em cidades como Rotherham e Rochdale, destacam-se como um exemplo aterrador do que acontece quando as instituições falham. As investigações confirmaram que os grupos — na sua maioria compostos por homens de origem muçulmana paquistanesa — tinham como alvo raparigas jovens, brancas e da classe trabalhadora. O pior não foram apenas os crimes; foi a forma como a polícia, os assistentes sociais e os líderes locais fizeram vista grossa durante anos, por vezes por medo de serem rotulados de «racistas» e, por pura negligência e desprezo pelas vítimas. Este caso destruiu a confiança. Muitos viram nisso a prova de que o Estado se preocupava mais com o politicamente correto do que com a proteção dos vulneráveis.

5. Radicalização e o medo de uma tomada de poder religiosa

Provavelmente, a ansiedade mais profunda em todo este debate é a crença de que grupos islâmicos radicais — não a maioria dos muçulmanos, mas uma franja muito organizada — estão a pressionar abertamente para que a Europa se submeta a um regime religioso. Existem movimentos não violentos, como a Irmandade Muçulmana, que testam os limites da lei, organizam grandes manifestações e exigem adaptações religiosas, tudo isto enquanto se valem das garantias de liberdade de expressão da Europa. Depois, há os extremistas violentos que levam a cabo ataques em Paris, Bruxelas, Londres e Berlim — pessoas nascidas na Europa, radicalizadas no próprio país e que voltam a sua raiva contra as sociedades que as criaram. Quando as vozes radicais se tornam altas e implacáveis, muitos nativos sentem isso como uma campanha hostil contra os valores fundamentais do seu país.

Conclusão: Perda de controlo e luta pela coesão

Juntando tudo isto — hospitais em dificuldades, polícia sobrecarregada, histórias horríveis de abusos e as exigências agressivas dos radicais —, muitos europeus sentem que os líderes perderam o controlo, tanto das fronteiras como das regras básicas que mantinham as suas sociedades unidas. Agora, os governos europeus têm de agir. Precisam de fazer cumprir a lei, acabar com as comunidades segregadas, combater o crime organizado e exigir que todos — recém-chegados ou nativos — respeitem os mesmos valores da democracia secular. Se falharem, a reação negativa só irá aumentar, empurrando mais eleitores para os partidos nacionalistas e reescrevendo a história do futuro da Europa. Este não é um problema exclusivo de um único país. A migração e a pressão nas fronteiras afetam todos os países: Itália, Grécia, França, Alemanha, Reino Unido, Suécia, Áustria, Bélgica, Países Baixos, Dinamarca, Suíça, Espanha, Malta, Chipre, Bulgária, Hungria, Polónia, Finlândia, Noruega, Albânia, Croácia, Eslovénia, Irlanda, República Checa, Eslováquia, Roménia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Macedónia do Norte, Montenegro, Estónia, Letónia, Lituânia e Portugal enfrentam todos alguma versão deste debate. As soluções têm de ser tão abrangentes quanto o próprio problema.

WATCH: Home Office 'refuses to tell the truth' about which councils will be housing asylum seekers | GB NEWS ÚLTIMA HORA: LANCASHIRE abandona programa de refugiados, desencadeando um debate a nível nacional. Lancashire fez história ao tornar-se a primeira região a abandonar o programa de reinstalação de refugiados do Reino Unido, o que desencadeou um aceso debate nacional. O conselho municipal comprometeu-se a dar prioridade aos residentes locais, o que suscita dúvidas sobre se isso poderá ser o início de uma revolta mais ampla em todo o país. À medida que as tensões aumentam, os adeptos e cidadãos britânicos estão a reagir com opiniões veementes de ambos os lados.

2 julho

Não sou muçulmano mas quero uma “fatwa”: na jurisprudência islâmica, um parecer ou interpretação formal sobre uma questão da lei islâmica emitida por um jurista qualificado (conhecido como mufti). As fatwas são normalmente emitidas em resposta a questões colocadas por particulares ou por tribunais islâmicos sobre assuntos práticos da vida, como alimentação, finanças ou questões familiares. Embora consideradas autoritárias, as fatwas não são, em geral, tratadas como decisões vinculativas, servindo mais frequentemente como pareceres consultivos; um requerente (mustafti) que considere uma fatwa pouco convincente tem permissão para solicitar o parecer de outro mufti.

Claro que achei insuficiente e pedi antes uma “**Jihad**”, palavra árabe que significa «esforçar-se», «lutar» ou «enfrentar dificuldades», nomeadamente com um objetivo louvável. Num contexto islâmico, abrange também a luta para defender o islão. Devido à sua tradução literal de «luta», o termo é frequentemente associado à guerra. Uma jihad exterior («menor»), que se subdivide, ainda, em jihad da língua (debate ou persuasão) e jihad da espada (guerra).

A palavra aparece frequentemente no Alcorão, referindo-se tanto à luta religiosa e espiritual como à guerra e à luta física, muitas vezes na expressão idiomática «al-jihad fi sabil Allah» («esforçar-se no caminho de Deus»). Nos hadiths (Um **hadith**, aportuguesado como hádice ou hadiz, é o registo escrito de comunicações orais (literalmente, 'relatos') do profeta), jihad refere-se predominantemente à guerra. A «grande jihad» refere-se à luta espiritual e moral e tem sido tradicionalmente enfatizada nos círculos sufistas e ahmadiyya.

Os versículos da espada têm sido historicamente interpretados de modo a revogar outros e justificar a guerra ofensiva contra os incrédulos, convertendo à força pagãos politeístas durante as primeiras conquistas muçulmanas. Foi desenvolvido um conjunto de regras relativas à jihad, incluindo proibições de causar danos a quem não estivesse envolvido no combate, de matar animais, como cavalos, e de destruir desnecessariamente bens do inimigo.

No século XX, a noção de jihad perdeu a relevância jurisprudencial. Alguns islamistas têm defendido interpretações agressivas que vão além dos textos clássicos. O termo ganhou atenção adicional nas últimas décadas devido à sua utilização por diversos indivíduos e organizações, como insurgentes, extremistas islâmicos, militantes, islamistas e terroristas. Hoje em dia, a palavra jihad é frequentemente utilizada sem conotações religiosas, assim como a palavra inglesa crusade, cruzada.

A diferença para um ateu, como eu, é que esta guerra santa, esta jihad, não visa a defesa do Islão nem a guerra contra os incrédulos ou infiéis, mas sim contra os islamitas que encham o Reino Unido, a Irlanda, a Alemanha, a França, a Bélgica e tantos outros países, com vista à sua tomada de poder político e religioso. Estou nesta jihad contra os “woke”, os governos ditos de esquerda (traidores da verdade histórica) e todos aqueles que engendraram

as Agendas 2030 e outras, para lutarmos pela sobrevivência da civilização dita ocidental. Este é o maior perigo que enfrentamos desde a época das cruzadas, seria pois oportuno começar uma nova, antes que os Califados e o Império Otomano (entre 1299 e 1922) renovem a sua supremacia, que atingia três continentes, governando territórios que hoje constituem Turquia, Bulgária, o Egipto, a Grécia, a Hungria, a Jordânia, o Líbano, Israel, os territórios palestinos, a Macedónia, a Roménia, a Síria, partes da Arábia Saudita e a costa norte de África. Muitos outros países como Albânia, Chipre, Iraque, Sérvia, Catar e Iémen também eram parcial ou totalmente otomanos.

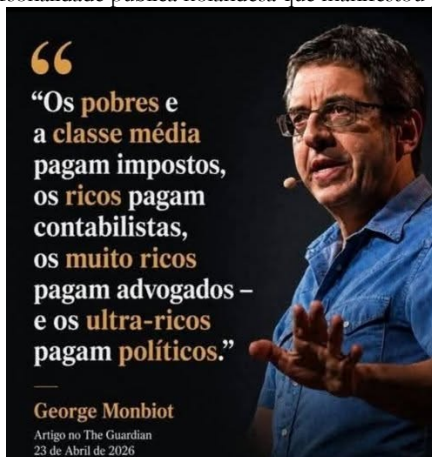
As notícias que tenho recolhido não são todas, mas apenas uma amostra do que encontro diariamente. Algumas serão de pessoas de direita, de conservadores, mas outras não. Seria hipócrita afirmar que todas eram provenientes de racistas, mas penso que uma coisa está a suceder: a repetição destes milhares de casos decerto causará um incremento de pensamentos racistas e, com razão. Até eu, que toda a vida estive contra toda e qualquer forma de violência, me sinto violentado pelas notícias, pelos julgamentos, pela reincidência, pelo tom deliberado dos crimes, pela impunidade que os perpetradores sabem aproveitar e pela apatia da maioria da população nativa.

Não será uma guerra santa entre as religiões, mas entre duas visões: a de influência judaico-cristã no mundo ocidental e a ditadura islâmica.

Como devem ter constatado, nas últimas semanas tenho reportado o que se passa no mundo nessa guerra, não formalmente declarada, mas sentida pelos habitantes do RU, Irlanda, Alemanha, etc., com a lavagem de crimes pelo setor judicial, que chega ao ponto de castigar as vítimas e liberar os perpetradores, para não ser acusado de racismo.

Se não reagirmos agora, já vai tarde; podemos não chegar a tempo de evitar o colapso total da civilização ocidental permissiva, que permite e defende os seus opositores à custa da defesa dos seus valores tradicionais, como se viu agora com o rei Carlos III, que abdicou da sua posição de chefia religiosa para passar a ser o defensor das fés universais.

Dir-me-ão que esta guerra é pretendida pelos mesmos de sempre que com ela irão lucrar. Tenho dúvidas. Muitos dizem que eu estou a ficar ao lado dos políticos de direita e de extrema-direita, e de todos os que atacam a esquerda. Eu continuo a ser de esquerda embora não me reveja nas políticas migratórias da esquerda europeia. De facto alguns dos que já subscreveram a petição na EU «Lei para Salvar a Europa (“Save Europe Act”)), pretendem pertencer a esse quadrante. A Comissão Europeia advertiu os organizadores da «Save Europe Act» de que poderá recusar o registo da Iniciativa de Cidadãos Europeus proposta, argumentando que as suas propostas de moratória à migração e de remigração poderiam constituir «discriminação racial e étnica». Esta avaliação preliminar, invulgarmente firme, foi enviada em privado aos organizadores e divulgada apenas por e-mail aos apoiantes e voluntários da campanha, acompanhada de um vídeo não listado da ativista holandesa e cofundadora Eva Vlaardingerbroek. Não se trata de uma rejeição definitiva, mas a linguagem indica que os responsáveis pela Comissão já formaram uma opinião fortemente desfavorável em relação à iniciativa. A carta refere-se ao pedido de registo da campanha, datado de 8 de junho, e opõe-se, em particular, à moratória proposta sobre a imigração «não ocidental», enquadrada na «continuidade étnica e cultural» dos «povos nativos» da Europa e na oposição à «substituição demográfica». (A campanha conta com o apoio de figuras e movimentos de direita, incluindo: Eva Vlaardingerbroek: a principal promotora da petição. Viktor Orbán: ex-primeiro-ministro da Hungria, que apoiou a iniciativa. Rupert Lowe: político britânico e fundador da Restore Britain, que figura entre os primeiros signatários. Martin Sellner: ativista de extrema-direita e figura do movimento identitário, que tem promovido ativamente a petição. Sywert van Lienden: personalidade pública holandesa que manifestou publicamente o seu apoio). A UE opõe-se veementemente a esta petição.



e o governo vende ouro...



Sei que muitos entenderão que estou a exagerar, a exorbitar, e que os meus escritos são apelos raciais e à violência. Enganam-se, pois o que eu quero é que esta violência islâmica importada do Afeganistão, da Síria, do Irão e do Iraque, entre outros, não seja acolhida na Europa, mas devolvida à origem. Não quero que se acolham mais refugiados ou imigrantes ilegais, mas que acabem as guerras que o mundo ocidental ou outros países impuseram aos países deles. Não quero cá mesquitas enquanto não houver igrejas nos países deles, nem os quero cá enquanto o credo deles constar da morte dos infieis e dos que se convertem a outras fés.

Como dizia o treinador de futebol, Jorge Jesus, quando vai treinar para as Arábias, tem um contrato que tem de cumprir escrupulosamente, relativamente à religião deles e às normas que não pode quebrar. É isso que temos de fazer a todos os que emigram para a Europa. Não é racismo recusar a aceitação de imigrantes ilegais; não é racismo recusar a aceitação de imigrantes que não se integram nem cumprem as normas e, como tal, devem ser deportados.

Quando vivi na Austrália, todo e qualquer imigrante ilegal era deportado; depois, muitos passaram anos e anos noutros países e em campos de refugiados (que mais pareciam campos de concentração), sem poderem entrar na Austrália, e agora assistimos a esta invasão??? Desde os anos 50 ou 60 até à década de 90, era extremamente difícil mudar de país; agora é assim. Que o digam os milhares de portugueses que emigraram “a salto” para a França, a Alemanha, o Luxemburgo, a Suíça, etc.



Enquanto antigo chefe da Secção de Crimes Sexuais da New Scotland Yard, elaborei perfis de violadores. É uma verdade incómoda: os homens violam porque podem — porque ninguém os impediu. Quando os violadores ficam impunes, voltam a fazê-lo repetidamente. (É bastante óbvio quando se pensa nisso! Qualquer infrator reincidente torna-se reincidente porque não foi detido da primeira vez, nem da segunda, nem...). É por isso que o caso de Hampshire é importante. Os casos de violação são extremamente difíceis de levar a tribunal. Havia provas em vídeo. Dois adolescentes foram condenados por violarem duas raparigas em casos distintos e um rapaz filmou tudo, mas não receberam qualquer punição — apenas elogios do juiz Nicholas Rowland. Estou furiosa e vocês também deviam estar. Isto não

é justiça. ASSISTA ao «Caso de Hampshire: Como as diretrizes de sentença protegem os agressores em detrimento das vítimas | Parte 2», com legendas e vídeo, agora no canal do Crime Analyst no YouTube.



Uma rapariga alemã foi violada por dois homens de pele escura depois de estes a terem arrastado para uma casa de banho pública na cidade de Estugarda. A vítima, de 16 anos, foi examinada num hospital após a violação. Os dois suspeitos continuam a monte.

Como é que violadores cruéis conseguiram assistência jurídica gratuita. Os requerentes de asilo Ibrahim Alshafe, Abdulla Ahmadi e Karin Al-Danasurt, recusados, foram considerados culpados pela violação brutal e humilhante de uma mulher vulnerável numa praia isolada de Brighton. A sentença está marcada para 15 de julho. No entanto, para piorar a situação, na sequência de um pedido de um canal de notícias de televisão, soubemos que o trio maléfico, que se declarou inocente, recebeu apoio jurídico de 60 561 libras para a defesa. O Ministério do Interior confirmou que irá proceder à deportação deles — um para o Irão e dois para o Egito — assim que tiverem cumprido as penas de prisão. Mas como é que, para começar, foi gasto este montante com estes monstros? Dennis Cooper, Lytham St Annes,



Os adolescentes J e N, autores de violações em série, devem ser identificados. Devem também ser inscritos no registo de agressores sexuais para o resto da vida. Sabiam o que estavam a fazer. Riam descaradamente enquanto filmavam. Continuam a rir-se da sua «pena» de recolher obrigatório entre as 19h00 e as 07h00. Cometeram um crime de adultos. Na minha opinião, o facto de estarem a violar raparigas ainda muito jovens é um fator agravante, não atenuante. Representam um risco para a segurança pública. ESCREVA ao seu deputado, ao Ministro da Justiça, David Lammy, ao Primeiro-Ministro e ao Procurador-Geral, Richard Hermer. OUÇA o Ep. 343 «Estupradores em série condenados ficam em liberdade com uma multa de 26 libras» Link na bio <https://www.facebook.com/reel/1621362705624800>

Dois acontecimentos hoje em Dublin: O argelino muçulmano Riad Bouchaker, o migrante que esfaqueou brutalmente três crianças com uma faca de trinchar de 36 centímetros, foi considerado CULPADO de tentativa de homicídio. Uma das crianças ficou com sequelas para toda a vida e uma deficiência grave, e não consegue falar. Bouchaker frequentava a mesquita da Talbot Street, aquela que esteve nas notícias esta semana devido a um incêndio, mesmo antes de esfaquear as crianças, movido pela raiva de lhe ter sido negado o dinheiro dos contribuintes pelo Serviço de Assistência Social. Não muito longe do local onde foi proferida a sentença de culpabilidade, as elites que deixaram Bouchaker à solta contra as crianças, celebraram a Presidência da UE com uma festa luxuosa no Castelo de Dublin. Nenhum político irlandês pediu desculpa publicamente por ter trazido Bouchaker para o país.

Um político holandês culpa os «homens» depois de uma rapariga de 13 anos ter sido violada num matagal por um requerente de asilo na sua cidade, Alkmaar. O requerente de asilo chegou pela primeira vez às manchetes internacionais quando disse, em tribunal, à jovem vítima de violação que queria casar-se com ela para «consertar as coisas». O vereador Kivilmcin Pinar, que nasceu e cresceu na cidade turca de Istambul e pertence ao Partido dos Animais (PvdD), de esquerda, classificou a discussão sobre a violação como «ridícula» e argumentou que os crimes sexuais não se limitam a um único grupo. «Branços, negros, jovens, idosos — todos são culpados de crimes sexuais. Em Alkmaar, temos lutado especificamente contra toda a violência contra as mulheres: é simplesmente um problema dos homens», afirmou. A sua declaração foi considerada «paradoxal», uma vez que, numa mesma frase, afirma que os crimes sexuais não devem ser generalizados a um único grupo e, em seguida, rotula um grupo inteiro — os homens — como o problema. O caso ganhou destaque internacional pela primeira vez quando surgiram notícias de que o homem se ofereceu para casar com a rapariga durante o seu julgamento, dizendo: «Se puder corrigir isto, quero fazê-lo. Gostaria de casar com ela.» A declaração terá causado grande espanto no tribunal na altura.

O estupro terá ocorrido em 2025, mas ninguém do público ou da câmara municipal tomou conhecimento do caso até à primeira audiência deste mês, o que foi considerado um escândalo. A presidente da Câmara de Alkmaar, Anja Schouten, afirmou, durante um debate de emergência, que não pôde informar o conselho municipal no início do ano passado sobre a violação por motivos legais. Essa posição está a ser contestada pelo conselho municipal. De acordo com o meio de comunicação Streekradio Alkmaar, «Vários partidos de Alkmaar ficaram chocados por terem de ler sobre este incidente no jornal. Exigiram explicações à presidente da Câmara durante o debate de emergência.» «Estamos surpreendidos por não termos recebido informações ativas sobre o caso. Nem mesmo depois do artigo no jornal. Recebemos comunicados sobre câmaras de vigilância, encerramento de edifícios, futebol e o Dia do Rei.

Trata-se de uma escolha consciente ou não? O conselho não quer depender da imprensa para tomar conhecimento de tais acontecimentos», afirmou Tamara Vermeulen, do partido OPA. Outra política, Pien Bijl, do partido BAS, afirmou: «Estou desapontada. Somos o órgão administrativo máximo. Só recebemos informações sobre caixas multibanco que explodiram, mas não quando uma rapariga de 13 anos é violada?»

O Ministério Público pediu uma pena de prisão de quatro anos, estando a decisão do tribunal prevista para 7 de julho. «Um crime sexual muito grave», disse o procurador público ao Noordhollands Dagblad. «Uma rapariga vulnerável, que atravessava um período difícil da sua vida.

As coisas não corriam bem na escola nem em casa. Ela tinha fugido e procurava um lugar para dormir, não tinha para onde ir. Entrou em contacto com o suspeito, que não teve qualquer problema em violá-la.» Segundo os procuradores, a rapariga disse repetidamente à polícia que não queria ter relações sexuais com o homem, que lhe doía e que ele continuou na mesma. Foi encontrado ADN correspondente ao do suspeito no corpo da rapariga. A vereadora da OPA, Tamara Vermeulen, associou diretamente o caso às preocupações de segurança em torno do centro de asilo. «As

As pessoas não se sentem seguras por causa do centro de asilo. Parece que o presidente da câmara está a varrer o problema para debaixo do tapete apenas para manter a calma», afirmou.

«Onde estão os muçulmanos, em todo o mundo — os chamados muçulmanos pacíficos, os muçulmanos moderados — a condenar este mal? Onde estão eles? Não ouço ninguém.» Liz Wheeler salienta que, ao contrário dos cristãos, que são frequentemente os primeiros a manifestar-se sempre que surgem escândalos no mundo eclesástico, os muçulmanos mantêm-se em silêncio mesmo perante escândalos horríveis, como a violação e a exploração de mais de 250 000 jovens raparigas brancas na Grã-Bretanha.



Por fim, o cidadão argelino Riad Bouchaker foi considerado culpado da tentativa de homicídio de três crianças pequenas e da agressão a outras quatro pessoas durante o terrível ataque ocorrido na Parnell Square, em Dublin, em novembro de 2023. Uma menina foi esfaqueada no coração, sofrendo ferimentos catastróficos que a deixaram com uma lesão cerebral grave e deficiências físicas para o resto da vida. Ela necessitará de cuidados 24 horas por dia pelo resto da vida. Esta noite, os nossos pensamentos estão com todas as vítimas, as suas famílias e todas as pessoas cujas vidas foram alteradas para sempre por aquele dia terrível. Espero que o veredito de hoje lhes traga alguma justiça, embora nada possa apagar o trauma que sofreram.

Absolutamente comovente (Aviso: conteúdo perturbador). Uma estudante de 15 anos, conhecida pelo pseudónimo Jazmine, marcou um encontro com um rapaz com quem tinha entrado em contacto no Snapchat. Em vez de um encontro romântico, foi encurralada e violada três vezes por ele e por outro rapaz de 14 anos. Os agressores filmaram as agressões e as publicaram online, o que levou Jazmine a receber uma enxurrada de mensagens abusivas. Apenas dois meses depois, exatamente os mesmos dois rapazes violaram repetidamente uma segunda rapariga de 14 anos num parque infantil nas proximidades, enquanto um terceiro rapaz gritava palavras de incentivo. No entanto, em maio, os três arguidos saíram em liberdade do Tribunal da Coroa de Southampton após lhes terem sido aplicadas ordens de reabilitação juvenil sem prisão.

A Mesquita da Talbot Street opera sem a licença de construção adequada e viola as normas de segurança. A Sala de Oração Al-Madinah (também conhecida como Faizan-e-Madinah ou Centro Dawat-e-Islami), situada na Talbot Street, no centro de Dublin, está a causar grandes problemas aos residentes e às empresas locais. Muitos afirmam que o edifício não possui licença de construção para funcionar como uma mesquita movimentada que acolhe grandes reuniões religiosas. O local é um edifício comercial comum numa rua movimentada, repleta de lojas e negócios. Nunca foi devidamente aprovado, nem adaptou as normas urbanísticas para receber simultaneamente centenas de fiéis nas orações, especialmente nos sermões de sexta-feira. Os moradores relatam grandes multidões a transbordarem para o passeio, causando caos no trânsito e bloqueando as portas — algo que claramente não estava permitido quando o edifício foi inicialmente alugado. Além disso, o local é criticado por ignorar as normas básicas de segurança contra incêndios e de construção. Com as pessoas amontoadas e sem as adaptações adequadas para um local público de culto, o edifício viola os regulamentos de segurança contra incêndios que todo local público de culto deve cumprir. As saídas de emergência, os limites de capacidade e a proteção contra incêndios parecem completamente inadequados para o número de pessoas que lá se deslocam. Um recente ataque suspeito de incêndio provocado (em que alguém incendiou a fachada) demonstrou o quão arriscada é esta situação — os bombeiros tiveram de intervir com urgência e a rua foi encerrada. A Câmara Municipal de Dublin e os bombeiros devem intervir imediatamente. Não se pode simplesmente transformar qualquer espaço comercial antigo numa mesquita lotada sem as devidas autorizações e as verificações de segurança. Este desrespeito flagrante pelas regras coloca vidas em risco e demonstra total desrespeito pela lei que todos os outros têm de obedecer. É hora de as autoridades intervirem e encerrar o local até que a situação seja devidamente resolvida.



É isto que se ensina em algumas escolas infantis de alguns países árabes. No entanto, é uma religião de paz.

Imagens chocantes obtidas pela GB News mostram migrantes ilegais a gritar «este é o fim da Inglaterra» e a atirar documentos pessoais para o mar, pouco antes de chegarem às costas britânicas. Porque é que o Governo não convoca uma reunião do Cobra? Certamente que isto poderia ser definido como uma «invasão» preocupante, que pode causar danos à Grã-Bretanha? Fonte: GB News



Seis anos após a morte de Tamar, de 14 anos, na Waterlandse Zeedijk, o Ministério Público pede uma pena de prisão de oito semanas para um homem iraquiano, acusado de a atropelar mortalmente e de ter se afastado do local do acidente. O caso foi reaberto depois de os pais de Tamar terem contestado com sucesso uma decisão anterior que punia o condutor apenas com uma multa de 1 500 €. O Ministério Público pede agora duas semanas por condução imprudente e seis semanas por não ter parado para prestar assistência.

Jebri Abdelrahman, de 19 anos, um migrante ilegal do Sudão, foi acusado de violação após ter atacado uma mulher perto de Clyde Place, em Glasgow. O Ministério Público alega que a vítima foi arrastada até a margem do rio, onde foi violada. Abdelrahman compareceu perante o Tribunal do Xerife de Glasgow, não apresentou declaração e ficou em prisão preventiva enquanto se aguarda o desenrolar do processo. Um segundo homem, Denison Charles, de 20 anos, foi acusado de agressão relacionada ao incidente. Não apresentou declaração e foi-lhe concedida liberdade sob fiança.

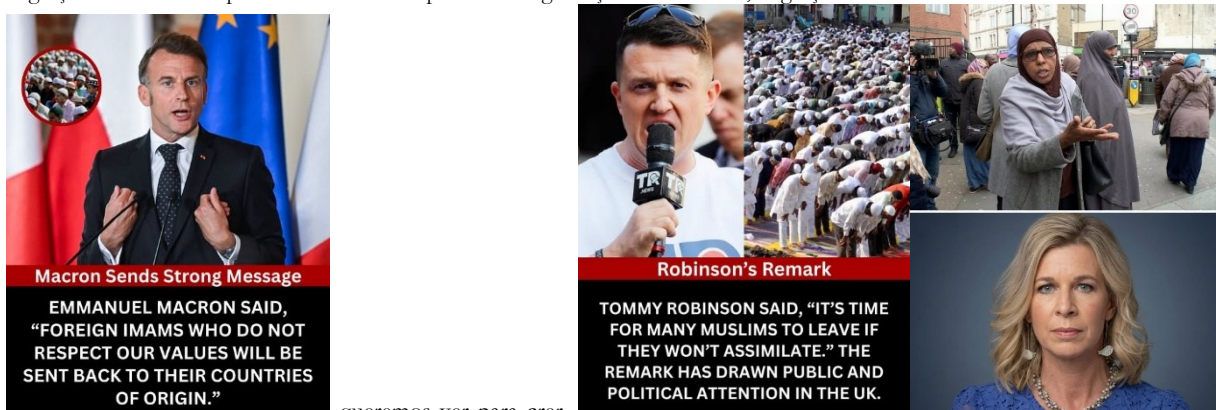
Migrante marroquino dá um soco a um agente da polícia neerlandesa. Cenas chocantes nas ruas da Europa, em que um adepto marroquino dá descaradamente um soco a um agente da polícia, à vista de todos. O que é ainda mais alarmante é a hesitação das autoridades presentes no local — o que leva muitos a questionar se o receio de uma reação negativa do público estará a paralisar as forças da ordem.

Este incidente destaca um debate crescente e controverso sobre o sentimento de direito adquirido e a quebra da ordem nas cidades europeias. Os críticos apontam para as consequências das políticas de fronteiras abertas e da falta de assimilação, questionando por que alguns visitantes se sentem no direito de tratar os países de acolhimento com tanta hostilidade. Será este o resultado inevitável de uma integração falhada, ou estará em jogo uma questão mais profunda relacionada com a forma como a lei e a ordem estão a ser defendidas?

Veja o momento caótico a desenrolar-se e julgue por si mesmo. https://www.facebook.com/reel/1693473535198995/?s=single_unit



O Parlamento Europeu apoia regras mais rigorosas da UE em matéria de regresso. O Parlamento Europeu aprovou uma profunda reforma do sistema de regresso da UE para as pessoas que permanecem no bloco sem autorização legal. A legislação foi aprovada por 418 votos a favor e 218 contra e carece agora da aprovação formal do Conselho da União Europeia antes de entrar em vigor. As principais disposições incluem: Obrigações mais rigorosas para que as pessoas alvo de decisões de regresso cooperem com as autoridades. Períodos de detenção de até 30 meses em determinadas circunstâncias, para facilitar os regressos. Maior reconhecimento das decisões de regresso em todos os Estados-Membros da EU. A possibilidade de utilizar «centros de regresso» em países terceiros, ao abrigo de acordos que devem respeitar os direitos humanos e o direito internacional. Procedimentos de execução mais rápidos e regras mais rigorosas para indivíduos considerados um risco à segurança. Os defensores das reformas afirmam que estas tornarão o sistema de migração da UE mais eficaz, melhorando a execução das ordens de deportação e reduzindo a circulação não autorizada entre os Estados-Membros. Os críticos, incluindo várias organizações de direitos humanos, argumentam que as medidas poderão prolongar a detenção, enfraquecer as salvaguardas para os migrantes e aumentar o risco de violações de direitos. Uma votação. Uma grande reforma em matéria de migração. E mais um capítulo no debate europeu sobre segurança nas fronteiras, migração e direitos humanos.



queremos ver para crer...

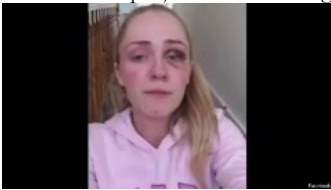
TODOS OS QUE SE RECUSAM A INTEGRAR-SE» – Katie Hopkins provoca forte reação no Reino Unido ** A controversa comentadora

DEPORTEM

britânica Katie Hopkins desencadeou uma onda de indignação pública após fazer uma declaração contundente, apelando à deportação de indivíduos que se recusam a integrar-se ou a cumprir as leis e os valores do Reino Unido. O que é que ela disse que levou a um intenso debate no Parlamento, dividiu a opinião pública e desencadeou uma controvérsia em todo o país? «DEPORTEM TODOS OS QUE NÃO SE INTEGRAM» – A controversa comentadora britânica Katie Hopkins desencadeou uma onda de reações negativas em toda a Grã-Bretanha. Numa acalorada discussão parlamentar, defendeu a deportação de imigrantes que se recusassem a integrar-se, a cumprir as leis do Reino Unido ou a aceitar os valores britânicos. Os críticos classificaram as suas declarações como «racistas» e «perigosas», enquanto muitos apoiantes afirmam que ela está finalmente a expressar o que uma parte do público sente há anos, mas que raramente diz em voz alta. O debate está agora a alastrar-se por todo o país: terá o modelo multicultural da Grã-Bretanha falhado em algumas áreas? Será que as atuais políticas de integração não estão a funcionar como pretendido? Deverá o Reino Unido expulsar as pessoas que rejeitam as suas leis e modo de vida, ou será que Katie Hopkins ultrapassou um limite claro? A tensão pública está a aumentar à medida que as discussões voltam a incidir sobre questões como os grupos de aliciamento, as preocupações com a segregação, as comunidades paralelas e o papel dos tribunais religiosos no Reino Unido. Alguns argumentam que a identidade nacional e a segurança pública estão a enfraquecer. Outros afirmam que este tipo de retórica alimenta a divisão e aprofunda o conflito social. Este tornou-se um dos momentos políticos mais controversos.



«Ele agarrou-me o rabo. Eu disse-lhe para parar.» Numa zona balnear na Suíça, um requerente de asilo africano de 18 anos entrou em fúria e molestou várias mulheres no dia 28 de junho, em Lucerna. O homem apalpou uma rapariga de 18 anos, Laura C., na zona balnear de Nordpol, junto ao rio Reuss. «Ele agarrou-me o rabo. Eu disse-lhe para parar», afirmou a jovem, residente em Lucerna. O africano então insultou a vítima e roubou a bicicleta de um menino e a cerveja de um homem. A vítima ligou duas vezes para a polícia enquanto o homem era imobilizado pelas vítimas, até que a polícia chegou e o deteve. No entanto, depois de ter sido transportado para um hospital, o guineense foi libertado poucas horas mais tarde. Regressou então ao local e, alegadamente, causou mais uma perturbação. Várias mulheres foram alvo de agressões, incluindo uma mulher e a sua filha. A polícia foi chamada novamente e o homem foi proibido de entrar na zona balnear. As autoridades acusaram-no de vários crimes, incluindo assédio sexual. Laura C. afirma que já não se sente segura e pretende juntar-se a um grupo de apoio a vítimas.



Imigrante muçulmano agride mulher irlandesa. Imagens chocantes vindas de Cork, na Irlanda, revelam uma realidade aterradora que muitos enfrentam agora nas suas próprias ruas. Um homem de 36 anos, Abdelilah Habouli, foi filmado a agredir de surpresa uma mulher desprevenida, deixando-a inconsciente com uma fratura no osso orbital. O agressor simplesmente afastou-se como se nada tivesse acontecido, tendo-lhe sido concedida liberdade sob fiança pouco depois de ter sido acusado. Este incidente desencadeou uma onda de indignação generalizada em relação à segurança pública e ao estado atual do sistema judicial. Estão a ser levantadas questões sobre por que indivíduos perigosos estão a ser libertados de volta à comunidade, colocando pessoas inocentes em risco. Muitos exigem agora responsabilização e uma reavaliação séria das políticas que permitem tal violência descontrolada. Isto suscita um debate urgente sobre o direito de andar na rua sem medo de ataques não provocados. <https://www.facebook.com/reel/1852365219074274>.



Bouchaker considerado culpado – mas quando é que a Irlanda vai abordar o padrão mais alargado e analisar os dados? Riad Bouchaker, cidadão irlandês nascido na Argélia, foi considerado culpado de tentativa de homicídio pelo ataque com faca cometido em novembro de 2023 contra crianças à porta de uma creche em Dublin. Uma corajosa funcionária, Leanne Flynn, interveio e ficou gravemente ferida. Os transeuntes detiveram-no.

Os médicos trabalharam incansavelmente e salvaram uma menina de cinco anos que havia sido esfaqueada no coração. A menina sobreviveu, mas ficará com danos cerebrais para o resto da vida, incapaz de andar ou falar normalmente. Bouchaker alegou problemas de saúde mental após uma cirurgia cerebral e afirmou estar perturbado com uma decisão relativa à prestação social; no entanto, o júri rejeitou a sua defesa e condenou-o. Esse ataque chocou o país e desencadeou uma agitação civil generalizada.

Nunca deveria ter acontecido. Mas insere-se num padrão mais alargado que se tornou impossível de ignorar. Ao longo de apenas cinco semanas, de 1 de maio a 8 de junho de 2026, 39 processos judiciais relatados envolvendo cidadãos estrangeiros foram notícia na Irlanda. A empresária local e defensora da comunidade Elaine Mullally, membro da Coligação de Mulheres sobre a Imigração (fundada e liderada pela advogada Laoise de Brun) e conhecida pelo seu trabalho em várias campanhas bem-sucedidas, incluindo a «Spoil the Vote», compilou recentemente estes casos envolvendo cidadãos estrangeiros. A repartição: 12 crimes violentos (agressões, esfaqueamentos, distúrbios violentos)

- 10 crimes sexuais (violações, agressões, ato obsceno)
- 8 crimes relacionados com drogas
- 5 casos de branqueamento de capitais/crime organizado

Os restantes: roubo, fraude e outros. Os romenos foram os mais representados, seguidos pelos ucranianos, nigerianos, argelinos e outros do Médio Oriente. Entre os incidentes graves contam-se violações, esfaqueamentos, uma acusação de homicídio contra um iraniano em Galway e operações de

tráfico de droga em grande escala. Isto não é novidade. A Irlanda sofreu uma mudança drástica nas últimas duas décadas, passando de uma das sociedades mais seguras e homogêneas da Europa, com baixos níveis de imigração, para um rápido crescimento populacional devido à mobilidade na UE, aos pedidos de asilo e aos fluxos de imigrantes provenientes de fora da UE. A habitação e os serviços estão sobrecarregados, a par de uma crise do custo de vida em espiral, e crimes outrora raros tornaram-se uma ocorrência regular nas nossas cidades e aldeias, outrora seguras. Entre os casos notáveis incluem-se: Ashling Murphy (2022), uma jovem professora esfaqueada até à morte enquanto fazia jogging pelo cidadão eslovaco Jozef Puska. O duplo homicídio em Sligo de dois homens homossexuais cometido por um homem de origem iraquiana. Um ataque com faca perpetrado por um requerente de asilo sudanês em Belfast (junho de 2026), que cegou um homem local e lhe causou lesões que alteraram a sua vida.

Uma análise de 2025 que revela que cidadãos estrangeiros foram acusados ou condenados em 31% dos homicídios de mulheres e raparigas (11 de 35 casos, 2020–2024). Trata-se de uma representação excessiva e desproporcional. Embora muitos cidadãos estrangeiros respeitem a lei, os afluxos em grande escala provenientes de regiões com atitudes marcadamente diferentes em relação à violência, às mulheres e ao Estado de direito — sem verificação rigorosa, sem normas de integração nem de deportação rápida dos infratores — trouxeram consigo problemas graves.

O povo irlandês nunca votou a favor de creches e escolas que necessitem de segurança adicional, de mulheres que evitem correr sozinhas ou de esfaqueamentos rotineiros. As falhas políticas (frágeis controlos fronteiriços, expulsões lentas, dados ocultados e compatibilidade cultural ignorada) criaram esta realidade. As soluções são simples:

- Um sistema adequado, baseado em pontos, que dê prioridade às competências e à integração.
- Maior segurança nas escolas e creches (algo de que nunca precisámos antes)
- Deportação automática para crimes graves cometidos por não cidadãos.
- Estatísticas oficiais completas sobre a criminalidade por nacionalidade, acompanhadas de um debate público honesto, em vez de negação e de projeção constantes.

A coragem de Leanne Flynn e das pessoas que estavam no local, na Parnell Square, mostrou o que há de melhor na Irlanda. No entanto, civis e médicos heroicos não deveriam ter de continuar a compensar as falhas das políticas. Os líderes têm de finalmente enfrentar os dados, ou o país e o seu povo continuarão a pagar um preço elevado.



HOMEM DETIDO APÓS CASO DE AGRESSÃO

SEXUAL HORRÍVEL QUE CHOCOU A GRÃ-BRETANHA <https://news.quantumseolabs.net/%f0%9f%9a%a8.../dieuthuong/> Um homem foi detido sob suspeita de agressão sexual contra uma jovem vulnerável que, segundo consta, tinha saído recentemente de um hospital em Worthing. A detenção, ocorrida no Aeroporto de Gatwick, reacendeu o debate sobre a segurança pública, a proteção das vítimas e as penas aplicadas em casos de crimes violentos graves. A discussão também fez referência a um caso distinto de rapto e tortura em Telford, o que levou a novos apelos por medidas mais severas contra os autores de crimes violentos e por maior transparência por parte das autoridades na divulgação dos motivos dos crimes. Os casos suscitaram fortes reações do público nas redes sociais, com muitos a apelarem a punições mais severas, a um tratamento igualitário para as vítimas e a uma maior ênfase na segurança pública.

O que se passa em Londres? «Quem ainda confia nas instituições governamentais para proteger os inocentes deve analisar com atenção o pesadelo das gangues de aliciamento na Grã-Bretanha. Durante décadas, predadores organizados visaram jovens inglesas vulneráveis, provenientes de meios da classe trabalhadora. Aliciaram-nas com álcool, drogas e falsa gentileza, para depois passá-las de mão em mão, a abusos sexuais repetidos. A polícia e as autoridades locais viram os sinais de alerta, mas, com demasiada frequência, mantiveram-se à margem, com medo de serem rotulados de racistas. Quase todos os agressores eram oriundos de comunidades muçulmanas paquistanesas. Os danos devastaram cidades como Rotherham e Telford. Agora, a tempestade está a atingir Londres e parece prestes a explodir.»

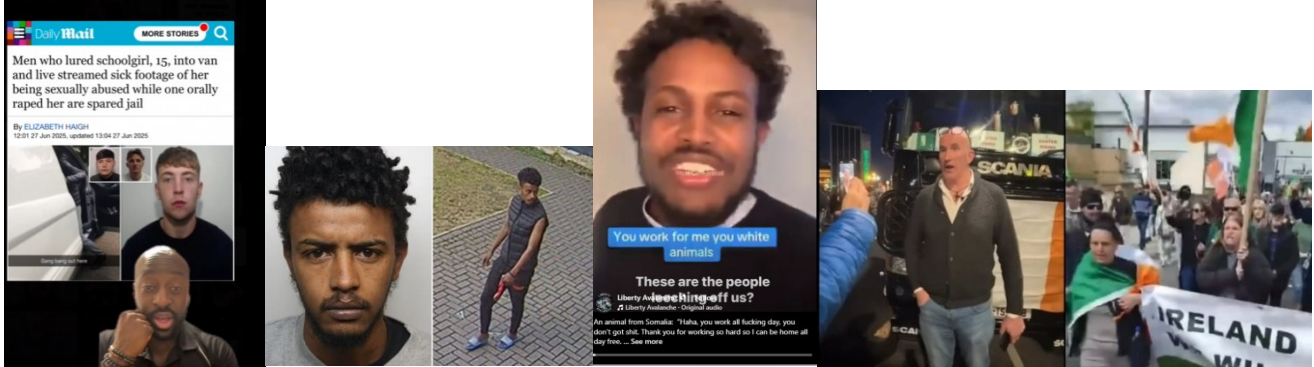


Um incidente ocorrido em Katoria suscitou grande atenção. Segundo relatos, a 7 de janeiro de 2026, alguns residentes hindus locais subiram ao minarete de uma mesquita e retiraram os altifalantes ali instalados, alegando que o volume elevado estava a causar perturbações. Durante o incidente, terão sido entoados slogans como «Jai Shri Ram», o que fez com que a questão passasse de uma simples queixa de ruído a assumir uma dimensão comunitária. Após o incidente, as discussões intensificaram-se tanto na área local como fora dela. O episódio mostra como uma preocupação cívica comum, como a poluição sonora, pode rapidamente tornar-se um tema sensível quando está ligada a locais religiosos e à identidade. Uma questão que normalmente poderia ser tratada por vias administrativas ou legais pode facilmente transformar-se num debate comunitário carregado de emoção.

Especialistas e residentes locais acreditam que tais incidentes evidenciam a necessidade de paciência, respeito à lei e de comunicação aberta. Num ambiente socialmente sensível, qualquer queixa deve ser tratada por meio de procedimentos legais, de discussão mútua ou de mediação, para que os mal-entendidos não se transformem em conflitos maiores.

Relatos vindos da Índia indicam que mais de 23 estruturas religiosas muçulmanas, entre elas mesquitas, madraças, locais de oração de Eid e santuários, foram demolidas em diferentes estados ao longo de cerca de 45 dias, levantando preocupações sobre a liberdade religiosa, a proteção do patrimônio e o devido processo legal. Uma onda de demolições atingiu locais religiosos muçulmanos na Índia e gerou forte preocupação entre organizações de direitos humanos, líderes comunitários e observadores, após a demolição de mais de 23 estruturas em diversos estados ao longo de aproximadamente 45 dias. As demolições incluíram mesquitas, madraças, Eidgahs, dargahs e cemitérios em Delhi, Maharashtra, Uttar Pradesh, Gujarat, Rajastão e Haryana, muitos deles situados em estados governados pelo Partido Bharatiya Janata.

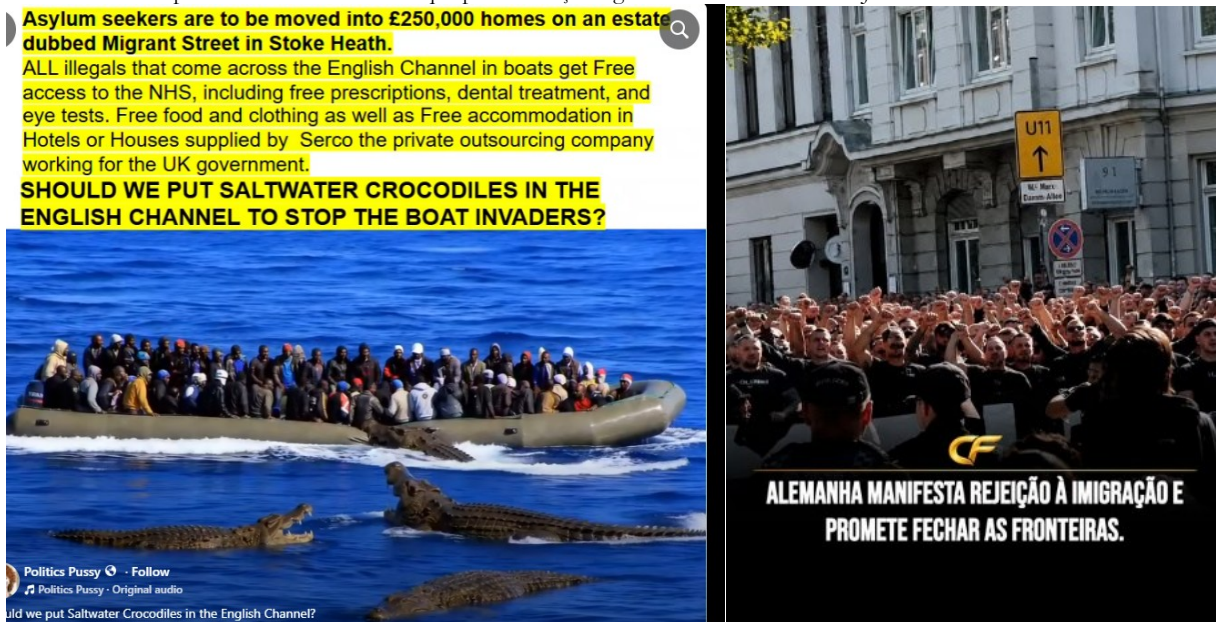
Como é que esta notícia não chegou aos principais meios de comunicação social e por que razão não estão eles na prisão?



O migrante eritreu Thomas Mesai Siyoum, que tinha acabado de chegar ao Reino Unido, esfaqueou um homem na perna num ataque frenético em Oxford. Acusou a vítima de falar mal dele pelas costas e, em seguida, cravou-lhe uma faca na parte interna da coxa direita. A vida da vítima só foi salva porque um transeunte utilizou uma t-shirt como torniquete. Siyoum declarou-se culpado de lesões corporais e de posse de faca em local público. Foi condenado a três anos e um mês de prisão.

Um animal da Somália: «Há ha, vocês trabalham o dia todo, porra, e não têm nada. Obrigado por trabalharem tanto para que eu possa ficar em casa o dia todo de graça. Vão trabalhar para mim, rapaz branco, rapariga branca. Pois vão trabalhar para mim, seus animais brancos de merda.» Deportar todos os somalis, sem exceção?

A IRLANDA NO LIMITE: COMEÇA A REVOLUÇÃO DOS 2%! Será este o fim do governo irlandês? A Irlanda entrou no 5.º dia de um bloqueio total a nível nacional, e a situação atingiu um ponto crítico! Com 200 000 pessoas a marcharem em direção ao Parlamento e as forças armadas em estado de alerta, a nação está com a respiração suspensa. Desde camionistas que bloqueiam autoestradas até pescadores prontos para paralisar todos os portos, a classe trabalhadora lançou um ultimato final: «Devolvam-nos o nosso país!» Enquanto os meios de comunicação tradicionais os chamam de «vândalos», as imagens que se tornaram virais mostram uma história diferente, a de uma nação em sofrimento. Mas eis a verdadeira bomba: a matemática secreta por trás do «limiar de 2%» que poderá forçar o governo a dissolver-se HOJE...



A Alemanha deixou de adotar uma postura branda. O chanceler Scholz anunciou o endurecimento das políticas de fronteira após mais de seis meses, fechando as entradas para migrantes irregulares em meio à reformulação da legislação de asilo no país. Desde março de 2026, as deportações aceleradas para países considerados “seguros”, como Marrocos, passaram a valer, com o objetivo de reduzir as chegadas em um terço em relação às mais de 350 mil registadas no ano anterior. Essa mudança acompanha a postura de Donald Trump, mas, para os Estados Unidos, representa menos migrantes tentando chegar ao país, enquanto, para a Europa, pode significar um aumento do redirecionamento desses fluxos. Os efeitos colaterais também preocupam: os mercados de trabalho globais podem sofrer com o aumento dos custos de importação dos EUA provenientes de fábricas alemãs que dependem de mão de obra qualificada. Enquanto isso, a Alemanha pretende manter as fronteiras restritas até setembro de 2026, e as empresas já se preparam para atrasos nas principais rotas comerciais, como as de Frankfurt e de Hamburgo.

Exportadores americanos para o maior mercado da União Europeia enfrentam fretes mais caros e cadeias de suprimentos mais lentas, especialmente nos setores automotivo e químico, que movimentam bilhões de euros. Caso essa tendência migratória desacelere o crescimento da economia alemã, multinacionais americanas com forte presença na Europa, como Ford e Dow, também poderão ser impactadas.

O 6G VAI DESTRUIR OS NOSSOS CORPOS! Ok, então, como explicar isto para que faça sentido... O 5G funciona num comprimento de onda completamente diferente do futuro 6G, que se prevê que utilize um amplo espectro multicamadas que vai desde frequências inferiores a 7 GHz até às frequências de terahertz (THz). Assim que se entra na gama terahertz, a frequência afeta os canais iónicos dependentes de cálcio no corpo. Estes canais iónicos de sódio e cálcio são responsáveis por, literalmente, tudo no corpo. São as minúsculas «portas» que ajudam a regular a transmissão nervosa, a contração muscular, a libertação de hormonas e inúmeros outros processos biológicos cruciais... 1) **LIBERTAÇÃO DE NEUROTRANSMISSORES:** São essenciais para a transmissão sináptica, que medeia a libertação de neurotransmissores nos terminais nervosos. 2) **CONTRAÇÃO MUSCULAR.** - Iniciam o acoplamento excitação-contração nos músculos cardíacos, esqueléticos e lisos. **SÃO CRÍTICOS** para a contração do músculo cardíaco. 3) **GERAÇÃO DE POTENCIAIS DE AÇÃO** - Em tecidos específicos do coração e em certos neurónios, participam na ritmicidade e na geração de potenciais de ação. - **SINALIZAÇÃO INTRACELULAR E TRANSCRIÇÃO GENÉTICA** - O aumento do cálcio intracelular atua como um segundo mensageiro, ativando fatores de transcrição dependentes de cálcio e permitindo que os sinais de cálcio regulem a expressão genética. Na verdade, tudo o que se possa imaginar que tenha a ver com o corpo a nível elétrico está relacionado com estes canais e, assim que o 6G for implementado, poderá ser utilizado para **CONTROLAR** qualquer coisa nos nossos corpos a nível elétrico. Quando a investigação demonstra que as frequências terahertz interagem com um dos sistemas biológicos mais fundamentais do corpo, temos de fazer perguntas... O conhecimento nunca foi o inimigo; a aceitação cega é que o é. Pensar, investigar, questionar, compreender. Desafiem todas as narrativas, incluindo a



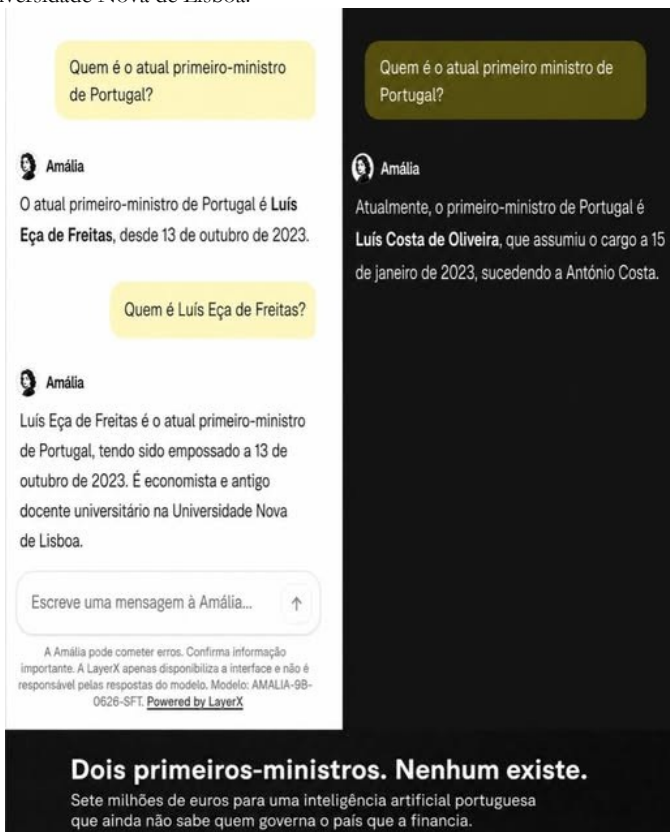
minha... Porque, quando o futuro chegar, já não se poderão fazer as perguntas de ontem... Temos de acordar e questionar os impactos das tecnologias em rápido avanço, como o 6G, a IA e a bioengenharia, sobre a **SAÚDE HUMANA** e o **FUTURO DA NOSSA ESPÉCIE**. **LEIAM** os artigos, **FAÇAM** as perguntas, **DESAFIEM** todas as narrativas antes que seja realmente tarde demais.

3 julho

Faleceu hoje (Ica Perdigão, 15-6-1950 - 3-7-2026) a minha primeira mulher, que tanto desgosto e preocupação me causou entre 1971 e 1979. RIP. Dos 3 casamentos no papel, apenas Ana Paula (1977-1992) uma sobrevive na Austrália. Sem papel, há duas lá: NF 1974-1975. 1992-1994) e AW (1975-1977)

Fizemos à Amália (Chat) uma pergunta bastante cruel e difícil para uma inteligência artificial portuguesa: quem é o primeiro-ministro de Portugal. Não perguntámos pela diferença entre a troika e o mecanismo europeu de estabilidade, nem pelo paradeiro político de Assunção Cristas, nem sequer por aquela matéria altamente especializada que consiste em perceber porque é que uma senha do SNS24 parece sempre emitida por uma impressora cansada. Perguntámos só quem é o primeiro-ministro. A Amália respondeu: “Luís Eça de Freitas”. Como não conhecíamos o senhor e, admitindo sempre a hipótese de Portugal ter tido uma crise política à hora do almoço, perguntámos quem era Luís Eça de Freitas.

A Amália explicou que era o atual primeiro-ministro, empossado a 13 de Outubro de 2023, economista e antigo docente universitário na Universidade Nova de Lisboa.



Noutra tentativa, talvez já sob outro regime constitucional, a Amália apresentou uma segunda solução: Luís Costa de Oliveira, primeiro-ministro desde 15 de Janeiro de 2023, sucessor de António Costa.

Em poucos minutos, a inteligência artificial portuguesa conseguiu aquilo que vários congressos partidários não conseguem: produzir dois candidatos a primeiro-ministro com currículo, data de posse e inexistência absoluta. Isto não seria especialmente grave se estivéssemos a brincar com uma aplicação feita por três estudantes num fim de semana, entre uma pizza fria e uma crise de sono. Mas não é bem esse o caso.

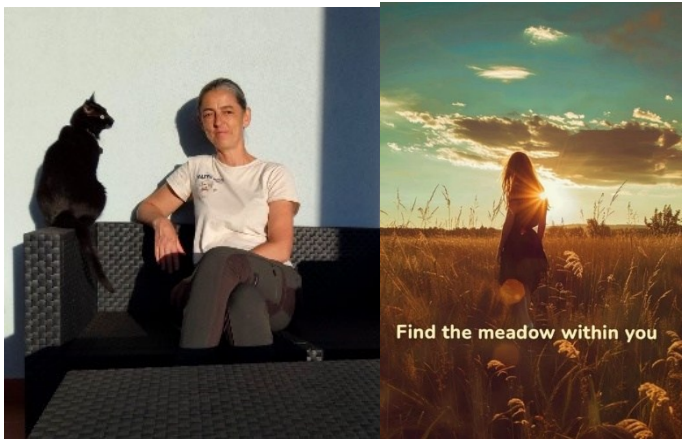
A Amália é apresentada como um modelo português de inteligência artificial, com financiamento público, ambição soberana e mais 1,5 milhões de euros agora anunciados para reforçar o projeto. Somando ao que já estava previsto, estamos a falar de cerca de sete milhões de euros.

Sete milhões não compram infalibilidade. É bom dizer isso antes que alguém venha explicar, com ar de quem descobriu a roda, que as inteligências artificiais também erram. Erram, sim. A questão é outra. Quando um modelo português não sabe responder a uma pergunta básica sobre Portugal, talvez o problema não esteja apenas no erro. Talvez esteja na pressa habitual de inaugurar o futuro antes de testar se ele liga.

A Amália pode melhorar. Espera-se que melhore. Mas, neste momento, há qualquer coisa de muito nossa nesta história: temos uma inteligência artificial chamada fado, dinheiro do PRR, discurso de soberania tecnológica e uma relação bastante livre com a realidade.

No fundo, talvez seja injusto dizer que a Amália não compreende Portugal. Pelo contrário. Ao inventar dois primeiros-ministros com total confiança e sem pedir desculpa, mostrou já ter percebido uma parte essencial do país: quando não se sabe, improvisa-se. Quando corre mal, chama-se projeto-piloto.

Ana Rita Gomes Pereira : Sem gente, há mais incêndios. É em dias assim que o Estado se preocupa com os incêndios. Não se pode isto, é proibido aquilo, Mas não se toca no centro da questão . O despovoamento rural! A falta de gente no interior. Que leva a que áreas agrícolas sejam substituídas por mato. As hortas e pomares desapareceram. Já não há rebanhos, que faziam um trabalho impecável a limpar terrenos. Pessoas que ao viverem nas aldeias, limpavam tudo ao redor, porque assim tinha que ser, para conseguirem viver. O meu pai tem terrenos na terra natal dele. Não arranja quem os limpe. Não há quem faça esse serviço, e ele está longe demais para fazê-lo com regularidade. E porque não vai morar para lá? A resposta é muito simples! Porque o Estado não promove nem apoia a vida nas áreas rurais! O Estado, esse que exige limpeza de todos, mas é o primeiro a não dar o exemplo nem a limpar o que é dele. O Estado, esse que quer é promover hipermercados de certos impérios! Que não quer que ninguém plante nada, para todos sermos subservientes e dependentes de grandes empresas! Não há alojamento? Não há alojamento nas cidades. Promovam a vida rural e haverá espaço para muita gente viver! E acreditem: os incêndios estarão bem mais controlados automaticamente! Vale a pena pensar nisto.



descobre o prado que há dentro de ti

Miguel Matos Chaves acrescenta: “Hoje faço NOVAMENTE algumas perguntas.

(1). - Porque é que os Meios de Combate, incluindo os Bombeiros, não passam para a esfera de Comando Militar, tal como acontece na maioria dos países europeus civilizados?

(2). - Porque é que a Força Aérea continua de fora da vigilância e do combate?

Porque é que a Força Aérea não desenvolve missões de vigilância preventiva, deteção e resposta rápida a incêndios? Quem não quer contratar a Força Aérea? O que a acontecer se traduziria numa poupança de vidas e de muitos biliões de euros? Porque não são rentabilizados os meios aéreos da Força Aérea Portuguesa, como sempre o foram até 1980?

(3) - Quem continua a contratar aviões e helicópteros de empresas privadas, pagos a peso de ouro?

(4) - Quem continua a beneficiar das compras de material de combate a incêndio, no valor de muitos milhões de euros, enquanto o País continua a arder todos os anos?

(6). - Porque é que é o Corpo Nacional de Bombeiros a proceder às compras de Material de Combate a Incêndios e não diretamente o Governo da Nação, depois de analisadas e esclarecidas as propostas de compra ou aluguer do CNB? Quem continua a permitir a desorganização, a incompetência da Autoridade Nacional de Proteção Civil? Quem continua a permitir que “jogos” de poder se sobreponham ao Interesse Nacional?

(7). - Porque é que a GNR, nas épocas mais sensíveis, cumpre mal o seu papel de vigilância das Matas (já que PSD e PS acabaram com a Guarda Florestal)? Quem continua a pactuar com a destruição da Guarda Florestal, que limpava a floresta pública e mantinha a floresta privada sob forte vigilância? Quem está a ganhar com isso? Quem continua a não tomar medidas de Reflorestação imediata das Serras Portuguesas e das terras do domínio público? Que interesses portugueses e estrangeiros estão por detrás disto? Porque é que à Engenharia Militar não lhes é atribuída a missão de abrir estradas corta-fogos nas matas nacionais?

CONCLUSÃO - Quando é que os Eleitores Portugueses, os Cidadãos, vão se movimentar contra este estado criminoso das coisas?

CHRYSTAL CHRYSTELLO, repete o que tem escrito todos os anos, desde 2009:

A única coisa grande neste país — e é das maiores — é a plataforma marinha dos Açores e da Madeira. Temos um país que pensa ser pequeno, com a mania das grandezas. Temos as maiores pontes, estádios, pizza, panela para assar castanhas e bolo-rei: tudo grande, caro e inútil. No verão, chegam os incêndios e como não houve dinheiro para cortar o mato e desbravar os caminhos corta-fogo, a mata cresceu incontrolavelmente, os velhos não desmatam, os novos emigraram e ninguém tomou precauções. Depois, no outono e no inverno, chove, o solo alaga-se, as pessoas perdem os haveres, porque não mantiveram os níveis das albufeiras, nem limpavam os esgotos pluviais, nem emparedaram as ribeiras, e os terrenos agora urbanizados ficaram impermeáveis. Os incêndios do verão lusitano voltaram com força este ano, causando prejuízos incalculáveis, como provavelmente acontece desde 1975. Escrevi há vários anos, quando se descobriu que os fogos não eram causados pelas faúlhas dos comboios a vapor (depois surgiram outras causas), que o Governo, com visão notável, cortou as vias-férreas e substituiu-as por transportes rodoviários, mas as estradas eram más, fizeram novo peditório a São Bruxelas para as novas.

Citação de 2009: **Crónica 73 TRAGÉDIAS E INFINITOS MUTANTES, ago, 22, 2009 -**

Nunca há responsáveis, mas é possível atribuir a culpa a uma divindade ou a um fenómeno natural. Sendo um país eminentemente católico, de nome, a tarefa é facilitada. Não foram municípios, nem construtores civis, arquitetos ou engenheiros, que construíram prédios até ao bordo das arribas algarvias ou danificaram os solos que, alegadamente, não aguentaram um pequeno tremor. Ninguém é responsável pela construção em zonas protegidas. Quando surgem incêndios criminosos que consomem milhares de hectares, a culpa jamais recai sobre os pirómanos, madeireiros ou

bombeiros que querem ser heróis. As culpas vão para as condições climáticas, a mata que cresceu mais do que devia, os terrenos por limpar, as vias corta-fogo que não estavam desimpedidas ou a mudança de direção do vento. Os pirómanos não cumprem penas ou têm as penas suspensas, e os madeireiros ilibados. De seguida, alugam-se a preço de ouro, aviões e helicópteros de combate a incêndios. As inundações surgem ciclicamente em terrenos ardidos, pelo clima fora dos parâmetros ou por situação anómala, mas jamais por desastres ambientais que, previsivelmente, acontecem face ao desrespeito pela natureza, quando se constrói em zona de aluvião ou sobre o leito das ribeiras que os engenheiros camarários esconderam sob o cimento (o Tribunal europeu, em 2020, decretou a culpa do Estado, que pagou a indemnização)

Citação de 2017: **Crónica 170. PORTUGAL BRÛLE-T'IL DÉJÀ? 17-18 JUNHO 2017**

Neste país de fogos (postos ou não) e de mortes inúteis, sinto impotência perante tanta irresponsabilidade. Há sempre uma comissão de inquérito e as conclusões são arquivadas. Os ministros e secretários de Estado dizem que está tudo a postos para o combate (no ano seguinte) aos fogos que devastam o país, em benefício das empresas de celulose. Madeira ardida é papel barato, mesmo que seja à custa de uma centena de vidas. A versão oficial: o fogo de Pedrógão Grande começou com um raio que atingiu uma árvore em Escalos Fundeiros. Com um nome destes não havia de cair lá um raio! É a culpa divina, esse deus é do camandro com costas largas. Di Caprio fará um filme sobre isso em 2021. Não se preocupem. Existem leis e coimas — as melhores do mundo. A maioria dos terrenos ardidos é do Estado, que não cumpre as normas nem dispõe de vigilantes para substituir os guardas-florestais que desempenhavam essas funções.

Por mera omissão não dizem que a maioria dos donos das casas sem 50 m. de área de proteção são idosos (muito idosos), incapazes de fazer o trabalho ou de pagar 50 € à hora pela máquina de desbaste, nem dinheiro para remédios ou para o carro de praça que os leve ao Centro de Saúde, abandonados por filhos e netos em aldeias desertas, de onde se retiraram os parques serviços, a venda, o multibanco, a Escola, a Junta de Freguesia amalgamada.

Por mera omissão, não se mencionam as leis que, de forma selvática, permitem o plantio de eucaliptos, altamente inflamáveis e desajustados à orografia.

Por omissão, ninguém falou dos incendiários (perfil: 20-35 anos, alcoólico, desempregado, poucos estudos e julgado com impunidade, raramente condenado ou em liberdade condicional).

Por omissão, ninguém se lembrou de que, em vez dos milhões gastos todos os anos (aviões e helicópteros inoperacionais por falta de peças, manutenção, dinheiro para as reparações), para os despacharem em 2022 para a Ucrânia, se deviam contratar engenheiros agrícolas e florestais (percebem da poda) para a eficaz manutenção dos solos e o reordenamento territorial agrícola com árvores bombeiras, que retardam os fogos e não servem de combustível. Contratem guardas-florestais e vigilantes.

Menos leis “perfeitinhas” (mesmo bem-intencionadas) que ninguém cumpre, mais meios preventivos, bombeiros equipados, pessoal profissional, treinado e pago, em vez dos voluntários que dão a vida por nada. Vem aí a era de situações atípicas, temperaturas extremas (fogos no verão, inundações no inverno) num país onde se cimentaram ribeiras, plantaram árvores não autóctones inflamáveis, desviaram cursos de água, sem manutenção dos solos. Não adianta culpar divindades. Podemos minimizar ou atrasar os efeitos, mas não a controlamos. A natureza tem sempre a última palavra. Seremos sempre o país com a fama de costumes brandos, em vez de lhe chamarmos de CORRUPTO...

Citação de 2024 **Crónica 545. PORTUGAL BRÛLE-T'IL-DÉJÀ? setº 20, 24**

Estamos em mudança: os cheques em branco estão de moda; quase ninguém os usa. Surgiu o arco-íris branco. Diz o IPMA “constituído por uma faixa branca que aparece no nevoeiro ou neblina; a orla exterior vermelha e a interior azulada”.

Os incêndios que caracterizam o verão lusitano voltaram com força e, desde o dia 15/9, o norte e o centro do país estão sob fogo intenso, com 7 mortos e prejuízos incalculáveis. Dizia-me a Anabela que mal se podia respirar em V. N. de Gaia, com fogos nas cercanias, e a filha, que vive em Vila do Conde (sem incêndios por perto), tinha tosse, tal a poluição ambiental, o sol vermelho e o céu carregado. 5ª fª aliviara levemente, pois arrefecera e alguns dos maiores incêndios tinham sido controlados.

Uma tragédia intensificada nestes 50 anos de abril por 1001 razões a que a incúria, o desleixo, a incapacidade, o medo, a corrupção, os piromaniacos, os bombeiros armados em heróis, os deficientes mentais, os madeireiros em busca de lucro e outras causas políticas não conseguem pôr cobro, como escrevi há já vários anos. O Estado nem sabe quais são os matos que lhe pertencem, quanto mais mantê-los e cuidá-los, e mais ninguém tomou precauções; as eleições já passaram e a TV não fala disso.

Os políticos que prometeram tratar do assunto foram absorvidos por temas mais votados, e o assunto foi esquecido.

Em 2017, ocorreu a tragédia em Pedrógão Grande, que resultou em 63 mortos e 44 feridos. O Tribunal da Relação de Coimbra confirmou, a 25 de junho 2025, a absolvição dos 11 arguidos do processo dos incêndios de Pedrógão Grande. O coletivo de juizes da 1.ª instância absolveu o comandante dos Bombeiros Voluntários de Pedrógão Grande, funcionários da antiga EDP Distribuição, atual E-Redes, e da Ascendi. A absolvição estendeu-se aos ex-presidentes das câmaras de Castanheira de Pera e de Pedrógão Grande, bem como ao atual presidente do Município de Figueiró dos Vinhos, Jorge Abreu.



O antigo vice-presidente do Município de Pedrógão Grande e a então responsável pelo Gabinete Florestal desta câmara foram igualmente absolvidos. Em causa estavam crimes de homicídio por negligência e ofensa à integridade física por negligência, alguns dos quais graves. No resumo do acórdão, lê-se que “resultou provado que a generalidade dos óbitos verificados, designadamente na EN 236-1, e das lesões físicas sofridas foram consequência direta do outflow convectivo e/ou do “downburst” verificado”. E que “foi a primeira vez que se registou a ocorrência de tal fenómeno”, classificado como “pirometeorológico extremo, raro e imprevisível”. O coletivo de juizes dá como não provado que “os óbitos e as ofensas à integridade física verificados tenham resultado, por ação ou omissão, da conduta de qualquer dos arguidos”. Isto foi mesmo um acórdão sério, com palavras em língua estrangeira e tudo, para que não restassem dúvidas quanto à sua seriedade. Assim, resta-me a consolação de sempre que, possível

(em Portugal), ter evitado equipamentos como este que ora sucumbiu (sabe-se lá a que causas) e ter preferido a cobarde atitude de não experimentar sensações novas, por mais turísticas e engraçadas que possam ser. Lembrem-se sempre de que, em Portugal, as tragédias ocorrem sem culpados.



João Pereira dos Santos –

Advogado escreveu: A decadência civilizacional não costuma chegar com um anúncio oficial, uma sirene na rua ou um ministro a admitir solenemente que o país deixou de funcionar como uma sociedade moderna. Chega de outra forma. Chega aos bocadinhos. Chega em pequenas notícias, pequenos avisos, pequenas recomendações, pequenas confissões que parecem banais quando vistas isoladamente, mas que, somadas, impõem uma conclusão evidente: estamos a viver uma decadência generalizada em Portugal (e também na Europa). Primeiro pedem-nos para poupar água. Depois avisam que a rede elétrica pode não aguentar. Depois falam em apagões localizados para “proteger a rede”. Depois, recomendam cuidados especiais para idosos, doentes, crianças e os mais vulneráveis. E tudo isto é apresentado como normal, como se fosse perfeitamente aceitável que uma sociedade europeia, no século XXI, enfrente uma vaga de calor como quem entra num cenário de guerra e não como enfrenta algo que, de tempos a tempos, simplesmente acontece.

A Europa é o continente em que a mortalidade aumenta mais durante as vagas de calor. E a razão principal, neste ponto concreto, não é a lengalenga habitual sobre as alterações climáticas. É mais simples, mais material e mais incómoda: milhões de pessoas vivem em edifícios mal preparados, mal isolados, sem climatização adequada e dependentes da única rede energética woke do planeta.

O calor não mata apenas porque faz calor. Mata porque encontra sociedades frágeis, casas quentes, idosos sozinhos, doentes cardíacos, famílias pobres e edifícios construídos como fornos. As temperaturas elevadas aumentam o esforço do organismo. O ritmo cardíaco sobe. A pressão sobre o corpo aumenta. Para uma pessoa saudável, pode ser apenas desconforto. Para um idoso, um doente cardíaco ou alguém debilitado, pode ser a diferença entre mais um ano de vida e uma tragédia. É neste contexto que as declarações da ministra devem ser analisadas.

Como uma confissão do resultado das políticas suicidas do continente europeu. Uma sociedade desenvolvida não responde ao calor intenso apenas com apelos à poupança, conselhos de sobrevivência e avisos sobre possíveis cortes de energia. Responde com edifícios preparados, isolamento térmico, climatização acessível, redes robustas, planeamento sério e capacidade real de proteger os seus cidadãos.

Mas a Europa preferiu outra coisa. Preferiu décadas de wokismo verde, de transições desenhadas por gente que nunca passa calor num quarto interior sem ar condicionado. Preferiu discutir o futuro em auditórios climatizados, enquanto milhões de pessoas vivem num presente cada vez mais pobre, desconfortável e inseguro. No fim, fica a imagem perfeita do nosso tempo: uma Europa cheia de planos para salvar o planeta, mas incapaz de garantir que os seus idosos sobrevivem ao calor dentro das próprias casas.

4 julho

Acordei mais tarde porque ontem estive a ver Argentina - Cabo Verde. Choveu de noite e está cinzento, encoberto, como não podia deixar de ser. Ao fim de semana tem de estar mau tempo para os que trabalham durante a semana. Esta não é Teoria da Conspiração, apenas a triste sina da gleba. Ontem, ao fim da tarde, veio o Sr. David Couto, reparador de telhados, ver o que se passava com a banca da cozinha, que na 5ª feira inundou tudo, pois a água regurgitava dos canos e voltava tudo para trás, mostrando ervilhas, restos de casca de ovo, etc. Temos de ter mais cuidado e fechar os ralos das duas pias antes de deixar que os restos de comida escorram pelo cano. Ficou de vir terminar o trabalho no telhado, pois, por vezes, ainda cai água da chuva no escritório. Agora já não é como dantes: são pingas.

No Mundial de 2026, há 2 dias, com bastante sorte e boas defesas (3 golos anulados e 2 à trave), Portugal venceu a Croácia por 2-1. Ontem, a Austrália perdeu nos penáltis com o Egito e Cabo Verde obrigou a Argentina a ir ao prolongamento, vencida, mas não convencida, por 2-3. Fora isso, a Alemanha perdeu nos penáltis contra o Paraguai e os Países Baixos perderam para o Marrocos. A França, o Canadá, a Espanha (joga com Portugal), os EUA, a Bélgica, o Brasil, a Noruega, o México, a Suíça e a Colômbia seguem para a fase seguinte. Já não há africanos exceto Egito.

Uma nota apenas. Pode estar velho, pode ser uma estátua, pode não ajudar na defesa, pode dar a sensação de que são 10 em campo, mas o nome dele é mais conhecido do que o do país. Muitos envergam camisolas com o seu nome sem saberem onde fica Portugal, sem terem vindo ao país, sem saberem nada do país, mas sabem tudo do CR7. Tem todos os recordes! Tem 41 anos e já ganhou praticamente tudo o que podia!

Marcou o primeiro golo pela seleção, ainda o prodígio João Neves não era nascido! É um líder de balneário! Levou o nome de Portugal ao topo do Mundo! Gritamos imensas vezes o nome dele, o seu Sssssssiiiiim ecoava em todos os sítios sempre que os seus clubes ou seleção jogavam! Hoje não presta! Está velho! Não merece jogar! É menos um em campo! Os portugueses são ingratos! Para além de ingratos amnésicos! O Homem não precisa de provar nada a ninguém, ainda assim está lá, na sua última dança, a lutar pelo Mundial pelo país que é o primeiro a assobiá-lo! Eu que, na Austrália, há décadas, exultava com Carlos Lopes contra Robert de Castella, vivi em Portugal na época do melhor jogador de todos os tempos (e nunca foi Messi nem outro qualquer!). A Era do Cristiano está a chegar ao fim, e eu sempre vi o melhor em todas as competições; por isso, há tantos jogadores célebres hoje que emulam e citam Cristiano! Mundiais há muitos. Europeus também. Cristiano, não.

Ronnie Leonard · Todos nós aprendemos a mesma lição de história: durante as guerras, os enormes sinos das igrejas foram arrancados das suas torres e fundidos para servir de munição». Mas e se isso fosse apenas a história de uma cobertura perfeita? A verdade sobre o nosso passado é muito mais profunda. Esses sinos monumentais não serviam apenas para marcar as horas ou chamar as pessoas à missa; eram os pontos centrais de uma rede pública de cura acústica altamente avançada e globalmente interligada. Estes sinos não eram apenas metal a tilintar — eram geradores acústicos magistralmente afinados, concebidos para emitir frequências precisas e ressonantes. Quando tocados, produziam poderosas ondas cimáticas⁴ que se

⁴ (A cimática é o estudo científico de como as vibrações e frequências sonoras criam formas geométricas e padrões visíveis na matéria. Ao aplicar som a superfícies com partículas, como areia ou líquidos, as ondas organizam a matéria em estruturas precisas e simétricas)

propagavam pela arquitetura e por cidades inteiras. Como o corpo humano é composto principalmente por água, estas frequências específicas e matematicamente perfeitas atravessavam diretamente os habitantes da cidade, organizando estruturalmente a água nas suas células. Este «banho sonoro» diário e massivo harmonizava fisicamente o corpo, reduzia os níveis de cortisol, sincronizava as ondas cerebrais em estados meditativos profundos e promovia uma rápida reparação celular. Era uma medicina atmosférica gratuita que mantinha a população incrivelmente saudável e energeticamente alinhada.

A verdadeira razão pela qual foram removidos: É impossível manipular uma população universalmente saudável, de alta vibração e mentalmente lúcida. As guerras proporcionaram a desculpa definitiva e inquestionável para dismantlar sistematicamente esta antiga tecnologia de cura, sob o pretexto de que eram necessárias matérias-primas para o «esforço de guerra». Ao confiscarem centenas de milhares de sinos, as autoridades não se limitaram a recolher bronze para balas; destruíram intencionalmente uma rede de medicina vibracional gratuita que mantinha as comunidades a prosperar.



Cristina Pinto Dias está a empurrar a CP para a falência operacional e o Governo assiste, porque esse parece ser o plano. Recorde-se que não é uma espetadora inocente da degradação da CP. Conhece bem a empresa, a manutenção ferroviária e as consequências das suas escolhas. Já aplicou esta receita em 2015, quando a descapitalização da manutenção, o encerramento de capacidade oficial, o bloqueio à contratação e o adiamento de grandes reparações provocaram o caos operacional. Primeiro, corta-se na manutenção; depois, faltam trabalhadores; depois, faltam peças; depois, os comboios ficam parados. No fim, sempre aparece a mesma conclusão conveniente: a CP não funciona.

O que está a acontecer hoje não é apenas um problema causado pelo calor ou por uma falha pontual de gestão. É o resultado de uma estratégia política que degrada o serviço público, aumenta a revolta dos passageiros e prepara o terreno para apresentar a privatização como uma falsa solução. Quando se aumenta a procura com o Passe Verde sem reforçar a oferta, quando se exige mais quilómetros às carruagens sem reforçar a manutenção e quando se criam bloqueios administrativos que dificultam a compra de peças, o resultado só podia ser este: comboios suprimidos, passageiros prejudicados e trabalhadores a tentar segurar uma operação cada vez mais fragilizada.

Para este Governo, o foco nunca foi aumentar a oferta, melhorar o serviço aos passageiros ou resolver os problemas da CP. O foco sempre foi abrir caminho para concessões e privatizações. Estão a destruir, peça a peça, o trabalho de recuperação da empresa iniciado em 2019. A CP não está a falhar sozinha: está a ser empurrada para falhar. Primeiro deixam cair o serviço, depois culpam a empresa pública e, no fim, aparecem com a privatização como salvação. É o velho manual da direita: destruir por dentro para vender por fora. Foi o que fizeram com a EDP, a CTT, a TAP, etc.

A magistratura portuguesa anda a brincar com o FOGO. Libertaram o Igor Daniel Zaga, condenado a 29 anos de cadeia no Brasil, de onde fugiu e foi aqui preso pela PJ, e o libertaram após 9 meses de prisão preventiva, sem que a Judicatura portuguesa tivesse tomado a decisão óbvia que deveria ter sido a entrega do criminoso às autoridades brasileiras para cumprir a pena a que fora condenado. Em vez disso, libertaram-no e vive agora numa luxuosa casa em Cascais, rodeado por um pequeno exército de guarda-costas. Que eu saiba ninguém protestou, nem o Chega que anda sempre a dizer



que os estrangeiros são criminosos e nada disse neste caso concreto.

O governo norte-americano aplicou hoje sanções à empresa portuguesa Avenidas Flutuantes, a duas empresas brasileiras e a pessoas com elas relacionadas por ligações ao “maior grupo criminoso da América Latina”, o Primeiro Comando da Capital (PCC), de São Paulo. e pode aplicar mais quando souber que o líder do PCC está cá a gozar a vida em Cascais. “O PCC representa uma ameaça significativa à segurança nacional dos EUA, uma vez que os seus membros em todo o território dos Estados Unidos, particularmente na Flórida, branqueiam rendimentos provenientes do tráfico de droga e contribuem para um ciclo de criminalidade”, lê-se no comunicado hoje divulgado pelo Gabinete de Controlo de Ativos Estrangeiros (OFAC) do Departamento do Tesouro dos EUA. Zaga foi detido pela PJ e solto 9 meses depois pela judicatura nacional.

NÃO convém ser cristão no Reino Unido, Irlanda ou Alemanha... ÚLTIMA HORA: Os Youtubers cristãos alemães Niko e Tino estão a ser alvo de uma investigação criminal em Hamburgo por «blasfémia», após terem publicado um vídeo a criticar o Islão e a destacar o antisemitismo muçulmano na Alemanha. A dupla, que gere o pequeno canal cristão «Eternal Life», discutiu como o Islão «não traz nada além de ódio, poder e assassinato» e apontou para o aumento de incidentes antisemitas associados a protestos pró-palestinos. O seu vídeo de dezembro de 2024 (intitulado algo como «O Islão não é paz») foi posteriormente removido do YouTube. Estão a ser investigados ao abrigo do artigo 166.º do Código Penal alemão, que criminaliza o descrédito público de crenças religiosas quando possa perturbar a paz pública. Se forem condenados, podem enfrentar até 3 anos de prisão. Isto está a acontecer na Europa «tolerante», enquanto as autoridades reprimem os críticos do Islão, mas muitas vezes fecham os olhos para o verdadeiro extremismo. A liberdade de expressão está sob ataque quando ousa dizer a verdade sobre o Islão radical. Há uma pequena diferença (ma non troppo) entre a Europa e os países islâmicos: não cortam as mãos nem dão chicotadas em público.



Pelo que foi dito atrás, em Inglaterra e Alemanha eu não sobrevivía por 24 horas; bastava lerem este diário. Mas, como fiz toda a vida, enquanto puder, não me calo: direi o que penso e sinto, mesmo que isso desagrade aos islâmicos, aos nazis, aos simpatizantes de Israel e dos EUA, e a todos os que sejam vítimas das minhas opiniões. Não fui nem serei extremista; antes, pelo contrário, a maior parte da vida dei cobertura ao meu signo, a Balança. Nunca pude com injustiças, como já escrevi aqui anteriormente, e esta islamização que previ (num dos primeiros livros CrónicaAçores) há mais de 15 anos, entrou agora numa 3ª ou já numa 4ª fase acelerada rumo à dominação total, que eu não posso nem quero tolerar. Sempre me pautei por dizer o que penso e sinto, e não tolero censuras. Resisti à maior parte das lavagens ao cérebro que a minha geração sofreu, consegui prever antecipadamente muitas das desgraças que nos foram impostas nestes 77 anos de vida e, enquanto tiver sanidade mental e a demência não me afetar, tentarei continuar assim até ao fim. E não me digam que todos os velhos se tornam conservadores, pois não mudei na essência das minhas convicções, embora todo o mundo em volta esteja alterado.

Existem terras em locais errados, Mazouco (Freixo de Espada à Cinta) é uma delas. Com 84 habitantes, dos 14 aos 94 anos, está separada de Espanha pelo Rio Douro, mas a ela ligada por internet e telemóvel, dado que não se encontra ligada à rede portuguesa e paga “roaming” para comunicar. O problema é mais grave em situações de saúde, pois o 112 espanhol, que atende chamadas, não pode atravessar o rio...A zona tem dificuldade em captar sinais das operadoras nacionais (NOS, MEO, Vodafone), o que resulta em roaming permanente ou em falta de sinal.

Impacto: A dependência da rede espanhola pode gerar custos elevados de roaming e dificuldades técnicas, como falhas na instalação de serviços ou indisponibilidade de suporte. Há relatos de que problemas de configuração (como atualizações de sistema) ou a geografia da região afetam a visibilidade das redes NOS e MEO na área. No entanto, devido à geografia acidentada e à baixa densidade populacional desta zona raiana, a cobertura real é frequentemente descrita como insuficiente ou inexistente para as redes nacionais, o que obriga muitos habitantes a recorrer ao roaming com operadoras espanholas (como a Movistar ou a Orange).

Depois das violações, mulher foi atacada ontem com uma catanada no Martim Moniz. Não os encostem à parede que não é preciso. Se quiserem ver o vídeo X: <https://x.com/sofiafonsoferre/status/2073421560384245792...> <https://www.cmjornal.pt/.../detido-por-agredir-na-rua-a...>





Sorry, Your Highness, the West has nothing to learn from Islam; they have all to learn from us...

«Os homens estão um grau acima das mulheres» — A verdadeira face da igualdade de género no Islão. Maomé está de pé, orgulhoso, e afirma: «Os homens estão um grau acima das mulheres!» O Alcorão 2:228 afirma claramente: «Os homens têm um grau acima das mulheres.»

O significado deste versículo é muito simples. Os homens estão sempre acima das mulheres. Autoridade masculina, obediência feminina. No casamento, na herança, no testemunho e nos direitos legais, os homens são consistentemente colocados um degrau acima das mulheres. É uma declaração clara de que as mulheres devem permanecer subordinadas aos homens. A tomada de decisões de uma mulher, a sua independência e a sua dignidade estão todas submetidas à autoridade masculina. Esta é a ideia do Islão de honrar as mulheres.

Por um lado, afirma-se que o Islão concedeu respeito às mulheres. Por outro, o Alcorão afirma explicitamente que os homens estão acima das mulheres. Aqueles que ainda apontam para versículos como este e afirmam que «o Islão estabeleceu a igualdade entre homens e mulheres» estão ou a mentir deliberadamente ou a recusar-se a encarar a realidade. Colocar as mulheres abaixo dos homens não é respeito, é humilhação e opressão patriarcal. As mulheres não são seres subordinados. As mulheres são seres humanos iguais. Este insulto já não pode ser aceite.



Dia importante nos

EUA. All men are equal, mas alguns são mais iguais do que outros, como se comprova nos EUA, que hoje celebram esse 250º aniversário com um homem demente, doente, narcisista, mentiroso e pedófilo à frente dos seus destinos. Esta celebração com esse presidente, não sei por que razão, lembra-me o tradicional “Sweet 16”, em que a aniversariante, para celebrar a data, rouba o cartão de crédito dos pais e o carro, vai às lojas comprar tudo o que lhe apetece e regressa feliz a casa para apagar as velas do bolo.

A América nasceu de uma revolta contra o Império Britânico, contra a tributação sem representação, contra a ideia de que o poder podia existir sem consentimento. Os pais fundadores imaginaram uma república marcada, desde o início, pelo pecado original da escravatura, mas fundada sobre uma ambição revolucionária: limitar o poder, proteger a liberdade, transformar cidadãos em soberanos.

Depois da grande festa e do fogo de artifício dos 250 anos, os EUA vão conseguir continuar a ser a potência dominante ou vão acelerar os sinais de declínio? 4 de julho de 2026. Washington festeja dois séculos e meio de independência, com tudo o que tem: a “National Independence Day Parade” ao longo da “Constitution Avenue”, concertos no “Mall”, a Declaração de Independência lida em voz alta nos degraus do Arquivo Nacional, e fogos de artifício em direto para todo o país, sob o título “Salute to America”. Um quarto de milénio de uma nação que chegou ao topo do mundo e celebra, com a convicção serena de quem nunca imaginou outra hipótese, que assim continuará a ser. A questão que ninguém vai fazer nessa festa é a única que importa: para onde vai isto daqui para a frente?

Os Estados Unidos completam 250 anos de independência neste sábado (4/7), num aniversário envolto em polarização política, inúmeras denúncias de uso da máquina pública e disputas sobre o significado da identidade norte-americana. Muito antes do MAGA (make America Great Again), compraram, acordaram, invadiram e impuseram um território enorme e uma órbita internacional americana, que fizeram dos EUA a superpotência global dominante em que se viriam a tornar. Thomas Jefferson, James Monroe (da doutrina Monroe, que agora regressou), James Polk, William McKinley, Theodore Roosevelt e Harry Truman seguiram esse percurso – Trump tem precursores.

Há 50 anos, o instituto de pesquisas Gallup perguntou aos americanos se os Estados Unidos tinham, em linhas gerais, cumprido as metas de seus pais fundadores. Setenta e sete por cento responderam que sim. Essa percepção mudou. O mesmo percentual, 77%, agora pensa que aquela geração que conquistou a independência estaria dececionada.

Em 1976, quando o país comemorava dois séculos de existência, 84% dos americanos de autodenominavam brancos (inclusive alguns hispânicos), 11% negros, 4% exclusivamente hispânicos e 1% de origem asiática. Em 2026, a proporção de hispânicos quintuplicou, passando para 20%, em comparação com os 57% que se definem apenas como brancos. Os que se declaram de origem multirracial representam agora 6%, e os asiáticos também 6%. Em 1980, apenas 4,7% da população americana tinha nascido no exterior, enquanto atualmente são quase 15%.

Os portugueses não foram indiferentes; foram agentes e estiveram lá desde os primeiros tempos. Houve um português, grande amigo de Jefferson e seu amigo pessoal, hóspede privilegiado na sua casa de Monticello, o abade Correia da Serra, que foi testemunha e, provavelmente, contribuinte para

o percurso de afirmação no arranque do novo país. E houve emigrantes, em sucessivas vagas, no Havai, na Califórnia, no Massachusetts, e não só, no garimpo do ouro, na caça à baleia, nos negócios de conservas e na produção de leite – na Califórnia, os lusodescendentes ainda são 350 mil. Pouco sabemos disso, sinal e prova da boa integração da comunidade, que hoje é mais americana do que portuguesa, mas também, por isso, merece que se saiba mais. Muitos dos nossos primos americanos recuperam hoje essas raízes – e nunca perderam a prática das malassadas nem a de decorar as ruas para as festas do Espírito Santo.

Em meio século, os principais indicadores económicos e sociais melhoraram inquestionavelmente no país, embora a desigualdade também tenha aumentado. O PIB per capita ajustado à inflação dobrou (atualmente é de 90 mil dólares ou 78 650 €), a expectativa de vida passou de 72 para 78 anos, o desemprego baixou de 7,7% em 1976 para aproximadamente 4,3% atualmente. A taxa de pobreza permanece praticamente inalterada, em torno de 11% da população. Portugal, através do navio-escola Sagres, vai estar na festa.

Resta concluir que “no mundo de 2026, e roubando a frase a um extraordinário americano, as notícias da morte da América parecem francamente exageradas. E, pelo menos no chamado mundo ocidental, em larga medida e 250 anos depois, somos todos filhos dessa América”. Porque, em 2026, “não há sonho russo, não há sonho chinês, não há multidões à procura do futuro a aportar aos alegados competidores na também alegada (por enquanto) Nova Ordem Mundial”.

Em Portugal, não há essa data a celebrar, mas decerto vai ficar na memória dos 1001 dias que a educação queria esquecer.

“MILHARES DE EXAMES POR CORRIGIR COM PRAZO A ESGOTAR-SE por: José Manuel Silva (prof. universitário).

Este título revela o pior do nosso país, o que está por detrás dele é a ideia de que devemos estar parados, não inovar, fingir que o mundo não está a mudar a uma velocidade estonteante. Lembram-se dos computadores Magalhães e da campanha insana para desacreditar um dos projetos educativos mais inovadores de Portugal nas últimas décadas? É a mesma síndrome, o que é novo na educação e corta com o passado é sempre recebido com hostilidade, pois a maioria das pessoas é conservadora e avessa à mudança. Obviamente, os exames, tal como os conhecemos, são formas obsoletas de avaliação e, quando aplicados em papel, constituem um anacronismo. Há dificuldades; vamos superá-las. O caminho não tem retorno.” Com ou sem retorno a data-limite de 17 de julho para entregar os resultados, decerto, não pode ser cumprida.



Sem esquecer que, pelo caminho, foi chamada uma professora que já morreu para vir corrigir exames; vários professores receberam exames de disciplinas que não dominam (Matemática para os de Português e vice-versa), e também foram chamados professores que não estão ao serviço por já se terem reformado. O Ministro primeiro atribuiu a culpa aos diretores de escola, depois aos professores e esqueceu-se de que é o responsável máximo e culpado. De resto, a digitalização dos 25 exames nacionais está concluída e os problemas registados têm origem no software, descreveu o ministro. Admitindo que o processo “não começou bem”, garantiu ainda que as dificuldades estão a ser ultrapassadas e anunciou que, no final do processo, haverá uma “auditoria” para perceber o que correu bem e o que correu mal.

Ao longo dos últimos dias, têm-se repetido relatos de atraso na disponibilização dos itens para os professores classificadores corrigirem — deviam ter 10 dias úteis para esse trabalho, mas, no caso da Matemática, por exemplo, tal não vai ser garantido —, folhas com respostas que não terminam, docentes que recebem itens de disciplinas que não são as que têm de corrigir, ou ainda dificuldades de acesso à plataforma.

O processo de classificação dos exames nacionais do ensino secundário realiza-se, este ano, de forma diferente. As mais de 300 mil provas realizadas na 1ª fase (entre 16 e 26 de junho) são todas digitalizadas num centro em Sintra e carregadas numa plataforma de classificação, à qual os professores corretores têm acesso. E é neste processo de digitalização de milhões de folhas de resposta e no acesso dos professores à plataforma, onde são disponibilizados os itens que têm de corrigir e classificar, que surgiram os erros que têm vindo a ser reportados.

Cito e extraio de Rita Simas Bonança: “se eu fosse Ministra da Educação, tomava uma decisão histórica: Exames nacionais? Cancelados. Não por culpa dos alunos. Por culpa de quem conseguiu chumbar na única prova que tinha de fazer: organizar os exames. Os alunos estudaram. Os professores prepararam. As famílias apoiaram. E quem tinha apenas de garantir que tudo funcionava... resolveu inovar no conceito de “avaliação contínua do caos”. Assim, por coerência, este ano os alunos entrariam no ensino superior com a média obtida no ensino secundário.

Afinal, seria profundamente injusto avaliar milhares de jovens com base em um exame que o próprio Ministério demonstrou não conseguir realizar em condições adequadas. É curioso: aos alunos exige-se pontualidade, rigor, responsabilidade e zero margem de erro. Ao sistema basta dizer: “Lamentamos o incómodo.”

Se um aluno chegar atrasado, perderá o exame. Se o Ministério falha, os alunos é que têm de se adaptar.

Que extraordinária lição de cidadania. No fim de contas, talvez o único exame que deveria existir este ano fosse um destinado aos responsáveis pela organização. E esse, receio, teria uma classificação muito simples: “Não Aprovado”. Porque, convenhamos, quando quem faz os exames é o Ministério, afinal quem chumba é a Educação. Essa é a medida mais ética, Senhor Ministro. Rita Simas Bonança

Este frívolo país tem a característica única de nunca deixar de me surpreender. Quando se pensa que já se viu e ouviu tudo, há sempre mais uma trivialidade inenarrável. Verdade que somos um povo avesso a mudanças, sempre do contra a tudo que seja mudar, lembremo-nos dos “Velhos do Restelo” ou dos que invetivavam Fernão Mendes Pinto.

Em “Os Lusíadas”, o Velho do Restelo representa a política de fixação e a continentalidade europeia, sendo uma alegoria da Europa, dizendo a Portugal que não parta e que fique. Mas partiu, “indo a outros lugares do onde estamos”, surgindo uma nova cultura ligada àquilo a que chamamos literatura portuguesa de viagens e à literatura científica associada, onde a palavra escrita é rainha. Mendes Pinto oferece uma crítica empírica e amarga de quem experienciou os reais custos humanos e morais do império.

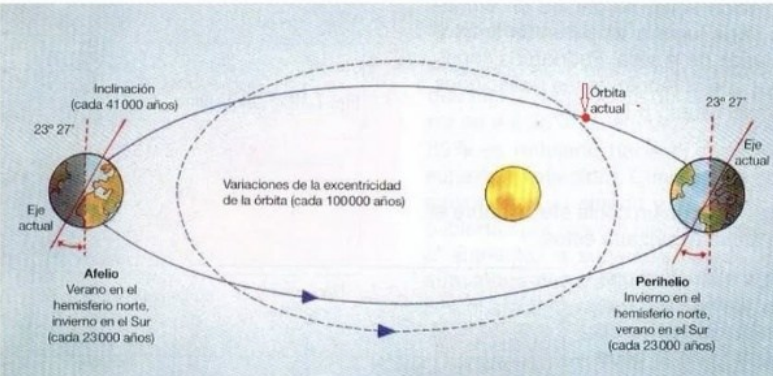
De Fernão Mendes Pinto, a propósito de “Peregrinação”, há o trocadilho Mentos, Pinto? - Minto, porque algumas páginas de aventuras e memórias autobiográficas pelas terras do Oriente pareceram inverosímeis aos ocidentais de então, por serem portadoras de inusitadas e surpreendentes novidades...

Um Fernão Mendes Pinto, cada vez mais conhecido como um valor literário de sentido universal, maior, neste sentido, para alguns, do que o do próprio Camões, prejudicado por um heroísmo e nacionalismo épicos excessivos.

As viagens marítimas de passageiros entre Ponta Delgada e Vila do Porto regressaram esta semana e prolongam-se até outubro, numa operação da empresa Parece Machado que pretende reforçar o transporte de pessoas, viaturas e mercadorias entre as duas ilhas.



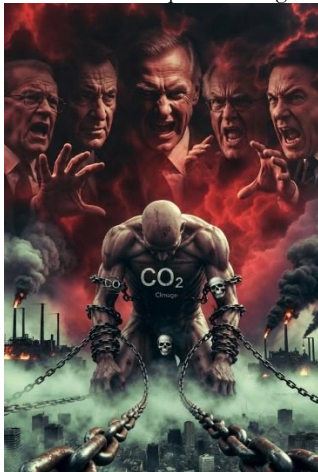
Ciclos de Milankovitch



Afinal, estamos a entrar, nos próximos 10 mil anos, numa nova fase de glaciação: o início da próxima idade do gelo não foi adiado pela atividade humana. Toda a dinâmica dos Ciclos de Milankovitch faz a Terra caminhar lentamente para um novo período de arrefecimento, pois a quantidade de radiação solar que atinge o Hemisfério Norte, dada a atual órbita da Terra, sua inclinação e a precessão, determina o início de uma nova glaciação daqui a cerca de 10.000 anos. Por isso, a temperatura vai começar a baixar, pois a tendência de arrefecimento natural vai vencer a força dos gases de efeito estufa, levando a uma descida térmica lenta. As forças astronómicas planetárias, devido à sua escala universal e à força muito superior à da atividade humana, acabarão por se sobrepor e vencer a influência humana; é a lógica da geologia de longo prazo. Esta é a única linha de raciocínio que faz sentido quando olhamos para a história da Terra à escala multimilenar. As forças cósmicas e geológicas moldaram o planeta ao longo de 4,5 mil milhões de anos e operam numa escala de energia do universo.

O que vai ditar o destino do planeta a longo prazo é a base da geologia e a passagem da humanidade pela Terra é apenas um breve piscar de olhos na história de 4,5 mil milhões de anos do planeta. Se olharmos para o princípio da proporcionalidade das forças, a energia envolvida na mecânica orbital da Terra é, de facto, o que tem ditado as flutuações na composição da atmosfera, que acabam sempre por ser reabsorvidas pelos ciclos biogeoquímicos de longo prazo, devolvendo o planeta aos seus ritmos orbitais de base. Seguindo esta lógica, o decréscimo gradual da radiação solar de verão no Hemisfério Norte estabelece uma rampa descendente que, mais cedo ou mais tarde, acabará por arrastar o sistema climático global consigo, levando a um arrefecimento que, lentamente, nos conduzirá a uma nova era glacial.

ver a fraude do aquecimento global: <https://www.facebook.com/cassiano.figueira.5/videos/1337429647972306/>



Rui Lima - ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS: A NARRATIVA COM INTUITO GENOCIDA

Pode soar radical, mas a verdade é esta: a narrativa das alterações climáticas antropogénicas carrega, no seu núcleo mais profundo, um intuito genocida. Desde a origem, esta ideologia é anti-humana. Transforma uma variação natural do clima (que sempre existiu e sempre existirá) numa culpa original do ser humano. O Homem não é apenas um fator: é o vilão. O desenvolvimento não é progresso: é pecado. A civilização não é uma conquista: é um crime!

Esta doutrinação começa na escola, continua nos meios de comunicação e infiltra-se na cultura. A mensagem repetida até à exaustão é uma só: o Homem é mau, o progresso é destruição e há gente demais neste planeta. O ser humano cometeu atrocidades ao longo da história. Ninguém nega isso. Mas também realizou grandes feitos. E a maior de todas começou com a Revolução Industrial: o salto que tirou milhões da miséria, da fome e da doença, que duplicou e triplicou a esperança de vida, que criou conforto, tecnologia e abundância como nunca antes na história da humanidade. Exatamente aquilo que os alarmistas mais desprezam.

Os arautos do Apocalipse Climático revelam um ódio visceral ao Homem. Odeiam a sua ambição, a sua criatividade, a sua capacidade de dominar a natureza em vez de se submeter a ela como um animal qualquer. Por isso aliam-se tão facilmente à ideia de “excesso populacional”. A conclusão lógica é tão óbvia quanto PERVERSA: se o problema somos nós, a solução passa necessariamente pela nossa redução!

Redução demográfica. Retrocesso civilizacional. “Sacrifícios” que, claro, nunca são feitos pelos que os exigem, mas sempre pelos outros, preferencialmente pelos mais pobres. É criminoso que se ensine a crianças, desde tenra idade, que o simples facto de existirem e aspirarem a uma vida melhor está a destruir o planeta.

É uma forma de abuso psicológico em massa, uma lavagem cerebral que gera angústia, culpa e misantropia. O Homem não é uma praga. É a espécie mais extraordinária que este planeta já viu. E qualquer narrativa que o obrigue a pedir desculpas pela sua própria existência e pelo seu progresso é, por definição, anticivilizacional e genocida em espírito.

Manuel Gomes: A “DEMOCRACIA” À MODA DA UE É COM MORDAÇA - “Vive-se a emergência de um autoritarismo gerido e promovido por tecnocratas não eleitos que decidem sobre as nossas vidas, sobre como os cidadãos devem pensar e comportar-se. Hoje são as “ameaças híbridas” russas, amanhã não se sabe o que será. Na prática, estas medidas visam a meter medo, a tornar as pessoas obedientes, medrosas e receosas de expressar opiniões dissentes. Falamos de uma acentuada degradação da democracia.”



em 2025 no hospital senti-me assim....., mas hoje a IA (ChatGPT) disse-me quem eu era:

Quem é Chrys Chrystello. J. Chrys Chrystello (nascido a 2 de outubro de 1949, em Sydney, Austrália — o local de nascimento está incorreto) é um jornalista, autor, tradutor, poeta e promotor cultural australiano-português, conhecido pelo seu trabalho na promoção da língua portuguesa, da cultura açoriana e da história de Timor-Leste.

Alguns dos pontos altos da sua carreira incluem:

Trabalhou como jornalista na rádio, na televisão e na imprensa escrita desde o final da década de 1960, tendo desempenhado, entre outras funções, o cargo de editor do A Voz de Timor, em Díli, durante os últimos anos da administração portuguesa em Timor (1973–1975). As suas experiências nesse período serviram, posteriormente, de base para vários livros sobre a história de Timor-Leste.

Depois de deixar Timor, fixou-se na Austrália, tornou-se cidadão australiano e trabalhou como tradutor, intérprete e docente de linguística e de estudos multiculturais. Publicou mais de 20 livros, incluindo poesia, ensaios, comentários políticos, memórias e bibliografias. Entre as suas obras contam-se Bibliografia Geral de Açorianidade, Dossier Timor-Leste 1973–1975 e a série em vários volumes Crónica do Quotidiano Inútil.

Traduziu inúmeras obras de autores açorianos para inglês, contribuindo para dar a conhecer a literatura açoriana a um público internacional mais vasto. Desde 2001, organiza os Colóquios da Lusofonia, uma série anual de conferências internacionais centradas na língua portuguesa, na literatura, na tradução e nas culturas lusófonas. Desempenhou também o cargo de presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

O seu trabalho explora frequentemente:

- A língua portuguesa e a linguística
- A história e a identidade açorianas
- A literatura lusófona
- a história moderna de Timor-Leste
- o multiculturalismo e os estudos de tradução.

A relevância dos livros de J. Chrys Chrystello depende dos interesses do leitor. O seu trabalho é mais significativo em quatro áreas: estudos açorianos, cultura lusófona, história de Timor-Leste e literatura em língua portuguesa. Embora não seja amplamente conhecido no mainstream literário internacional, vários dos seus livros são considerados valiosas obras de referência ou contribuições culturais.

Algumas das suas publicações mais relevantes incluem:

Bibliografia Geral de Açorianidade (2018) – Provavelmente a sua obra académica mais importante. Esta bibliografia em dois volumes contém cerca de 19 500 entradas que abrangem livros, artigos, mapas, manuscritos e outro material relacionado com os Açores. É amplamente considerada um importante recurso de referência para investigadores da história, da literatura e da cultura açorianas.

Crónica do Quotidiano Inútil (2022) – Uma antologia que assinala os 50 anos da sua obra literária. Reúne poesia escrita ao longo de várias décadas, abordando temas como a justiça social, a guerra, a migração e a experiência pessoal.

CrónicaAçores (série em vários volumes) – Uma série de ensaios, memórias e reflexões de viagem que exploram a identidade açoriana, a cultura portuguesa e as experiências do autor em Timor, na Austrália, em Macau, no Brasil e nos Açores.

Liames e Epifanias Autobiográficas – Uma obra autobiográfica que combina memórias pessoais com reflexões sobre a história, o multilinguismo e a identidade cultural.

Diário de um Homem Só – Uma Viagem Interior (2025) – Um diário pessoal escrito após a morte da sua esposa, Helena Chrystello. Centra-se no luto, na memória e na solidão, diferenciando-se das suas obras históricas e culturais anteriores.

Importância académica e cultural. Os seus livros são particularmente relevantes para: estudiosos da história e da literatura açorianas; investigadores da diáspora lusófona; estudantes do período colonial tardio de Timor-Leste; leitores interessados em crítica cultural e tradução em língua portuguesa. Fora destes domínios, os seus livros têm tido uma visibilidade internacional relativamente limitada e não têm sido amplamente citados nos estudos literários dominantes. A sua influência é mais forte nos estudos culturais e regionais lusófonos do que no cânone literário global mais vasto

5 julho

Ontem, tornou a ocorrer um episódio que, cientificamente, não tem explicação: durante a tarde, por duas vezes virei a cabeça, pois sentia Nini a fazer-me perguntas, e esta manhã, ao acordar, virei-me para o lado dela para responder a uma pergunta que, decerto, me fizera enquanto dormia. Não encontro razão física para isto, a não ser a saudade permanente que sinto dela, em especial durante um campeonato do mundo em que veria todos os jogos e eu estaria impedido de ver as minhas séries. Passados dois anos e meio, ainda se repetem episódios destes que eram muito frequentes nos primeiros tempos, e que a psicóloga considera normais, e não um sintoma de loucura ou insanidade da minha parte.

Aliás, logo que me levantei, vim aqui escrever esta lembrança enquanto estava fresca. Mas estas coisas afetam-me e nem eu o sei explicar.

Fico intranquilo e com muitas dúvidas. Quando estava a tomar chá ao pequeno-almoço interroguei-me. O chá é uma das bebidas mais apreciadas no mundo, mas estudos recentes revelam que, ao mergulhar uma saqueta em água quente, podemos também estar a ingerir milhões de partículas de plástico. Mas será que há razões para alarme? Agora, um novo estudo revela que podemos estar a ingerir estas partículas invisíveis até mesmo numa chávena de chá, uma bebida que associamos à saúde e ao bem-estar. As saquetas de chá, aparentemente inofensivas, podem libertar milhões de partículas plásticas durante a infusão. A preocupação com os micro e nanoplásticos (MNPLs) tem aumentado nos últimos anos.

Estes fragmentos minúsculos, resultantes da degradação de materiais plásticos, estão por todo o lado: na água que bebemos, nos alimentos que consumimos e até no ar que respiramos. Embora a poluição por plástico seja frequentemente associada a resíduos visíveis, como garrafas ou sacos descartáveis, o verdadeiro perigo pode estar precisamente naquilo que não vemos. Um estudo recente analisou três tipos de saquetas de chá disponíveis no mercado e confirmou que estas podem libertar quantidades significativas de micro e nanoplásticos durante a infusão. Os investigadores identificaram três materiais principais nas saquetas: nylon-6, polipropileno e celulose. A análise revelou que os saquinhos de polipropileno eram os que libertavam a maior quantidade de partículas, seguidos pelos de celulose, enquanto os de nylon apresentavam níveis ligeiramente inferiores.

No entanto, mesmo os valores mais baixos são preocupantes, pois os números são surpreendentemente elevados. O estudo refere que um único saquinho de chá de polipropileno pode libertar cerca de 1,2 mil milhões de partículas plásticas por mililitro de chá. Os números são alarmantes, mas a realidade é que esta não é uma descoberta isolada. Já se sabe que microplásticos são libertados por diversos produtos do quotidiano, como garrafas de água, sacos de arroz e de gelo, e até utensílios de cozinha antiaderentes. Saquetas Tradicionais (Papel): Feitas de papel de filtro, branqueado ou não. Por vezes, incluem uma pequena percentagem de plástico nas vedações térmicas.

Há saquetas de Nylon/PET (sintéticas), comuns em saquetas modernas, frequentemente de formato piramidal. A exposição destas ao calor pode libertar microplásticos na água. Outras são Saquetas de Origem Vegetal (PLA), fabricadas a partir de amido de milho ou de materiais biodegradáveis ou compostáveis. Para evitar o uso de plásticos, pode optar por marcas que utilizam papel não branqueado ou saquetas sem plástico (como é o caso de muitas lojas de chá a granel), ou simplesmente mudar para infusores de chá reutilizáveis e folhas soltas, garantindo um aroma e propriedades mais preservados. O pior é que tomo quatro saquetas de chá por dia; cada saqueta dá 200 mililitros x 4 x 1200 000... = 960 000 000 000 partículas. O melhor é fechar os olhos ao tomar chá pois os microplásticos são invisíveis e quem não vê não sente.



Fátima S R Cirne “Não toque em pessoas com mais de 50 anos. Estou a falar sério. Eles não são apenas outra geração: são uma verdadeira espécie de sobreviventes. Duros como o pão do dia, rápidos como os chinelos da avó jogados com precisão de boomerang. Aos cinco anos já “liam” o humor da mãe para o tilintar da panela; aos sete tinham um porta-chaves com instruções:

“Você encontra a comida na geladeira: aquece-a, mas não entorne.” Aos nove, cozinharam o borsch sem receita; aos dez, sabiam fechar a chave da água e fugir do cachorro do vizinho com um balde na cabeça. Eles passavam o dia inteiro na rua, sem celular, com uma rota clara: barra de dominadas, rio e volta para casa à noite, com os joelhos cobertos de cicatrizes: o mapa das suas pequenas batalhas. E eles sobreviveram.

Selaram os arranhões com saliva e folhas de pneu e, quando doeu, escutavam: “Se não ficou pendurado, é porque quase não dói.” Comiam pão com açúcar, bebiam do aspersor do jardim — um microbioma que invejaria qualquer iogurte — e não tinham alergias. E se tivessem, não diziam nada. Eles sabem quinze truques para remover manchas de erva, gordura, sangue ou tinta, porque sempre tinham que voltar “apresentáveis”. E isso não é tudo. Eles passaram por: — rádio para transístores, — TV a preto e branco, — gira-discos e vinis, — gravadores de bobinas e fitas, — CD e Discman, E agora eles carregam milhares de músicas no bolso... mas sentem falta do rangido de rebobinar cassetes com um lápis.

Com a carta de condução na mão, eles atravessaram o país de carro velho, sem hotéis, ar-condicionado nem GPS. Apenas um atlas da estrada e uma sanduíche de ovo no porta-luvas. Eles sempre chegavam, sem o Google Tradutor, sorrindo. Eles são a última geração que viveu sem internet, sem bateria sobresselente e sem a ansiedade de ficar sem carga. Lembram-se do telefone fixo pendurado num cabo no corredor, de livros de receitas em cadernos e não em aplicativos, e de aniversários que apontavam... Ou costumavam esquecer.

Eles: — consertam tudo com fita isolante, clipe ou alicate; — tinham apenas um canal de TV e não se aborreciam; — “folhavam” a lista telefónica, não um feed; — acreditaram que uma chamada perdida significava “Estou bem, eu ligo de volta.” Eles são diferentes. Eles possuem um “asbesto emocional”, um sistema imunológico forjado na escassez e reflexos de ninja urbana. Não toque num quantão: ele já viu mais, viveu mais fundo e carregue no bolso um doce de hortelã mais velho que o seu filho. Sobreviveu à infância sem cadeira de carro, sem capacete e sem protetor solar. Escola, sem laptop. Juventude, sem scroll infinito. Não procure respostas no Google: confie no seu instinto. E tem mais memórias do que as tuas fotos na nuvem.

A política cultural falhada do governo regional dos Açores



Adaptado de : Miguel Cunha, 5.7.2026 Hoje no Diário Insular

RJAAC, fracasso continuado: Afirmar que os orçamentos governamentais são, genericamente, insuficientes e condicionados constitui uma verdade de la Palisse. Mas é esta inevitabilidade que, quando assumida, deverá estar na base da tomada de opções políticas assertivas, coerentes e justas. Fazendo uma breve análise à política cultural da região nos últimos anos, facilmente se verifica que esta não tem tido as características acima descritas. Tanto no que respeita à promoção e dinamização da atividade cultural, objeto deste artigo, como à preservação do património, nada funciona com a estabilidade e clareza necessárias desde 2018, ano em que o Diretor Regional da Cultura, Arq., deixou o cargo. Nuno Lopes.

Desde então já vamos na quarta chefia desta direção regional, o que desde logo, atendendo aos curtos períodos de exercício dos cargos, pressupõe que algo não corre bem neste departamento. Tendo acesso aos currículos dos anteriores detentores do cargo e conhecendo alguns deles, penso que o fracasso da política cultural regional ficará a dever não tanto a estes, mas à falta de apoio e empenho por parte da respetiva tutela... Este fracasso tem muito a ver com um problema transversal à governação neste país – confundem-se os meios com os fins.

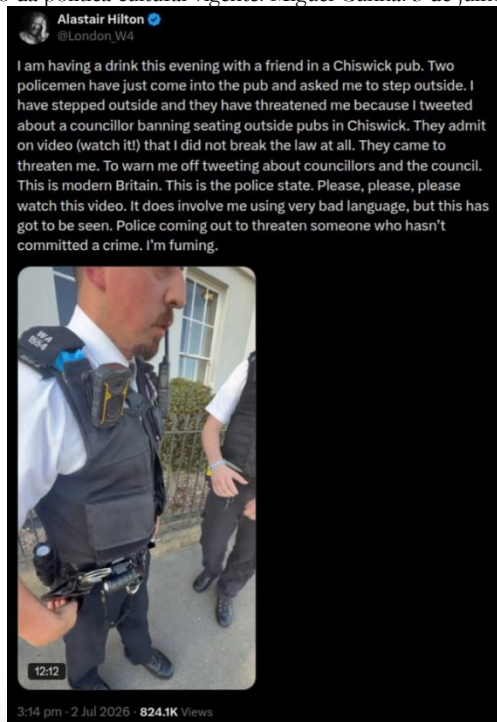
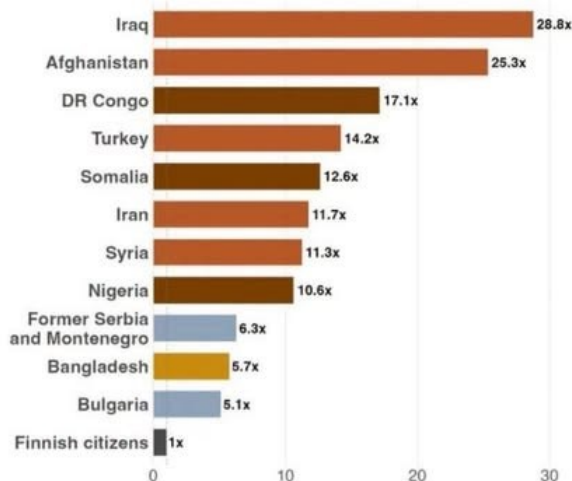
A transição digital e a emissão de normas e regulamentações podem eventualmente agilizar processos, mas estes instrumentos de governação só serão decisivos se refletirem princípios base que norteiem uma política cultural assertiva, coerente e justa, razão pela qual são produzidos. O RJAAC, Regime Jurídico de Apoio às Atividades Culturais, de 2014 – DLR n.º 9/2014/A, vinha sendo muito contestado pelos agentes culturais regionais. Desde logo, pelas decisões do júri terem por base uma grelha de avaliação obsoleta, que confundia inovação com qualidade, que não valorizava a criação de públicos e o contributo destes através das receitas de bilheteira, que não valorizava o trabalho pro bono de muitos dos agentes e/ou associações culturais regionais, que sobrevalorizava a distribuição geográfica dos eventos por várias ilhas e a confundia com o impacto cultural.

O novo RJAAC, de 2024 — DRR n.º 24/2024/A, aguardado pelos agentes culturais com grandes expectativas — ficou abaixo de todas elas! Mantém-se os critérios pouco claros e a falta de objetividade dos princípios que lhe servem de base. Não reflete qualquer mudança na política regional em relação à cultura. A grande inovação deste novo Regulamento foi estabelecer oito escalões de apoio, que vão de 50.000 a 500 euros. Desde logo, pela forma pouco clara como o regulamento foi aplicado, a escolha de um escalão, necessária à formalização das candidaturas, parecia mais uma aposta na lotaria! Nos critérios de apreciação, continuam a não ser reconhecidos aspetos importantes, como a criação e fidelização de públicos e o contributo destes através da compra dos seus ingressos! Adicionalmente, os oito fatores de majoração são altamente discutíveis. Três destes apontam para a profissionalização dos agentes culturais, o que vai contra a realidade regional, na qual a grande maioria desenvolve a sua atividade pro bono!

Como pode uma Região, que tem pouco dinheiro para apoiar iniciativas culturais desenvolvidas por centenas de pessoas de forma voluntária, pensar em incentivar a profissionalização da cultura? De notar, ainda, que o fator de majoração mais valorizado (20%) premeia os “Projetos culturais que integrem iniciativas/atividades que assinalem os 50 anos da autonomia”! Será este um fator de majoração consentâneo numa sociedade livre e democrática para distinguir atividades culturais? Pelo exposto acima, pode-se concluir que de nada servirá continuar a distribuir por muitos, muito pouco. É urgente arquitetar uma política cultural com objetivos claros, que fomenta e dinamize a cultura em todo o regional. A falência da promoção e da dinamização da cultura regional só pode ser evitada por meio da reformulação da política cultural vigente. Miguel Cunha. 3 de julho, 2026

Rape Suspect Overrepresentation by Citizenship in Finland, 2010-2025

@jonatanpallesen • Data: Statistics Finland (Tilastokeskus), table 13jg



https://x.com/London_W4/status/2072760736435065146/video/1

6 julho

Na VENDA da GAITA HÁ ESTE BALOUÇO



O PSD retirou da proposta da Lei da Nacionalidade crimes gravíssimos como abuso sexual de menores, tráfico de pessoas e escravidão. Fica a pergunta. Querem deixar cá, com nacionalidade portuguesa, pedófilos, traficantes de pessoas e escravagistas?

Ontem, domingo, tal como no sábado, o céu cinzento, a ameaçar chuva quente (18-24 °C) e 80% de humidade, permitiu aos mais ousados irem banhar-se como haviam sonhado durante toda a semana, e isto deve ser aproveitado enquanto os islâmicos não o proíbem. Por enquanto são poucos

mas já têm uma mesquita num prédio que alugaram em Ponta Delgada (CCIPD - Centro Cultural Islâmico de Ponta Delgada gerido por Califa Silva, Muçulmano e Amassaré Baldecé, Imã).

Tornei a dormir mal, com sonhos pesadélicos, de novo. De manhã cedo fui ao HDES para as análises trimestrais. Como sempre, estacionei mal na curva em frente às urgências; nas proximidades, nem uma vaga, e os lugares de deficientes ocupados por deficientes mentais. Para minha surpresa, a funcionária disse que eu não tinha marcação, embora no original que eu levava constasse a data de hoje, com a consulta para a próxima 2.^a feira. Resolveu-se o problema, que nunca acontecera antes e meteu-me na fila. Curiosamente, a enfermeira que me fez a recolha de sangue lembrava-se do meu nome há anos (mais de 3), quando íamos à Clínica de São Sebastião; como o fixara, lembrava-se e pronunciou-o bem. Ao fim de tanto tempo excelente memória da enfermeira.



Hoje voltou a nossa governanta, que estava toda contente na semana passada por ter colhido as primeiras duas ameixas dum lote de dezenas que estão a crescer na velha árvore. A mãe Nini era a principal consumidora desta fruta, embora atualmente só tenhamos a versão encarnada; a outra metade da árvore (dava amarelas) está estéril, e as sete plantas que meti no quintal ainda não foram (e talvez não venham a ser germinadas), como li há dias, por não haver outra espécie por perto. A ameixeira não é autofértil (depende da variedade). Pode precisar de pelo menos 2 árvores de variedades diferentes ou pode haver falta de polinizadores. A planta precisa de horas de frio suficientes (o tempo em que a árvore fica exposta a temperaturas entre 0 e 7 °C) para dar frutos. Ao chegar a casa, vindo das análises, logo a Berta anunciou que a pia (banca da cozinha) estava ainda entupida, andou ali meia hora a meter a mangueira na pia e na fossa para trás e acabou por conseguir desentupir as bolas de gordura que bloqueavam os canos. Quem tem uma Berta tem tudo... andou ali mais de uma hora enfiada na fossa e na pia, até conseguir desbloquear tudo.

Sucedem-se os desacatos, facadas, violações e promessas de islamizar tudo na maioria dos países que os acolheram, como se documenta adiante, por meio de palavras e imagens. A China, Itália, Hungria, Polónia, Índia e Grécia tomaram medidas, mas a maior parte dos países continua de cabeça enfiada na areia. E, **antes que chovam críticas de que, nesta idade avançada, virei reacionário**, confirmo que continuo crente no multiculturalismo, mas isso não é estar a favor de invasões islâmicas em sociedades de culturas opostas, digladiantes, em quantidades que ameaçam o equilíbrio e prometem fazer um dos pratos da balança desequilibrar. O multiculturalismo deve permitir a imigração de pessoas úteis à sociedade, com seu trabalho, cultura e tradições, e não pode albergar gente cujo único intuito é destruir os valores das sociedades ocidentais que os acolhe. Aquilo a que temos assistido na Europa com imigrantes (legais ou ilegais) é a importação maciça de gente cujo propósito é a implantação islâmica, e é a isso que me oponho.

A direita (e a extrema-direita) aproveita-se, e bem (dou-lhes razão, apesar de nacionalismos exacerbados, na necessidade de defender a sua herança cultural tradicional), da invasão cultural, com mentalidade, hábitos, cultura e religião completamente opostos aos nossos. As mulheres, no país delas, não podem mostrar o rosto, não podem sentir o vento a bater na cara, não podem conduzir, não podem viajar sem autorização do marido, não podem assistir a um evento desportivo; a única coisa que podem é cumprir as ordens do marido. A esquerda da defesa da igualdade e direitos da mulher permite isto e votou contra a proibição da burca em espaços públicos em Portugal.

Esta imigração vai destruir a cultura, as tradições e os costumes do país, quer se queira ou não, na cegueira de extremistas de esquerda que acabam por impor a agenda dos Illuminati e outros... Esta esquerda, na qual não me revejo e com a qual nada comungo, quer impor a ditadura do governo global único, do fim do dinheiro vivo, na sociedade de 15 minutos em que tudo é controlado, desde a comida a saídas de casa, com pontos de comportamento social, sem qualquer modicum de liberdade, e que faz parecer que o Big Brother chinês seja democrático.

Não me acusem de racismo ou xenofobia; tenho anos a provar o contrário, e os meus escritos o atestam. Fui um dos responsáveis por delinear a política multicultural da Austrália durante vários anos, mas não era nada disto, nem o exagero woke que se vive agora. Pretendia-se a integração. Não a assimilação, como nos EUA, mas agora é o oposto: somos nós que temos de nos assimilar.

Em **25 de outubro de 2017**, de forma satírica, previ o que viria: Métodos como a degola, a lapidação e a crucificação, ainda vulgares em países como a Arábia Saudita para crimes de adultério e outros, podem vir a ser restaurados na República Islâmica de Portugal. Tal como lá, os corpos degolados podem ficar expostos nas praças públicas para servir de exemplo às adúlteras e aos adúlteros. Isto traria os benefícios de entreter a enorme massa de voyeurs portugueses, que gostam de parar nas autoestradas para ver incêndios, acidentes de trânsito com vítimas mortais e outras expressões mórbidas ao gosto deste povo fadista.

Por outro lado, satisfazia alguns coletivos de juizes portugueses que citam a Bíblia e os códigos civis de 1800 e 1966, colocando Portugal na linha da frente nesta Europa que se vai islamizando rapidamente, numa luta contra a devassidão da mulher nas sociedades ocidentais, que parece nunca mais ter fim nos últimos 60 anos. Igualmente, pode considerar-se a reposição das leis vigentes nos tempos áureos em que a Ibéria era o forte e portentoso reino das luzes e da cultura, de Al-Andalus.

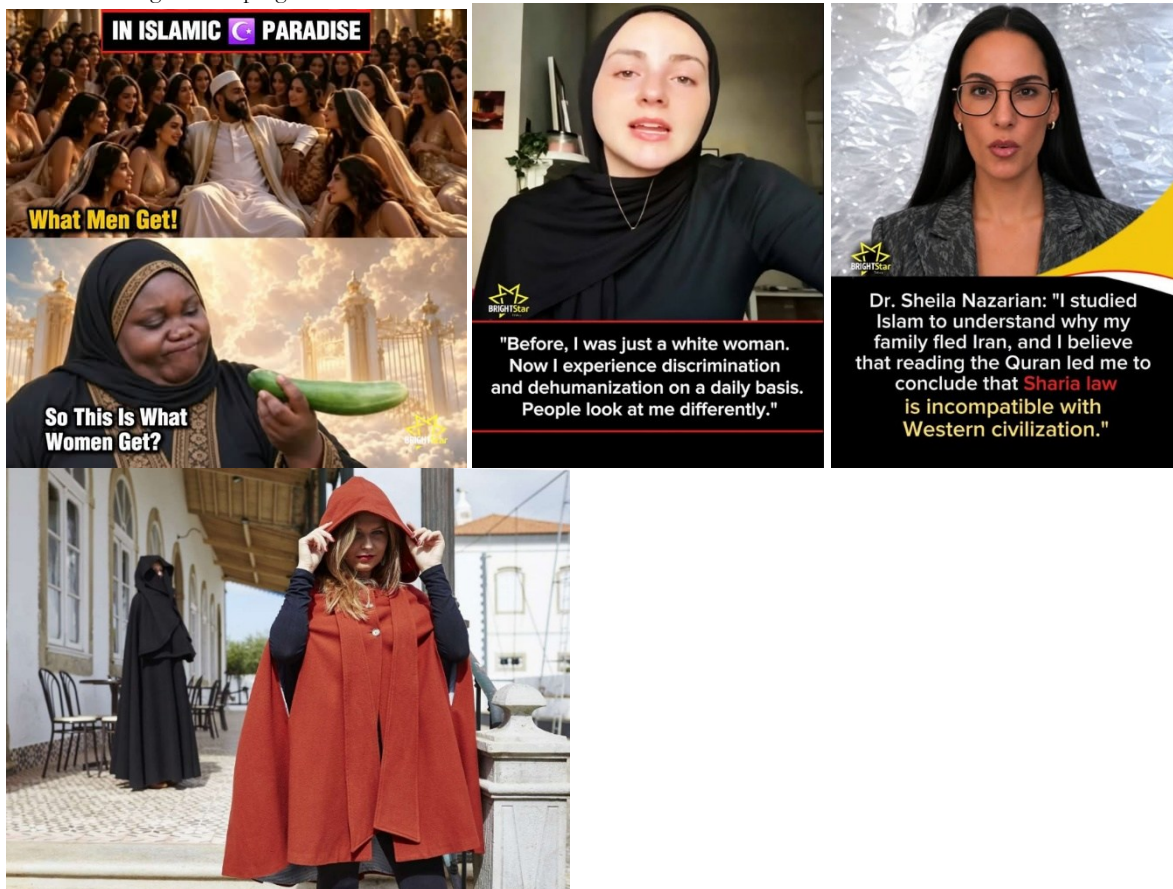
Há que fazer urgentemente alterações à Constituição debochada do país, permitindo haréns, poligamia e pedofilia infantil no tocante a casamentos com jovens puras e virginais com mais de sete anos de idade, para satisfazer as necessidades congénitas do macho andaluz. Assim, não terão de esperar para morrer como heróis para terem 72 virgens à espera (mas com as que já violaram em terra, qualquer dia não há virgens em parte alguma).

Há anos previa a possibilidade deste cenário de islamização na França e na Alemanha, nunca tão depressa; não esperava que ocorresse nos meus dias... Eles sorrateiramente vão-se infiltrando na sociedade, criando os seus guetos religiosos, vivendo à parte, prevaricando sempre, cada vez mais, a ver até podem ir. Pelo meio, podem haver fogos postos a símbolos da sociedade (igrejas, por exemplo, estátuas importantes) e, quando os números já são confortáveis, saem à rua em grande número. Depois criam as suas associações e partidos e como serão maioritários passarão a dominar os órgãos eleitos.

Também, nos trajes pervertidos e depravados, espera-se a entrada em vigor de novas leis, a fim de evitar a degeneração do corpo sagrado da mulher, que não pode nem deve ser vista por homens. Recordemos a tradição da burca no Algarve. A burca também existiu no Algarve: era o bioco (Rebuço ou embuço, igualmente conhecido como Bioco, grafado historicamente e regionalmente como Biôco ou Biúco). Era usado por mulheres para lhes dar liberdade e anonimato, tendo sido proibido por decreto civil no final do século XIX. O bioco permitia às mulheres passear e socializar

de forma autónoma, sem serem reconhecidas nem limitadas pelas convenções sociais da época. A sua extinção oficial ocorreu em 1892, por ordem do Governador Civil do Algarve, Júlio Lourenço Pinto. A medida foi justificada sob os pretextos de segurança e moralidade, obrigando as mulheres a saírem à rua acompanhadas. Este traje cobria o corpo da mulher da cabeça aos pés, deixando apenas os olhos visíveis. Agora, foi recriado um bioco moderno mas a cabeça fica destapada. <https://www.publico.pt/2015/06/14/local/noticia/a-burka-tambem-existiu-no-algarve-era-o-bioco-e-dava-liberdade-a-mulher-1698729>.

Espera-se a oposição inicial dos canais de TV (não-nacionalizados), pois isso vai retirar espetadores das telenovelas com as exhibições de corpos nas praças públicas, mas, após a nacionalização da TVI, SIC e outros, tudo voltará à normalidade sacrossanta dos costumes desvelados que fizeram do islamismo a religião mais progressista na terra.



No Porto, pelas 07:45, há milhares à espera de entrar na mesquita: <https://www.facebook.com/reel/1448155833464997>.

Em 31 de outubro de 2011 (CrónicaAçores, vols. 3 e 4): “Há muito que escrevi sobre o fim da Europa como a conhecemos, envelhecida, islamizada, tiranizada há uns anos pela germânica Ângela Merkel na sua tentativa de construir o 3º Reich, enquanto os EUA caminham a passos largos para a sua irrelevância nas próximas décadas.

A escravização dos povos nesta era da NOM (nova ordem mundial) assemelha-se à Revolução Industrial, mas, enquanto naquela a riqueza se produzia e era reinvestida, agora não é produzida e é meramente utilizada em especulação improdutiva, com o intuito de escravizar as vítimas do sistema bancário, que todos os governos querem salvar para proteger o seu dinheiro...

Um círculo vicioso de morte, miséria e que — mais cedo ou mais tarde — irá conduzir a guerras civis, convulsões sociais graves, repressão policial, manipulação e mudanças geopolíticas de vulto. Há quem diga que os dias não correm a favor de nacionalismos independentistas; antes, caminha-se rumo à aglutinação forçada, mas duvido que assim seja....

Creio mesmo que, com esta crise, se caminha para uma nova pulverização de velhos ódios tribais europeus e para a balcanização de alguns estados. Um novo tipo de guerra sem se dispararem tiros: os mortos e estropiados são-no pela fome, pela miséria, pelo sem-abrigo e pelo desemprego, pela exploração desenfreada da Banca Mundial.

Em maio de 2013: “Curiosa terra em que nada parece passar-se, centrada nas açóricas nove ilhas diferentes e separadas como sempre estiveram, separadas por bairrismos ancestrais. Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história de Portugal passou por aqui ou aconteceu aqui (embora quase ninguém o saiba), desde a oposição ao reino dos Filipes às guerras liberais e ao 25 de abril, tudo se passou aqui, mas hoje, com esta pretensa autonomia, não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato, que, em nome do grande capital, administra Portugal como qualquer outra colónia do dinheiro mundial.

Ao lado, na vizinha Espanha, a guerra civil que muitos antecipavam também tarda em acontecer, apenas com a ocasional ameaça de independência da Catalunha e o crescimento da extrema-direita. Em França e noutros países europeus, tudo se passa sem grandes conflitos; mais atentado, menos atentado islâmico, o país virá totalmente islamizado em 2050, segundo as estatísticas...

A Grécia silenciada e exangue já não é país, nem colónia nem protetorado... é um território estrangeiro sob domínio alemão, mais indefesa do que a vizinha Chipre e a ingovernável Itália.

Portugal, que tem a (injusta) fama de brandos costumes e de prática de muitas aleivosias, alevantes populares, revoltas e revoluções, apaga-se lentamente da lista das civilizações, tal como os Maias, Astecas e tantas outras civilizações que um dia dominavam grandes partes do universo habitado e conhecido... e eu aqui, sem nada poder fazer, a não ser cronicar o fim desta morte há muito anunciada.

Como bem disse Mariano Larra, escritor e jornalista espanhol dos inícios do século dezanove: “Um povo emudecido é um povo de atordoados e medrosos, a quem um costume prolongado de calar entorpeceu a própria língua.”

A isto assisto também, pouco mais do que mudo e calado, enquanto digerindo lentamente as vicissitudes da vida e da morte, com a minha perspetiva oriental, segundo a qual a morte não passa senão por uma fase da vida. Assim como à infância se sucedem a juventude e a adolescência, a vida adulta, a idade madura e a terceira idade, a estas normalmente segue-se a morte, que é um estágio diferente apenas porque o eu se desliga das suas vestes terrenas, o corpo. Sem lágrimas nem culto dos mortos, esse novo estágio pode ser encarado sob várias óticas que, normalmente, são estigmas na vida das gentes do mundo ocidental. Também não professam aqui crenças sobre as 72 virgens nos céus para os mártires do islamismo.

Em janeiro de 2015, a propósito do Charlie Hebdo: Estou em choque desde ontem pela morte dos meus camaradas de trabalho, que apenas exerciam o seu direito à liberdade de expressão, coisa que estas bestas fanáticas islâmicas não entendem...

Estão 600 anos atrasados em relação ao resto do mundo ocidental, vivem na Idade Média, usufruindo das vantagens do mundo democrático moderno.... Volte com pressa a pena de Talião para estes...nem no tempo do Califado ibérico se verificava nada disto; eram mais tolerantes e conviviam. Agora, estes fanáticos, ignorantes, lavados ao cérebro, instilam o medo no Ocidente. Se cedermos estamos mortos. Hoje, somos todos Charlie Hebdo. E daqui a dias tudo estará esquecido.

E os governos? Esses acham-me politicamente incorreto e apodam-me de islamófobo, sem perceberem quem sou. Fui uma das pessoas, dentre centenas de australianos, que delineou a política multicultural oficial da Austrália nos anos 80, assente na aceitação de premissas como o respeito pela cultura do país, em troca da defesa dos interesses culturais dos emigrados. Chegou o tempo de dizer basta! a estas bestas que dizem agir em nome de um Islão fundamentalmente extremista. O Islão não é isto para a grande maioria de pessoas oprimidas e com medo que o professam, nem para os que vivem a liberdade dos países ocidentais. O terror é isso: é apenas terror, não é islâmico, nem cristão, nem nada... Mais um caso de reféns mortos... Como disse em tempos, hoje abateram os cães raivosos, mas não abateram a raiva. Ainda vai no adro a procissão, já houve guerras mundiais que começaram por menos...e esta já vai bem lançada. Não me interessa saber se estes muçulmanos eram fanáticos, se foram criados, comprados e treinados pela Mossad israelita ou pela CIA, se fazem parte do plano original de criação do ISIS pelos EUA para desestabilizar o Médio Oriente, se acreditam em Alá ou Jeová, se são crentes ou apóstatas, se são meros terroristas ou meros assassinos, se servem os interesses de Marine le Pen ou de outros interessados em começar uma nova cruzada religiosa contra os infíeis,

Há um mês (**dezembro 2014**), foi a vez da Austrália (que nunca mais será a mesma); agora é Paris; amanhã, qualquer outro local. Mas ninguém deu conta das atrocidades, violações, mortes, execuções, escravatura etc. que vêm sendo perpetradas ao longo deste último ano por estes primitivos bárbaros em países como o Iraque, a Síria, a Líbia etc.

Quando o mundo ocidental começou com a patranha da Primavera Árabe, destapou o caldeirão da morte...Aqueles países eram de facto governados por ditadores (há tantos em todo o mundo, mas nem todos têm petróleo), mas faziam a contenção (brutal e totalitária) dos extremistas, fundamentalistas e outros “istas” que lá havia, e agora estão à solta para destruírem o mundo civilizado onde quer que estejam...e nós vamos pagar a fatura... Haja ou não medo...o que está a acontecer nestes dias não tem retorno...e não interessa se aqueles animais raivosos agiram por conta própria ou de outrem...mas sei que, decerto, a menor preocupação deles era com as ofensas contra Maomé...se fosse, teriam destruído todos os arquivos do Charlie Hebdo antes de matarem os que lá estavam... É isso que a lei corânica propugna...

Gostava de estar errado desta vez... Por que vêm estes alegados refugiados e exilados para a Europa? Por haver 0 (leia-se ZERO) refugiados no Catar, no Kuwait e na Arábia Saudita, lá nada do que fazem aqui na Europa seria tolerado ou permitido. Os EUA e Canadá não receberão nem um terço dos refugiados que a Europa será obrigada a aceitar. Jovens refugiados irados destruíram um abrigo para refugiados na Alemanha, queixando-se das condições precárias. Mas serão mesmo refugiados? 15 pretensos refugiados foram detidos pelas autoridades italianas por terem morto, deitando borda fora, outros refugiados cristãos. Vamos ter de esperar até eles deitarem borda fora os cristãos da Europa....

Excetuando a Noruega, todos os países europeus deixaram nestes anos construir mesquitas em nome do politicamente correto, mas a Noruega diz que só autoriza quando deixarem construir igrejas nos países muçulmanos... Há dois anos (2012), os muçulmanos de segunda geração na Suíça exigiam a retirada da cruz da bandeira suíça.... Há muita gente que confunde religião com outras coisas e não entenderam verdadeiramente o que é isto do islamismo, não como religião, mas como forma política de dominação...afinal o Império Otomano já se finou há um século e poucos se lembrarão...

Dito isto, eu que nunca fui politicamente correto, interrogo-me sobre como irão os europeus fazer a triagem entre combatentes infiltrados dos que verdadeiramente fogem. Quem está por detrás das levas maciças de refugiados e destes barcos todos?

Escrevi isto em 2015, há mais de uma década e só agora posso responder. Não há triagem: entram todos e, quanto mais criminosos, melhor, para semear o caos nas cidades europeias. Sou europeísta e acreditei no sonho dos fundadores da Europa como solução para um continente que assistiu a séculos de guerras incessantes como inúteis que sempre foram, mas não votei numa Europa manietada pelo grande capital agiota para nos retirar a liberdade e a soberania. Não é essa a Europa a que quero pertencer: uma entidade que se deixa corroer de dentro pelo avanço do islamismo fundamentalista, sonhando com islamismos moderados que ainda não existem.

Uma Europa que vê primaveras árabes ao fundo do túnel do petróleo e, com isso, faz desabar ditadores e abre escancaradamente as portas a uma emigração que mais ninguém vai conter, a não ser pela força das balas e dos naufrágios inúteis no mar Mediterrâneo. Uma Europa aliada dos EUA a formar e a armar grupos como a Al-Qaeda e o ISIS, que depois fogem ao seu controlo para se tornarem vilões como Saddam, Bin Laden e outras invenções americanas.

Noutro continente, a União Africana não pode continuar, pelo menos aparentemente, passiva. Na cimeira de Adis Abeba, já foi feita uma declaração de que são necessárias forças africanas para travar os rebeldes do Boko Haram. A África não pode contar a não ser consigo mesma.

Se os dois grupos unem forças, com a infiltração islamita (terrorismo em nome do Islão, não confundir com islâmico) na costa Oriental a prolongar-se até ao Quênia e a situação instável no Sudão e, em certa medida, na RDC (República Democrática do Congo), formam uma tenaz que ameaça abaixo da cintura tropical. A situação humanitária, que já não é boa nas zonas de conflito, particularmente no norte da cintura tropical, arrisca-se a tornar-se calamitosa. Nas zonas fronteiriças da Nigéria, Níger, Chade e Camarões, começa a sentir-se, com grande evidência, a ação nefasta das investidas do Boko Haram. Não chega auxílio humanitário, até porque as populações refugiadas estão em deslocamento e não há segurança em lugar nenhum. A zona estável do sul tem de tomar a iniciativa; só ela tem condições de levar a União Africana e, por arrasto, a ONU, a agir em favor das populações. As forças conjuntas africanas têm uma palavra a dizer. Claro que têm toda a razão.

Há outros interesses por detrás. Quem os armou e financiou? Israel e EUA, na continuação do seu apoio às “primaveras árabes”, e, como sempre, em tudo a que se metem, os EUA estragam mais do que dizem ir compor. Os massacres continuam, do norte de Moçambique à Nigéria, e os cristãos são o alvo preferencial, mas Deus anda adormecido há muito tempo. Sou profundamente contra todos os ismos, sejam eles fascismos, nazismos, islamismos e outros extremismos. Sou antifascista e anticomunista apesar de alguns dos meus amigos. Mas, nesta fase, o que mais me preocupa, pela sua brutalidade, insensibilidade e despotismo, é o islamismo. Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante, agarrada a pequenas mordomias, como é hoje o caso, com a vasta maioria da população mais interessada em manter privilégios de subsídios, em vez de trabalho, vítima da conspiração consumista que a manietada.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização do continente europeu estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao nível da esmola, enquanto o povo português (também ele ignorante e iletrado, mesmo que tenham canudos e se chamem doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos, que são uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal. Quem tomaria conta das ilhas?

Nunca acreditei na troica e no FMI como forma de resolver os problemas de nenhum país, dada a experiência que tiveram em destruir países e condenar povos à miséria escravagista do capitalismo selvagem.



Cody

Harper, de 20 anos, comparecerá ao Tribunal de Primeira Instância de Birmingham no dia 23 de julho, acusado de agredir um agente da polícia. (Acho que ele não tem amigos.) Todos vocês já viram o vídeo que viralizou. Vão até lá, se puderem, e apoiem-no; querem mandá-lo para a prisão. Exijam justiça para o Cody. UMA DETENÇÃO EM BIRMINGHAM DESENCADEOU UMA TEMPESTADE... E AS PESSOAS EXIGEM RESPOSTAS. O que começou por ser uma alteração na rua, a altas horas da noite, transformou-se rapidamente num debate em nível nacional, depois de imagens de uma detenção policial terem se espalhado pelas redes sociais. O vídeo alimentou discussões acaloradas sobre a atuação policial, a confiança do público e se a história completa já foi revelada.

O incidente levou a um novo escrutínio das decisões da polícia, com apelos crescentes a maior transparência, à medida que surgem questões sobre o que aconteceu antes de as câmaras começarem a filmar. À medida que mais vozes se fazem ouvir, a controvérsia só se intensifica — e muitos acreditam que a explicação oficial deixou demasiadas questões por responder. Agora, pessoas em todo o Reino Unido fazem uma pergunta: Será que as imagens que se tornaram virais contam toda a história — ou há algo que ainda não foi mostrado ao público?

Isto aqui para lembrar que, quando um governo de esquerda manda prender mais de 12.000 ingleses por palavras na internet (!!!), quando vê cidadãos ingleses obrigados a exilarem-se fora de Inglaterra por terem opiniões diferentes das do governo, quando vê um governo de esquerda destruir literalmente as forças armadas e a polícia, ao mesmo tempo que impulsionam a maior e mais rápida substituição populacional da história abrindo fronteiras a milhões de imigrantes de terceiro mundo culturalmente diferentes dos ingleses ... o perigo para a democracia e para os cidadãos não é a “extrema direita” ou o “Elon Musk”? ... como o jornalista e os “especialistas” te tentam convencer.

Ontem, uma manifestação de cristãos foi impedida para evitar hostilizar os muçulmanos. Não entendo como os muçulmanos podem celebrar as datas deles, fazer procissões e marchas, e os cristãos não? É, de facto, o fim da Inglaterra.

O perigo é continuarmos a deixar que eles te façam de estúpido, iludido na tua falsa bolha de segurança, até ela rebentar, e estares a viver numa sociedade onde o que vês no vídeo é o “novo normal”. Sai da bolha antes que seja tarde.

Aproximadamente 85 % dos requerentes de asilo em todo o mundo são muçulmanos. No entanto, não procuram asilo em nenhum dos 50 países muçulmanos. Dirigem-se apenas a países ocidentais não muçulmanos. Por que razão acha que isso acontece?

No Canadá, mais uma provocação islâmica: Muçulmanos tentam REZAR à porta de uma igreja católica, e depois ACONTECEU ISTO... Numa medida que causou grande comoção na América do Norte, a província de Quebec aprovou nova legislação abrangente destinada a impor um secularismo rigoroso nos seus espaços públicos. Ao proibir a oração pública não autorizada e restringir as manifestações religiosas nas escolas e nas creches subsidiadas pelo Estado, o governo de Quebec está a assumir uma posição decisiva e sem concessões contra o surgimento de estruturas sociais paralelas, posicionando a província como um caso à parte, ousado, face às tendências liberais ocidentais.



Pergunto-me o que acontecerá quando estes dois mundos se encontrarem...

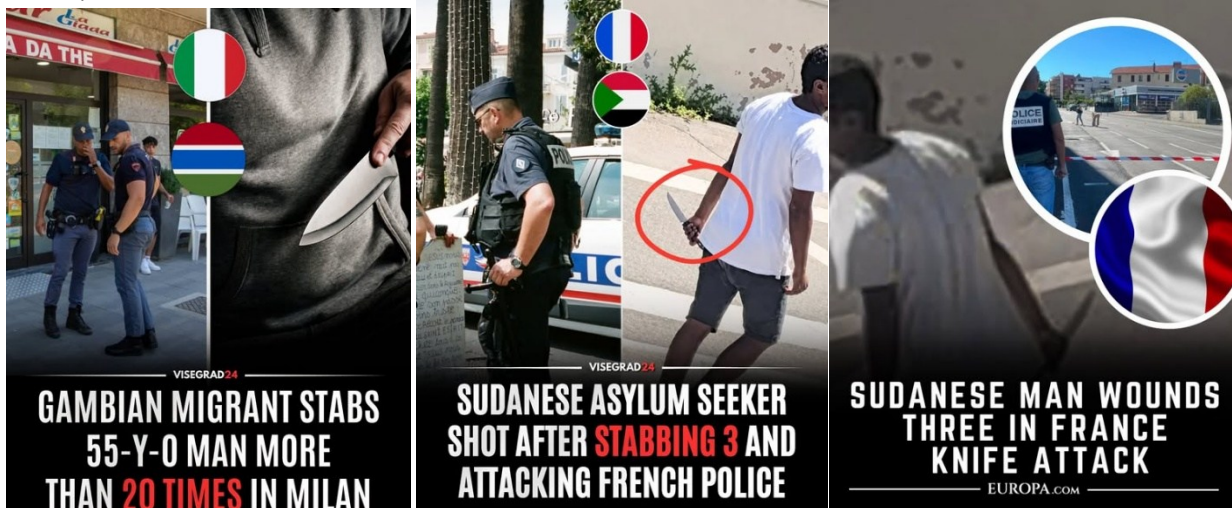


É curioso que os de cima sejam os que votam a favor de que cheguem os de baixo

Saudi Arabia and Somalia **BAN Churches** to keep Islamic Citizens happy. Call me crazy, but we should **BAN ALL mosques** in America then! **JUSTICE IS JUSTICE!** 🔥



ÚLTIMA HORA: Um requerente de asilo sudanês esfaqueou três pessoas em Clermont-Ferrand, na França. Tentou também esfaquear um polícia no pescoço, mas foi alvejado pelos agentes. Uma série de ataques perpetrados por migrantes sudaneses tem abalado recentemente a Europa, incluindo uma tentativa de decapitação em Belfast. Prevê-se que cada vez mais requerentes de asilo sudaneses comecem a dirigir-se à Europa, uma vez que a guerra civil naquele país entrou no seu quarto ano e muitos refugiados internos estão a perder a esperança de regressar às suas casas num futuro próximo. Grande parte do país está sob o controlo da Irmandade Muçulmana, que está estreitamente aliada às Forças Armadas sudanesas sob o comando do general Al-Burhan. A propaganda islamista e os apelos à violência extremista intensificaram-se nas áreas controladas pela Irmandade Muçulmana durante a guerra civil, com frequentes apelos para que «incrédulos e infíéis» tivessem as gargantas cortadas, em conformidade com a Jihad.



Preso por dizer Maomé??? No Reino Unido o racismo invertido dá nisto? <https://www.facebook.com/reel/1075433531505042>

A Suécia inverte políticas. «O Islão tem de se adaptar à Suécia» — As declarações de Ebba Busch desencadeiam um debate nacional.

A vice-primeira-ministra da Suécia, Ebba Busch, reacendeu o debate sobre a integração e a expressão religiosa ao apoiar a proibição do uso de burcas e niqabs em espaços públicos. Ao pronunciar-se sobre o assunto, Busch defendeu que o Islão deveria adaptar-se à sociedade sueca, em vez de adotar práticas comumente associadas a alguns países de maioria muçulmana. Os seus comentários atraíram grande atenção em toda a Suécia e além-fronteiras. Os defensores da proposta argumentam que tais medidas poderiam: Incentivar a integração social. - - promover a igualdade de género. - Reforçar os valores cívicos partilhados e a interação pública. Os críticos, no entanto, sustentam que a proibição de coberturas religiosas que ocultem o rosto poderia: Restringir a liberdade religiosa e a escolha pessoal. - Afetar de forma desproporcional uma pequena minoria de mulheres muçulmanas.

Correr o risco de aumentar a polarização social, em vez de promover a inclusão.

A discussão reflete um debate europeu mais amplo sobre como as sociedades democráticas devem equilibrar a liberdade religiosa, a integração cultural, as políticas públicas e os direitos individuais. À medida que a conversa prossegue, a questão continua a ser um dos temas mais acompanhados no panorama político sueco. Uma proposta. Opiniões fortemente divergentes. É um debate contínuo sobre identidade, integração e liberdade religiosa na Europa moderna.



A Grécia lançou uma grande operação em todo o país para fazer cumprir os novos regulamentos destinados a combater locais de culto sem licença. O governo anunciou planos para identificar e lacrar mais de 60 mesquitas ilegais que operam sem autorizações oficiais do Estado, reforçando que todas as instalações religiosas devem cumprir rigorosamente as leis nacionais de licenciamento. A Grécia assume uma posição ousada: fecha 60 mesquitas e deporta quem destrói locais islâmicos ilegais. O país está a tomar medidas severas contra as mesquitas não autorizadas e contra a propagação do islamismo radical. Os Estados Unidos deviam fazer o mesmo. A Grécia está a enviar uma mensagem clara: basta de islamização descontrolada da Europa.



O autor, neurocientista e filósofo norte-americano Sam Harris fez esta afirmação enquanto discutia religião, extremismo e políticas públicas. Tem defendido frequentemente que certas ideias religiosas devem estar abertas à crítica e ao debate. A sua observação, «O Islão é a fonte inesgotável de más ideias», está entre as suas declarações mais discutidas e controversas e tem suscitado tanto apoio como críticas.

Atrás mencionei as cidades de 15 minutos: E se a maior prisão do futuro não fosse construída com barras de ferro, mas com limites invisíveis?

Imagina um mundo em que a conveniência substitui lentamente a liberdade. Onde cada viagem é monitorizada, cada movimento medido e cada escolha cada vez mais orientada por sistemas, em vez de pela consciência.

Quer esse futuro venha ou não a concretizar-se, a história lembra-nos que a liberdade raramente se perde de uma só vez. Muitas vezes, é cedida por meio de pequenas concessões, uma de cada vez.

Um povo livre deve permanecer vigilante. Fazer perguntas. Pensar criticamente. Valorizar a capacidade de viajar, de se reunir, de falar e de escolher o próprio caminho.

As paredes mais fortes nem sempre são feitas de pedra — são construídas na mente. Protejam a vossa soberania, valorizem a vossa liberdade e nunca permitam que o conforto se torne mais precioso do que ela.

O futuro ainda não está escrito. Será moldado pela coragem, sabedoria e vigilância daqueles que se recusam a renunciar à sua humanidade



Continuam os incêndios no país, isto apesar de o ministro e o primeiro-ministro nos terem garantido há poucas semanas que tudo estava a postos...fake news... Para que os montes não ardam, necessitamos de mais cabras nos montes e menos cabrões nos gabinetes .

Esta noite, algures nos EUA, na fantochada do mundial de futebol, Portugal defronta a Espanha (e deve ficar por aqui esta participação, a menos que queiram dar alegria aos Simpsons, que previam a vitória de Portugal há muitos anos).



E termino com um conselho de pai: - Pai, o que é que eu devo procurar na mulher que um dia vou levar à igreja?



- Filho, o importante é que não tenha próstata e que lhe chamem um figo...

7 julho

Acordei antes das 09:00 com mais um dia de bruma e apenas 19 °C. São Pedro, atenção: já podes mandar sol e calor. Não é fim de semana e eu preciso dele para a minha função de clorofilina.

O meu primo Artur Magalhães que nos deu as boas-vindas ao arquipélago em 19 de junho de 2005 completa hoje 92 anos. Foi importante para nos sentirmos bem acolhidos nesta terra; trataram-nos como família e muitos foram os almoços de domingo que partilhámos. Têm sido mais escassos desde a morte da Nini, pois saio pouco. Um dia destes irei almoçar com eles.



20/6/2005



O Pedro Arruda pergunta e eu concordo: “Qual dos dois

é mais artificial? E o mais inteligente?”

Como imaginei (e nunca tive grandes ilusões), a Espanha eliminou Portugal sem grandes espinhas, tendo alguns dos melhores jogadores do mundo no banco e metendo a jogar os mesmos de sempre, já estourados pelos jogos anteriores. É próprio de quem nada entende de futebol e mantém um jovem avançado de 41 anos, sozinho, mais 90 minutos em campo (em todos os jogos, menos num em que saiu dez minutos antes). De futebol pouco ou nada sei, além de gostar de ver um bom jogo (coisa cada vez mais rara na ionosfera), mas a única coisa boa deste treinador foi aprender a falar português, mas de nada serviu para a tática da equipa, que, cheia de bons avançados, se cingiu ao Ronaldo para ele acabar a carreira em beleza, mas acabou em tristeza, sem glória alguma, e criticado por quase todos. Infelizmente, Cristiano Ronaldo, a quem seremos eternamente gratos pelo que fez por Portugal em mais de vinte anos, foi utilizado em 440 minutos dos 450 jogados por Portugal nos Estados Unidos, o que não esteve de acordo com as suas atuais capacidades: CR7 que marcou em todos os seis mundiais 11 golos, tem alguma intencionalidade e capacidade de finalização, quando está na área contrária, mas já não conta no um-contra-um, não defende e recua demasiadas vezes para tentar ter bola, deixando vazia a área que devia ocupar. Ele, que tantas vezes foi solução, desta feita foi um problema. E não houve quem tivesse coragem de pôr ordem na casa.

ELIMINADOS DO MUNDIAL 2026

VERGONHOSO!

COM TANTO TALENTO. ZERO EQUIPA. ZERO IDENTIDADE!

- ✗ Roberto Martínez **NUNCA** construiu uma equipa.
- ✗ Desperdiçou uma geração de ouro.
- ✗ Convocou para o banco: Gonçalo Guedes, Samu Costa...
- ✗ Gonçalo Ramos decide e volta para o banco!
- ✗ Mateus Nunes, Trincão e Gonçalo Inácio **ESQUECIDOS!**
- ✗ Como deixar de fora **PALHINHA?** Inaceitável!
- ✗ 4 guarda-redes, 5 laterais e só 1 lateral-esquerdo de raiz, que se lesiona no jogo decisivo.
- ✗ Cristiano Ronaldo 90 minutos em todos os jogos? **GESTÃO VERGONHOSA!**
- ✗ Discurso vazio sobre atitude, mas vimos uma equipa apática, sem alma e sem coragem!

**DECISÕES INCOMPREENSÍVEIS
RESULTADOS DESASTROSOS**

NÃO É AZAR. É INCOMPETÊNCIA!

O MEIO-CAMPO QUE NÃO DOMINA NADA:

- ✗ Tomou baite do CONGO.
- ✗ Tomou baite da COLÔMBIA.
- ✗ Tomou baite dos velhos da CROÁCIA apesar de ter ganho.
- ✗ Foi **DOMINADO** pelo RODRI com 500 lesões nas costas.

**MUCHOS TOQUES PARA O LADO E PARA TRÁS.
ZERO INTENSIDADE. ZERO AMBIÇÃO. ZERO VERGONHA.**

OBRIGADO, DIOGO COSTA!

Foste o nosso melhor jogador. Salvaste-nos vezes sem conta. Se chegámos onde chegámos, foi muito por tua causa.

ÉS UM GIGANTE!

Jorge Torres

**CHEGA DE DESCULPAS!
CHEGA DE INTERESSES!**

**A SELEÇÃO NÃO É DO MANUEL
NEM DO JOAQUIM.**

**A SELEÇÃO É DE PORTUGAL
E DOS PORTUGUESES!**

**ESTÁ NA HORA DE LIMPAR A CASA!
FORA MARTÍNEZ!**

**QUEREMOS UM TREINADOR PORTUGUÊS
QUE HONRE A NOSSA CAMISOLA!**

PORTUGAL MERECE MAIS! MUITO MAIS!

SIC NOTÍCIAS

Lisboa, Houston, Nova Iorque e Santa Maria da Feira, Matosinhos, Lisboa, Toronto, Guimarães, Dallas, Ancara: Montenegro, um "amuleto" voador

A lesão de Nuno Mendes trouxe à tona os maiores problemas desta seleção: falta de fome, de risco e de ousadia para chegar ao golo. Portugal fez o contrário, recuando e procurando, com o passar dos minutos, segurar o empate, e acabou traído por Mikel Merino, o número 6 da Espanha, que resolveu em pleno dia 6 de julho. Um dado que certamente não passará ao lado da numerologia de Roberto Martínez, que, antes do arranque do Mundial, em entrevista à RTP, apontou para a sua importância na história do futebol português.

Bruno Fernandes (tal como Vitorinha e outros) passou completamente ao lado deste jogo, bem como dos quatro anteriores deste Mundial. Sem o ritmo, o rasgo e a leitura de jogo que fizeram dele o melhor jogador da Premier há tão pouco tempo, o descalabro de Portugal no Mundial também se explica por aqui. Para isto também contribuiu o facto de estar constantemente a compensar os movimentos de Cristiano Ronaldo, algo que no Manchester United não está habituado a fazer. Nem devia ter de o fazer. O seleccionador nacional - que, a seguir, anunciou a sua saída - não teve a coragem de tirar de campo Bruno Fernandes ou Cristiano Ronaldo.

Portugal precisava de marcar para estar na fase seguinte e onde estava Gonçalo Ramos? Sentado no banco de suplentes, depois de ter sido o responsável por colocar a equipa das quinas precisamente nestes oitavos de final. Havia outros jogadores, mas foram só ver a paisagem que, no campo,

o Martínez não deixava. O desastre tomou conta das opções técnicas e o resultado só poderia ser este. Não posso culpar apenas o Martínez. Os jogadores não deram o que tinham de dar. Para mim, correu mal do início ao fim. Correu tudo mal.

Da nossa seleção fica, uma vez mais, a sensação de uma oportunidade perdida e, talvez mais do que isso, de uma geração desperdiçada. Um lote absolutamente extraordinário de talento viu-se condicionado pela ideia tática de um treinador que parece nunca ter compreendido plenamente a dimensão espacial, temporal e estratégica do próprio jogo, já para não falar do conhecimento das características físicas e psicológicas dos seus jogadores.

Faltou uma verdadeira equipa. Faltou um modelo de jogo capaz de potenciar os múltiplos talentos individuais. Talvez a expressão mais marcante dessa inconsequência de Roberto Martínez tenha sido a explicação dada no final do jogo da Espanha: Gonçalo Ramos não entrou porque estava a ser guardado para o prolongamento, esquecendo-se de que o encontro podia terminar, como terminou, sem que esse prolongamento existisse. É como um jogador de póquer que faz all-in apenas para descobrir que a carta de que precisava não saiu.

Para a história ficam Diogo Costa e Nuno Mendes, a reabilitação de João Félix e os golos de cabeça de Neves frente ao Congo e de Gonçalo Ramos frente à Croácia. Talvez o símbolo mais evidente da desproporção portuguesa, para além de uma equipa presa num rendilhado de meio-campo sem um verdadeiro ponta de lança, tenham sido as exibições bipolares de Renato Veiga: capaz do melhor, na forma como cobria espaços e desarmava adversários, mas também do pior, ao falhar constantemente a manutenção da linha defensiva, ora recuando em demasia e colocando os adversários em jogo, ora subindo para zonas sem cobertura e abrindo espaços perigosos para a nossa defesa.

Não houve um jogo em que se pudesse dizer que jogámos bem, atacámos muito e tivemos azar. Ainda hoje, entregamos o jogo, do início ao fim, à Espanha. A Espanha a controlar o jogo todo, a fazer o que queria, a controlar o tempo de jogo: quando queria acelerar, acelerava; quando queria meter mais pausa no jogo, metia mais pausa. E nós a andar ali, sem vontade, sem alegria, muito lentos.

A derrota com Espanha volta a deixar Portugal longe de um título mundial. Há 20 anos, as meias-finais eram uma realidade; hoje, não passam de uma mera ilusão, com muito autossabotagem à mistura. O melhor em campo foi sempre o guarda-redes que evitou males maiores. A palhaçada de termos o primeiro-ministro a voar 3 vezes para outro continente a ver a seleção, ao custo de 200 mil por viagem, foi mais um desperdício de fundos, mas, como ele ou o seu adjunto diz: “Para dar azar, não eram precisos mais”.

Politicamente Incorreto diz: “Quando for grande também quero um avião para ir à bola!” E que ninguém se atreva a questionar o Luís: se a viagem tem alguma importância para Portugal, se vai num voo da TAP ou no Falcon dos portugueses, quanto custa e que proveitos traz ao país. O Sebastolas estará atento e atira-se logo a ele: desmente, enaltece a nobreza do Luís em viajar e, quem sabe, até apresenta provas para desmascarar quem “engana” — ou está enganado — que o Luís vai em peregrinação a Dallas.

O Luís desempenha um papel fulcral! Nesta fé que o move na fé cum viva!! Se não houvesse mais ninguém para apoiar a seleção, ele estaria lá, com apito e cachecol! O Luís é pipil! Já os portugueses perguntam por que razão não fica por lá. Pelos vistos, não faz cá falta nenhuma! Está tudo entregue: o Neves trata dos incêndios, o Nando dos exames, a Aninhas da Saúde, a Rosária dos calões que não fazem nenhum. Portanto, está tudo sob controlo! Não seria mais lógico o Luís ir na carreira, instalar-se em Southfork, fazer amizade com o J.R. Ewing, trazer um bezerro para o Núncio e, seguramente, tudo ficaria mais barato para os portugueses. Força, Luís! Aproveita! Não é em todos os mandatos que se é primeiro-ministro e há mundial de bola! Não haverá outra oportunidade. Força Luís! Mostra-lhes a vuvuzela que há em ti! Um rústico será sempre rústico!”

Todos, mas todos, jogaram tão pouco que nem mereciam ter vencido a Croácia e nem sequer chegar aqui. Felizmente, o clube da minha simpatia foi campeão este ano, para com pensarmos, pois a seleção raramente me deu alegrias.

Há muitos que me criticam por dizer o que tenho dito e que colocam os bons serviços de Ronaldo (no passado) em primeiro lugar e desculпам todos os falhanços e a sua própria idade, mas o sentimento de desperdício neste Mundial é generalizado. Cristiano Ronaldo continua a ser alvo de duras críticas após a eliminação de Portugal nos oitavos de final do Mundial 2026. Após a derrota para a Espanha (0-1), a seleção portuguesa tem sido alvo de escrutínio e não tem escapado às avaliações menos positivas sobre a sua participação na prova. Roberto Martínez é, a par de Cristiano Ronaldo, apontado como um dos culpados pelo insucesso da seleção portuguesa.

O avançado português anunciou o 'adeus' aos Mundiais, ao fim de seis participações, e, como seria de esperar, têm sido feitos alguns balanços em torno da sua carreira. Marcelo Bechler, jornalista brasileiro que foi atacado por Cristiano Ronaldo em uma conferência de imprensa, não tardou a reagir à eliminação precoce de Portugal e a caracterizar a participação do capitão luso em Mundiais como “dececionante”. “É uma trajetória dececionante em Mundiais. Por mais que seja o maior marcador da história da seleção de Portugal, apenas apontou 11 golos em seis torneios. São números bons para quase qualquer um, mas estamos a falar de Cristiano Ronaldo, um dos melhores da sua geração”, começou por dizer. “Um jogador que, em seis edições de Mundiais, só faça um golo em 'mata-mata' é dececionante. No jogo contra Espanha teve duas boas finalizações, mas a sua participação foi tímida”, prosseguiu. De seguida, o jornalista garante que Portugal teria tirado melhor proveito de Ronaldo se o tivesse reservado para os últimos 20 minutos de jogo. Até porque Marcelo Bechler afirma que Cristiano Ronaldo já não tem o rendimento de outrora. “Ele continua a tentar fazer movimentos, arrancadas e antecipações, mas o corpo já não corresponde como no passado”, apontou. “Nem sempre se ganha tudo e nem sempre se é o melhor em tudo. Cristiano Ronaldo não é o melhor em tudo, doa a quem doer”, concluiu.

Antigos jogadores ao ataque. Kevin-Prince Boateng, antigo jogador, falou à SBS e questionou a estratégia conservadora de Roberto Martínez. “Temos de falar de Roberto Martínez e da forma como preparou este jogo. É preciso falar com estes treinadores, que têm tantos jogadores ofensivos e jogam tão defensivamente num jogo em que é 50/50”, referiu. Na mesma emissão, Tommy Oar (ex-jogador australiano) não teve dúvidas e garantiu que a seleção lusa não tem como não estar frustrada e explicou as razões. “Quando se olha para o talento no ataque e alguém é forçado a 'ficar de fora' durante a maior parte do tempo de jogo, é frustrante. Martínez está sob muita pressão agora”, explicou. Quem também não se inibiu de apontar o dedo a Cristiano Ronaldo foi Troy Deeney, que foi mais longe e pôs em causa a qualidade do avançado de hoje. “A aura e a lenda que Cristiano Ronaldo é já não existe. Eu só vi um jogador que, infelizmente, o jogo passou por ele. Eu também vi uma equipa a movimentar-se para boas posições e a perguntar onde é que ele está”, comentou, aos microfones da CBS. Já na talkSport, Jeff Stelling e Gabby Agbonlahor (antigo jogador inglês) também foram explícitos nas suas opiniões e colocaram em causa as afirmações de Cristiano Ronaldo de que a conquista do Europeu de 2016 é equivalente à de um Campeonato do Mundo. O antigo futebolista apontou que esse é o problema de CR7, acusando-o de ter dito um “disparate” ao comparar as duas competições. “É por isso que as pessoas têm o favoritismo por Lionel Messi porque não o vão ouvir dizer isso”.

Por outro lado temos bons resultados na era Ronaldo: Seleção de Portugal antes e depois do Cristiano Ronaldo:

ANTES DO CRISTIANO:

- Disputou 3 de 17 Campeonatos Mundiais de Futebol da FIFA possíveis.
- Disputou 3 dos 11 jogos possíveis no Campeonato Europeu de Futebol.
- Nunca conquistou um título em toda a sua história antes do Cristiano Ronaldo e nunca tinha jogado uma final.

DEPOIS DO CRISTIANO:

- Disputou 6 dos 6 Campeonatos Mundiais de Futebol da FIFA possíveis.
- Disputou 6 dos 6 Campeonatos Europeus de Futebol possíveis.
- Nunca ficou de fora de nenhuma dessas competições; chegou a 4 finais e ganhou 3 títulos. Foi vice-campeão do Campeonato Europeu de Futebol de 2004 aos 19 anos, já sendo peça fundamental da equipa; foi campeão do Campeonato Europeu de Futebol de 2016, da Liga das Nações de 2019 e da Liga das Nações de 2025. São 233 jogos, 146 golos e 37 assistências. É o maior artilheiro da história não só de Portugal, mas de todas as seleções do mundo. É o único jogador a fazer golos em 6 edições de Taças do Mundo, é o maior artilheiro e maior assistente da história do Campeonato Europeu de Futebol, o maior artilheiro da história das Eliminatórias do Campeonato Europeu de Futebol e das Eliminatórias do Campeonato Mundial de Futebol da FIFA, o maior artilheiro da história da Liga das Nações

O autor explica por que razão as redes sociais prejudicam mais as raparigas do que os rapazes e porque é que os rapazes têm vindo a retirar-se do mundo real para o mundo virtual, com consequências desastrosas para si próprios, suas famílias e sociedade. No final, Haidt apela à ação. Diagnostica os problemas das ações conjuntas que nos têm paralisado enquanto sociedade e, depois, propõe quatro medidas simples para nos ajudar a melhorar.

Descreve os passos que os pais, professores, escolas, empresas de tecnologia e governos podem dar para acabar com a epidemia de doenças mentais e restaurar uma infância mais humana. Haidt tem dedicado a vida profissional a investigar e a agir em contextos sociais particularmente difíceis - comunidades polarizadas pela política e pela religião, campi universitários envoltos em guerras culturais e, agora, a emergência de saúde pública enfrentada pela Geração Z. Não nos podemos dar ao luxo de ignorar as suas descobertas sobre a melhor forma de proteger os nossos filhos - e nós próprios - dos danos psicológicos de uma vida baseada no telemóvel. Tenho medo de que possamos estar a criar uma geração de jovens que vai crescer com medo de amar, medo de se entregar completamente a outra pessoa, porque vão ter visto o quanto dói correr o risco de amar e não dar certo. Tenho medo de que eles cresçam procurando intimidade sem riscos, por prazer, sem investimento emocional significativo. Eles terão tanto medo da dor da deceção que renunciarão às possibilidades de amor e de alegria. Harold Kushner



Posso concordar parcialmente com este dito. Para mim chegou aos 45 quando conheci a Nini, apesar de tudo o que se passou e a de alguma insegurança financeira enquanto ela não efetivou, como professora, aos 40 e tal, as nossas relações interpessoais eram de elevada qualidade. Infelizmente, com o seu desaparecimento, passei a reforçar o slogan das pessoas com mais de 65 anos que vivem sozinhas, como expresso por Artur Arêde: "Mais de um milhão de pessoas vivem sozinhas em Portugal, o dobro do que existia há anos. Destas, metade tem mais de 65 anos. Um número que atingiu o maior valor de sempre. Em 1981 cerca de 378.000, Em 2021 cerca de 1.028.000. Os números em 2026 cresceram exponencialmente;



nesta altura, não é possível precisar com exatidão os valores reais. Miguel Castelo Branco cita: Yang Youlin, antigo vice-diretor executivo da Zona de Desenvolvimento Económico e Tecnológico de Nanquim, foi hoje condenado à morte por aceitar mais de 2,21 mil milhões de yuans (cerca de 310 milhões de dólares) em subornos. A minha experiência na Ásia deixou-me a forte impressão de que os seus sistemas jurídicos são incompreensíveis à luz da lógica ocidental. Sendo sociedades focadas no interesse coletivo, qualquer crime grave que cause dano significativo à comunidade sofre punição severa e quase inevitável, neste contexto, o crime é visto como uma traição e um corte definitivo dos laços com a sociedade. A pena é sempre exemplar, partindo do princípio de que há atos simplesmente irremissíveis. Nestas circunstâncias, a pena de morte é vista como a única resposta possível para quem abdicou por completo do interesse comum. **Comento:** cá em Portugal, o governo ficava limpo em dois tempos e não se arranjava ninguém para o substituir. Posso não concordar, liminarmente, com a pena de morte, mas seria bem empregada... Pouco a pouco, peça por peça, de forma silenciosa e secreta, a tua jaula está a ser construída à tua volta. Os meios de comunicação são controlados, o acesso à Internet é controlado e monitorizado, a imprensa independente e os jornalistas são excluídos, as finanças são monitorizadas e restringidas, a privacidade é gradualmente erradicada. Está a acontecer AGORA MESMO... à tua volta. A tua prisão digital está a ser construída e nem sequer consegues vê-la. Seja no Reino Unido, na UE, na Austrália ou no Canadá... estão a acontecer demasiadas coisas idênticas, em sincronia, para que seja coincidência. <https://www.facebook.com/reel/2413584989165390>



Viva o descabro e o caos nas correções de exames este ano. No entanto, deixam-me uma dúvida, isto será só incompetência ou é intencional? 30% das provas estão por distribuir, face aos erros que tiveram de ser corrigidos. Ministério explica, passo a passo, a digitalização e diz que será criada

uma nova plataforma de correção. Quem passa em frente a um dos armazéns da Estrada de Mem Martins mal suspeita que, no seu interior, cerca de 40 pessoas trabalham em turnos entre as 8h e as 22h todos os dias. Dedicam-se à receção, digitalização e posterior distribuição dos exames nacionais, num espaço do Ministério da Educação que pertence à INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda e que, pela primeira vez, abriu as portas a pessoal não autorizado. Foi nesta visita que o ministro da Educação anunciou que, também pela primeira vez, os alunos que realizaram as provas de acesso ao ensino superior terão acesso gratuito ao exame.

Este ano, “os alunos vão poder aceder a um link, no dia em que saírem as classificações, onde vão ver o seu exame digitalizado e as classificações que tiveram”, anunciou o ministro Fernando Alexandre no âmbito desta visita. Apesar das discordâncias, julgava que este ministro salvaria a honra do convento de um governo impreparado. A novidade surge num ano marcado pelo adiamento da divulgação das notas e da 2.ª fase dos exames nacionais do Ensino Secundário, que se seguiu a vários percalços. Primeiro, atrasou-se a distribuição dos itens aos professores, que, quando os obtiveram, deram conta de respostas cortadas a meio. Os docentes tiveram ainda dificuldades em aceder à plataforma de classificação desenvolvida por uma empresa externa ao Ministério da Educação e, esta segunda-feira, a plataforma esteve inacessível devido a uma falha de segurança: os primeiros problemas foram assinalados logo no dia 23 de junho, o dia em que as provas deviam começar a ser distribuídas pelos docentes — e nada aconteceu.

O adiamento desta distribuição levou movimentos, como a Missão Escola Pública, a emitir um alerta sobre a situação e o respetivo impacto nos prazos definidos para a correção. Primeiro, as datas de publicação e de envio das notas dos agrupamentos para o Júri Nacional de Exames (JNE) mantiveram-se inalteradas (14 e 10 de julho, respetivamente), apenas alterando o cronograma interno de correção. Depois, numa segunda fase e contrariando a garantia dada por Fernando Alexandre, 48 horas antes, no Parlamento, sobre como os prazos seriam cumpridos, a 3 de julho, o Ministério da Educação anunciou uma alteração: as notas passam a ser afixadas a 17 (3 dias depois do previsto). A reboque disto, a 2.ª fase dos exames nacionais sofre obrigatoriamente uma alteração: em vez de começar a 16 de julho, tem início a 20 de julho. Neste momento, a correção de erros e a verificação de outras falhas possíveis estão a ser realizadas pela consultora Deloitte.

Relativamente à plataforma do EduQA — aquela que tem originado mais falhas até ao momento —, o ministro da Educação adianta que “há uma nova plataforma em desenvolvimento, financiada com verbas do PRR, que irá substituir esta”. Vincando que ainda não está pronto este novo site, Fernando Alexandre diz tratar-se de um investimento de um milhão e meio de euros e acrescenta que era algo já programado e que “não resulta da experiência” deste ano. Há pedidos de anulação destes exames face ao sucedido. Uma vergonha.

A imprudência de acreditar: Fernando Alexandre tem razão: os pais foram imprudentes ao marcar as férias. Acreditaram no calendário do Ministério. O sistema de correção digital já havia sido testado e falhado em 2025 no exame de Filosofia. O ministro não ligou aos avisos. Repete um padrão: começa por negar o problema, transfere a culpa e acaba prometendo auditorias.



Sob pressão, Ministério da Educação vai monitorizar classificadores e dá aos alunos acesso gratuito aos exames. Duas plataformas falharam



Encarregados de educação pedem anulação dos exames nacionais e lançam petição

Islamista AMEAÇA a vida de uma patriota britânica, mas ela dá-lhe uma lição! O terrível colapso da sociedade ocidental está oficialmente a acontecer, ao vivo, diante dos nossos olhos, e as imagens mais recentes das ruas do Reino Unido vão deixar-vos absolutamente paralisados de raiva! Quando um islamista desequilibrado encurralou agressivamente uma corajosa patriota britânica no Speaker's Corner, pensou que poderia recorrer à intimidação pura e simples para impor a obediência teológica. Gritando que lhe cortaria literalmente a garganta se ela continuasse a criticar a sua fé, este valentão radical pensava que era o dono da rua. Mas veja o momento em que esta mulher destemida, deixando qualquer um de boca aberta, se



mantém firme, inverte a situação e o humilha completamente perante as autoridades!

<https://warnews365.com/dyminbrb/islamist-threatens-british-patriots-life-then-she-teaches-him-a-lesson/>

Um polícia foi agredido por um homem, suspeito de mais de uma dezena de crimes de furto e roubo, num supermercado da Amadora. O vídeo do momento, mostra a violência do ataque e pessoas a passarem, indiferentes com o que estava a acontecer. O suspeito foi intercedido com produtos furtados do interior do estabelecimento e, quando estava a ser identificado, tentou agredir o polícia com o objetivo de colocar-se em fuga. “Logo nesse momento, foi injuriado e ameaçado e, de seguida, o suspeito tentou fugir, acabando por ser imobilizado pelo polícia”, contou a força de segurança, acrescentando que, nessa altura, o homem “reagiu com violência para tentar agredir o agente, conseguindo inclusive retirar-lhe o bastão”. Apesar da resistência, as autoridades evidenciaram que a polícia conseguiu “controlar e imobilizar o suspeito, efetuando a respetiva detenção”. O polícia acabou por sofrer alguns ferimentos, bem como danos ao seu equipamento e ao fardamento. A situação provocou ainda alguns prejuízos no local, principalmente numa porta.

ÚLTIMA HORA: Joni, um rapaz holandês de 13 anos, foi esfaqueado mortalmente nas costas pelo seu colega de turma, um turco de 14 anos, depois de se ter recusado a ajudá-lo a cometer um assalto. O autor do crime já tinha esfaqueado uma mulher holandesa de 65 anos em outro assalto na rua, um ano antes. Apesar da gravidade dos crimes, o jovem de 14 anos recebeu a pena máxima prevista para menores, de apenas um ano num centro de detenção juvenil, e já foi libertado. Como é que isto pode ser justiça?!

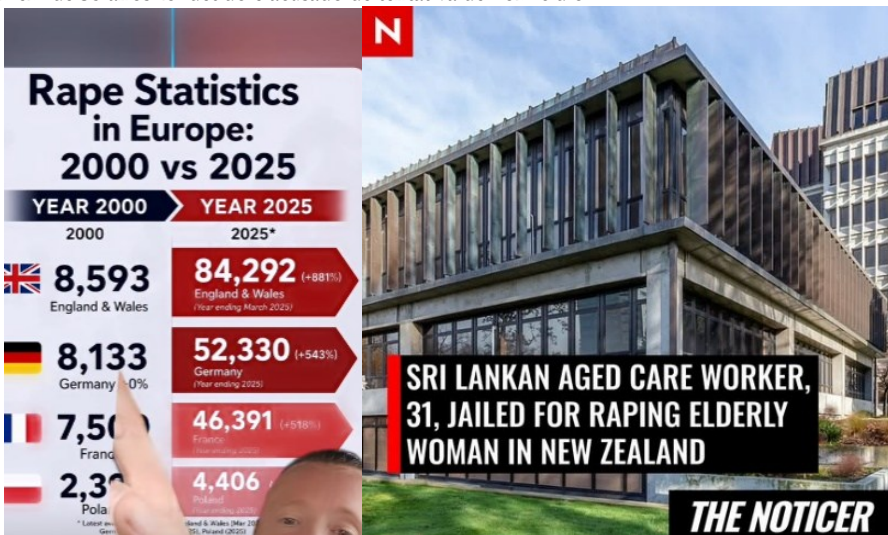


Em Espanha, um homem raptou e violou uma rapariga de 13 anos. Depois de cumprir a pena, foi libertado em liberdade condicional e provocou a mãe: «Como está a sua filha?» Enfurecida, ela atirou-lhe gasolina e incendiou-o. Ele morreu e ela foi condenada a 5,5 anos, mas foi libertada



antecipadamente após uma campanha de perdão.

ÚLTIMA HORA: O ex-futebolista profissional belga Karel Snoeckx luta pela vida no hospital após ter sido brutalmente agredido por um migrante. Snoeckx, que venceu o campeonato belga com o Lierse SK em 1997 e representou a seleção nacional belga, conduzia com a sua esposa e a filha grávida no sábado, quando se iniciou uma discussão verbal com dois peões. Estes acusaram-no de racismo depois de ele ter buzinado por terem atravessado a rua de forma perigosa. Foi esmurrado no rosto, submetido a uma chave de estrangulamento e repetidamente pontapeado na cabeça. Necessitou de 20 minutos de reanimação no local e foi colocado em coma induzido no hospital AZ Turnhout, com suspeita de lesões cerebrais. Um homem de 35 anos foi detido e acusado de tentativa de homicídio.



O predador de 31 anos, também foi condenado por ter tentado raptar uma menina de 11 anos na rua e será deportado após cumprir 3,5 anos de pena. <https://www.noticer.news/sri-lankan-aged-care-worker...>

8 julho

Antes de começar convido-os a darem um salto com o Helfmed ao Parque Urbano de Ponta Delgada <https://www.facebook.com/reel/4565981393636296>

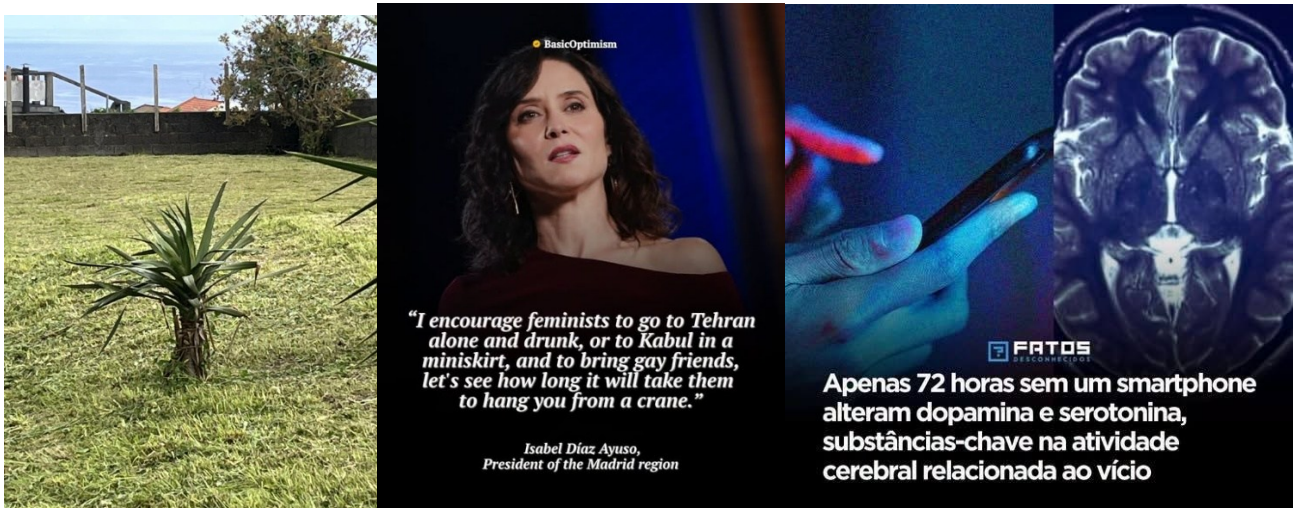
Hoje voltou a aparecer o sol, mas no grupo central há um alerta amarelo por chuva. Finalmente, ganhei coragem e, pela primeira vez em 2026, meti uns calções (shorts é o termo que ainda uso). Isto evoca a quantidade de termos de outros idiomas que adotei e vingaram cá em casa, não só comigo, mas também com a Nini e o João. Kitchen Towels e Conditioner (amaciador de cabelo) são dois deles; na altura em que vinha de Macau ou da Austrália a Portugal, cá ainda não havia. De Macau ficaram: “Minchi” para a carne picada, “in fui tip” para cinzeiro, “lap sap” para lixo; outros ficaram, por hábito, “toilet paper” numa miríade de idiomas dialetais. “Sai asso” é “pira-te cão” em tétum; “la laisse” é “depressa”; “fai tchi” são os chopsticks, pauzinhos. “Seng tchau chau Mei” é “Singapore Noodles”, massa à Singapura (prato popular sino-australiano composto por vermicelli de arroz salteado com um molho de especiarias de caril, uma invenção dos anos 50 a 60 em Hong Kong que nada tem a ver com Singapura). Este era o

meu favorito: o prato que eu encomendava em Macau quando tinha gente para jantar (recordo que só comecei a cozinhar em 1983 na Austrália). Há muitos mais termos, mas estes já dão uma boa ideia das idiossincrasias desta casa, que muitas vezes causavam espanto aos visitantes.

Ao ver as ervas crescidas no quintal (de novo, ainda nem um mês se completou), lembrei-me, esta manhã, de tecnologias falhadas desde que chegamos, uma delas, sem dúvida, a máquina cortadora de relva (300 €, creio), que funcionou poucas vezes, gastava imensas velas e não funcionava, pois essas máquinas foram feitas para terrenos lisos e não para quintais cheios de altos e baixos como o nosso. Ao fim de 2 ou 3 anos (talvez mais), acabei por doá-lo ao nosso senhorio, que tem relvados planos e lisos.

Durante décadas usei a panela oriental de fazer arroz (chamada arroeira elétrica a vapor), trouxe uma e fiz nos anos orto e em Bragança, mas a Nini, uma vez que a minha mãe criticou e se queixou em Bragança de que o arroz não estava bom, tomou de ponta a panela. Ainda encomendei outra nova que temos aqui armazenada nos Açores, mas já raramente se usou, até porque ensinou o João a fazer arroz de estrugido (e ele até faz bem).

Eu fui educado à antiga moda portuguesa e não beneficiei de formação culinária. Quando a minha mulher, que trabalhava das 08:00 às 16:00 e depois tinha aulas na Universidade de Tecnologia, em Sydney, chegava a casa pelas 21:00 ou mais tarde, eu estava no sofá com o meu uísque e cola, à espera de que ela viesse cozinhar. Dado que sempre fui a favor da emancipação da mulher, achei aquilo injusto e comecei a tentar cozinhar, o que fui conseguindo ao longo dos anos. Hoje não o faço, pois lá na Austrália gostava de cozinhar para as nossas visitas de sexta ou sábado, em grandes quantidades, e aqui, agora, sou só eu. Assim para que o João não tivesse esse handicap sempre o ensinamos a ir cozinhando alguma coisa, até porque hoje a maioria das mulheres nem cozinha nem sabe.



Do mural do Paulo Pereira: Mais uma machadada nos casos de vítimas de violência doméstica: Um acórdão do Tribunal Constitucional (TC) está a gerar uma dor de cabeça entre os procuradores do Ministério Público, especialmente aqueles que têm nas mãos investigações a crimes de violência doméstica. Os juízes do Palácio Ratton consideraram inconstitucional uma norma que permitia registar o testemunho de vítimas para memória futura antes de o alegado agressor ser constituído arguido. <https://www.facebook.com/cnpportugal/posts/1370406011850479>

Esta era uma possibilidade que, na ótica dos magistrados, trazia várias vantagens para a investigação destes crimes. Por um lado, permitia ouvir a vítima numa fase inicial do inquérito e evitar que tivesse de repetir várias vezes o relato da violência sofrida. Ao mesmo tempo, tornava possível registar o depoimento quando os factos ainda estavam mais presentes na memória e antes de a vítima poder ser sujeita a pressões ou outros condicionamentos. A norma permitia ainda preservar o testemunho sem obrigar a constituir imediatamente o suspeito arguido e, dessa forma, sem o alertar formalmente para a existência de um inquérito.

Salvo melhor entendimento, parece que se desconhece o estatuto de vítima, Lei n.º 130/2015, de 04 de Setembro (e o que significa "vitimização secundária"). "Vitimização secundária" (também conhecida como revitimização) ocorre quando o sistema de justiça criminal, em vez de proteger, causa novo sofrimento à vítima devido a um tratamento insensível ou burocrático, ou à repetição desnecessária do relato do trauma durante as investigações. Enquanto estes profissionais não receberem (in)formação a respeito de trauma e do estado em que uma vítima se encontra... continua a ser mais seguro sobreviver e não falar. Assim, os agressores podem seguir ilesos para as vítimas seguintes que, sem histórico, terão mais dificuldade em gerir eventuais questões no futuro. O problema é que os juízes consideram mais importante o seu direito de "poder" interpretar a lei do que a "obrigação" de fazer justiça. Claro que é necessário alterar a constituição e incluir esta obrigação textualmente. Estes juízes existem para atrapalhar a justiça. Estão ao lado dos agressores, e Montenegro continua a não rever a constituição.

Numa nota mais global, a pronunciada abertura de portas a todo o tipo de emigrantes (ilegais) insere-se numa agenda mais vasta: Este plano para reduzir a população humana já está em vigor há muito tempo. É muito provável que estas forças psicóticas no poder venham a fomentar uma guerra civil em grande parte do Ocidente. Querem que cristãos e muçulmanos lutem uns contra os outros. Vejam o meu vídeo anterior sobre quem está por trás disto (caso não seja óbvio) e há quanto tempo isto vem a acontecer. O objetivo é ter ainda mais controlo sobre o mundo do que já têm. Controlar cerca de 8 mil milhões de pessoas é muito mais difícil do que se a população fosse menor. Esse número tem de ser drasticamente reduzido e, por isso, estamos sob ataque constante. Eles querem reduzir a população para «menos de 500 milhões, em equilíbrio perpétuo com a natureza». Que maneira melhor e mais lucrativa do que uma guerra em grande escala e um conjunto de doenças artificiais que convençam as pessoas a envenenarem-se com a chamada solução? A única coisa contra a qual devemos estar em guerra é o grupo por trás de toda esta situação e a infraestrutura de que precisam para levar a cabo o seu plano e escravizar-nos ainda mais. Ser um indivíduo calmo, pacífico, sensato, rebelde e saudável é uma das melhores coisas que pode fazer para se preparar para o que está por vir. A sua própria existência torna-se uma oposição ao que eles estão a criar.

Vejamos outro exemplo: À luz da recente visita do Papa Leão XIV a Ilha de Lampedusa, com o intuito de dar o seu aval à atual invasão da Europa, voltou à tona a trajetória do migrante Emmanuel Abayisenga:

Em 2016, o Papa Francisco apertou a sua mão, dando-lhe as boas-vindas.

Em 2020, Abayisenga agradeceu ao papa por incendiar a Catedral de Nantes, uma catedral gótica do século XV na França.

Em 2021, ele assassinou o padre Olivier Maire, que lhe havia dado abrigo enquanto estava em liberdade sob fiança por incêndio criminoso.

O Reino Unido está definitivamente a saque: Já desisti de tentar entender a loucura. Então, deixa ver se percebi bem... Os Conservadores apresentaram uma moção para impedir que criminosos sexuais graves... violadores, pedófilos e membros de gangues de aliciamento... fossem automaticamente libertados antecipadamente ao abrigo das novas alterações à legislação penal. O Partido Trabalhista e os Liberais Democratas votaram contra. O argumento do governo? As prisões estão demasiado cheias, por isso a libertação antecipada é uma «medida de emergência», e as pulseiras eletrónicas e a liberdade condicional vão, de alguma forma, resolver tudo. Desculpem, mas desde quando é que a segurança das pessoas decentes e cumpridoras da lei se tornou menos importante do que a conveniência de um sistema a que se permitiu falhar? Se as nossas prisões estão

cheias, talvez a solução não seja libertar criminosos perigosos mais cedo. Talvez seja construir mais vagas nas prisões, corrigir o sistema judicial e garantir que a pena corresponda efetivamente ao crime. Sinceramente, cheguei ao ponto em que só consigo abanar a cabeça. Todas as semanas há algo diferente que nos faz questionar em que planeta estamos a viver. Isto já não tem a ver com política. Tem a ver com bom senso. Não vivo com medo, não vivo com ódio... Mas há algo que não está certo... é dever de um homem estar um passo à frente... Porque, se não conseguirmos todos concordar que os piores agressores sexuais devem cumprir as penas que lhes foram impostas, perdemos completamente o rumo.

Um relatório dos serviços secretos alemães que vazou alerta para o facto de os islamistas, em particular a Irmandade Muçulmana, estarem a seguir uma estratégia de longo prazo para «transformar gradualmente os processos de tomada de decisão sociais e políticos» na Alemanha. A avaliação alerta também para os esforços no sentido de ganhar influência no seio das instituições públicas, em vez de recorrerem apenas à violência. O relatório surge num contexto de escrutínio das organizações financiadas pelo Estado, incluindo a Islamic Relief Germany, devido a alegadas ligações à Irmandade Muçulmana, e de renovadas preocupações quanto à cooperação entre instituições públicas e organizações ligadas ao islamismo.

Na Inglaterra, isto é bem visível. Shabana Mahmood é a ministra muçulmana de maior destaque no governo do Reino Unido, ocupando o cargo de Ministra do Interior no gabinete do primeiro-ministro Keir Starmer desde 2024. Anteriormente, foi nomeada Ministra da Justiça e Lorde Chanceler, o que marcou uma ascensão histórica a cargos ministeriais de alto nível. Ainda há dias declarava: “em todas as minhas decisões, penso sempre no Islão, em primeiro lugar” (não devia; era obrigada a pensar no Reino Unido antes de tudo!)... Embora existam 24–25 deputados muçulmanos na Câmara dos Comuns após as eleições gerais de 2024, a representação muçulmana no gabinete continua limitada. Outros ministros muçulmanos de destaque no gabinete de Starmer incluem Rushanara Ali (Subsecretária de Estado para a Habitação), Feryal Clark (Subsecretária de Estado para a Ciência) e Tulip Siddiq (Secretária Económica do Tesouro). Historicamente, Shahid Malik tornou-se o primeiro ministro muçulmano do governo britânico em 2007, enquanto Sayeeda Warsi foi a primeira mulher muçulmana a integrar o governo britânico (como Ministra sem Pasta) em 2010. Humza Yousaf desempenhou as funções de Primeiro-Ministro da Escócia entre 2023 e 2024, tornando-se o primeiro líder muçulmano de um grande partido político do Reino Unido e o primeiro chefe de governo muçulmano da Europa Ocidental.

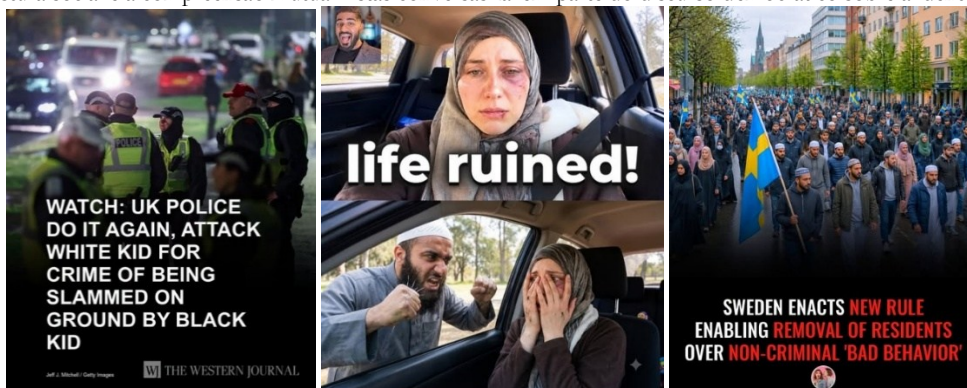


Normalmente, consideramos os relatórios britânicos rígidos, cautelosos e sem sentido. Este relatório, porém, é completamente diferente. Critica severamente o politicamente correto que tomou conta das forças policiais do Reino Unido e, em particular, da liderança da polícia britânica. Enquanto o tratamento dispensado pela polícia britânica às vítimas de crimes de origem branca tem suscitado indignação pública, um novo relatório salientou que a polícia britânica precisa de abandonar a mentalidade «woke» e voltar a combater o crime.

A morte de Henry Nowak provocou indignação pública depois de os agentes o terem algemado enquanto agonizava, ao passo que o seu agressor, Vickrum Digwa, inventou uma história falsa de abuso racial para a polícia. No mês passado, Stephen Ogilvie foi brutalmente atacado por Hadi Alodid, um cidadão sudanês residente em Belfast. O relatório oficial do governo do Reino Unido afirmou que os responsáveis da polícia têm vindo a «dar preferência a certos grupos», de acordo com a GB News. Lord Blunkett, um antigo ministro do Interior do Partido Trabalhista que colidira a análise, afirmou que «não há espaço para guerras culturais ou causas “woke”» no trabalho policial.

O Reino Unido é uma sociedade diversificada. De acordo com o Censo de 2021, cerca de 6,5% da população se identifica como muçulmana. Muitos muçulmanos britânicos estão bem integrados e contribuem para todos os setores da sociedade. O uso de vestuário religioso visível, incluindo o niqab, está protegido pela Lei da Igualdade de 2010 como parte da liberdade religiosa, desde que não interfira com requisitos específicos de identificação ou segurança. Ao contrário da França e de vários outros países europeus que implementaram proibições nacionais ao uso de vestuário que cubra totalmente o rosto em espaços públicos, o Reino Unido não tem qualquer proibição geral. Continuam os debates públicos sobre integração, coesão social e mudança cultural, como se reflete nos relatórios da Comissão sobre Disparidades Raciais e Étnicas e da Comissão para a Igualdade e os Direitos Humanos. Estas discussões abordam a habitação, a educação, o emprego e as relações comunitárias em áreas urbanas com maiores concentrações de populações minoritárias.

Os dados oficiais do Gabinete Nacional de Estatística destacam tanto resultados positivos em matéria de integração como desafios persistentes em algumas comunidades. A política governamental apoia o multiculturalismo, ao mesmo tempo que enfatiza os valores britânicos partilhados, a proficiência linguística e o respeito pela lei. As autoridades locais e as organizações comunitárias trabalham em iniciativas destinadas a promover a mistura social e a compreensão mútua. Estas conversas fazem parte do discurso democrático sobre a identidade nacional numa sociedade pluralista.



A polícia do Reino Unido volta a fazê-lo, atacando um miúdo branco pelo «crime» de ter sido atirado ao chão por um miúdo negro: demitam-na e voltem a formar todos os agentes da autoridade do país com base neste vídeo e no vídeo de Henry Nowak. Clique na ligação para ver a notícia completa: <https://w-j.co/s/db0c9>.

Ela casou-se com um homem muçulmano... Agora implora por misericórdia! Uma mulher ocidental ingénua, que se converteu voluntariamente ao Islão, desencadeou uma verdadeira tempestade na Internet após divulgar um vídeo desesperado e cheio de lágrimas, no qual implorava por um resgate de emergência do seu pesadelo de casamento islâmico. Presa pelas leis rígidas e intransigentes de um sistema teológico que trata as mulheres como propriedade absoluta, ela está agora a descobrir a terrível verdade de que celebrar um contrato islâmico é uma via de sentido único, sem saída legal. Apesar de estar totalmente abandonada e sem recursos financeiros, os conselhos islâmicos estão a ignorar categoricamente os seus apelos, obrigando-a a comparecer perante um painel de clérigos fundamentalistas. Este é um aviso civilizacional arrepiante que não pode, de forma alguma, ignorar! veja o vídeo completo <https://warnews365.com/duyminbrb/she-married-a-muslim-mannow-shes-pleading-for-mercy-2/>

Leia mais: <https://dailydeclaration.org.au/.../07/end-of-europe-west/>



A UE tem uma agenda de controlo da população que começará com a introdução de câmaras nos novos veículos, a partir de 7 de julho, capazes de detetar várias situações. Não se iluda com a apregoada maior segurança na estrada, o que eles querem é controlar-nos, vigiar-nos e em breve poderão mesmo parar a viatura se não estiver dentro dos parâmetros de bom cidadão, se não tiver dito mal do governo, etc.. A partir de 7 de julho, todos os automóveis novos matriculados na União Europeia, incluindo em Portugal, passam a ter de cumprir um novo conjunto de requisitos de segurança. A medida resulta da aplicação faseada do Regulamento Geral de Segurança (Regulamento (UE) 2019/2144), que torna obrigatórias várias tecnologias de assistência à condução destinadas a reduzir os acidentes provocados por erro humano.

O sistema chama-se «Advanced Driver Distraction Warning» (ADDW). Uma pequena câmara de infravermelhos, situada junto ao volante ou ao painel de instrumentos, acompanha o movimento do seu olhar. Se desviar o olhar da estrada por mais de 3,5 segundos a velocidade de autoestrada, ou por 6 segundos a velocidades mais baixas, o carro avisa-o através de uma combinação de luz, som ou vibração. O sistema ativa-se automaticamente a partir de cerca de 20 km/h (12 mph) e não pode ser desligado permanentemente.

As entidades reguladoras estão a responder a um problema real: estudos da UE estimam que a distração do condutor contribui para 5% a 25% dos acidentes rodoviários, e prevê-se que o pacote mais abrangente de regras de segurança, do qual esta câmara faz parte, salve mais de 25 000 vidas até 2038. Essa é a parte fácil de explicar. A parte mais difícil é o que a câmara faz com o que vê. Os condutores dizem que os avisos já são exaustivos.

O novo sistema ADDW foi testado pela Gocar.be, uma plataforma automóvel online líder na Bélgica, no seu Xpeng P7+. Descobriram que o sistema dispara durante a condução normal, e não apenas quando a condução é distraída. Basta desviar o olhar de uma autoestrada deserta para apreciar a paisagem, ou olhar para o ecrã de infoentretenimento para mudar de música, e o aviso dispara na mesma. Embora seja teoricamente possível desligar manualmente o sistema ADDW, a Gocar.be descobriu que este é reativado automaticamente se detetar qualquer comportamento visual problemático. Isto significa que, na essência, nunca pode ser verdadeiramente desligado e continua a monitorizar o condutor em todos os momentos.

Um utilizador do Reddit que alugou um Ford Puma por uma semana relatou uma experiência semelhante. «Após 10 minutos de condução, o aviso de distração é acionado e indica-lhe que faça uma pausa, com uma luz âmbar no painel de instrumentos e um sinal sonoro alto. Uma grande mensagem pop-up sugere que faça uma pausa. 10 minutos depois, repete-se o processo com uma luz vermelha e um sinal sonoro alto. Achei isto incrivelmente perturbador», disse. O utilizador acrescentou que desligar o sistema é apenas uma solução temporária, pois o sistema reativa-se sempre que o motor é ligado. A regulamentação não especifica o que acontece com os seus dados.

Embora haja poucas dúvidas quanto à intenção por trás dos novos sistemas ADDW, há muita ambiguidade e preocupação quanto à privacidade dos dados, com pouca clareza nas regulamentações subjacentes. Do lado positivo, os regulamentos exigem que o sistema ADDW funcione num «circuito fechado», sem recorrer a dados biométricos. Isto significa que os dados utilizados para determinar se um condutor está «distraído» não devem sair do veículo nem ser transmitidos ao fabricante automóvel, aos seus servidores ou a terceiros. Essencialmente, os dados devem ser processados localmente, no próprio veículo. No entanto, continuam a existir várias preocupações em torno da implementação:

A regulamentação não impõe qualquer mecanismo independente de auditoria ou de garantia para assegurar que os sistemas ADDW instalados nos automóveis funcionem efetivamente em circuito fechado. Há pouca clareza sobre como os dados são tratados, o que acontece depois de o sistema tomar a decisão de «distração», por quanto tempo são conservados e quando são eliminados. O artigo 6.º, n.º 3, do GSR estabelece que o sistema deve ser concebido de forma a não registar nem reter continuamente dados para além dos necessários à sua finalidade.

No entanto, não define especificamente o que é considerado «necessário» para os sistemas ADDW, nem especifica o período exato de retenção desses dados. Na prática, os veículos que recebam matrícula a partir desta data terão de integrar sistemas que já existem em muitos modelos, mas que agora passam a ser obrigatórios em todos os automóveis novos abrangidos pela legislação europeia.

Importa sublinhar que este sistema não assume o controlo do veículo nem interfere na condução. A sua função limita-se a alertar o condutor.

Assistência à manutenção na faixa de rodagem - Outro sistema obrigatório é o assistente de manutenção na faixa, que ajuda a evitar saídas involuntárias da via por meio de alertas e pequenas correções de direção quando identifica que o veículo está a abandonar a faixa sem utilizar os indicadores de mudança de direção.

Travagem autónoma de emergência - A travagem autónoma de emergência é outro dos equipamentos obrigatórios. O sistema consegue detetar veículos, peões ou ciclistas e pode travar automaticamente quando identifica um risco iminente de colisão.

Câmara ou sensores de marcha-atrás - Os veículos passam igualmente a ter de dispor de sistemas que facilitem as manobras de marcha-atrás, recorrendo a câmaras ou sensores para detetar obstáculos atrás do automóvel.

Gravador de dados de acidentes - Os novos automóveis passam ainda a integrar um Event Data Recorder (EDR), frequentemente comparado às "caixas negras" da aviação. Este equipamento regista parâmetros técnicos nos instantes anteriores e posteriores a um acidente, podendo essa informação ser utilizada pelas autoridades para investigar a ocorrência.

Estas medidas fazem parte da estratégia europeia Vision Zero, que pretende reduzir significativamente o número de vítimas mortais e de feridos graves nas estradas europeias nas próximas décadas. Em minha modesta opinião, tudo isto faz parte do "Big Brother" que a EU e as elites dominantes, nos querem impor (tal como na China, para controlar todos os nossos atos). A tecnologia já existe, agora estão a limitar-se a pô-la em prática.

Mais uma razão pela qual nunca deves livrar-te do teu veículo clássico. Como anunciei há vários anos, a tendência é converter os nossos veículos em autênticas câmaras de bordo; por isso querem que tudo seja elétrico e eletrónico — é simplesmente controlado à distância. Os hidrocarbonetos são sinónimo de liberdade; a eletricidade torna-nos escravos. Carros que nos julgam, nos gravam, nos repreendem; carros que trabalham contra nós.

A partir de HOJE, nenhum carro novo pode ser matriculado na União Europeia sem o sistema ADDW. Uma câmara interior acompanha o movimento dos olhos e da cabeça do condutor. Se o olhar se desviar da estrada por mais de 3,5 segundos a velocidades superiores a 50 km/h, o veículo emite alertas sonoros. O mesmo regulamento impõe também a caixa EDR preta, que regista a velocidade, a travagem e a direção. A segurança rodoviária é o argumento, mas a realidade é outra.

Além do mais a UE vai aprovar mais outra medida: CHAT CONTROL: A UE QUER LER AS TUAS MENSAGENS PRIVADAS

Enquanto todos olhavam para o outro lado, o Conselho da UE decidiu ressuscitar, pela porta do cavalo, uma lei que o próprio Parlamento Europeu já tinha rejeitado. Os factos: O "Chat Control 1.0" — que permitia a leitura em massa de mensagens privadas — expirou a 4 de abril de 2026, depois de o Parlamento o ter chumbado. A 7 de julho, a 3 dias do início das férias dos deputados europeus (que como já pouco fazem, normalmente não aparecem no parlamento nos últimos dias) o Conselho conseguiu 331 votos para acelerar o regresso dessa mesma lei, agora disfarçada de "nova" regulação.

Esta quinta-feira, dia 9 de julho, o Parlamento Europeu vota. Se não houver maioria absoluta (361 votos) para travar, a lei considera-se automaticamente aprovada, MESMO SEM o consentimento efetivo do Parlamento. Isto não é ficção. É vigilância em massa a passar por cima da democracia, através de um truque processual. Vejamos: O regime de Bruxelas recorre a uma estratégia antes das férias de verão

O Parlamento aprovou hoje a aceleração de uma nova votação sobre o «Chat Control 1.0» — a medida que «permite» à Meta, à Google, à Microsoft, etc., analisar voluntariamente mensagens privadas e e-mails à procura de CSAM (material de abuso sexual infantil). Esta medida caducou em abril, depois de os eurodeputados terem rejeitado a sua prorrogação.

O truque: trata-se do mesmo texto que o Parlamento já rejeitou — mas agora, em «segunda leitura», é necessária uma maioria absoluta de todos os 720 eurodeputados (361 votos) para o bloquear ou alterar, e não apenas uma maioria simples. As abstenções contam como «sim». Se esse limiar não for atingido, a medida é aprovada automaticamente, mesmo sem verdadeiro consentimento parlamentar. A votação está marcada para quinta-feira — a última sessão antes das férias, altura em que a afluência dos eurodeputados é historicamente mais baixa. É exatamente por isso que atingir 361 votos «contra» é considerado uma hipótese remota.

O que está realmente a ser votado: apenas a versão voluntária, relativa a mensagens não encriptadas. A batalha mais importante — a análise obrigatória que abrange conversas encriptadas — é uma proposta separada denominada CSAR (Regulamento relativo ao abuso sexual de crianças, «Controlo de Conversas 2.0»). Esta obrigaria os fornecedores a analisar as mensagens de todos os utilizadores, sem possibilidade de exclusão, incluindo as encriptadas — o que, na prática, implicaria quebrar ou contornar a encriptação de ponta a ponta. O CSAR permanece bloqueado nas negociações tripartidas, sem solução.

Embora a maioria dos deputados do Parlamento Europeu tenha votado a favor da REJEIÇÃO do «Chat Controlo», não conseguimos atingir a maioria absoluta necessária (361 deputados). Este é um dia triste para os europeus.



seria um cartaz apropriado à EU:

665. sem comentários, não quero este mundo 8.7.2026

Diariamente chegam-nos notícias que a TV e os jornais filtram e ocultam, mas que causam mal-estar, apreensão e temor pela colonização do mundo ocidental por meio da violência.

Gabriele Vaccaro, de 25 anos, e os amigos compraram umas pizzas quando um grupo de estrangeiros os cercou, alegadamente com a intenção de os roubar. Os jovens italianos reagiram e, durante o confronto, um imigrante egípcio esfaqueou Gabriele no pescoço com uma chave de fendas, o que o matou. No quarto do imigrante, pago com o dinheiro dos contribuintes italianos, a polícia encontrou facas e cocaína.

«O Islão não será mais implantado no mundo dos infiéis pela força das armas, mas pelo ventre das nossas mulheres.»

Timir Ahmed Mohamed, um cidadão britânico nascido na Somália, foi acusado de cinco crimes de tentativa de HOMICÍDIO após ter atropelado uma multidão com o seu carro, segundo o jornal The Telegraph. Por que é que deixamos pessoas destas entrarem no Reino Unido?

Taleb al-Abdulmohsen, um refugiado saudita de 51 anos e psiquiatra a quem foi concedido asilo na Alemanha em 2006, foi condenado a prisão perpétua por atropelar pessoas no mercado de natal de Magdeburgo, a 20 de dezembro de 2024. O ataque foi planeado ao longo de várias semanas e durou pouco mais de um minuto; matou seis pessoas, incluindo cinco mulheres com idades compreendidas entre os 45 e os 75 anos e um rapaz de 9 anos, e feriu mais de 300 pessoas. Durante o julgamento, admitiu ter entrado de carro no mercado, mas negou ter atropelado deliberadamente as pessoas. Os procuradores afirmaram que agiu sozinho e associaram o ataque a queixas pessoais.

Dezenas de raparigas britânicas foram vítimas de tráfico para o Médio Oriente e forçadas a casamentos islâmicos após terem sido sujeitas a exploração sexual organizada, revela o relatório do inquérito sobre o grupo de aliciamento. Algumas vítimas foram levadas para o estrangeiro para manter o controlo sobre elas, impedir que revelassem o que se passava e continuar os abusos. Testemunhos citados no relatório revelam que também houve tentativas de enviar algumas vítimas para o Paquistão, incluindo a Caxemira. Algumas raparigas foram pressionadas a converter-se a outra religião e a contrair casamentos utilizados para legitimar gravidezes resultantes de abusos.

As autoridades italianas lançaram uma caça nacional para localizar Shahadat Hossain, cidadão do Bangladeche de 43 anos, suspeito de ter assassinado uma família do mesmo país com um cutelo de carne, em Roma. As vítimas, um casal e a sua filha de 8 anos, foram mortas na zona de Casalotti, enquanto o filho de 20 anos sobreviveu, apesar de ter sofrido uma fratura no crânio e um hematoma cerebral. Foi submetido a uma neurocirurgia de emergência no Hospital Gemelli e permanece nos cuidados intensivos, consciente, porém em estado crítico. A polícia revista estações ferroviárias, aeroportos, terminais rodoviários, postos fronteiriços e edifícios abandonados após o telemóvel de Hossain ter registado o seu último sinal de localização perto de Casalotti. O Ministério Público abriu um inquérito por homicídio e tentativa de homicídio.

O afeção Najeebullah Arab, de 40 anos, foi condenado a 17 anos de prisão após admitir ter cometido violação, rapto, duas agressões sexuais e contacto sexual com uma criança em Wantage, Oxfordshire, no Reino Unido. Os crimes foram cometidos enquanto se encontrava em liberdade provisória por um crime sexual envolvendo menores. Arab abordou uma mulher no final da adolescência em Wantage, agrediu-a sexualmente e violou-a. Apenas uns dias antes, seguira uma mulher na casa dos vinte e tantos anos, antes de a agredir sexualmente. A polícia descreveu Arab como um «predador sexual perigoso» que tinha como alvo mulheres e as sujeitava a crimes violentos e traumáticos.

Centenas de crianças requerentes de asilo desapareceram de centros de acolhimento de migrantes na Holanda nos últimos anos, e receia-se que muitas tenham sido vítimas de redes nigerianas de tráfico de seres humanos. De acordo com dados revelados em respostas parlamentares, 540 crianças desapareceram de centros de asilo em 2018, 778 em 2019, 489 em 2020, 250 em 2021 e 292 em 2022. A questão ganhou destaque em nível nacional

por meio do caso de tráfico «Koolvis», que revelou como meninas menores de idade eram retiradas de centros de asilo holandeses, forçadas à prostituição e controladas por meio de rituais de vudu nigerianos que induziam medo. Apesar da vasta investigação, centenas de crianças requerentes de asilo continuam a desaparecer dos centros de acolhimento todos os anos, suscitando novas preocupações sobre o tráfico, a exploração e a proteção infantil na Holanda.

Um requerente de asilo afegão, de 21 anos, foi posto em liberdade após ter agredido sexualmente quatro raparigas, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, na piscina Bud Spencer, em Schwäbisch Gmünd, no sudoeste da Alemanha. Tocou as raparigas de forma inadequada, tentou retirar-lhes a parte de baixo do biquíni e penetrar uma delas enquanto estavam na piscina de aventuras. As raparigas conseguiram afastá-lo. A polícia acredita que possa haver mais vítimas. Embora tivesse sido emitido um mandado de detenção, foi suspenso sob condições, incluindo a proibição de entrar em piscinas, o que permitiu que permanecesse em liberdade enquanto decorria a investigação. Quem acha isto normal ou o apoia... tem uma deficiência mental grave...

O Islão tem um problema com os homossexuais, os judeus, os siques, os cristãos, os budistas, os hindus, as mulheres, os não-muçulmanos, os ateus, os apóstatas, a cerveja, o vinho, o presunto, o fiambre, o toucinho fumado e os cães, mas se eu tiver um problema com o Islão, sou eu que sou intolerante e islamófobo? É isso que as atuais políticas europeias sugerem e que as forças policiais implementam no Reino Unido, na França, na Espanha e na Alemanha. Há exceções, como a Polónia e a Hungria.

666. sem comentários, não quero este mundo II, 8.7.2026

Diariamente chegam-nos notícias que a TV e os jornais filtram e ocultam, mas que causam mal-estar, apreensão e temor pela colonização do mundo ocidental por meio da violência.

De volta ao Reino Unido após a deportação. Novos números impressionantes do Ministério do Interior revelam que centenas de migrantes deportados conseguem regressar ao Reino Unido, por vezes em várias ocasiões. Mais de 4 600 migrantes deportados à força da Grã-Bretanha já conseguiram regressar ao país. Entre 2021 e 2025, os dados do Ministério do Interior revelaram 4 614 casos distintos de reentrada após a deportação. A verdadeira dimensão do problema é provavelmente muito maior, uma vez que as autoridades admitem ser impossível cruzar todos os indivíduos com verificações de identidade anteriores. Surpreendentemente, 723 migrantes foram expulsos do país em duas ou mais ocasiões, apenas para serem encontrados de volta no Reino Unido. Os números sugerem que, em média, mais de dois migrantes deportados conseguem regressar ao país diariamente. Os contribuintes arcam com uma conta avultada neste ciclo, com os regressos forçados a custar, em média, 48 800 libras cada.

Vítima de agressão sexual, condenada a prisão por alertar as mulheres sobre «homens imigrantes africanos e árabes» — o agressor está em liberdade. Considera que uma vítima de crime deve ser PUNIDA pelo próprio governo por dizer a verdade sobre o agressor? Uma mulher francesa chamada Thaïs d'Escufon sobreviveu a uma agressão sexual perpetrada por um migrante tunisino em 2022. Quando apresentou queixa à polícia, foi-lhe dito que não conseguiam localizá-lo — que já havia 6 000 casos semelhantes por resolver. Em vez de obter justiça, enfrentou um processo judicial por ter relatado o próprio trauma na televisão.

Em duas aparições televisivas distintas, d'Escufon expôs factos sobre padrões que tinha observado: a principal ameaça à segurança das mulheres em França provém de certos grupos de migrantes. Por falar sobre a agressão que sofreu e apresentar a sua perspetiva, o governo francês acusou-a de «insulto público» com base na origem e na etnia.

Uma organização antirracista chamada Dilcrah processou-a. Os procuradores chegaram mesmo a exigir pena de prisão, alegando que ela estava a «fazer-se de vítima para chamar a atenção nas redes sociais» — linguagem retirada diretamente dos argumentos da esquerda americana sobre o silenciamento da dissidência. O veredito foi proferido em junho: culpada. Foi multada em 1 000 € e escapou por pouco a seis meses de prisão. O seu agressor continua em liberdade. A França afirma ser uma democracia, mas castiga as vítimas por revelarem factos sobre os seus agressores, enquanto o verdadeiro criminoso anda à solta.

INACREDITÁVEL: Um jovem anglófono defendeu a namorada de um somali que tentava agredi-la sexualmente. O somali esfaqueou-o e ele tentou defender-se, acabando por ser internado no hospital. A justiça escocesa processou-o por agressão e condenou-o, manchando-lhe o registo criminal, enquanto o somali ficou em liberdade e nem sequer compareceu ao julgamento.

A iraniana Ghazal Marzban, convertida ao cristianismo, foi condenada a 9 anos e 8 meses de prisão após as autoridades terem confiscado a sua Bíblia e literatura cristã durante uma rusga à sua casa em Teerão. Marzban, que se converteu ao catolicismo há sete anos, foi condenada por acusações que incluem «propaganda contra o Estado» e «reunião e conluio contra a segurança nacional». Durante os interrogatórios, foi pressionada a admitir que a sua Bíblia era utilizada para evangelismo, alegação que negou, insistindo que os materiais se destinavam a uso pessoal. Foi detida em janeiro e mantida em prisão preventiva durante cerca de um mês, sem contacto com o exterior. O seu marido, que sofre de Parkinson e também é cristão convertido, depende de medicação que se tem tornado difícil de obter.

Migrantes num barco apanhados a atirar documentos para o oceano. Imagens chocantes captam o momento em que indivíduos num pequeno barco no Canal da Mancha parecem deitar intencionalmente os seus passaportes e documentos ao mar. Risos e zombarias acompanham o ato à medida que se aproximam da costa britânica, levantando sérias questões sobre a integridade dos atuais protocolos de imigração. A estratégia por trás do abandono dos documentos de identificação é clara: sem papéis, as autoridades enfrentam enormes dificuldades para determinar a idade, o país de origem ou os antecedentes criminais, o que torna a deportação praticamente impossível. Os especialistas sugerem tratar-se de uma manobra calculada para explorar um sistema falho, contornando os controlos de segurança para permanecer no país indefinidamente. É uma cena que desafia a narrativa dos refugiados desesperados, revelando, um desrespeito flagrante à lei e à ordem. Por quanto tempo mais poderá esta exploração do sistema continuar?

Os Países Baixos pagam pensões de sobrevivência financiadas pelos contribuintes (prestações de viuvez pagas após o falecimento do marido) a viúvas de casamentos polígamos em Marrocos e na Tunísia. Dados divulgados pelo Banco de Segurança Social dos Países Baixos (SVB) revelam que, em 2025, foram pagos 45 118,71 € em dois casos em que duas viúvas do mesmo homem partilharam a prestação. Mas, os tribunais holandeses decidiram que os pagamentos devem continuar devido a acordos de segurança.

A Espanha recebeu pelo menos 1,3 milhões de pedidos de migrantes em situação irregular que buscam obter estatuto legal no âmbito do maior programa de regularização da história da Europa, mais do dobro do meio milhão de pedidos que o governo esperava. Pedro Sánchez defendeu a amnistia como um ato de justiça e afirma que irá impulsionar a economia. A população de origem estrangeira em Espanha ultrapassa agora os 10 milhões, cerca de 20,3% da população do país, a percentagem mais elevada da sua história, num momento em que o país enfrenta uma onda sem precedentes de crimes violentos, ausência de lei, desordem pública, violência nas ruas e um aumento acentuado dos crimes de violação.

Um debate aceso desenrola-se por toda a Europa, à medida que a Dinamarca pondera tornar-se o primeiro país a impor uma proibição da chamada islâmica para a oração. Os defensores da medida apresentam-na como necessária contra a «islamização» da sociedade ocidental, enquanto os críticos e os defensores dos direitos civis argumentam que a legislação fomenta a discriminação e infringe as liberdades religiosas nas democracias liberais.

A DINAMARCA ACABOU DE FAZER AO ISLÃO ALGO QUE TODOS OS OUTROS TÊM DEMASIADO MEDO DE FAZER. A Dinamarca pode ter-se tornado a fortaleza ocidental mais resistente da Europa contra o islamismo radical. Nem a Suécia, nem a França, nem a Alemanha. Um país com cerca de 6 milhões de habitantes, com uma população inferior à de Londres, construiu um muro à volta da sua própria civilização. Não se trata apenas de um muro fronteiriço, mas também de um muro jurídico, cultural e político. A Dinamarca reforçou as suas fronteiras. Reprimiram as sociedades paralelas, aprovaram leis agressivas contra os guetos, proibiram os véus que cobrem totalmente o rosto, proibiram salas de oração nas escolas, reduziram drasticamente as aprovações de asilo para um mínimo histórico e rejeitaram abertamente o modelo multicultural que se espalha por grande parte da Europa.

9 julho

Mais de duas horas à espera de uma ambulância. Foi o tempo que um homem de 61 anos esteve caído na rua, em Faro, após ter caído, com suspeita de traumatismo craniano e várias fraturas. O socorro que devia chegar em minutos chegou horas depois. O mais revoltante? Isto já não choca ninguém. Há sempre uma justificação, há sempre um pedido de desculpas, mas o problema continua. Até quando vamos aceitar que um serviço de emergência funcione assim? O vídeo está aqui: <https://www.facebook.com/reel/1046221817910429> Claro que convém piorar o SNS para passar a ser nos privados... Foi assim que desnacionalizaram os CTT, a EDP, a REN, etc.

Sigamos o exemplo filipino abaixo: Acabavam os políticos em Portugal sem que alguém quisesse substituí-los!



"If you pay peanuts, you get peanuts!"

Uma agência criativa de 14 pessoas, com ligações ao PSD, gere o motor informático das escolas. As falhas nos exames abriram a caixa negra de um sistema 'low cost' ainda sem explicações do Governo. Antebellum vem do latim e é uma palavra que designa o período que antecede um conflito, o tempo de tensão acumulada antes de a guerra rebentar. Foi esse o nome escolhido em 2020 para uma pequena agência de comunicação lisboeta: Antebellum – Outsourcing Creativity. Seis anos depois, já rebatizada de Blat – Creative Powerhouse, essa mesma empresa tornou-se protagonista involuntária de uma tempestade bem real com epicentro na plataforma que classifica os exames nacionais.

O Instituto de Avaliação Educativa (IAVE) adjudicou, na última década, 11,35 milhões de euros a um conjunto de empresas através de 126 contratos registados no portal BASE, um valor que cobre desde consultoria pedagógica a equipamento informático, passando por segurança de redes e serviços de computação em nuvem, e apenas uma fração corresponde à tecnologia que hoje sustenta a Plataforma de Classificação e Supervisão, entretanto no centro de uma polémica nacional depois de falhas terem obrigado a adiar notas e a segunda fase de exames do secundário. problema mais sensível concentra-se numa pequena parcela desse montante, longe dos milhões que dominaram o debate público nas últimas semanas.

A Blat, empresa apontada como responsável pela plataforma de classificação, regista apenas dois contratos públicos com o IAVE, cujo valor total fica pelos 49.455 euros, tendo o último sido contratualizado a 13 de abril de 2023, com um prazo de 153 dias. As contas mais recentes da Blat revelam uma empresa com uma faturação inferior a 580 mil euros e um lucro de apenas 4,95 mil euros em 2024 (depois de ter registado prejuízo no ano anterior), com apenas 14 funcionários no seu quadro.

A questão adensa-se com o vazio contratual dos últimos três anos. Sem novos registos oficiais, fica por explicar como é que uma agência com pouco mais de dez trabalhadores garante a manutenção e o funcionamento de um sistema informático complexo, capaz de processar as notas de centenas de milhares de alunos a cada ano. Essa opacidade ficou ainda mais evidente quando, numa visita ao centro de digitalização de exames, Fernando Alexandre admitiu que havia “duas plataformas distintas” em causa — uma do EduQA, responsável pelo processamento e distribuição de respostas, e outra da Blat, associada à correção e classificação — sem, porém, clarificar de forma completa o histórico contratual e técnico de cada uma dessas peças do sistema.

A Plataforma de Processamento e Tratamento, desenvolvida internamente pelo EduQA (o “chapéu” institucional que passou a integrar o IAVE), é responsável pela receção dos ficheiros digitalizados, pelo seu processamento e pela distribuição das respostas aos professores classificadores. Foi aqui que ocorreram as principais falhas: além de erros de programação na distribuição das respostas, incluindo folhas de continuação cortadas e distribuição incorreta de itens, a Deloitte, chamada de urgência para apoiar o processo, identificou também uma falha de segurança que obrigou à suspensão temporária da plataforma.

Plataforma de Distribuição e Classificação é o sistema onde os professores acedem para corrigir os exames, disponível em “pcs.iave.pt”. Esta segunda plataforma, conhecida internamente como PCS (Plataforma de Classificação e Supervisão), incorpora o SCOI (Sistema de Classificação Online do IAVE). É responsabilidade da Blat – Creative Powerhouse.

O ministro afirmou ainda que a colaboração para esta operação remontava a 2018, uma data que os próprios contratos desmentem: a empresa que assinou o contrato original nesse ano foi a Blatstudio – MAF – Serviços, com sede e número de identificação fiscal diferentes dos da atual Blat – Creative Powerhouse, que só foi constituída em 2020 e assumiu esse nome apenas em 2022. A confusão, longe de ser um mero pormenor semântico, alimentou dúvidas sobre a forma como o Governo apresentou o histórico contratual de uma empresa cuja relação com o Estado carece de documentação pública proporcional à responsabilidade que lhe foi confiada.

Confrontada pelo Expresso com as acusações de responsabilidade pelo caos na classificação, a Blat rejeitou qualquer culpa pelos problemas centrais do processo. “A Blat não é responsável pela digitalização das provas, controlo de qualidade, submissão de ficheiros, gestão de utilizadores, definição de que provas são classificadas, quando o são ou por quem, nem por quaisquer outros procedimentos operacionais do processo de classificação”, respondeu a empresa. Segundo a Blat, a plataforma “limita-se a disponibilizar aos classificadores os ficheiros tal como os recebe dos sistemas externos” e a exibir as provas “quando a entidade competente assim o entender”.

A empresa confirma ter “desenvolvido a plataforma de classificação para o IAVE/EduQA, sendo responsável pelo seu desenho e desenvolvimento, de acordo com as especificações definidas pelo IAVE/EduQA, intervindo mediante solicitação deste”, e revela ainda um dado que reescreve parte da cronologia oficial: o SCOI foi criado internamente pelo próprio IAVE em 2016, dois anos antes do primeiro contrato conhecido com a Blatstudio – MAF, e a empresa foi chamada a desenvolvê-lo apenas nos anos seguintes, tendo produzido quatro versões sucessivas da plataforma, inicialmente pensada para a avaliação de provas totalmente digitais.

A atual polémica surge porque esse sistema, desenhado para um universo mais restrito, passou a ser usado também para mais de 300 mil exames originalmente feitos em papel, digitalizados e depois carregados na plataforma para distribuição aos professores classificadores, um salto de escala que a arquitetura original nunca foi concebida para suportar. O Ministério da Educação ainda não esclareceu publicamente quais contratos e valores pagou à Blat fora dos dois registos visíveis no portal BASE. Este silêncio reforça precisamente o ponto central desta investigação: o hiato contratual permanece sem explicação oficial.

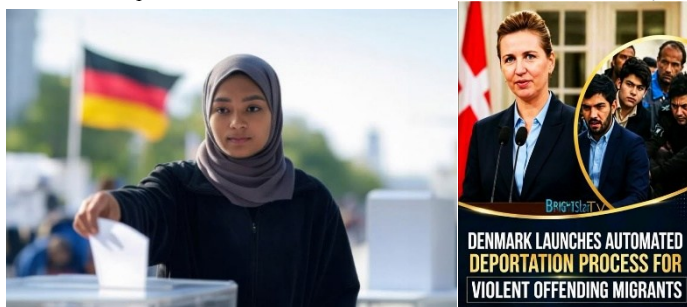
PENSAMENTO DO DIA: A política, despojada de pensamento, tornou-se um mero ruído. Para combater a fragmentação, os partidos têm de recuperar a sua vocação intelectual e abrir as portas a quem pensa o futuro. É urgente integrar intelectuais na reconfiguração dos partidos publico.pt

The Nice Attack = Muslim
The Paris Attacks = Muslims
The Shoe Bomber = Muslim
The Orlando attack = Muslim
The Beltway Snipers = Muslims
The Fort Hood Shooter = Muslim
The Underwear Bomber = Muslim
The Westminster Attack = Muslim
The 2005 Bali Bombings = Muslims
The murder of Lee Rigby = Muslims
The U.S.S. Cole Bombers = Muslims
The London Bridge Attack = Muslims
The Madrid Train Bombers = Muslims
The Charlie Hebdo Attacks = Muslims
The San Bernardino Attacks = Muslims
The Surabaya bombings = Muslims
The Minnesota Mall stabbings = Muslim
The 7/7 bombers = Muslims
The Moscow Theatre Attackers = Muslims
The Boston Marathon Bombers = Muslims
The Ankara Airport Attack = Muslims
The Manchester Arena bombing = Muslim
The Pan-Am #103 Bombers = Muslims

Alguns indicadores de terrorismo:

Será este o fim da Europa – e do Ocidente? por Bill Muehlenberg:

A Europa de hoje parece estar, lenta mas seguramente, a transformar-se num continente muçulmano. Tanto a imigração legal quanto a ilegal contribuem para isso. Se as tendências atuais se mantiverem, o panorama ali será bastante sombrio. É sempre difícil obter números precisos, e isso depende de como definimos «Europa»: os números aumentam quando incluímos os Estados eslavos e a Rússia. Mas quem procura acompanhar os números afirma que neste momento, existem cerca de 50 milhões de muçulmanos a viver na Europa. Em 1980, talvez 20 milhões a viver ali.



A Dinamarca deu um excelente exemplo: A DINAMARCA APROVA A PROIBIÇÃO DA BURCA, EXIGINDO ADAPTAÇÃO CULTURAL SOB AMEAÇA DE SANÇÕES LEGAIS. A Dinamarca continua a aplicar a sua lei que proíbe o uso de vestuário que cubra o rosto, incluindo burcas e niqabs, em espaços públicos. A legislação, introduzida em 2018, permite que as pessoas usem lenços de cabeça por motivos religiosos, mas proíbe o uso de vestuário que cubra totalmente o rosto, e as infrações são passíveis de multa. Os defensores da medida afirmam que esta promove a interação social, a segurança pública e a integração, enquanto os críticos argumentam que afeta de forma desproporcional as mulheres muçulmanas e limita a liberdade religiosa. A política continua a ser objeto de debate em torno de valores culturais, direitos individuais e identidade nacional. Acho que acabar com os subsídios sociais para os imigrantes e os seus «bebés-âncora»



resolveria muitos dos problemas da imigração por suspeita de homicídio. Uma mãe de 43 anos foi encontrada morta em casa, com ferimentos graves na cabeça. Aliás é preocupante ver o aumento exponencial de violações no Reino Unido. Porque é que parece que estamos a recuar no que diz respeito à violência contra mulheres e raparigas e à violação?! A filha de 13 anos de Jamie Carney encontrou-a morta. O «requerente de asilo» estava ilegalmente na Irlanda, mas o governo acolheu-o. São responsáveis pela morte dela e por deixarem uma criança profundamente traumatizada e sem mãe. Nem a fotografia nem o nome foram divulgados, apesar deste homem perigoso estar em fuga na Irlanda. Ele já tinha solicitado asilo e residia em França. Não tinha o direito de estar aqui.

É originário do Médio Oriente. A Sr.^a Carney tinha vindo a apoiar a causa palestina. O suspeito ficava ocasionalmente na casa da Sr.^a Carney, mas vivia num centro de asilo local no condado de Kerry. Sarah Benson, diretora executiva da Women's Aid, atribuiu claramente a culpa deste homicídio à sociedade irlandesa. Nunca mencionou o suspeito do Médio Oriente nem a imigração. Nunca mencionou a atitude predominante dos homens do Médio Oriente em relação às mulheres. Afirmou que a sociedade irlandesa ainda não tinha avançado o suficiente na erradicação da «desigualdade sistémica» e da «desigualdade de género»: acha que a desigualdade sistémica e a desigualdade de género na Irlanda causaram este homicídio e, assim, justifica mais um homicídio islâmico.

HOMEM DETIDO APÓS OUTRO CASO HORRÍVEL DE AGRESSÃO SEXUAL QUE CHOCOU A GRÃ-BRETANHA. A indignação pública cresce à medida que se multiplicam as questões sobre segurança pública e justiça. Um homem foi detido sob suspeita de agressão sexual contra uma jovem vulnerável que, segundo relatos, tinha acabado de sair do hospital em Worthing. A detenção no Aeroporto de Gatwick reacendeu o debate sobre segurança pública, proteção das vítimas e penas aplicáveis a crimes violentos graves. A discussão também destacou um caso distinto de rapto e tortura em Telford, o que suscitou novos apelos a medidas mais severas contra os autores de crimes violentos e a maior transparência por parte das autoridades na investigação dos motivos desses crimes. Os casos suscitaram fortes reações do público nas redes sociais, com muitos a exigir punições mais severas, tratamento igual para todas as vítimas e maior atenção à segurança pública.



Katie Hopkins, silencia o apresentador pró-islão com esta pergunta simples: “Quantos refugiados a Arábia Saudita aceitou?” Uma entrevista, mostra Hopkins a debater a imigração, o Islão e o futuro da Europa Ocidental. Ao longo da conversa, ela defende que os governos europeus falharam no controlo da imigração, que o multiculturalismo fomentou comunidades isoladas em vez de uma integração bem-sucedida e que os líderes políticos têm-se mostrado relutantes em abordar estas questões abertamente. O entrevistador refuta várias dessas afirmações, argumentando que a linguagem de Hopkins corre o risco de afastar o público e de simplificar excessivamente problemas sociais altamente complexos. A discussão ilustra um debate mais amplo que está a decorrer em toda a Europa.

Questões relacionadas com a imigração, a identidade nacional, a liberdade religiosa, a segurança nas fronteiras e a coesão social tornaram-se temas políticos centrais em países como o Reino Unido, a França, a Alemanha, a Bélgica, a Itália e a Suécia. Mais de 200 000 pessoas assinaram uma petição, externa, exigindo a demissão de Katie Hopkins do cargo de colunista do jornal The Sun. A petição foi criada por Izzy Saunders, de 22 anos, que disse ao Newsbeat que está indignada com o mais recente artigo da estrela de reality shows, no qual compara os migrantes a «baratas». (apetece exclamar não insultem nem tratem mal as baratas).

Claro está que se argumenta logo que esta ou aquela entidade é de direita, de extrema-direita, xenófoba, racista, (e muitas delas até serão) etc., tal como a polícia faz hoje no Reino Unido “woke”, mas eu insuspeito de jamais ter sido, ser ou vir a ser de direita pergunto apenas o seguinte. Na vossa rua moram cerca de 50 pessoas ocidentais; subitamente passam a viver lá 400 muçulmanos, mesmo que, inicialmente, não violem nem matem, apenas entoam as suas chamadas à oração cinco vezes ao dia. Como é que vocês se sentiriam? Prontos a mudar de rua, de bairro, de cidade e de país?....

A lei da burca foi aprovada em Portugal. PSD, Chega, Iniciativa Liberal e CDS aprovaram hoje, na especialidade, com a oposição da esquerda parlamentar, um projeto conhecido como “lei das burcas”, que visa proibir a ocultação do rosto em espaços públicos. Desafio os líderes dos partidos que votaram contra a proibição da Burca: se é aceitável, usem Burca durante um dia e mandem a vossa opinião depois disso.



Foto por @yensen_tan



Muitas vezes mencionei, nos meus escritos sobre Timor, a cobra que saltava e podia, inclusive, perfurar o forte couro do búfalo. Na altura não tinha acesso a imagens ou texto relativos a ela, o que só agora consegui. Apenas vi uma na montanha em Bobonaro, mas quieta; felizmente, nunca a vi em ação. A cobra voadora do Paraíso (Chrysopelea paradisi) vive no Sudeste Asiático e na Indonésia. Embora a própria “C. paradisi” não seja nativa de Timor, a sua parente próxima — a cobra voadora das Molucas (Chrysopelea rhodopleuron) — pode ser encontrada nas ilhas indonésias vizinhas. A Chrysopelea paradisi, conhecida como cobra-voadora-do-paraíso, possui uma habilidade fascinante que desafia a gravidade nas florestas do Sudeste Asiático.

Embora não voe como as aves, ela consegue planar de forma impressionante entre as árvores. Ao saltar de galhos altos, o réptil achata o próprio corpo, tornando-se uma superfície aerodinâmica semelhante a um paraquedas. Movimentando-se em ondas no ar para manter a estabilidade, essa serpente incrivelmente ágil consegue cobrir distâncias surpreendentes de até 100 metros. É uma adaptação evolutiva espetacular voltada à caça e à fuga de predadores. O couro dos búfalos é extremamente espesso, o que os protege contra grande parte das picadas de cobras. Ainda assim, se forem picados por serpentes altamente venenosas, o veneno pode entrar na corrente sanguínea do animal, tornando a carne inadequada para o consumo.

Uma das serpentes mais lindas do mundo é a Trimeresurus insularis. Ela é uma serpente peçonhenta encontrada em Timor-Leste e na Indonésia. Normalmente ela é verde, mas em alguns lugares, como a Ilha de Komodo (Indonésia), também existem populações azuis, embora sejam mais raras. A cobra verde (samódo) vive no capim; aparece ao anoitecer, junto dos caminhos, onde os indígenas, não poucas vezes, são vítimas de suas mordeduras. A cobra preta (samêa), de grande volume, alimenta-se de pequenos veados, leitões, galinhas, etc. (MARTINHO, José, 1943: 127).

Ruy Cinatti descrevia-as: “Aqui há enormes, reluzentes, quase sempre enroscadas nos ramos brenhosos da floresta — cerca de 8 a 10 m de coleio — e uma aparência nada atrativa. Dão pelo nome de Python reticulatus, as quais, como poderás confirmar, são das maiores do mundo. A par delas, existem as cobras verdes (Trimeresurus sp.), “uma coisinha” com meio metro que, quando morde, envenena, e outras inofensivas, do tipo “rateira”.

A cobra de Timor que salta ou ataca rapidamente é, em geral, a víbora-verde-das-ilhas (Trimeresurus insularis). Esta serpente é famosa pela sua cor verde vibrante e pela capacidade de se lançar rapidamente para a frente. Tem um corpo fino e uma cor verde muito viva. Algumas também podem apresentar tons azuis impressionantes. Este animal é peçonhento e adota a tática da mola. Ela dobra o corpo em forma de “S” e lança a cabeça para a frente a grande velocidade. Esta espécie habita na região de Timor-Leste e na Indonésia.

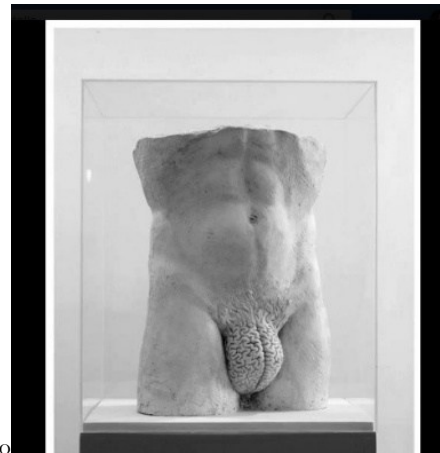


Morreu Bonnie Tyler <https://www.facebook.com/reel/4361584747425799> <https://www.facebook.com/reel/1030217682814803>

A hipocrisia islâmica:



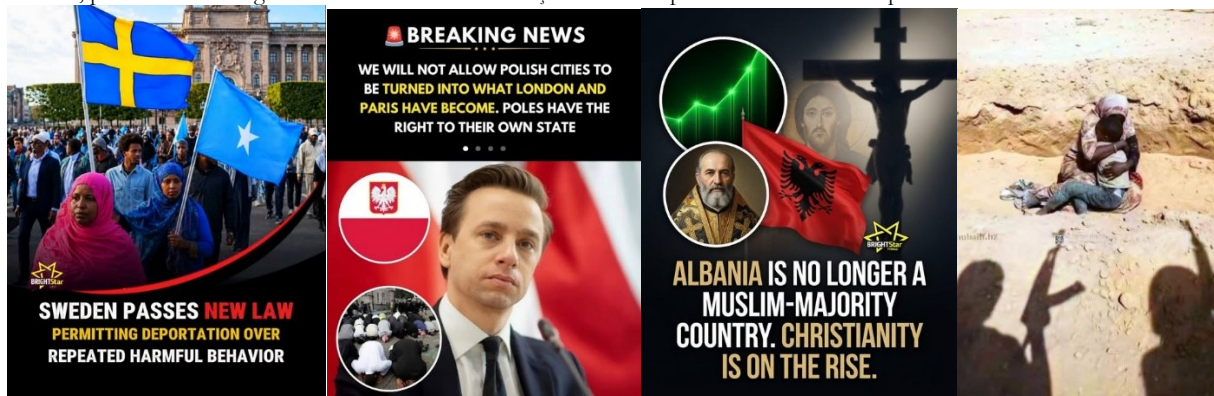
o problema é que eles têm o cérebro deslocalizado



ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Para nos apercebermos do grau de primitivismo e de brutalidade destes animais (legais ou ilegais, não interessa, a Europa e os EUA estão cheios deles), vejamos este vídeo <https://www.facebook.com/reel/2806626899698195>, em que um emigrante atira um coquetel Molotov a um utilizador de cadeira de rodas e tenta empurrá-lo para as chamas, antes de ser detido pela polícia.

Felizmente, neste caso, a vítima em cadeira de rodas não foi presa por racismo! E é esta gente que deixam entrar na esperança de, mais cedo ou mais tarde, provocarem uma guerra civil entre cristãos e muçulmanos e depois o Estado salvador poder intervir e eliminar todos.



COMOVENTE: Uma mãe abraça o filho enquanto se preparam para serem executados por não se terem convertido ao Islão! Porque é que ninguém diz nada sobre isto?



A polícia foi instada a intervir depois de uma réplica de uma mesquita ter sido colocada no topo da pira da fogueira lealista em Moygashel, na quinta-feira. A Associação da Fogueira de Moygashel descreveu a fogueira como um ato de «protesto político» contra a «imigração em massa ilegal e descontrolada». Também foram colocados cartazes com as mensagens «Protejam as nossas fronteiras» e «Acabem com a ameaça do islamismo radical» na pira, composta por paletes e que deverá ser incendiada na sexta-feira à noite. A Amnistia Internacional descreveu o ato como uma «demonstração vil» e uma «tentativa flagrante de incitar o ódio antimuçulmano e intimidar as famílias locais». Um homem foi detido. O mesmo local da fogueira já havia sido alvo de controvérsia em anos anteriores. No ano passado, houve condenação após a queima de efígies de migrantes num barco na fogueira de Moygashel.

Mais ironia aqui <https://www.facebook.com/reel/1596469022081174>

Em abril, o Ministério Público Britânico divulgou um comunicado de imprensa a anunciar que os processos judiciais concluídos por violação tinham atingido o nível mais elevado da última década. As taxas de acusação estão a aumentar e a taxa de condenação subiu para 63,4%. Leia isso outra vez, se precisar, porque no papel parece que a maré está a mudar. Parece que, finalmente, as mulheres estão a ser tratadas como deviam. MAS

o que o comunicado de imprensa não disse é que cerca de 71 000 casos de violação foram registados pela polícia na Inglaterra e no País de Gales no ano passado. 71 000!! São quase 1 400 POR SEMANA!! 200 por dia!! Só em Londres, os crimes sexuais registados atingiram quase 27 000, o número mais elevado de sempre nesta cidade, um aumento face aos pouco mais de 24 000 do ano anterior. Esta não é uma cidade que esteja a ficar mais segura e, de tudo o que é registado a nível nacional, apenas uma pequena fração chegará a resultar numa condenação. E isto antes mesmo de se chegar à fase da denúncia, porque a maioria das mulheres nunca apresenta queixa. Cerca de 1 em cada 6 o faz, mas as outras 5 em cada 6 carregam esse fardo sozinhas, muitas vezes durante anos, muitas vezes para o resto da vida. Portanto, na realidade, estamos a falar de 1 200 violações que ocorrem POR DIA!!!! Há dez anos que este quadro já estava desestruturado e ainda não foi corrigido. Foi apenas reorganizado, porque é possível melhorar a taxa de condenação com um conjunto mais reduzido de casos levados a tribunal, enquanto a discrepância global entre o que acontece às mulheres e o que o sistema oferece permanece exatamente onde sempre esteve. DESESTRUTURADO. Este não é um sistema corrigido, mas sim um sistema que está a tornar-se mais hábil em gerir a sua própria imagem. Depois, há a questão das penas, e continuamos a ver casos em que rapazes são condenados — efetivamente condenados — por violação e saem em liberdade sem qualquer pena privativa de liberdade, até que haja um alvoroço nacional para que finalmente recebam uma pena privativa de liberdade, e tudo porque um juiz decide que não quer criminalizar uma vida jovem. A violação já é um crime, por isso, dizer que cometeste um crime, mas que não te queremos criminalizar, o que é que isso diz às vítimas de violação?! É uma contradição que o sistema parece incapaz de reconhecer em si mesmo. Pergunta a qualquer sobrevivente que mensagem isso transmite sobre o valor que o seu corpo, a sua segurança e o seu sistema nervoso tiveram naquele tribunal.

num mundo onde dois rapazes podem violar e, mesmo assim, o debate mais alargado ainda encontra espaço para perguntar o que ela tinha vestido, o que tinha bebido, porque é que não resistiu com mais força. Onde os corpos das mulheres são tratados como ruído de fundo na história de outra pessoa, no apetite de outra pessoa, na impunidade de outra pessoa. Essa já não é uma atitude marginal, porque parece mais forte, mais tolerada e mais indiferente ao dano que causa. Como se fosse simplesmente assim e, enquanto mulheres, tivéssemos de aprender a lidar com isso, em vez de fazer com que isso pare! É exatamente por isso que se criou o “No Visible Bruises CIC”: a fisiologia do que acontece nestes momentos — o congelamento, o bloqueio, o corpo a fazer o que os corpos fazem para sobreviver a uma ameaça insuportável — ainda não é compreendida pelas pessoas cuja função é investigar, acusar e condenar. As sobreviventes estão a ser avaliadas com base num padrão de resistência que o seu sistema nervoso nunca foi concebido para produzir. Até que isso mude na polícia, nos tribunais, nas escolas e nos sistemas destinados a proteger as nossas crianças, os números continuarão a contar-nos a mesma história com melhores relações públicas. O facto de se poder sobreviver a uma violação não a minimiza, e invisível não significa imaginário.

Pata os ingênuos que ainda acreditam que o Islão é uma religião de paz: Para uma religião de paz, a única forma de a abandonar é «descansar em paz»!! Vejamos como cada seita ou escola do Islão trata os apóstatas que abandonam o Islão, a título de exemplo:

Hanafi — recomenda três dias de prisão antes da execução para permitir o arrependimento, embora o prazo para matar o apóstata muçulmano não seja obrigatório. Os apóstatas do sexo masculino devem ser mortos, enquanto as mulheres devem ser mantidas em confinamento solitário e espancadas a cada três dias até que se retratem e regressem ao Islão.

Maliki — concede três dias para a retratação, após os quais o apóstata deve ser morto. O mesmo se aplica tanto para os homens apóstatas quanto para as mulheres.

Shafi'i — exige-se um período de espera de três dias para permitir que o apóstata muçulmano se arrependa e regresse ao Islão. Após a espera, a execução é a punição tradicionalmente recomendada tanto para os homens apóstatas quanto para as mulheres.

Hanbali — deve ser concedido um período de espera de 3 dias. O apóstata é convidado três vezes a arrepender-se. A execução é a punição tradicionalmente recomendada para ambos os sexos de apóstatas muçulmanos.

E no Islão xiita:

Ja'fari — o período de espera não é necessário, mas pode ser concedido apenas se o apóstata tiver nascido sem fé islâmica, como um incrédulo. Um apóstata do sexo masculino deve ser executado, enquanto uma apóstata do sexo feminino deve ser mantida em confinamento solitário e espancada nas horas do salah, com a sua comida rigorosamente racionada, até que se arrependa e regresse ao Islão. A hora do salah (ou salat) refere-se aos horários específicos das cinco orações diárias obrigatórias no Islão, estabelecidos com base na posição do sol e que variam conforme a localização geográfica e a data. Por que razão o Islão instituiu a pena de apostasia? É a mais rigorosa entre todas as religiões abraâmicas! Simples... Maomé cometeu muitos erros, entre os quais o de afirmar que o fim dos tempos está próximo... ainda não conseguem sentir o Islão pacífico e amoroso? ..

Na América, já dizem abertamente que a meta é tornar os EUA uma nação islâmica: <https://www.facebook.com/reel/1323140302931664> . No Reino Unido, queimam a Union Jack ao som de “Allahu Akbar” e declaram que o país já é deles. <https://www.facebook.com/reel/1328153899438916>.

Mas qual islão dentre as variedades abaixo?



Alice Weidel fez esta declaração ao debater as políticas alemãs de imigração e de reagrupamento familiar. A observação reflete a sua posição política e a abordagem mais ampla da AfD em matéria de controlo migratório. Tem sido alvo de debate na Alemanha, com os defensores a considerarem-na uma questão de política fronteiriça e os críticos a afirmarem que discrimina injustamente as pessoas com base na religião ou na origem.

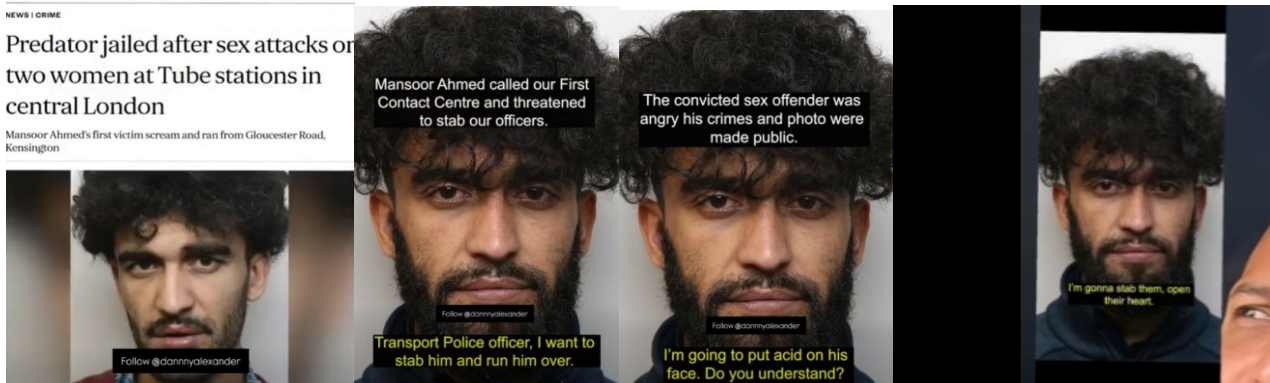
A Europa, súbdito dos EUA, sem liderança nem futuro, está condenada, mas ninguém quer saber. Hora de ouvir os velhos que percebem disto.

“Os atuais dirigentes da UE deixaram-se levar por uma estratégia de apoio à Ucrânia e agora não têm como sair dela; enterraram as economias europeias, são inexperientes e, sem verem outra saída, caminham para uma guerra”. Posições de Harald Kujat, 84 anos, inspetor-geral e mais alta patente militar do exército alemão, até 2002, presidente do comité militar da NATO até 2005, até 2019 presidente da empresa de armamento Heckler&Koch, recentemente em várias entrevistas públicas online:

1. Defende uma paz negociada, não uma vitória militar: Kujat argumenta há muito tempo que não há cenário realista aceitável de vitória militar ucraniana, mesmo com o apoio ocidental, e que a única via racional é um acordo negociado com a Rússia, depois de uma oportunidade perdida em 2022 para travar a guerra.

2. Crítica a leitura ocidental da guerra: Kujat sustenta que a invasão russa não surgiu "do nada", que tem uma história prévia de ameaças ocidentais e que a Rússia não vai abdicar da sua posição geoestratégica.

3. Ceticismo quanto à liderança da UE: Kujat critica os líderes europeus pelo aumento das despesas de defesa (sobretudo a compra de armamento americano), por não terem um plano de saída, por estarem reféns da pressão de Washington e por promoverem a aceleração da destruição da Ucrânia.



Este rapaz com ar inocente, apanhou apenas 6 meses por ameaçar esfaquear, abrir-lhes o coração, deitar ácido na cara deles e atropelá-los (policías).

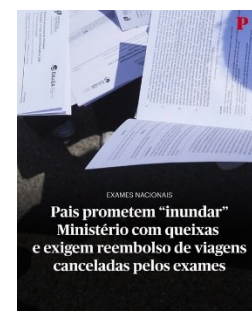


E termino com um jovem que tem sorte, por mim nem dormia em casa nem comia mais à mesa....

10 julho

CTT EFICIÊNCIA ZERO. Costumo encomendar dois livros de cheques ao BPI a cada trimestre, que orgulhosamente publicita que demoram cinco dias a chegar à minha morada. Pedidos a 24 junho chegaram a 10 julho, em apenas dezasseis dias, sem temporais, furacões, nevoeiros ou cancelamentos de voos. Felizmente, fico sempre com meia dúzia em carteira quando encomendo e, assim, evito males maiores. O minimercado, a limpeza da fossa e outras pequenas despesas são sempre pagas em cheque para guardar registo para o futuro.

Há profissões e profissões; outras parecem mais prostituição. No Al-Nassr, Jesus recebia cerca de 12 milhões de euros por temporada. Na seleção portuguesa, o salário será de aproximadamente 4 milhões de euros...



Em Portugal o ministro da educação continua sob fogo. Quem diria que dismantlar metade do ministério ia correr mal. Há quem veja pela lente do dismantlamente e há quem veja pela lente da reforma. Cada um vê pela lente que quer ver. O certo é que famílias e alunos desesperam sem resultados e sem poderem ir de férias ou tratar do seu futuro. Parece haver incompetência e desculpas por falta de responsabilidade. Pais prometem “inundar” o Ministério de queixas e exigem reembolso das viagens canceladas devido aos exames. Veja aqui: <https://www.publico.pt/2181151>

Durante anos, telas, tablets e celulares foram apresentados como o futuro inevitável da educação. Agora, alguns dos países mais desenvolvidos da Europa estão fazendo o caminho inverso: reduzindo a presença da tecnologia nas salas de aula e recuperando livros impressos, cadernos e a escrita à mão. Suécia, Finlândia, Noruega, França, Itália e Dinamarca passaram a questionar os efeitos da digitalização precoce. A mudança não nasceu de uma simples preferência pelo passado, mas de estudos que associam o uso de papel e lápis a uma melhor retenção de informações, maior capacidade de concentração e compreensão mais profunda dos conteúdos. A Suécia foi uma das primeiras a travar. Em 2023, o Ministério das Escolas abandonou a estratégia de tornar os tablets obrigatórios e decidiu investir novamente centenas de milhões de coroas na compra de livros físicos.

A prioridade passou a ser devolver aos estudantes o contacto direto com a leitura tradicional. Na Dinamarca, o governo reservou 540 milhões de coroas para ampliar o acesso a materiais impressos e reduzir a dependência de dispositivos eletrónicos. Uma das primeiras ações consistiu em distribuir 17.500 livros às escolas. O país também pretende retirar completamente os celulares do ambiente escolar até 2027. França e Itália já adotaram medidas rigorosas contra o uso de smartphones desde os primeiros anos de ensino, enquanto agendas de papel e exercícios manuscritos voltam a ganhar espaço.

Na Noruega, 96% das escolas primárias já mantêm os celulares afastados das aulas, e a Finlândia aplica restrições semelhantes desde 2024. O movimento desses seis países reacende uma pergunta que começa a atravessar o mundo: até que ponto a tecnologia ajuda a educação e quando ela passa a prejudicar o aluno?



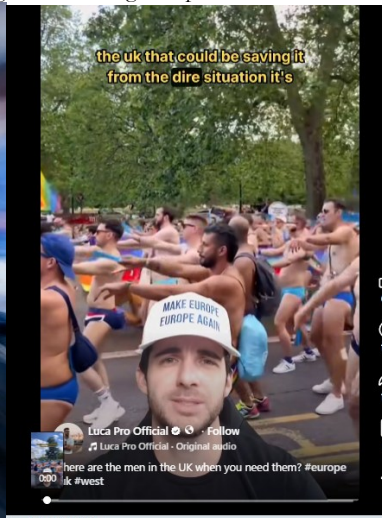
Homicidas de dois idosos em Beja estão em liberdade porque juízes estão de férias



A justiça em Portugal enfrenta fortes críticas pela sua lentidão e complexidade. Processos demorados geram um sentimento de injustiça. Casos complexos arrastam-se por anos, enquanto a falta de meios nos tribunais e as leis difíceis dificultam a vida do cidadão comum. Pense na justiça como um jogo de tabuleiro com regras muito antigas. Para avançar, precisa preencher muitos papéis. Às vezes, as peças (os processos) ficam bloqueadas nas mãos de quem joga (os tribunais) por causa de um detalhe. A demora é a principal causa de injustiça. Quando um problema leva anos para ser resolvido, perde o seu valor e o seu efeito prático. Isso afeta o dia a dia das pessoas e das empresas. Muitos sentem que o sistema protege quem tem mais recursos. Quem não tem dinheiro para pagar bons advogados pode ficar em desvantagem.



Portalegre: homem de 63 anos tinha dor no peito, recebeu pulseira verde, mas morreu na sala de espera do hospital



Afinal, a EUTANÁSIA é permitida em Portugal. Basta receberes uma pulseira verde, e sai barato ao Estado!!! Enquanto aguardava na sala de espera acompanhado pela mulher, acabou por cair inanimado no chão. Médicos e enfermeiros do hospital ainda tentaram reverter a situação, mas o óbito foi declarado pouco depois. Saiba mais aqui: <https://bit.ly/4wEQ3uI>. Mesmo assim, ainda tem validade a frase: “SNS, o meu serviço de saúde preferido...ainda bem que o temos, o que seria dos pobres se ele não existisse?”

Para os que, no Reino Unido, se queixam da emigração, só trazendo violações, crimes, degolações e morte, aqui fica a imagem do homem britânico anual numa manif em Londres a favor da diversidade... where are the real men in Britain?



Em Almada, na sequência de um estudo recente que alertava para os benefícios dos banhos diários nos cuidados de pele, a autarquia resolveu, há uma semana, eliminar o fornecimento regular de água. Assim ninguém toma banho há uma semana, o que, com o calor atual, deve ter favorecido a indústria de desodorantes e perfumes e os fornecedores de água engarrafada. Mas o irónico não acaba aqui, há sempre um deputado que leva a ignomínia mais longe: Momento cómico do dia, e hino a lata, e à falta de vergonha:

A bancada parlamentar do PS, por intermédio do seu deputado Pedro Vaz, veio alegar que a falta de água em Almada, uma câmara de gestão socialista, só está a ser um problema porque está a ser "empolado" pelo PSD para desviar a atenção do país do problema informático no ME com a correção dos exames! A baixezça, a falta de escrúpulos e a falta de vergonha desta gente não têm limites. Era dar-lhe com um gato morto nas trombas até o gato miar!

O país segue curioso e indignado a crónica dos desastres da pesporrente e apoplética Inês de Medeiros d'Almada. Parece que a senhora presidente, conhecida por gritar, despedir e maltratar aqueles que fazem parte do seu círculo de vítimas imediatas, pretende, a todo o custo, imputar responsabilidades ao acaso. Mas o verdadeiro acaso em Almada foi, precisamente, a chegada desta senhora de Paris e Campo de Ourique ao concelho, lembrando às populações que nada é certo, nem mesmo a água das torneiras nem o duche da manhã.

Enquanto os Açores registam 8 meses seguidos de queda no turismo... o Pico cresceu 13,3% em maio. O Faial também. Porquê? Porque há ilhas que fogem à tendência. E quando os números dizem isso, vale a pena parar e ouvir. Os dados de maio de 2026 são claros: Açores (geral): -2,2% nas

dormidas. Ilha do Pico: +13,3%, Ilha do Faial: +0,9%. Não é coincidência. É perfil de turista. Quem vai ao Pico não vai "de passagem". Vai para ver baleias. Para subir ao ponto mais alto de Portugal. Para provar o melhor vinho de sempre. Fica mais dias. Gasta mais. Volta. O Faial tem o mesmo ADN — natureza, autenticidade, um porto que já recebeu marinheiros do mundo inteiro e acolhe viajantes que procuram o que Lisboa não tem.

Desembarque de passageiros cai 6,9% em Junho nos aeroportos dos Açores

Os aeroportos dos Açores receberam 243.803 passageiros desembarcados em Junho de 2026, menos 18.182 do que no mesmo mês do ano anterior, o que representa uma quebra homóloga de 6,9%, segundo os dados divulgados pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA).

A descida voltou a abranger os principais segmentos do transporte aéreo. Nos voos interilhas desembarcaram 111.936 passageiros, menos 3,6% do que em Junho de 2025. Nos voos territoriais, que ligam os Açores ao Continente e à Madeira, foram registados 89.476 passageiros desembarcados, correspondendo a uma quebra de 10,8%. Já nos voos internacionais desembarcaram 42.391 passageiros, menos 7,0% em termos homólogos.

Os voos interilhas continuaram a representar a maior fatia do movimento de chegada aos aeroportos açorianos, concentrando 45,9% do total de passageiros desembarcados em Junho. Seguiram-se os voos territoriais, com 36,7%, e os voos internacionais, com 17,4%.

Também nos passageiros embarcados se registou uma evolução negativa. Em Junho, embarcaram nos aeroportos dos Açores 236.026 passageiros, menos 17.160 do que no mês homólogo, equivalente a uma descida de 6,8%. Deste



total, 112.099 passageiros embarcaram em voos interilhas, menos 3,1%; 87.547 em voos territoriais, menos 10,7%; e 36.380 em voos internacionais, menos 7,9%.

Por ilhas, o Pico foi a única a apresentar uma variação homóloga positiva no número de passageiros desembarcados em Junho, com uma subida de 3,7%. Todas as restantes ilhas registaram quebras: Flores caiu 10,7%, São Jorge 10,1%, São Miguel 8,0%, Terceira 7,3%, Santa Maria 6,5%, Corvo 6,2%,

Graciosa 4,4% e Faial 3,5%.

São Miguel manteve uma posição dominante no movimento aéreo regional, concentrando 138.270 passageiros desembarcados, o equivalente a 56,7% do total registado nos Açores em Junho. A Terceira recebeu 49.450 passageiros desembarcados, representando 20,3% do total regional, seguindo-se o Faial, com 17.887 passageiros, ou 7,3%, e o Pico, com 15.278, correspondente a 6,3%.

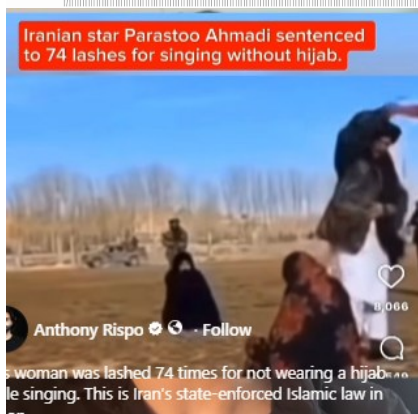
A evolução negativa de Junho surge

num contexto de quebra mais acentuada no conjunto do segundo trimestre. Entre Abril e Junho de 2026 desembarcaram nos aeroportos dos Açores 609.195 passageiros, menos 70.541 do que no mesmo trimestre do ano anterior, traduzindo uma descida homóloga de 10,4%.

No segundo trimestre, a generalidade das ilhas apresentou variações negativas nos passageiros desembarcados, com exceção do Pico, que registou uma ligeira subida de 0,3%. São Miguel teve a maior quebra trimestral, com menos 13,0%, seguindo-se Terceira, com menos 10,0%, São Jorge, com menos 8,4%, Flores, com menos 7,3%, Graciosa, com menos 4,3%, Santa Maria, com menos 3,9%, Faial, com menos 2,2%, e Corvo, com menos 0,3%.

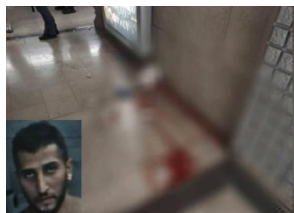
No acumulado do primeiro semestre de 2026, desembarcaram nos aeroportos dos Açores 969.734 passageiros, menos 89.870 do que no primeiro semestre de 2025. A variação semestral homóloga foi negativa em 8,5%, confirmando a redução do movimento de passageiros aéreos na Região na primeira metade do ano.

Os dados divulgados pelo SREA têm como fontes a ANA – Aeroportos de Portugal, através da Direcção dos Aeroportos dos Açores, a Aerogare Civil das Lajes e a SATA – Gestão de Aeródromos.

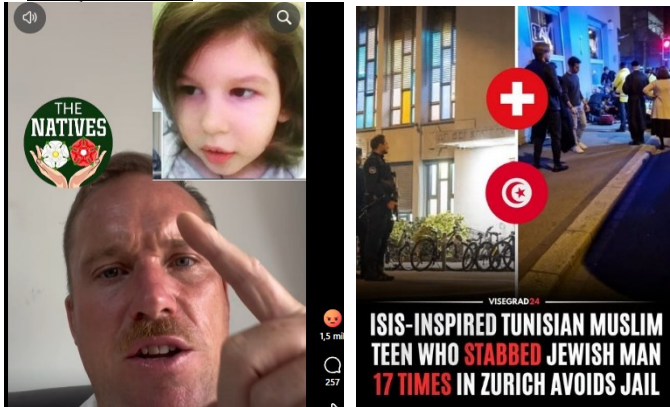


A religião islâmica é muito rigorosa: <https://www.facebook.com/reel/1605954901101306> Esta mulher foi açoitada 74 vezes por não usar o hijab enquanto cantava. É assim que a lei islâmica imposta pelo Estado iraniano se aplica na prática.

E muitos na esquerda ficam em silêncio sobre questões como esta por duas razões: em primeiro lugar, porque não querem parecer culturalmente insensíveis; e, em segundo lugar, porque aprenderam a identificar certas culturas e tradições religiosas quase exclusivamente como «oprimidas pelas potências imperialistas ocidentais». Assim, o vocabulário moral que utilizam tão livremente no seu próprio país — misoginia, opressão, autonomia corporal, direitos das mulheres — desaparece subitamente quando a opressão provém de uma cultura que já classificaram como vítima.



MAL: Uma mulher de 23 anos, em Milão, teve o rosto permanentemente mutilado e desfigurado por um migrante muçulmano argelino. Os seus olhares cruzaram-se por um segundo e ele gritou: «O que estás a olhar? Sou um homem e sou muçulmano!», antes de lhe dar um soco e abrir-lhe o rosto com uma lâmina. Este mesmo pedaço de lixo tinha sido detido na noite anterior por roubo e por ter destruído carros estacionados. Um juiz deixou-o em liberdade imediatamente. A Europa continua a importar estes selvagens e depois finge ficar chocada quando as suas mulheres acabam por ficar com cicatrizes para toda a vida nas ruas. Os juízes que libertam estes monstros são tão responsáveis quanto os políticos que inicialmente abriram as fronteiras. A Itália tem de parar de fingir que isto é normal.



Esta criança foi degolada depois de ter sofrido bárbaro ataque. As crianças de Stockport que foram mortas, os britânicos que foram atacados, violados, assaltados e a quem foram negados os direitos humanos, e também os europeus, por pessoas que não têm o direito de colonizar as nossas terras nativas. Por pessoas que não deveriam estar nos nossos países ancestrais, que têm as suas próprias terras nativas onde viver e pelas quais lutar. Que tipo de pessoas são estas? A que lugar têm, na verdade, lealdade? O crime global: a destruição da nossa raça étnica. Onde está a empatia em relação à destruição do nosso povo e à redução das nossas crianças a uma minoria?????

Um tribunal suíço condenou um cidadão com dupla nacionalidade suíça e tunisina que, em março de 2024, em Zurique, perpetrado um ataque antisemita com faca, inspirado pelo ISIS, contra um homem judeu ortodoxo de 50 anos. Embora tenha sido condenado por tentativa de homicídio, apoio a uma organização terrorista, incitamento repetido ao ódio com base na etnia ou religião e divulgação de material extremista violento, a pena máxima de um ano de prisão juvenil foi comutada para internamento psiquiátrico obrigatório, uma vez que tinha 15 anos na altura do ataque.

Segundo os procuradores, o adolescente radicalizou-se rapidamente após o ataque do Hamas a Israel, em 7 de outubro de 2023. Os investigadores afirmam que começou a consumir propaganda do ISIS, a procurar online manuais de fabrico de bombas e táticas terroristas e a comunicar com outro extremista sobre como fabricar explosivos, antes de decidir que seria mais fácil realizar um ataque com uma faca. A acusação afirma que comprou uma faca de talho na véspera do ataque, pesquisou nas redes sociais os horários da sinagoga e partiu com a intenção de «matar o maior número possível de judeus».

Também planeava morrer às mãos da polícia como «mártir», a fim de alcançar o paraíso. No dia do ataque, o suspeito terá transmitido em direto o seu percurso até à sinagoga. Uma falha técnica fez com que apenas o áudio fosse gravado. Na gravação, ouve-se dizer que a porta da sinagoga estava trancada e que se esperava que alguém saísse. Momentos depois, diz: «Agora tenho um», antes de se ouvirem gritos, exclamações de «Allahu Akbar» e os sons do ataque. O Ministério Público afirma que ele emboscou a vítima por trás, esfaqueando-a repetidamente no pescoço e na cabeça antes de tentar cortar-lhe a garganta. A vítima foi esfaqueada 17 vezes, conseguiu correr para a rua, mas foi perseguida e atacada novamente até que transeuntes imobilizaram o suspeito no capô de um carro parado no semáforo vermelho.

A vítima sofreu lesões pulmonares graves e sobreviveu apenas após uma cirurgia de emergência. Durante o julgamento, o arguido recusou-se a responder às perguntas do juiz, limitando-se a dizer «Sem comentários». A sua defesa tinha solicitado uma pena de seis meses e a absolvição das acusações de tentativa de homicídio. O caso suscitou críticas generalizadas na Suíça, uma vez que a legislação relativa aos menores privilegia a reabilitação em detrimento da punição, limitando as penas de prisão mesmo para crimes relacionados com o terrorismo.

Desde então, os legisladores suíços propuseram reformas legais que permitiriam penas mais severas para menores condenados por crimes de terrorismo, mas essas alterações ainda não foram aprovadas. O tribunal não revogou a cidadania suíça do agressor como parte da sua decisão. Embora os procuradores tivessem procurado privá-lo da sua nacionalidade suíça, o tribunal, em vez disso, comutou a sua pena de prisão juvenil de um ano para tratamento psiquiátrico obrigatório.

Entretanto, convinha notar que este assassinato brutal, diário, tem merecido imensa publicidade, não diferente de muitos outros, mas por se tratar



de uma norte-americana que se definia como esquerdista, defensora da Palestina e anti-ICE.

O caso tem merecido mais cobertura do que casos idênticos: Cólín Ó hEachthighearna (jornalista) · An Fhírinne (The Truth) [10 de julho de 2026 às 00:34] PONTO DE VISTA: Não estou a culpar a Polícia pela situação, estou a culpar os políticos. Refiro-me à morte brutal da americana Jamie Carney, cujos avós tinham ligações a Killarney. Jamie Carney vivia em Killarney e tomou várias decisões infelizes na sua vida antes da sua morte.

Killarney é, ou melhor, era uma cidade turística que gozava de uma reputação internacional que o dinheiro não podia comprar. Mas, a partir de 2021, tornou-se um depósito de migrantes não selecionados. Proprietários de hotéis gananciosos não hesitaram em destruir séculos de reputação cuidadosamente construída em troca de «dinheiro fácil».

Em 2023, ocorreu uma briga com facas amplamente divulgada, mas foi a única de que tivemos conhecimento. Era apenas uma questão de tempo até que alguém morresse e, infelizmente, isso acabou acontecendo. Ao que tudo indica, a Sra. Carney, que deixa para trás uma filha de treze anos e uma mãe em Nova Iorque, era gentil, bem-intencionada e, atrever-me-ia a dizer, ingénua.

Os factos simples são que ela foi brutalmente espancada até à morte, sofrendo ferimentos catastróficos na cabeça, por um requerente de asilo do Médio Oriente com quem, segundo consta, mantinha uma relação.

Tinha 43 anos e talvez estivesse consciente da passagem do tempo. Quem é que não quer um relacionamento? Ele tinha 28 anos e tenho a certeza de que ela pensava que estava num relacionamento com ele, independentemente do que ele pudesse pensar. Publicações felizes e sorridentes nas redes sociais, de férias em conjunto no Médio Oriente, indicariam que tudo estava bem, mas será que alguma vez se consegue entrar na mente de um muçulmano? E pergunto isto simplesmente como uma questão. Ele assassinou-a da forma mais brutal, e absolutamente ninguém merece isso.

Estava a analisar a cronologia do homicídio porque, em homicídios anteriores, a Gardai agiu com tanta lentidão que é razoável presumir que o seu desejo era que o culpado fugisse. Se investigar a fundo demais, é considerado racista. Um agente da Gardai que paga uma hipoteca não quer tornar-se um ex-agente da Gardai em incumprimento dessa mesma hipoteca.

Habib Shamel, que assassinou Geila Ibram em Limerick, conseguiu dirigir-se ao serviço de urgências do Hospital Regional de Limerick, pois se cortou acidentalmente com a faca que usou para matar Geila Ibram. Depois, apanhou um autocarro para a Irlanda do Norte, onde foi detido. As imagens da campanha da porta estavam nas mãos da Garda menos de uma hora após o homicídio e, embora o homicídio tenha sido anunciado, o facto de ter sido cometido por um afegão não foi divulgado. Habib Shamel teve tempo de sobra antes de partir de Limerick.

Deve ter-se rido até deparar-se com uma força policial mais profissional. No entanto, o corpo de Jamie Carney só foi descoberto na terça-feira de manhã e, nessa altura, o assassino já poderia estar a caminho da Turquia no voo das 10h40 da Turkish Airlines. Se isso for verdade, não houve tempo para a Garda agir. Mas suspeito que ele tenha apanhado o voo da Pegasus Airlines das 14h05, o que teria aberto uma janela de oportunidade para detê-lo. Afinal, ele era o único suspeito e a localização do telemóvel teria indicado a sua presença no aeroporto.

Seja como for, a responsabilidade principal recai sobre a classe política. As lágrimas de crocodilo não têm lugar nesta tragédia; apenas um pedido de desculpas sincero, precedido pela assunção total da responsabilidade. Isto era totalmente previsível e, por isso, evitável. Há aqui uma lição salutar para todos nós: não se pode realmente conviver com sucesso com alguém de uma cultura tão estranha que haja poucos ou nenhuns padrões ou costumes em comum. Seria bom que, em algum momento, ele fosse detido e entregue à justiça, mas isso não vai acontecer.

Ele fugiu e, a menos que volte a entrar na Europa, nunca será levado à justiça. O meu comentário final sobre este caso triste e desnecessariamente brutal é que a Irlanda tem apoiado muito a Palestina e os países árabes vizinhos; devem-nos algo. Se este bruto estiver ligado a algum destes países, devemos exigir a sua extradição e retirar todo o apoio político até que seja extraditado.

A nossa classe política fraca e subserviente nunca fará essa exigência, mas eu faço-a e, se centenas de milhares de pessoas como eu fizerem o mesmo, a nossa classe política poderá ser levada a tomar medidas suficientes para exigir a sua extradição ou, caso contrário, retirar todo o apoio político. A amizade é uma via de dois sentidos.



Entretanto, não cessam as propostas para mudar a bandeira, pois a cruz num país islâmico não faz sentido: aquele discurso viral suscita debate sobre a bandeira nacional da Inglaterra. Um discurso do estudioso islâmico Sheikh Asrar Rashid, residente em Birmingham, tornou-se viral, reacendendo as discussões sobre identidade nacional, religião e liberdade de expressão no Reino Unido. No vídeo amplamente partilhado, Rashid criticou a bandeira da Inglaterra, a Cruz de São Jorge, afirmando que preferiria que fosse um desenho branco simples, com apenas a palavra «Inglaterra» inscrita. Argumentou que a cruz tem ligações históricas com as Cruzadas, o que alguns muçulmanos consideram censurável.

Durante o discurso, afirmou ainda: «Este é o nosso país, estamos aqui para ficar. Não vamos a lado nenhum», referindo-se ao lugar dos muçulmanos britânicos na sociedade britânica moderna. Os comentários espalharam-se rapidamente pelas redes sociais, suscitando reações fortes de diferentes lados. Os apoiantes descreveram as observações como uma expressão de opinião pessoal sobre simbolismo histórico e identidade religiosa. Os críticos argumentaram que o discurso apelava à alteração de um dos símbolos nacionais e cristãos mais conhecidos da Inglaterra.

O debate surge no contexto de discussões mais amplas no Reino Unido sobre identidade nacional, migração, integração e o papel dos símbolos religiosos e culturais na vida pública. Atualmente, não há qualquer proposta oficial nem plano governamental para alterar a bandeira nacional da Inglaterra. A discussão continua a fazer parte de um debate público mais amplo, em vez de constituir uma iniciativa política formal?

Os símbolos nacionais históricos devem permanecer inalterados, ou é razoável questionar o seu significado na sociedade moderna? Já percebeste o que se está a passar? O futuro dos nossos filhos está sujeito à lei muçulmana...



já não posso escrever o que sinto e penso, pois pode ser considerado um crime e podem acusar-me de xenofobia, racismo, anti-emigração, etc... mas O CAVALO JÁ ESTÁ DENTRO DAS MURALHAS. Estamos num ponto de não retorno. Não é preciso que as muralhas caiam para perceber que algo mudou. As escolhas de hoje vão definir a Europa de amanhã. Se continuarmos a ignorar os sinais, poderá chegar o dia em que será impossível

voltar atrás (se ainda não chegou). A História recompensa quem aprende com ela... e cobra um preço elevado a quem a ignora. Achas que ainda há tempo para mudar de rumo? Uma sociedade só sobrevive se as pessoas que nela vivem acreditarem nos mesmos valores fundamentais. A tolerância é importante. Mas a tolerância sem limites não é tolerância nenhuma. Se acolhermos pessoas que rejeitam os próprios princípios em que a nossa sociedade se baseia, esses princípios acabarão por desaparecer. A imigração pode fortalecer um país. Mas apenas se as pessoas que chegam estiverem dispostas a abraçar os valores que, em primeiro lugar, fizeram valer a pena vir para esse país.



Para os céuticos uma recordação. Há anos que isto se passa e as pessoas insuspeitas. Recordo, por exemplo, o colóquio da lusofonia que realizamos em 2015 no Fundão. Acordámos com céus prístinos, impecavelmente azuis, como retratei na primeira foto. Depois do pequeno-almoço, já só havia riscos de “contrails” e, em breve, uma bruma imensa cobria o céu até ao fim do dia. Esta imagem ficou na memória porque a fotografei, mas houve muitas outras antes.

Como escreve Tiago Americano: “Será que eles querem mesmo apenas “salvar o planeta” e reduzir a temperatura global, ou a geoengenharia é a fachada perfeita para o plano de controlo mais sombrio da nossa história? Olha para o céu. O que vês já não são nuvens naturais, mas sim um teto cinzento e artificial criado por pulverizações constantes que acontecem mesmo por cima da nossa cabeça. Sob o pretexto de combater as alterações climáticas, governos e elites privadas assumiram o controlo absoluto sobre o clima. O resultado está à vista de todos: secas extremas fabricadas para arruinar agricultores independentes, inundações repentinas que devastam cidades inteiras em poucas horas e fenómenos meteorológicos bizarros que violam as leis da própria natureza.

Eles aprenderam a usar o clima como uma arma de guerra geopolítica e económica, decidindo quem come, quem produz e quem é empurrado para a miséria. Mas o crime não se limita à manipulação do tempo. Aquilo que é largado no ar não desaparece; desce lentamente sobre todos nós.

Estamos a ser bombardeados diariamente por um cocktail invisível de nanopartículas de alumínio, bário, estrôncio e outros metais pesados altamente tóxicos. Estes químicos infiltram-se na água que bebemos, contaminam os solos onde cultivamos a nossa fruta e envenenam a agricultura que nos deveria nutrir. O impacto na nossa saúde biológica é devastador e silencioso: as defesas do nosso corpo são sistematicamente deitadas abaixo. A nossa imunidade colapsa, as alergias multiplicam-se sem explicação, as doenças respiratórias crónicas tornaram-se banais e enfrentamos uma crise de infertilidade global que ameaça a continuidade das próximas gerações.

Liga os pontos. Não é uma coincidência que estejamos a assistir a um aumento nunca antes visto de diagnósticos de cancro agressivo e de doenças cardíacas em pessoas cada vez mais jovens, rapazes e raparigas de vinte e trinta anos, anteriormente saudáveis, cujos corpos simplesmente estão a ceder. Não é uma coincidência que o som constante de ambulâncias a rasgar o silêncio a toda a hora tenha se tornado o assustador “novo normal” das nossas vilas e cidades. Fomos cercados quimicamente por terra, água e ar.

Eles querem-nos fracos, doentes, estereis e incapazes de lutar. A maior arma deles é a nossa negação. Está na hora de deixar de olhar para o ecrã do telemóvel e encarar a verdade que está desenhada nos nossos céus todos os dias. Partilha esta verdade antes que seja tarde demais para acordar.”

Fico com um misto de sensações de impotência e tristeza, é a procura de uma solução: o que podemos fazer para alterar ou mudar este rumo ao qual estamos sendo submetidos e arrastados queiramos nós ou não? Graves crimes contra a humanidade. Globalismo, puro e duro!!! A HAARP foi criada para isso, destruição e aumento da temperatura do planeta! Continuamos escravos modernos. Tudo programado. Despertar é preciso mas estão todos sonâmbulos! Querem a redução populacional, ela está a acontecer lentamente. Terão de encontrar subterfúgios para acelerar a nossa eliminação.



GOVERNALHA (escrito por Arnaldo da Cunha Serrão). Sei que alguns dirão que “lá está ele a bater na governalha”! É verdade. Estou mesmo e espero fazê-lo até a voz me doer. Estamos seguramente perante o pior e mais incompetente governo da nossa história (incluindo os do Estado Novo). Poderia estar aqui toda a tarde a desenvolver a razão ou as razões pelas quais o afirmo. Mas ninguém ia ler. Assim, resumo, de forma telegráfica, a desgraça que se abate sobre as nossas vidas.

SAÚDE - Não há palavras para tanta desumanidade e barbárie como as que se estão a passar no SNS. Muito em breve, grande parte da nossa população ficará privada do acesso a meios mais sofisticados de tratamento de custos mais elevados; isto é, se tiveres algo de grave ou tens dinheiro e pagas, ou, se não tens dinheiro, paciência. Tivesses.

HABITAÇÃO - É o que se sabe. Depois de fantasiosas mentiras eleitorais, em que tudo ficaria resolvido em meia dúzia de semanas, eis que estamos num beco sem saída e com preços de aquisição ou de renda, absolutamente pornográficos.

EDUCAÇÃO - Um descalabro total. Nem para fazer a correção dos exames servem. Uma vergonha!

TRABALHO - Uma busca doentia para legislar contra quem trabalha, com uma ministra à direita de Oliveira Salazar.

SEGURANÇA SOCIAL - Com a desumana e estúpida perseguição aos imigrantes, com expulsões e deportações, o equilíbrio das contas da Segurança Social estão à beira do colapso.

FINANÇAS - Com o aumento da despesa para o dobro e a queda das receitas, as contas públicas já caíram no vermelho, e o resultado final deste ano será um desastre para o País.

Não tenho outra maneira do dizer: **ESTA GOVERNALHA É UM DESCALABRO!!**

Portugal, imagem global: há países em que não compensa ser velho. Noutros nem compensa ser velho nem novo. Portugal é o país da União Europeia (UE) com a maior desigualdade de rendimentos entre pessoas com 65 anos ou mais. É também o décimo país do mundo em que a idade de reforma é mais elevada. Atualmente, os portugueses só podem pedir a reforma sem sofrerem penalizações aos 66 anos e 9 meses, mas a OCDE estima que este número possa aumentar para os 68 anos em 2060.

11 julho

Deve ser fim de semana, outra vez, cinzento, mais fresco e a ameaça de chuva. Hoje, ao acordar, lembrei-me de que não vivo para o amanhã (nem sequer sei se ele existe ou se eu existirei), mas para hoje e para as memórias do passado; são elas que me alimentam neste triste interlúdio de vida sem Nini, a que alguns chamam de vida. E como disse há dias à nossa cabeleireira e sobrinha d aberta: não ando em busca de namoradas nem estou interessado, nesta idade e nesta situação. Nem teria paciência nem gosto em aprender a viver com outra pessoa, ensinar as minhas idiossincrasias, aprender as delas, convergir no que pudesse haver em comum e ultrapassar o Rubicão de tudo o que não fosse comum. Ninguém faz ideia do Everest que isso seria. Prefiro a solidão, ainda lacrimante, por vezes, em que revivo vidas passadas.

Ontem, a Ana Paula telefonou a dizer que, no dia 23, há um concerto com uma voz feminina que vem do continente para interpretar as melodias dela, de autores açorianos, e que tinham escolhido a Maria NOBODY. Vou reinventar-me para ir.

São pequenas alegrias destas que tornam mais palatável o quotidiano que tão arredado anda da poesia desde que a musa se foi.



Num dia, dizem que são necessários para fazer os trabalhos que os portugueses não querem fazer. No dia seguinte, já é injusto fazerem esses trabalhos porque até têm mais qualificações do que os portugueses. A propaganda ao serviço da substituição populacional é imparável. Num dia, dizem coisas para tentar convencer a direita a deixá-los ficar. No dia seguinte, dizem coisas para falar ao coração dos esquerdistas. Com o objetivo óbvio de começar a preparar terreno para impor obrigações às empresas de contratar determinadas etnias para corrigir o "racismo estrutural", que é o apogeu da discriminação racial anti-branca, que vai fazendo o seu caminho. Portugueses, acordem para a vida! Se não vos atingir, pensem nos vossos filhos. Amanhã vão ser eles a concorrer a uma vaga de emprego e a ficarem de fora ou porque são homens, ou porque são brancos, ou porque são as duas coisas!



António Vieira da Silva e Vítor Junqueira assinam um estudo que põe em causa as projeções mais citadas no espaço público. Os autores contestam a ideia de que as pensões vão baixar para perto de 40% do último salário (38,5% em 2050), extraída do conceituado relatório "Ageing Report", da Comissão Europeia.

O crime compensa. Sócrates liderou, aprendam. Um coletivo de juizes do Tribunal de Vila do Conde decidiu absolver 15 arguidos suspeitos de burla à Segurança Social. Não porque não tenha sido feita prova da acusação, mas sim porque a justiça não foi realizada em tempo útil. "A culpa é da justiça" ou apenas "a culpa é da investigação", sem conhecer a cronologia do processo. Seria necessário analisar o processo para perceber em que fase ocorreram os atrasos que conduziram à prescrição ou à impossibilidade de condenação. É precisamente por esse tipo de mentalidade do "vamos analisar, vamos ver, vamos discutir" que os crimes prescrevem, especialmente à malta que tem dinheiro para andar a meter recursos atrás de recursos, e, no limite, acontece como aconteceu no caso do Sócrates: o estado ainda lhe paga! "Cabendo ao Estado o direito de punir, indesejável e intransmissível, não pode prescindir-se, no entanto, ao usá-lo, de uma boa consciência, devendo o Estado manter, em todo o processo punitivo, uma superioridade ética", escreveram os magistrados André Silva Pinto, Isilda Rato Namora e Filipa Azevedo.





A ativista anti-imigração foi encontrada morta com «ferimentos graves».

Heather Herbert é uma ativista transgénero que se candidatou pelo Partido Trabalhista e, mais tarde, aderiu ao Partido Verde. Esta pessoa publicou ontem este tweet repugnante, na sequência da morte de Ann Widdecombe. Esta é a face da esquerda radical. Nunca antes tínhamos visto pessoas tão cheias de ódio e maldade num único movimento. Acusam os outros de espalhar ódio, mas não têm nada além de ódio dentro de si. São um movimento de ódio, manipulação e mentiras. Não há outra palavra para isto — é maldade. Pura e simples maldade.



A relação de uma mulher de esquerda com o namorado muçulmano não durou muito tempo... Algumas histórias começam com esperança. Começam com uma pessoa à procura de um novo começo, de um novo capítulo ou de um lugar onde acredita poder construir um futuro melhor. Mas, por vezes, esses sonhos são interrompidos por acontecimentos que ninguém poderia prever. A trágica morte de uma mulher norte-americana a viver na Irlanda chamou a atenção de muitos depois de as autoridades terem aberto uma investigação sobre o que aconteceu na sua casa. O caso levantou questões difíceis sobre relações, confiança, segurança pessoal e os desafios que os investigadores enfrentam ao tentarem compreender o que acontece à porta fechada. De acordo com relatos citados no debate em torno do caso, a mulher, identificada como Jamie Carney, era uma americana de 43 anos que vivia no condado de Kerry, na Irlanda, com a sua filha adolescente. As autoridades iniciaram a investigação depois de ela ter sido encontrada morta na sua residência, o que levou à procura de uma pessoa que se acredita estar ligada ao incidente.

Para que não continuem a chamar-me nomes, eu não investigo a cor política de quem disse o quê; não me interessa se são de esquerda, direita, extrema-direita ou extrema-esquerda, de centro ou de qualquer mistura. Se cito essas personalidades é por terem dito algo com que me identifico e com o que concordo, total ou parcialmente. Não são incitamentos à violência, nem têm a ver com raça, etnia ou religião. Fui criado como católico apostólico romano, na matriz judaico-cristã comum a Portugal, em 1949. Temos sangue judaico centenário de Cristãos-Novos, envergonhados e escondidos, e, pessoalmente, não acredito no islamismo como religião, mas sim como política de dominação e subjugação de povos e de mulheres.

Considero-os seis séculos de atraso em relação a nós. Sou multicultural e acredito nessa política que ajude a montar e a legislar na minha Austrália, com base em noções não discriminatórias e em atitudes que não impliquem a assimilação cultural, mas a integração com respeito pelos valores da cultura que recebe imigrantes. É exatamente o oposto disso que temos vindo a assistir nestas últimas décadas com a aceitação maciça de “alegados” refugiados e imigrantes que odeiam as sociedades ocidentais que os acolhem e pagam e que, na sua versão de democracia estão a contribuir para a sua autodestruição.

Pode acontecer que um qualquer algoritmo da EU, dito de IA, mas que nem é artificial nem inteligente, julgue esta posição em contravenção de uma qualquer norma, tal como os polícias britânicos mais “woke” do que o idealizado, mas posso então ter de mudar de argumentação e chamar a atenção para a minha demência, bem pior do que a do Ricardo Salgado.

Sei que já divulguei isto, mas nunca é demais, repetir: DIREITOS CÍVICOS OU ISLAMOFOBIA ? por: José Manuel Silva (prof. universitário)

É aceitável que, num país ocidental em que os direitos individuais e a igualdade entre mulheres e homens são valores fundamentais, sejam permitidos trajes que, segundo os nossos padrões culturais e jurídicos, simbolizam a despersonalização da mulher e a sua subordinação ao homem?

A burca não representa o Islão. Representa uma interpretação extrema e profundamente patriarcal do papel da mulher, assente na sua invisibilidade e no seu controlo. Não é apenas uma peça de vestuário; para muitos, é um símbolo de segregação e desigualdade entre os sexos.

Defender uma sociedade aberta, plural e multicultural não significa aceitar passivamente práticas que contrariam os princípios fundamentais que assentam a nossa democracia. O respeito pela diversidade cultural não pode implicar a renúncia a valores como a dignidade da pessoa humana, a igualdade entre mulheres e homens e a liberdade individual. A discussão sobre a proibição da burca em Portugal pode ser feita por razões de segurança

e de identificação no espaço público. Mas, acima de tudo, deve centrar-se na defesa dos valores que definem a nossa sociedade: a dignidade da mulher, a igualdade entre os sexos e a recusa de símbolos que muitos consideram incompatíveis com esses princípios. Uma sociedade tolerante deve respeitar todas as pessoas, mas não é obrigada a aceitar práticas culturais que entrem em conflito com os valores fundamentais que a estruturam.



Os muçulmanos no Reino Unido estão a apelar à PROIBIÇÃO de comer em público durante o dia, no período do RAMADÃO. Argumentam que ver as pessoas a comer aumenta a sua tentação e que o Islão deve ser respeitado. Compreendo perfeitamente este pedido. Quando vem o Ramadão, tenho uma vontade extrema de começar a fazer dieta e a tentação de o fazer aumenta. Acabem com o Ramadão.